

Plano de Manejo da APA de Cairuçu



Encarte II

Sócio - Economia

Dezembro de 2004

Apoio



Realização



SOS MATA ATLÂNTICA



Prefeitura Municipal

Cooperação Técnica



Instituto Estadual
de Florestas



MINISTÉRIO DO
MEIO AMBIENTE

MMA



Ministro do Meio Ambiente
Marina Silva
Secretário Nacional de Biodiversidade
João Paulo Capobianco

IBAMA
Presidente
Marcus Barros
Diretora de Ecossistemas
Cecília Foloni Ferraz
Coordenação Geral de Unidades de Conservação
Ivan Baptiston
Gerencia Executiva do Rio de Janeiro
Edson Bedim
Chefe da APA de Cairuçu
Ney Pinto França

Secretário de Meio Ambiente do Rio de Janeiro
Luiz Paulo Conde
Instituto Estadual de Florestas do Rio de Janeiro
Presidente
Mauricio Lobo
Administrador da Reserva Ecológica da Juatinga - REJ
João Fernandes de Oliveira

Prefeito de Paraty
José Cláudio Araújo

Fundação SOS Mata Atlântica
Presidente
Roberto Klabin
Diretora de Projetos e Gestão do Conhecimento
Márcia Hirota
Diretor de Mobilização
Mário Mantovani
Diretor de Captação de Recursos
Adauto Basílio

Coordenação Técnica e fotografia
Adriana de Queirós Mattoso, arquiteta

Caracterização Sócio-Econômica
Maria de Lourdes Zuquim e Adriana Mattoso, arquitetas

Caracterização Ambiental

Meio Físico
Fernando Fahl, geólogo

Ambientes Marinhos
Paulo Nogara, biólogo

Cobertura Vegetal e Uso do Solo
Cleide Azevedo, engenheira agrônoma

Fauna
Renato Pineschi, biólogo
Vânia Garcia, bióloga

Gestão, Legislação, Licenciamento e Fiscalização
Maria de Lourdes Zuquim, arquiteta
Erika Bechara, advogada
Elci Camargo, advogada

Cartografia Digital
Arcplan
Alfredo Pereira de Queiroz, geógrafo
Walter Kudo Maeijima, geógrafo

Mobilização social
Valdemir Ferreira, (Pipoca), educador

Moderação Oficina de Planejamento
Elcy Camargo, advogada
Silvia Mac Dowel, administradora de empresas

Zoneamento
Adriana Mattoso
Ney Pinto França, Eng^o. Florestal

Supervisão Geral SOS Mata Atlântica
Márcia Hirota, esp. sistemas de informação
Mário Mantovani, geógrafo
Aauto Basílio, administrador

Supervisão IBAMA/DIREC
Célia Lontra, geógrafa

Equipe

Amaury Barbosa, sociólogo

Beloyanis Monteiro, mobilizador social

Carolina Ribeiro de Almeida, eng.agrônoma

Ciro Duarte, sociólogo rural

Débora Menezes, jornalista

Douglas Hyde, analista de sistemas

Equipe técnica, administrativa e voluntariado da Fundação SOS Mata Atlântica

Eliane Penna Firme Rodrigues, arquiteta

Lya Llerena, técnica em informática

Magali Franco Bueno, geógrafa

Maria Guadalupe Lopes, guarda parque

Maria Ignez Maricondi, arquiteta

Professores da Rede Municipal de Ensino das Escolas Costeiras da APA

Rosali Costa Souza, guia de turismo

Samuel Barreto, biólogo

Valdemir Ferreira - Pipoca , educador

Zeli Canellas, marinheiro e motorista

Fotografia – Adriana Mattoso

Fotografias Fauna – Renato Pineschi

Agradecemos e dedicamos
êste trabalho a todos aqueles que acreditaram, participaram e contribuíram para
sua realização

Antecedentes

Em dezembro de 1998 a Fundação SOS Mata Atlântica e o IBAMA, assinaram um Termo de Cooperação Técnica com o objetivo da elaboração e implementação do Plano de Manejo da APA de CAIRUÇU. Em abril de 1999 foram formalizadas parcerias com o Instituto Estadual de Florestas - IEF, e Prefeitura Municipal de Paraty com o objetivo de integrar neste Plano a Reserva Ecológica da Juatinga - REJ e o poder público local.

Os recursos para elaboração deste trabalho foram obtidos principalmente em função de convênio entre a Fundação SOS Mata Atlântica e o Condomínio Laranjeiras, localizado no interior da APA, com o apoio da ONG Harmonia Global.

Diretrizes

Tendo em vista a participação das comunidades da APA no processo de planejamento, e gestão da unidade, a elaboração do Plano de Manejo foi acompanhada de uma série de atividades de educação ambiental e mobilização social, que vieram a constituir o “Projeto Cairuçu”, coordenado pela Fundação SOS Mata Atlântica, dentro dos objetivos estabelecidos pelos termos de cooperação com IBAMA, IEF-RJ e Prefeitura de Paraty.

A principal diretriz do Projeto Cairuçu foi trabalhar a elaboração do Plano de manejo de forma participativa, informativa e pedagógica, ouvindo a comunidade e divulgando os principais conceitos do desenvolvimento sustentável.

As reuniões de autodiagnóstico e planejamento com as 13 principais comunidades da APA tiveram o intuito de informar a população sobre os objetivos da APA de Cairuçu e Reserva Ecológica da Juatinga, bem como levantar os principais pontos positivos e problemas dos seus bairros, ações em curso e o que poderia ser feito para melhorar a qualidade de vida nestes locais.

Ações Práticas: Educação Ambiental e Ecoturismo

Por entender a dificuldade da população e lideranças locais em compreender a importância ou aplicabilidade do Planejamento Ambiental, de exigência legal para as unidades de conservação, vimos realizando, desde abril de 2000, uma série de atividades de resultado mais práticos e imediatos.

Estas atividades foram a capacitação de professores, por meio do curso “Acorda Cairuçu”, que gerou o Manual de Brincadeiras e Dinâmicas, a implantação do Viveiro Jequitibá no Horto Municipal, curso de lideranças comunitárias em Paraty (etapas I e II), curso de processamento de ervas medicinais e monitores de ecoturismo no Sono, monitoramento da qualidade da água e caracterização ambiental das comunidades realizado pelos professores e alunos das escolas da APA.

Duas exposições fotográficas foram montadas, a primeira sobre a APA e a segunda sobre o Projeto Cairuçu. Esta última foi exibida em quase todas as reuniões e eventos do Projeto, para ilustrar e facilitar a compreensão do nosso trabalho.

A ação de maior visibilidade e com resultados mais práticos foi o Projeto Jogue Limpo Cairuçu, de incentivo à coleta seletiva de lixo em Trindade, Praia do Sono, Pouso da Cajaíba, Praia Grande da Cajaíba, Calhaus, Martim de Sá, Paraty Mirim, Ilha do Araújo, Campinho e cais de Paraty. Esta iniciativa ocorreu nas temporadas de verão de 2000 a 2003.

Para documentar e incentivar todas as comunidades da APA a adotar a coleta seletiva, foi lançado em março de 2001 o Manual de Coleta Seletiva, com 40 exemplares distribuídos em cada escola da APA, com uma segunda edição em 2003, com 15 mil exemplares.

Objetivando por fim materializar e apresentar ao público os resultados do Projeto Cairuçu, que compõe todo o conjunto de atividades acima mencionadas, bem como informar as comunidades e os visitantes de Paraty sobre sua importância na

conservação ambiental e cultural da Mata Atlântica, além de monitorar e controlar o fluxo de veículos quando necessário, o Condomínio Laranjeiras implantou, em coordenação conjunta com a Fundação SOS Mata Atlântica, um Centro de Informações Ambientais e Turísticas junto à entrada do acesso a Laranjeiras e Trindade, que é hoje a sede da Associação Cairuçu, formada por condôminos após o término do convênio com a Fundação SOS Mata Atlântica;

Resultados

Neste momento, em dezembro de 2004, é muito gratificante para a Fundação SOS Mata Atlântica observar que muitas das propostas deste Plano já vem sendo implementadas por iniciativa de várias instituições.

A repercussão do Projeto Cairuçu na região foi muito positiva, e cada vez mais sentimos a receptividade das comunidades às atividades de capacitação e difusão de informações, que, esperamos, deverão levar à maior mobilização para a gestão ambiental e turística, bem como para a implementação deste Plano de Manejo.

Após 3 anos de trabalho em campo, consideramos que a mobilização sócio ambiental e o apoio técnico operacional às iniciativas locais, privadas ou institucionais, principalmente na área de capacitação das comunidades, são os caminhos corretos a trilhar, com paciência e regularidade, objetivando a evolução, na região da APA e junto às instituições locais, de uma mentalidade em sintonia com os objetivos de um desenvolvimento sustentado.

O público alvo é formado pelos professores, líderes comunitários, crianças e jovens, e todos os produtores rurais, pescadores e operadores de negócios voltados para o turismo que consideram a conservação ambiental e mobilização social como fundamentais para viabilizar o desenvolvimento sustentável da região.

São várias as instituições que vem procurando Paraty e a área da APA/REJ para desenvolver projetos de apoio ao desenvolvimento das comunidades, e, neste

contexto o Plano de Manejo Ambiental será com certeza importante ponto de partida.

Este Plano, em sua versão inicial, foi aprovado, com algumas ressalvas, pela Câmara Municipal de Paraty em dezembro de 2002, fato que mostra a importância do processo de integração com os poderes públicos municipais. O Plano Diretor de Paraty, aprovado na mesma data, indica este Plano de Manejo como parte integrante do primeiro.

Roberto Klabin

Presidente da Fundação SOS Mata Atlântica

	Sumário
I. Caracterização Regional	13
II. Resumo Estatístico	35
III. Turismo	53
IV. Cultura Caiçara	88
V. Os Guarani	106
VI. Questão Fundiária	117
VII. Planos, projetos e instituições	92
VIII. Autodiagnóstico e recomendações das comunidades	133
IX. Caracterização dos bairros e comunidades da APA	158
Cairuçu das Pedras	159
Saco das Enchovas	160
Ponta da Juatinga	161
Cajaiba	162
Saco do Mamanguá	169
Ilha do Algodão	178
Paraty Mirim e Saco do Fundao	179
Costeira entre Cantagalo e praia da Lula	183
Boa Vista e Olaria	185
Ilha do Araújo	187
Trindade	189
Laranjeiras, Vila Oratório, Sono e Ponta Negra	193
Pedras Azuis	207
Cabral, Itatinga, Rio dos Meros	208
Córrego dos Micos	213
Campinho	214
Patrimônio	216
Corisco	218
X. Bibliografia	220
Carta Temática : Sócio Economia	

Sócio-Economia



Objetivos

1. Caracterizar a região em que se insere a APA de Cairuçu e os municípios vizinhos em seus aspectos históricos e econômicos;
2. Caracterizar os moradores e as comunidades no interior da APA e da REJ em seus aspectos sociais, econômicos, e culturais, bem como suas relações com a economia do município, baseada no turismo e na pesca. Os levantamentos em campo buscaram informações sobre :
 - Seus habitantes permanentes, suas atividades e suas benfeitorias;
 - A caracterização básica de cada bairro /comunidade da APA

- A atividade turística em Paraty e na APA;
 - As características culturais do caiçara, situação atual e perspectivas;
 - Os índios Guarani;
 - A questão fundiária;
3. Listar as instituições e resumir os projetos que contribuem para o desenvolvimento sustentado da região;
 4. Listar os principais problemas e recomendações para a melhoria da sua qualidade de vida;

Procedimentos /metodologia

Esta caracterização sócio - econômica é o resultado da aplicação de questionários em campo, da realização de reuniões com as comunidades e representantes das instituições e sociedade local, bem como da observação, trabalho e vivência de alguns membros da equipe na região ao longo de quase trinta anos.

Foram ainda utilizados dados secundários para caracterização dos bairros e de seus habitantes, a partir de consultas ao IBGE, EMATER, Prefeitura Municipal de Paraty, Universidades do Estado do Rio de Janeiro e de São Paulo, e outras instituições municipais, estaduais e federais.

I - Caracterização Regional

Situada na zona costeira da região sudeste, na porção sul do município de Paraty, Rio de Janeiro, a APA de Cairuçu está inserida na região da Baía da Ilha Grande, tendo como limites os municípios de Ubatuba ao sul e Cunha a oeste, no Estado de São Paulo, e Angra dos Reis ao norte como área adjacente e de influência direta sobre sua porção insular.

O acesso à região a partir de São Paulo e Rio de Janeiro é feito preferencialmente pela rodovia Rio Santos. Outra opção, de acesso direto entre a rodovia Presidente Dutra e Paraty a partir de Guaratinguetá, via Cunha, atravessando um trecho não pavimentado de cerca de 10 km na área do Parque Nacional da Serra da Bocaina.

Antecedentes históricos e seus ciclos econômicos

Colonização e ciclos econômicos

As primeiras notícias da ocupação do litoral Norte Paulista e Sul Fluminense datam do século XVI, quando Portugal resolveu colonizar suas terras para garantir a soberania da colônia portuguesa. No início foi a extração de Pau Brasil e o cultivo de cana de açúcar, mas como esta última não alcançou o peso econômico obtido nas capitanias do Norte, as atividades econômicas acabaram ficando restritas à agricultura de subsistência e ao atendimento da demanda da metrópole por produtos da terra.

No fim do século XVII surge o ciclo do ouro, e Paraty, porto mais próximo das Minas Gerais, passa a ser a principal entrada para a Serra da Mantiqueira, e experimenta crescimento econômico até então nunca vivido. Os portos de São Sebastião, Ubatuba, Paraty, Angra do Reis e Mambucaba passam a escoar o ouro das Minas Gerais e apoiar atividades complementares à exploração mineral, como as agrícolas e o comércio de escravos.

No início do século XIX, com o declínio da exportação do ouro surge um novo ciclo: o da cana de açúcar, que se expande de Angra do Reis para Ubatuba, São Sebastião e Ilhabela. Paraty passa a produzir aguardente de tão boa qualidade que seu nome virou sinônimo de cachaça , importante moeda de troca no comércio de escravos com a África e na troca de mercadorias com as outras províncias. Nesta época o município chegou a ter 155 engenhos de aguardente , denominados engenhocas segundo o Sr. Tico, que é referência histórica na cidade .

Já na primeira metade do século XIX o café substitui a cana de açúcar como principal produto de exportação.

A decadência

No final daquele século, com a abolição da escravatura, que parou engenhos e fazendas, Paraty e Ubatuba entram em fase de decadência. Outro fator que contribuiu para o isolamento da região foi a construção das estradas de ferro que ligaram Santos a Jundiaí (1867), promovendo o desenvolvimento do eixo Santos - São Paulo, e Rio de Janeiro a São Paulo (1877), que desviou as exportações para o porto do Rio de Janeiro, redirecionando o processo de crescimento da região.

O litoral norte de São Paulo e sul fluminense, sofreram acelerado processo de despovoamento, restando à região as atividades de subsistência, pequena produção de açúcar e aguardente, comércio local e pesca artesanal.

As estradas e o turismo

No início do século XX a pesca e o cultivo da banana vem impedir a completa estagnação deste litoral. O saturamento do porto de Santos em função da exportação do café, em 1925, e as excelentes condições físicas apresentadas pelo canal de São Sebastião, fizeram com que ali surgisse um novo porto, o de São Sebastião . Na década de 1940 abre-se a estrada de terra que atravessa

a Serra do Mar entre São José dos Campos e Caraguatatuba, e já na década de 50 ela se estende até Ubatuba. Neste período também se torna trafegável a antiga ligação entre Cunha e Paraty.

A construção destes acessos inicia a ocupação turística da região, mas em ritmo bem menos intenso que a baixada santista ou o litoral norte fluminense. É nos anos 60, quando estas vias são asfaltadas, (com exceção da Cunha Paraty) ,que este processo começa a se intensificar.

A faixa litorânea entre Bertioga e a Baía da Ilha Grande era até então ocupada por comunidades de pescadores espalhadas ao longo da costa, pela produção comercial da banana e pela agricultura tradicional de subsistência. A única exceção era a indústria de construção naval (Estaleiro Verolme), em Angra dos Reis.

BR 101/ Rodovia Rio Santos – A grande transformação

A abertura da BR-101 - rodovia Rio Santos na década de 1970, a instalação do terminal portuário da Petrobrás em São Sebastião e das usinas nucleares de Furnas Centrais Elétricas em Angra dos Reis, foram obras monumentais de um governo autoritário que provocaram grandes modificações sociais e econômicas na região, construídas sem nenhuma preocupação com os impactos paisagísticos, ambientais nem sociais que causaram.

A partir de então as cidades da região receberam migrantes em grande quantidade, que iniciaram uma completa transformação nos padrões culturais e sociais das comunidades antes isoladas em suas próprias tradições. Surgem então dois novos padrões de ocupação: os condomínios de luxo dos veranistas e altos funcionários e as favelas dos pescadores expulsos de suas terras pelo capital turístico, empregados domésticos e operários.

A ausência de planejamento governamental coincidiu com os interesses dos setores envolvidos na construção de uma nova realidade sem controle nem

planejamento, à altura dos impactos urbanos, ambientais e sócio-culturais provocados por esta nova realidade, que propiciou um crescimento urbano desordenado da faixa litorânea e a degradação ambiental da região.

Após a construção da rodovia Rio/Santos ocorreu uma desenfreada especulação imobiliária e uma brutal valorização das terras à beira mar, com conflitos violentos pela posse da terra e expulsão dos caiçaras de suas posses, que foram viver nas periferias e ao longo da rodovia, proliferando as invasões para moradias em áreas de encostas e manguezais.

A urbanização linear da faixa litorânea decorrente da construção da Br 101, representadas nos mais diversos tipos e padrões econômicos de ocupação habitacional fixa ou de turismo, marinas e outros empreendimentos, vem degradando a faixa litorânea com ocupações em áreas de preservação permanente (mangues, restingas e encostas acentuadas); com desmatamentos; com a alteração dos regimes hídricos; com o aumento de despejos de esgotos "in natura"; da ineficiente coleta, destinação final e tratamento do lixo; que se acentua significativamente nos períodos de férias e feriados.

A dinâmica do crescimento populacional para a região do litoral destaca-se pelo profundo declínio da população rural e o alto índice de urbanização . A população flutuante, em função das atividades turísticas, chega a alcançar e até superar várias vezes a população residente, aumentando a demanda sobre os equipamentos urbanos e a estrutura viária, e produzindo um excessivo parcelamento do solo.

Apesar de tudo, região ainda conserva importante patrimônio arquitetônico e cultural herdado das épocas dos antigos ciclos econômicos. Os bens arquitetônicos tiveram seu apogeu no ciclo do ouro, período colonial, com igrejas e casarões, que podem ser ainda encontrados em Ubatuba, Angra dos Reis e Mambucaba, e no conjunto do centro histórico de Paraty.

Nas áreas mais isoladas ainda encontramos sinais da marcante cultura caiçara, representada pelas suas mais diversas manifestações imateriais como os modos de fazer, criar e viver, manifestadas na arquitetura do pau a pique, nas comunidades onde ainda não há cercas dividindo os terreiros, e principalmente nas suas tecnologias patrimoniais e no seu rico e variado artesanato, com a confecção de canoas e remos, barcos, gamelas de madeira, balaios, samburás, peneiras de taquara, abanos de palha, e mesmo em peças confeccionadas para venda aos turistas.

Paraty e Cunha são os municípios que menos se descaracterizaram neste processo, e atualmente vem buscando no turismo temático os caminhos para um desenvolvimento sustentável.

Ubatuba

Os primeiros habitantes de Ubatuba, chamada então de IPEROIG, foram os Tupinambás. Com a chegada dos portugueses, e posteriormente dos franceses em 1555, na baía de Guanabara, estes índios entram em permanente disputa por seus domínios. O governador geral iniciou a colonização consolidando e preservando o domínio português e, após expulsar os franceses do Rio de Janeiro, trouxe colonos de Portugal, formando a primitiva povoação “aldeia de Ubatuba”, que foi elevada a categoria de Vila em 1637, com o nome de “Vila da Exaltação da Santa Cruz do Salvador de Ubatuba.”

Aos colonos foram dadas sesmarias, com o compromisso de povoar a terra e defendê-la. Alguns remanescentes dos Tupinambás refugiaram-se na mata atlântica da serra do Mar, onde viveram livres, pobres e sempre perseguidos.

Em 1781 a economia da terra sofre o primeiro grande golpe, quando o governo da província determinou que todas as embarcações destinadas à região se dirigissem ao porto de Santos. Despenca o movimento comercial do litoral norte. Os colonos que já haviam se tornado fazendeiros abandonam suas

lavouras, permanecendo apenas alguns arruinados que mantiveram somente a prática da lavoura de subsistência.

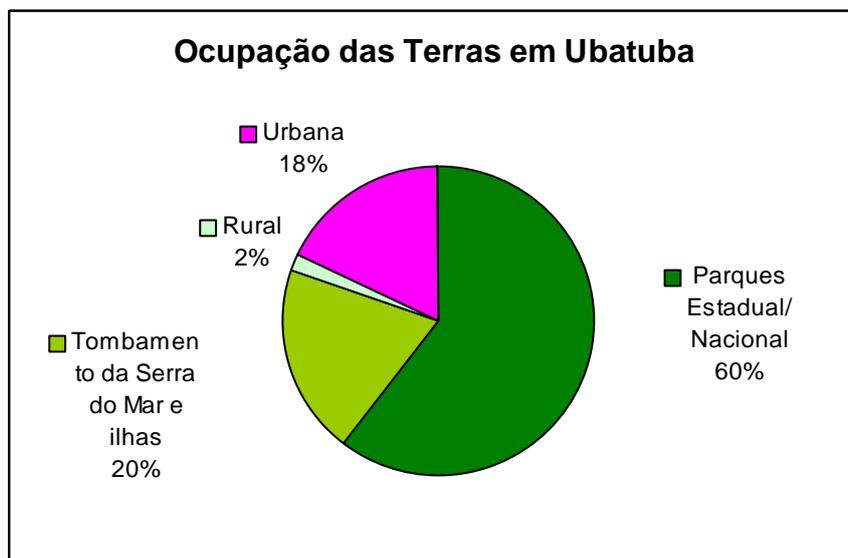
Em 1808, com a chegada da família real ao Brasil, foram abertos todos os portos. A economia de Ubatuba se recupera, com o ressurgimento dos canaviais, introdução do café e a retomada das lavoura de fumo e cereais. Intensifica-se o comércio com o Vale do Paraíba e São Paulo, cujo acesso se dava por Taubaté, atravessando a serra do Mar por caminho que chegou a ser calçado com pedras naturais para sustentar o tráfego de burros carregados de mercadorias. Os povoadores gradualmente se instalam ao longo da costa e, por utilizar o mar como principal meio de transporte, vão ocupando com suas fazendas as planícies, enseadas e ilhas deste litoral. Nas cidades, os casarões demonstram a prosperidade dos comerciantes locais.

Ubatuba teve seu período áureo durante o Império. Quando da construção da estrada de ferro entre São Paulo e Rio de Janeiro, desviaram-se as exportações do Porto de Ubatuba e, com isso, a cidade entrou em crise novamente. Neste período é tentada sem êxito a construção de uma ferrovia entre Taubaté e Ubatuba, e o que foi iniciado como estrada na serra, desáparece no meio do mato.

Ubatuba ficou isolada outra vez, distante 6 dias de viagem para chegar a São Paulo por via marítima e dois dias de mula para subir a serra e chegar em Taubaté. Não havia estrada terrestre pelo litoral e toda comunicação era feita pelas canoas de voga, que chegavam a ter até 20 remadores.

Em 1972 Ubatuba torna-se comarca e passa a Estância Balnearia. Com a abertura da BR 101 em 1974, a cidade liga-se por terra a Paraty e daí ao Rio de Janeiro, com novo ciclo que veio a dominar e explorar todo o litoral norte: o turismo, potencializado pelo seu conjunto paisagístico de áreas naturais . Em 1982 , depois de vários movimentos, liga-se a Taubaté por via asfaltada através da serra, pelo antigo traçado da proposta estrada de ferro.

A área do município de Ubatuba é de 706 Km² e sua extensão territorial se distribui da seguinte forma:



A distribuição atual da população de Ubatuba segundo o Censo de 2000, com 64.778 habitantes na zona urbana e 1670 na zona rural, com uma taxa de crescimento anual de 4.82% nos mostra um acentuado crescimento populacional em função de suas potencialidades turísticas, e ainda significativo êxodo rural.

Neste município, em 1991 a população residente era de 47.293 pessoas, para 50.098 ocupantes de domicílios ocasionais.

A economia de Ubatuba é principalmente baseada no turismo, pesca e construção civil. A produção agrícola conta com a cultura de pimentão, beringela, pepino, pimenta americana, pimenta cambuci, abóbora italiana, inhame e jiló. A principal produção pesqueira é de sardinha, cavalinha, carapau, cação, corvina, tainha entre outras. É importante notar que dentre a produção pesqueira se destaca ainda o camarão sete barbas e demais crustáceos. O extrativismo vegetal está presente através da lenha, madeira em tora e principalmente do palmito, retirado ilegalmente das áreas de proteção legal.

Em Ubatuba está instalado o Núcleo Picinguaba do Parque Estadual da Serra do Mar, que desenvolve atividades de educação ambiental, ecoturismo e apoio à pesquisa, contando com estrutura para hospedagem de 50 pessoas, localizado nos limites com o Estado do Rio de Janeiro e com a APA de Cairuçu.

Cunha

Elo de ligação entre Paraty e as minas

A importância histórica do município e seus laços econômicos com a região litorânea tem início na origem da povoação de Cunha, quando europeus aventureiros e outros desbravadores penetravam pelos sertões à procura de esmeraldas ou de indígenas para escravizar.

A primeira atividade econômica em Cunha foi o abastecimento dos viajantes e o comércio ao longo do “Caminho Velho” em função do ouro das Minas Gerais, entre 1695 e 1750. Desde 1650 existia o caminho que ligava Paraty a Cunha. Os viajantes que trilhavam pelos caminhos de Paraty seguindo a “Trilha dos Guaianás” com destino às minas, pelo cansaço ou para reabastecimento de provisões, faziam seus pousos na “Boca do Sertão”, que se chamava Facão.

Na medida em que se desbravava a região, o Facão foi perdendo o caráter de “Boca do Sertão”, para se tornar um pouso obrigatório no caminho que do Rio de Janeiro atingia São Paulo ou Minas Gerais.

Neste período a cidade de Cunha competia com muitas cidades do Vale do Paraíba. A produção comercial era de alimentos, principalmente o milho, arroz e feijão. Os fazendeiros mais abastados criavam cavalos para vender aos viajantes. Cunha fornecia alimentos, animais e outras mercadorias necessária aos viajantes, e com isso se tornou-se muito cedo um centro comercial e parte do “Caminho Real” que terminava em Ouro Preto, Minas Gerais.

O tráfego pelas velhas trilhas muda bruscamente no século XIX, quando os caminhos antes utilizados por pessoas, transformam-se em verdadeiras estradas calçadas de pedra, para que as tropas possam passar não mais com o ouro das minas, mas agora com o café do Vale do Paraíba.

Atualmente o trecho Paraty/Cunha encontra-se asfaltado, com exceção de 9 km que atravessam o Parque Nacional da Serra da Bocaina.

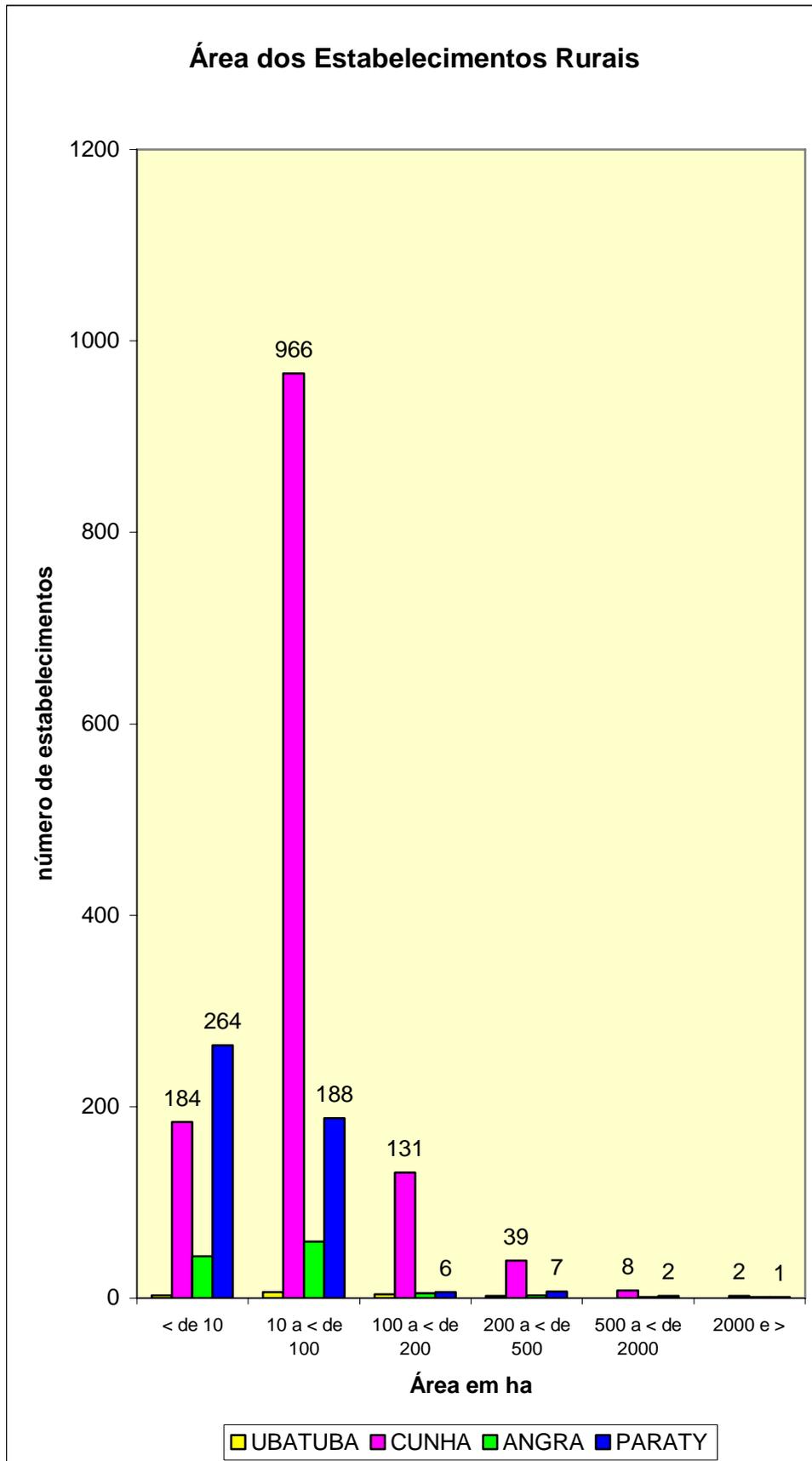
Os dias de hoje: agropecuária, turismo e artes

Com uma área de 1.410 km², Cunha é o segundo maior município do Estado de São Paulo em extensão territorial.

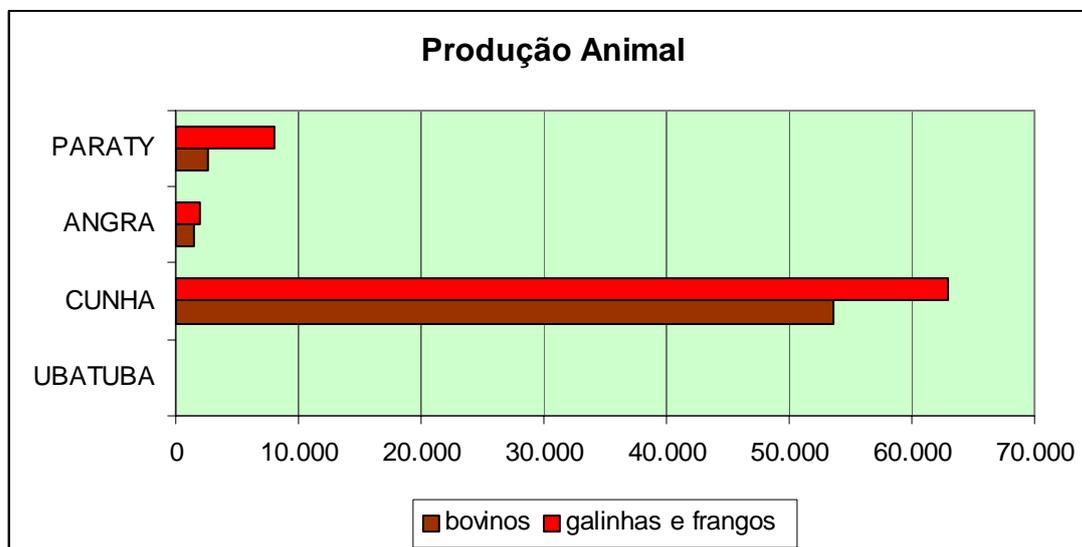
Sua população (Censo 2000) é de 23.062 habitantes, com 11.110 moradores na zona urbana e 11.952 na zona rural. A taxa de crescimento demográfico é de 1.60% ao ano, a menor da zona de influência da APA.

Atualmente a economia concentra-se nas atividades agropecuárias, turísticas e artesanais. Os principais produtos agrícolas são o milho, o feijão, a batata, a cana-de-açúcar e o arroz de sequeiro.

A distribuição da terra na região, com predomínio das pequenas propriedades, é ilustrada no gráfico abaixo:



O valor da produção agropecuária em Cunha, segundo o censo de 2000, foi de 10 milhões de reais, contra R\$ 1.700.000 em Paraty, R\$ 460 mil em Angra dos Reis e R\$ 260 mil em Ubatuba , demonstrando a diferença marcante na economia destes 4 municípios. O gráfico abaixo ilustra esta diferença;



A pecuária concentra-se no gado bovino, para corte e leite, com um rebanho de cerca de 53 mil cabeças. A partir da década de 70 a fruticultura foi muito incentivada, com o plantio de pomares domésticos e comerciais, sendo a produção de pinhão a mais expressiva do Vale do Paraíba.

A truticultura é outra atividade econômica em pleno desenvolvimento, apresentando 10 criadouros com uma produção em torno de 8 ton/mês. Também são desenvolvidas atividades de apicultura e avicultura de galinhas, gansos e faisões. Está em fase inicial, o cultivo de cogumelos. No distrito de Campos de Cunha há duas importantes fontes de renda municipal: uma indústria de laticínios e a exploração de águas minerais.

O turismo e o artesanato, são atualmente de grande importância econômica para o município, encontrando-se em pleno desenvolvimento. O extrativismo vegetal ilegal do palmito e essências nativas são de forte incidência na região. A partir da década de 70 novas atividades passaram a ter importância como a cerâmica e o artesanato.

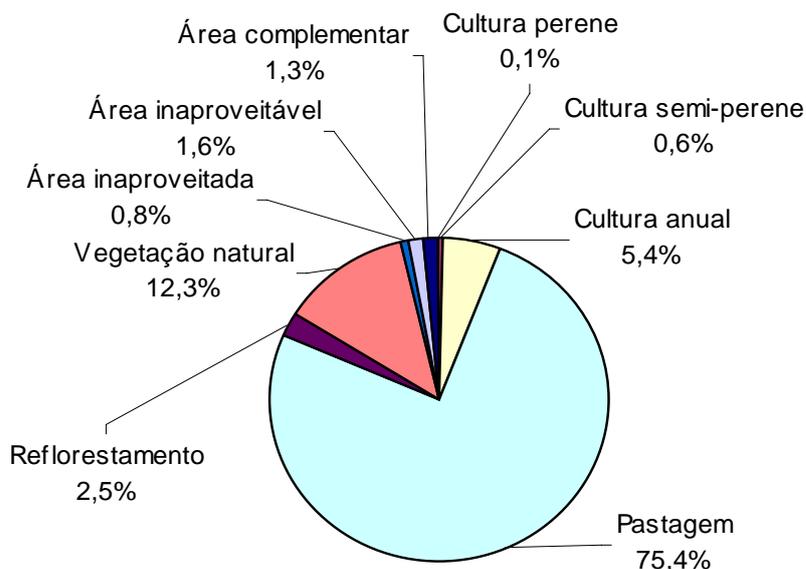
Segundo o Plano de Manejo do Parque Nacional da Serra da Bocaina (IBAMA/Pró Bocaina) : “ o turismo é uma atividade em franco desenvolvimento. Um indicativo disto é o fato de 26 novas pousadas surgirem nos últimos 7 anos, porém o número total de estabelecimentos ainda é deficiente para atender a demanda em períodos festivos.

A maioria dos turistas é paulistana, mas tem crescido o número de visitantes da região de São José dos Campos, Rio de Janeiro e estrangeiros.

Estima-se que 50% do fluxo turístico estejam ligados aos trabalhos dos ceramistas de reconhecimento internacional, entre 15 e 20% estão relacionados com o Parque Nacional. Cunha é vista como uma alternativa mais barata que Paraty, além de estar próximo ao mar.

Aqui também se acredita que “.a redenção da região é o turismo, um turismo bem aparelhado”, absorvendo inclusive os agricultores que não possuem infraestrutura de alojamento, como fornecedores de queijo, doces, compotas, defumados. Há uma expectativa, que em quatro ou cinco anos, 60 a 70% da mão-de-obra disponível no município sejam absorvidos pelo turismo.”

Segundo o projeto “Previsão e estimativa de safra – 1995” , 70% da agricultura no município é familiar, com aproximadamente 800 produtores rurais. O gráfico abaixo mostra o uso da terra em Cunha.



Fonte: SAA/SP – Projeto LUPA (1.995/96)

Em Cunha está instalado o Núcleo Cunha do Parque Estadual da Serra do Mar, onde se desenvolvem atividades de ecoturismo, educação ambiental e apoio à pesquisa, contando com estrutura de hospedagem para 25 pessoas, localizado nos limites com o Estado do Rio de Janeiro e próximo à APA de Cairuçu e ao Parque Nacional da Serra da Bocaina.

Angra dos Reis

Com uma população que passou de 92.352 habitantes em 1996 para 119.180 em 2000, predominantemente urbana (4.943 habitantes na zona rural) e um crescimento demográfico de 6.53% ao ano, Angra dos Reis já é um grande problema urbano com todas as conseqüências negativas que inevitavelmente irão se refletir em Paraty.

Em Angra dos Reis estão situados cerca de 22 mil ha do Parque Nacional da Serra da Bocaina, o Parque Estadual de Ilha Grande, Parque Estadual Marinho

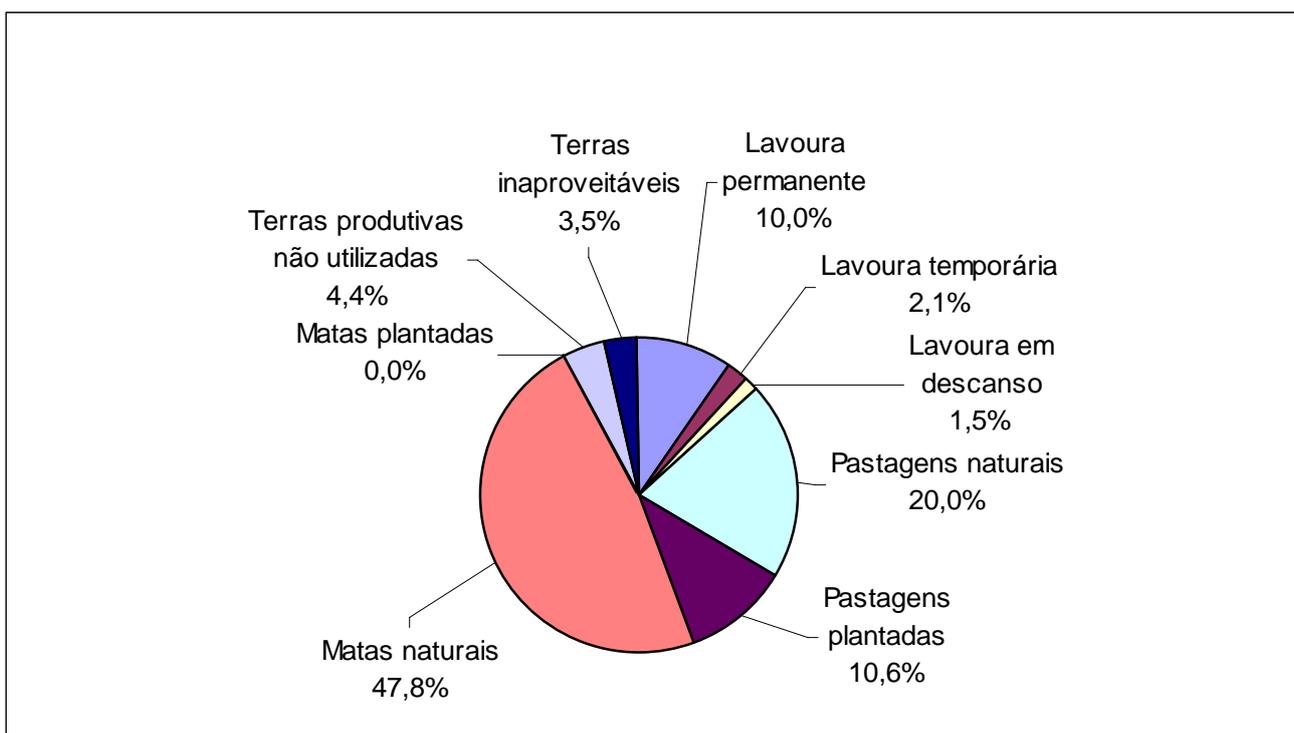
de Aventureiro, a Reserva Biológica da Praia de Sul, a Estação Ecológica dos Tamoios (abrangendo 25 ilhas , 14 em Angra dos Reis), a APA Estadual de Ilha Grande e a aldeia Guarani de Brachuy.

O município, em 1997 , possuía 126 estabelecimentos industriais, com 70 ligados à construção civil. A economia industrial no entanto é dominada, por três grandes empreendimentos: o estaleiro Verolme, a usina nuclear de Furnas e o TEBIG - Terminal da Baía da Ilha Grande da PETROBRÁS, cujo recolhimento de ICM é a maior fonte de arrecadação para o município.

O setor de comércio e serviços é a segunda atividade econômica, representando 49% nesta área, o turismo é apontado como a vocação natural do município para o desenvolvimento, contando, em 1995, com 73 estabelecimentos de hospedagem, totalizando 1401 unidades habitacionais . O comércio local está relativamente estruturado para receber todo tipo de turista, com grande variedade de hotéis e instalações para visitantes de todos os níveis sócio econômicos, inclusive os mais sofisticados (cinco hotéis de grande porte).

A economia informal é constituída por artesãos da região que possuem organização própria. O setor náutico também é significativo, contando o município atualmente com cerca de 900 embarcações de lazer .

A principal atividade agrícola do município é a cultura da banana, que responde por 86% da produção agropecuária, com 2.431 t. colhidas entre 1994/95 , seguida por culturas de subsistência como a mandioca, cana de açúcar, milho e feijão. O extrativismo vegetal também está presente através da produção de carvão, lenha, madeira em tora, urucum e palmito. A agropecuária não é muito significativa, com um rebanho de cerca de 1.504 cabeças de gado bovino . A ocupação das suas terras é ilustrada pelo gráfico abaixo :



O setor pesqueiro, cuja produtividade vem diminuindo a cada ano, é dividido em três atividades: a pesca industrial da sardinha, a pesca de pequeno porte de camarão e a pesca artesanal de linha e de cerco. Atualmente existem cerca de 3200 pescadores no município .

O gráfico abaixo mostra o desembarque de pescado em toneladas, segundo a Fiperj. É preciso considerar que o pescado desembarcado em Angra pode ter sido pescado nas águas de Paraty.

	1995	1996	1997	1998
ANGRA	12.149	33.133	22.158	9.342
PARATY	324	477	449	386

Paraty

Aspectos Históricos

A data de fundação de Paraty diverge de historiador para historiador, entre 1540 e 1560 , com a instalação de um primeiro núcleo de povoamento no

Morro da Vila Velha (hoje Morro do Forte). Outros citam a data de 1597, quando Martim Corrêa de Sá empreende uma expedição contra os índios Guaianás do Vale do Paraíba; alguns outros em 1600, quando havia um povoamento de paulistas da Capitania de São Vicente, ou ainda, 1606 com os primeiros sesmeiros da Capitania de Itanhaém. A origem do povoamento, seja qual for a data exata, ocorreu por meio do sistema de Capitanias Hereditárias, com base na exploração dos bens naturais, defesa e fixação do homem à terra no Brasil.

No início do século XVII, além dos índios Guaianazes, encontravam-se alguns "paratianos" estabelecidos na região. Por volta de 1640 é que o núcleo chamado Paraty estabeleceu-se onde hoje fica o centro histórico. Em 1660 o povo se rebelou exigindo a separação de Angra dos Reis e elevando Paraty a categoria de Vila em 1667, como Vila de Nossa Senhora dos Remédios de Paraty. Nesta época Paraty torna-se entreposto comercial e seu desenvolvimento deve-se à sua posição estratégica, como porto seguro no fundo da baía da Ilha Grande que dava acesso ao caminho terrestre que partia de Paraty, seguia por Guaratinguetá, passava pela Freguesia da Piedade (atual Lorena), vencia a Garganta do Embaú e chegava a Minas Gerais - chamado "Caminho do Ouro da Piedade".

Pela cidade passava o ouro das Gerais, embarcado para a Europa. Decaindo a extração e exportação do ouro, em meados do século XVIII, Paraty vai perdendo importância e é com o café, a partir do século XIX, que a cidade revive temporariamente seus prósperos dias de glórias coloniais. Vindo do Vale do Paraíba, o produto era embarcado para o além mar, de onde chegavam os escravos, as especiarias e sobretudo o luxo europeu que, subindo o antigo Caminho do Ouro da Piedade, abastecia os Barões do Café.

Em 1877, com a abertura de uma ferrovia entre Rio e São Paulo, através do Vale do Paraíba, a antiga trilha de burros que atravessava a serra da Bocaina perdeu sua importância, afetando de forma intensa a atividade econômica de Paraty como um todo. Um segundo fator de decadência foi a Abolição da

escravatura em 1888, causando um êxodo tal que, dos 16.000 habitantes existentes em 1851, restaram no final do século XIX, apenas "600 velhos, mulheres e crianças" isolando Paraty definitivamente do país por várias décadas.

Enquanto abriam-se estradas pelo resto do país, o acesso a Paraty era feito por um barco vindo de Angra dos Reis, e foi só a partir da década de 50 que se viajou de carro até Cunha, em estrada de terra pela qual só se passava quando não chovia, e que aproveitava em parte o traçado da velha estrada do ouro e do café. Nem mesmo a tentativa de se construir uma estrada de ferro entre Paraty e Guaratinguetá, na primeira década do século XX, deu certo. Este isolamento involuntário foi, paradoxalmente, o que preservou não só a estrutura arquitetônica urbana da cidade como também seus usos e costumes.

Com a abertura da BR 101 (Rio-Santos), em 1974, Paraty sofre um verdadeiro choque cultural. Como nas fases anteriores de "ocupação", no ouro ou no café, um novo ciclo veio dominar e explorar a cidade: o turismo, principal atividade econômica até nossos dias, desta vez potencializado pelo conjunto paisagístico/arquitetônico, ilhas e praias da região.

Século XX

Monumento Nacional

O conjunto arquitetônico de Paraty foi considerado Patrimônio Estadual em 1945, em 1958 foi tombado pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e finalmente todo o município foi convertido pelo IPHAN em Monumento Nacional em 1966, pelos seus atributos arquitetônicos e paisagísticos.

A cidade de Paraty é um caso especial, onde a influência ibérica criou um estilo que por alguns historiadores é tido como o início da arquitetura brasileira. Este estilo, no seu centro histórico, é representado por casas e sobrados de plantas regulares com grande influência da maçonaria, com símbolos maçônicos

presentes nos desenhos geométricos, em relevo, que ornamentam a fachada de muitos sobrados.

A arquitetura religiosa é representada na Matriz de Nossa Senhora dos Remédios e Igreja de Santa Rita dos Homens Pardos entre outras. Uma outra característica desta arquitetura nas cidades litorâneas é a presença de engenhos de cana de açúcar, moinhos e antigos fortes.

Aspectos sócio econômicos

Paraty situa-se no Estado do Rio de Janeiro, na região administrativa da Baía da Ilha Grande, que é formada por Angra dos Reis, Paraty e Mangaratiba. A área do município é de 917 Km², com altitudes que variam até 1800 m, e é dividido em 3 distritos: Paraty, Paraty Mirim e Tarituba.

A economia de Paraty é baseada em primeiro lugar no turismo (comércio, serviços e construção civil), seguida da pesca e da atividade agropecuária, atualmente pouco significativa.

A população de Paraty (IBGE,2000) é de 29.521 habitantes, com 17.049 eleitores. Cerca de metade da população vive na área rural. É interessante notar que em 1978 o quadro era bem diferente, pois a população de 20135 habitantes distribuía-se entre 5.163 habitantes na zona urbana (25%) e 14.972 na zona rural (75%). Já o censo de 1996, quase 20 anos depois, informa que apenas um terço vivia na zona rural, fato que demonstra a grande mobilidade da população, que após um período de atração pela cidade com a chegada da Rio Santos, está voltando a residir nos bairros rurais e seus núcleos já quase urbanos, devido ao alto custo de vida na cidade.

Educação

Em Paraty não há nenhuma faculdade, e apenas 4 estabelecimentos de ensino médio. No município existem 44 escolas de primeiro grau.

Segundo o Censo IBGE 2000, a média de anos de estudo dos moradores de Paraty é de 4,5, ou seja, a população cursou apenas os primeiros anos do ensino fundamental. Isto se confirma na porcentagem de freqüência à escola conforme as faixas etárias: 93% dos habitantes entre 7 e 9 anos estuda, número que vai caindo conforme aumenta a faixa etária: 87% entre 10 e 14 anos, 50% entre 15 a 19, e apenas 14% entre 20 e 24 anos de idade.

Saúde

Todos os postos de saúde da APA (4) estiveram fechados durante todo o processo de realização do Plano, com exceção de Laranjeiras e Saco do Mamanguá. Atualmente está em implantação pelo governo federal e municipal o programa Médico de Família (um médico e uma auxiliar de enfermagem p/cada 4 mil habitantes).

Os principais problemas de saúde na área são decorrentes da falta de saneamento básico e alimentação inadequada, tais como anemia, desnutrição, verminose, escabioses e micoses. 6 casos de hanseníase foram registrados na Ponta Negra. A Associação Cairuçu vem apoiando o Programa Médico de Família nos bairros de Campinho, Patrimônio, Trindade, Vila Oratório, praias do Sono e Ponta Negra.

Atividade comercial e outros indicadores

Segundo o Anuário Estatístico do Rio de Janeiro (1999/2000), Paraty possuía em 1997 149 estabelecimentos de comércio e 168 de serviço, contra 661 de comércio e 545 de serviços em Angra dos Reis. Este número no entanto deve ser bem maior porque a economia informal é quase predominante em Paraty. Só na Vila de Trindade, por exemplo, existem cerca de 30 pousadas, 30 campings e 57 bares e restaurantes, mas é mínimo o número de estabelecimentos legalizados.

O número de veículos emplacados em 1999 foi de 2308, contra 16 800 em Angra dos Reis. Os consumidores de energia elétrica foram 8.401 estabelecimentos (45 mil em Angra)

Setor rural

Conforme reuniões de autodiagnóstico com as comunidades rurais, a fiscalização do IBAMA e Polícia Florestal na época da criação do Parque Nacional da Serra da Bocaina, da Área de Proteção Ambiental do Cairuçu e da Reserva Ecológica da Juatinga foi uma das causas da queda da produção agrícola, pois o sistema tradicional , da coivara , exige a derrubada de matas primárias ou em estado avançado de recuperação, atividade considerada ilegal pelos agentes fiscais, apesar de prevista na legislação federal e estadual, desde que devidamente autorizada e monitorada, e fora do Parque Nacional.

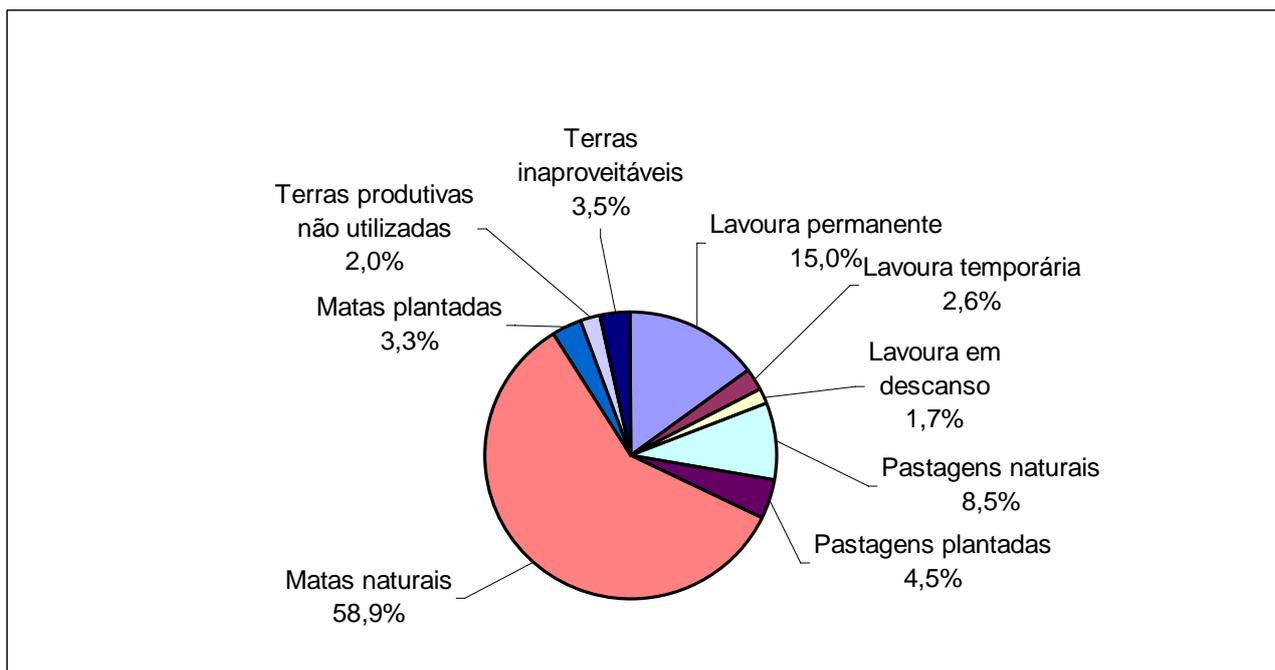
Sabemos, porém, que o pequeno produtor sofre com a falta ou insuficiência de apoio técnico e financeiro, pouca organização e articulação com o mercado, com a precariedade de acessos ao meio rural, com apoio técnico e capacitação adequada, fatores que acabam por diminuir a competitividade dos seus produtos.

O corte de essências nativas e a intensa extração ilegal de palmito e plantas ornamentais, no entanto, ainda é uma fonte de renda para muitos moradores da zona rural e chega a atingir, pela divisa de Estado ao sul e a oeste da APA, também o Parque Estadual da Serra do Mar , já no estado de São Paulo, fato que reflete a insuficiência de controle ambiental na região.

Atualmente, todos os técnicos que apóiam o setor rural estão incentivando o plantio da pupunha e do açaí como alternativa para o cultivo da banana e extração do palmito nativo, o jissara. O plantio desta espécie também vem ocorrendo, embora a legislação vigente no Rio de Janeiro ainda não permita o seu manejo.

Diante da decadência da agricultura tradicional como atividade econômica, vem sendo planejada em articulação entre a Secretaria de Agricultura, Pesca e Meio Ambiente (municipal) e as Associações de Moradores, por meio do COMAMP, a certificação de produtos locais como orgânicos, o incentivo ao agroecoturismo e a implantação de unidades agroflorestais demonstrativas

O uso das terras¹ é o seguinte:



As atividades pesqueiras foram abordadas no capítulo “ Caracterização dos ambientes marinhos”.

A criação de gado totaliza cerca de 4000 cabeças em todo o município, segundo a SAPMA (Secretaria de Agricultura, Pesca e Meio Ambiente de Paraty), mas na APA de Cairuçu, no ano de 2001, havia apenas 400 cabeças.

¹ IBGE, 94/95, organizado pelo Plano de Manejo PNSB, IBAMA/Pró ocaina/UNICAMP, 2001.

Cultura

Com a expansão do setor de serviços e construção civil em detrimento das atividades tradicionais de pesca e agricultura, boa parte das características culturais existentes na região está se perdendo.

Em relação às festas tradicionais, a maior parte das manifestações ocorre na cidade, e está ligada ao calendário da igreja católica (Festa do Divino Espírito Santo, Cantoria de Reis, Nossa Senhora dos Remédios, São João, São Pedro, Santa Rita, Santa Generosa, etc). Com a expansão de outras religiões, estas festas tradicionais vão desaparecendo, principalmente nas comunidades costeiras.

Paraty é a cidade que mais conserva sua cultura tradicional em relação a Ubatuba e Angra dos Reis, seguramente devido ao isolamento que a cidade sofreu até a construção da Rio-Santos. Importante fator para a divulgação da cultura local era a existência, até agosto de 2000, de uma TV educativa, a ECO TV, sediada em Paraty, com alcance até Angra dos Reis.

II. Resumo Estatístico²

População de Paraty

A população de Paraty, segundo o IBGE, era de **27.127 habitantes em 1996**, passando para **29.521 em 2000**. Deste total, **49% são mulheres e 51% são homens**.

A taxa de crescimento anual foi de 2,14%, menor do que em Ubatuba³ (4,82%) e Angra dos Reis⁴ (6,53%), e maior do que a de Cunha (1,60%).

A distribuição territorial é de **52% na zona rural e 48% na zona urbana**, mas não podemos afirmar com exatidão se os núcleos de Trindade, Patrimônio e Corisco, por exemplo, foram considerados como área urbana.

População da APA

A população estimada na **APA de Cairuçu**, incluindo a **Reserva Ecológica da Juatinga** (364 famílias, 1.321 habitantes), é de 2072 famílias, ou **8.288 habitantes**, quase 30% do total de habitantes do município.

Moradores com origem no próprio bairro

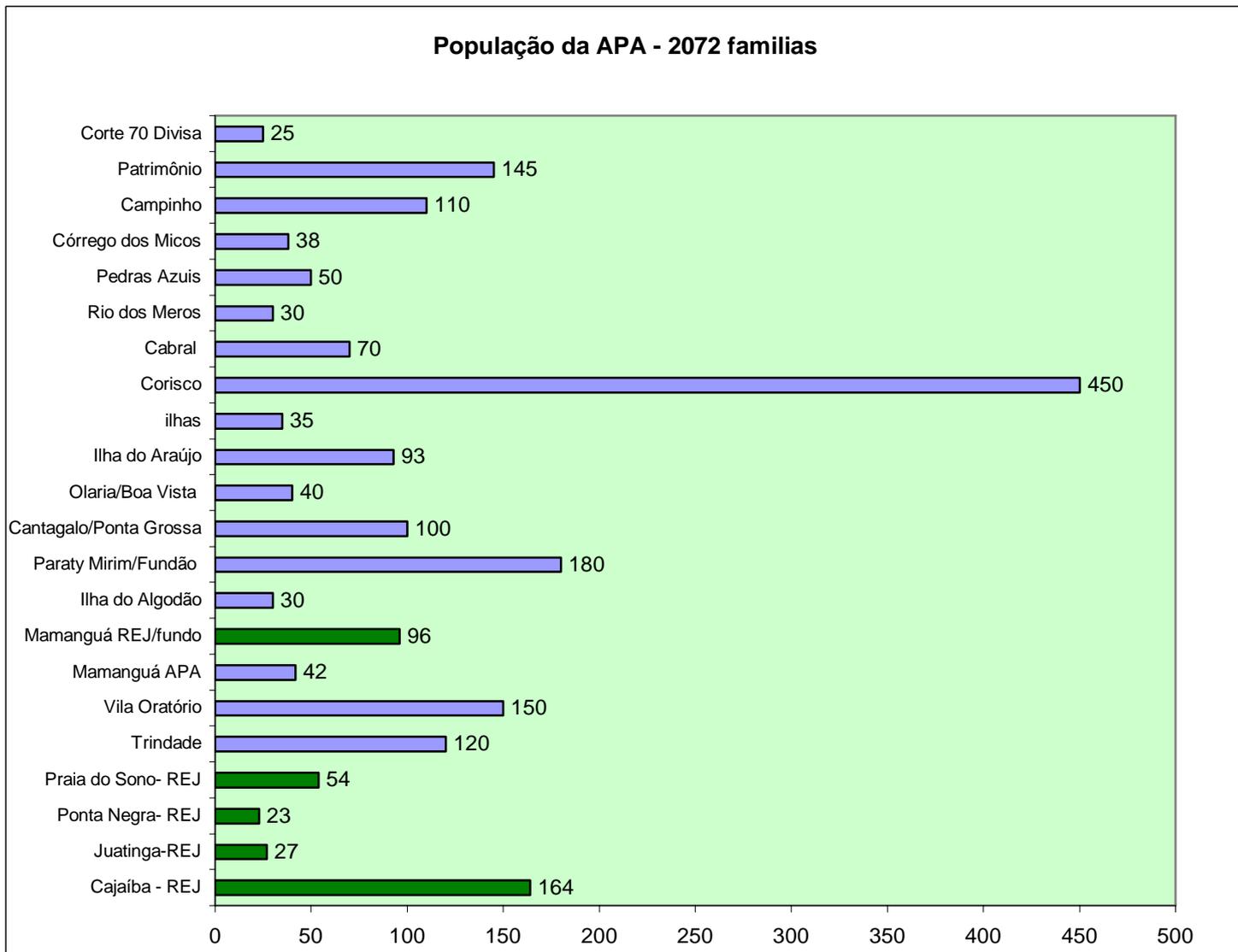
Reserva da Juatinga	Costeira da APA e Vila Oratório	Trindade	Zona Rural
89%	80%	61%	50%

A conclusão é que na região costeira, fora Trindade, ainda predomina, com folga, a população caiçara, principalmente na Reserva Ecológica da Juatinga.

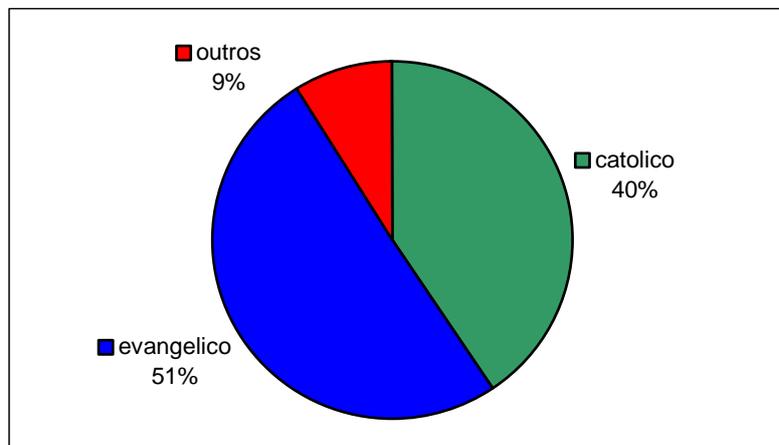
² Foram aplicados 657 questionários, sendo 354 na Reserva Ecológica da Juatinga. Os dados apresentados são de 2000, ou mais recentes quando assim citados.

³ Ubatuba tem 66 mil habitantes

⁴ Angra tem 120 mil habitantes



Religião



Escolaridade

Na região da APA de Cairuçu existem 27 escolas. Nesta área, 54% da população cursou o 1º grau, 11% se declara analfabeta e 10% só escrevem o nome. Os que completaram o 2º grau são somente 3%. Nível superior na costeira da APA são 7 pessoas e 27 na Trindade.

Economia e Renda Familiar

Das 657 famílias estudadas na APA, verificou-se que a renda familiar que predomina fica entre os **2 e 4 salários mínimos com 50%** do total de famílias, seguidas da renda **até 1 salário com 36%**.

Maior ocorrência de faixas de renda:

- Até 1 salário mínimo: Cajaíba e Fundo do Saco do Mamanguá (36%).
- Entre 2 e 4 :Juatinga, Ponta Negra, Sono, Mamanguá Margem Peninsular, Trindade, Costeira da APA e os Bairros Rurais (50%).
- Entre 5 e 10 salários mínimo é a Vila Oratório (14%)

Atividade Econômica na Reserva Ecológica da Juatinga

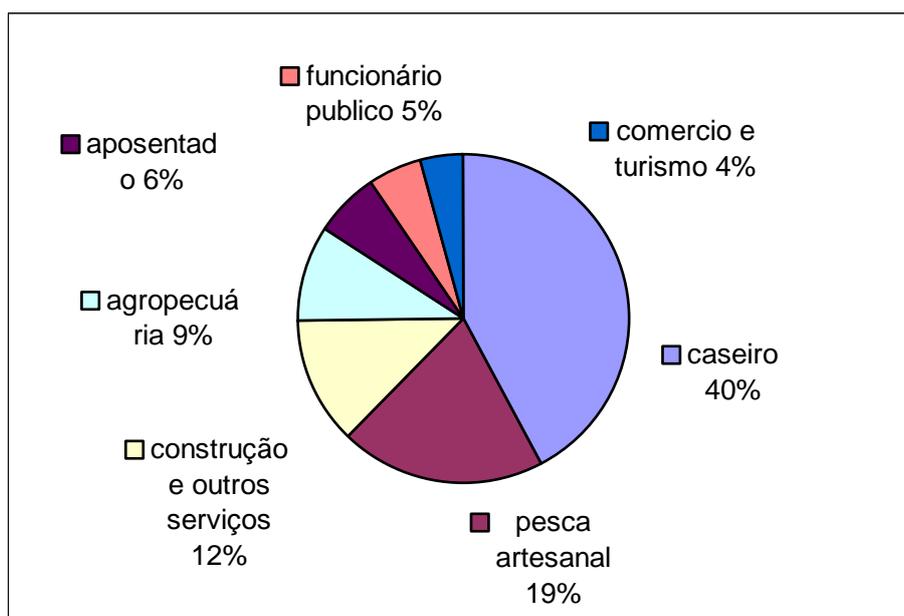
Atividade Econômica Permanente	Cajaíba	Juatinga	Ponta Negra	Sono	Mamanguá margem sul	Fundo do Saco do Mamanguá	Porcentagem
<i>pesca embarcada</i>	39	24	14	26	39	3	30%
<i>pesca artesanal</i>	98	21	3	7	6	5	29%
<i>Artesanato</i>	2	0	0	2	15	18	8%
<i>Agricultura</i>	3	1	0	0	4	0	2%
Total tradicional							69%
<i>construção civil</i>	0	1	9	5	0	0	3%
<i>Caseiro</i>	42	3	3	7	8	3	14%
<i>Turismo</i>	1	3	0	3	4	0	2%
<i>Comercio</i>	0	0	0	2	3	0	1%
outros serviços	1	0	1	2	2	0	1%
Total serviços							21%
<i>Aposentado</i>	12	4	2	9	3	3	7%
<i>funcionário publico</i>	5	0	2	3	3	1	3%
Total outros							10%

Podemos observar que quase 70% dos moradores da REJ desenvolvem atividades tradicionais da cultura caiçara como principal atividade econômica.

Atividade econômica complementar	Cajaíba	Juatinga	Ponta Negra	Praia do Sono	Mamanguá margem sul	Fundo do Mamanguá	Total
<i>Agricultura</i>	26	9	0	0	3	1	51%
<i>pesca artesanal</i>	1	4	1	0	1	0	9%
<i>Artesanato</i>	2	0	0	3	0	0	7%
Total tradicional							67%
<i>Caseiro</i>	1	0	0	5	1	3	13%
<i>Turismo</i>	0	0	0	1	1	0	3%
<i>Comercio</i>	0	0	0	1	0	0	1%
<i>construção civil</i>	0	0	1	5	0	0	8%
<i>outros serviços</i>	0	1	0	4	1	0	8%
Total serviços							33%

Em relação às atividades complementares ocorre o inverso, ou seja, praticamente todos os moradores desenvolvem atividades ligadas à pesca ou agricultura.

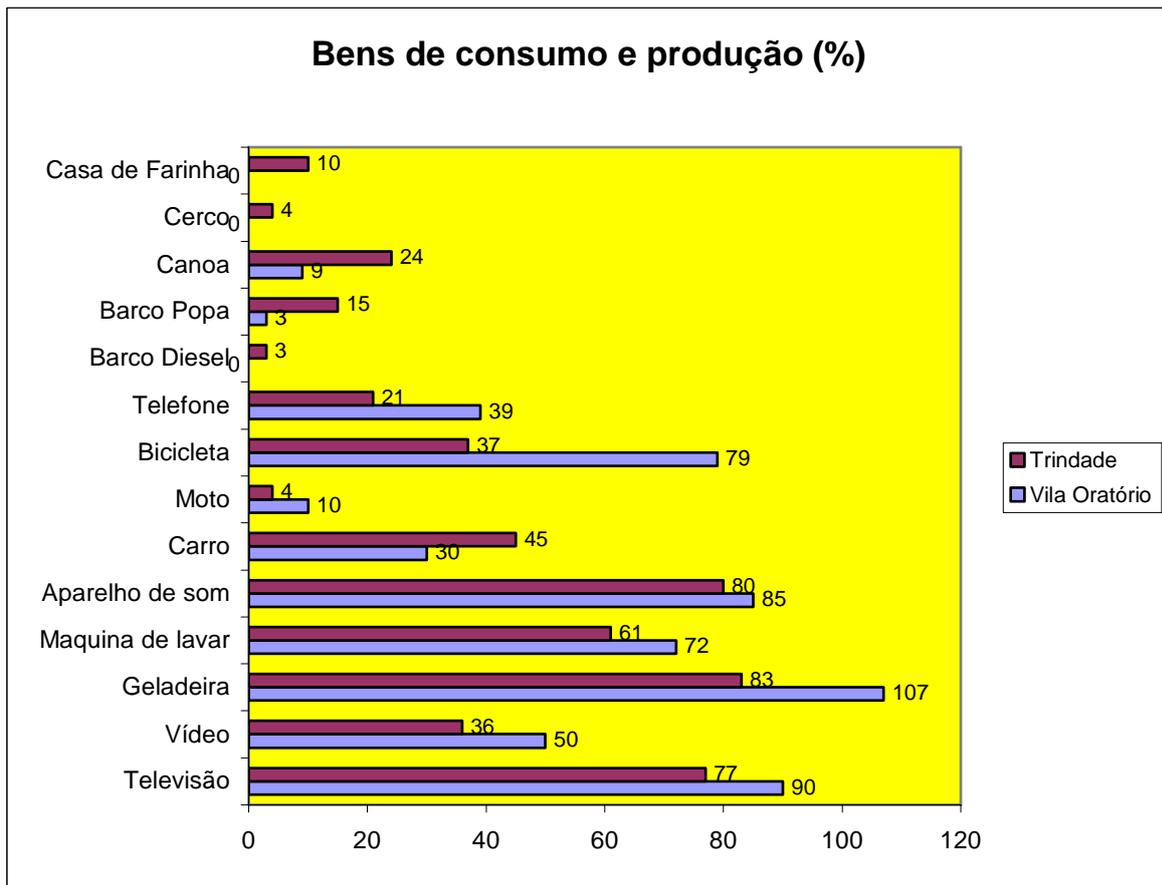
Atividade Econômica na Costeira da APA e Zona Rural



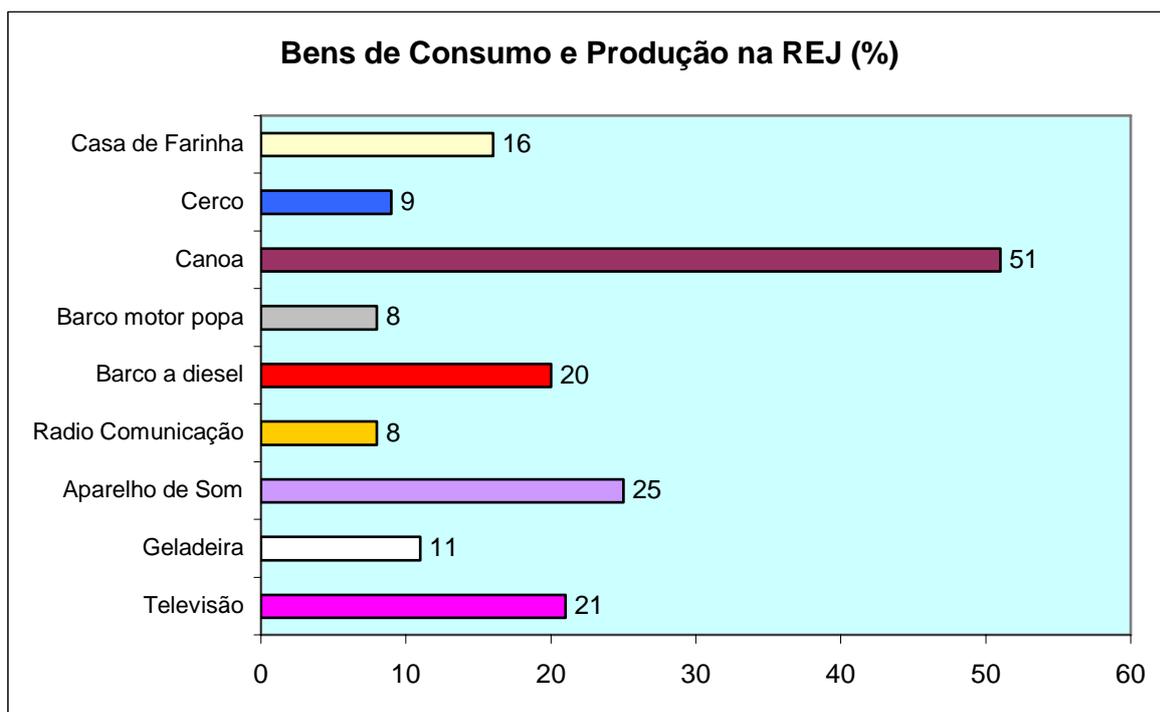
Bens de Consumo e equipamentos de produção

Destacamos A Vila Oratório e Trindade pois nestas duas áreas urbanas as faixas de renda são bem diferentes, mas na primeira predomina o setor de prestação de serviços domésticos e construção civil.

Já em Trindade predomina o pequeno empresariado na área de turismo. Apesar da diferença na faixa de renda predominante, podemos observar certa paridade na propriedade de bens de consumo, com predomínio de equipamentos de trabalho relacionados à pesca, turismo e produção tradicional na Trindade.



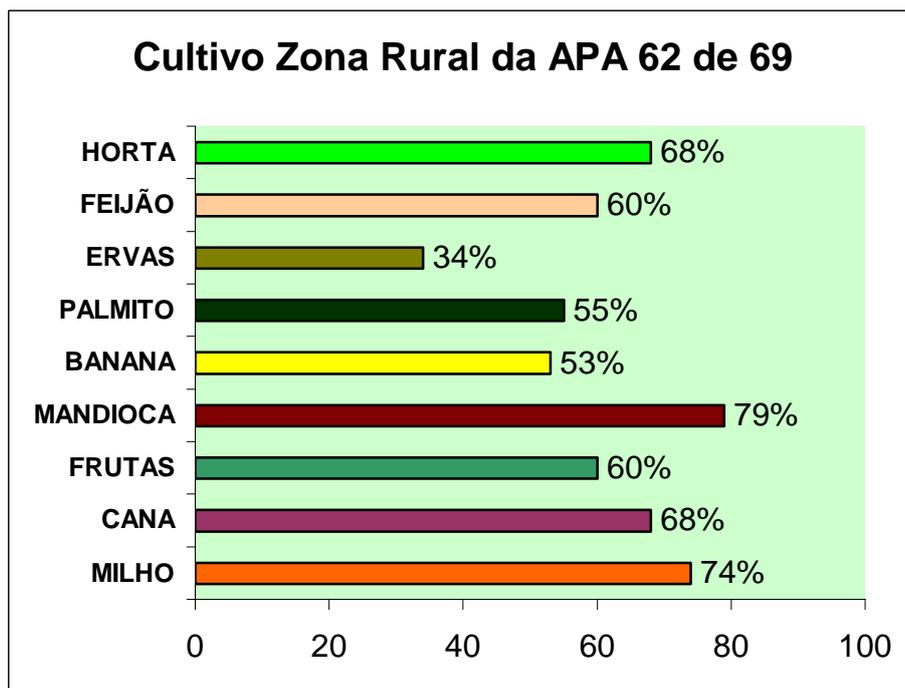
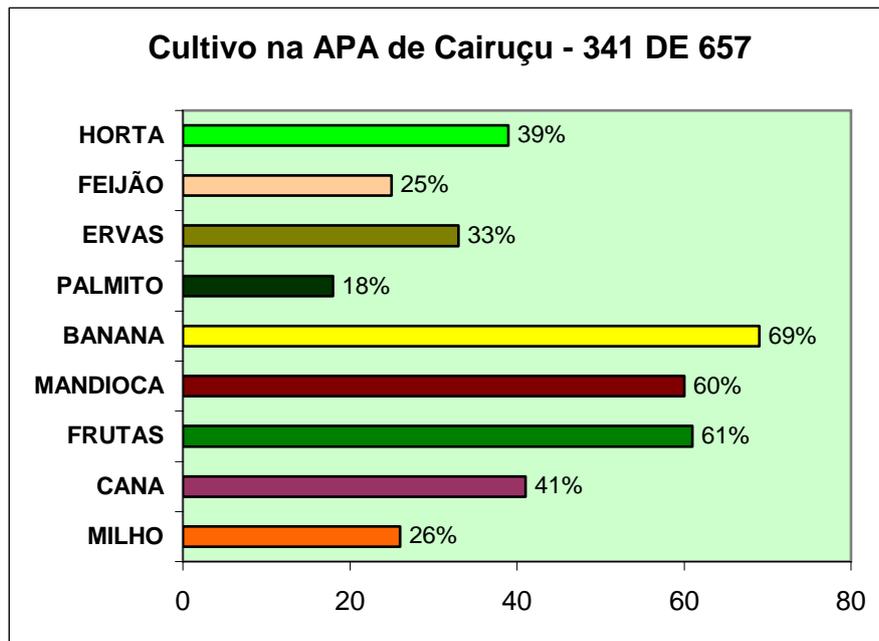
Já na região da Reserva da Juatinga, apesar de não haver energia elétrica, os bens de consumo existem na Cajaíba e no Saco do Mamangá. Considerando-se a população de 354 famílias, temos quase 30% das famílias possuidoras de barco a diesel ou com motor de popa, e praticamente 50% equipadas com as tradicionais canoas confeccionadas artesanalmente a partir de um único tronco de árvore,

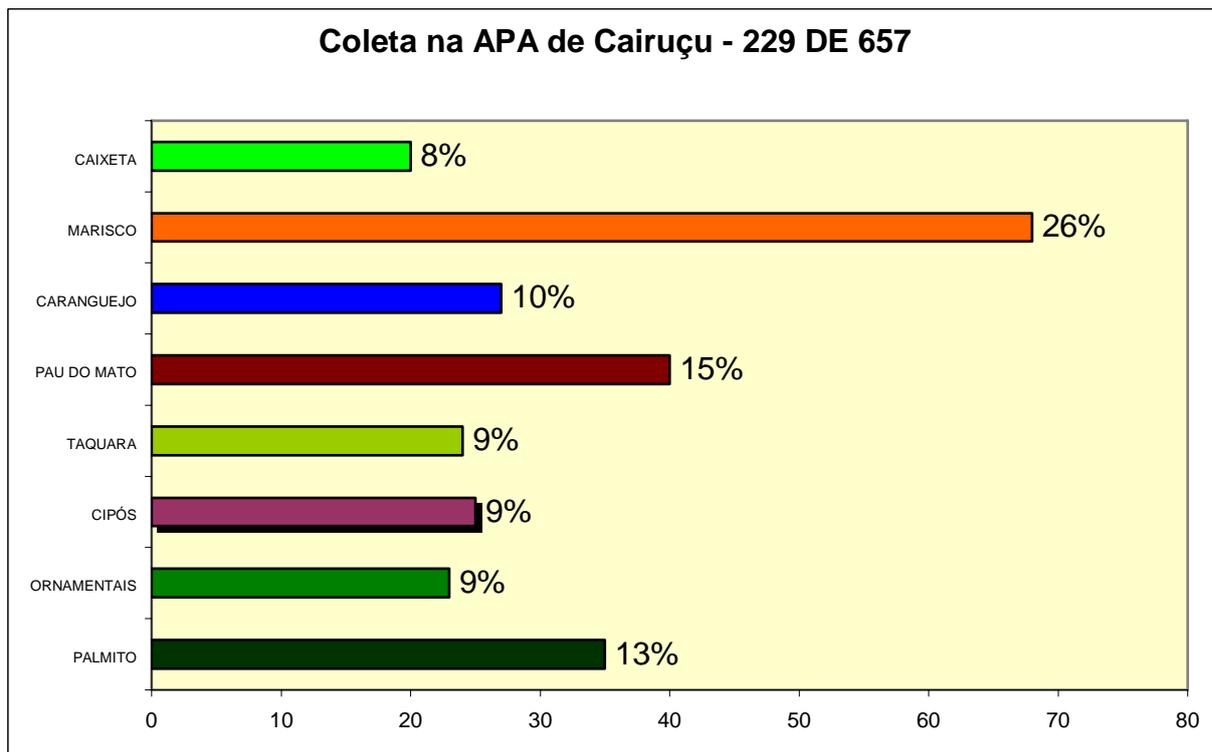
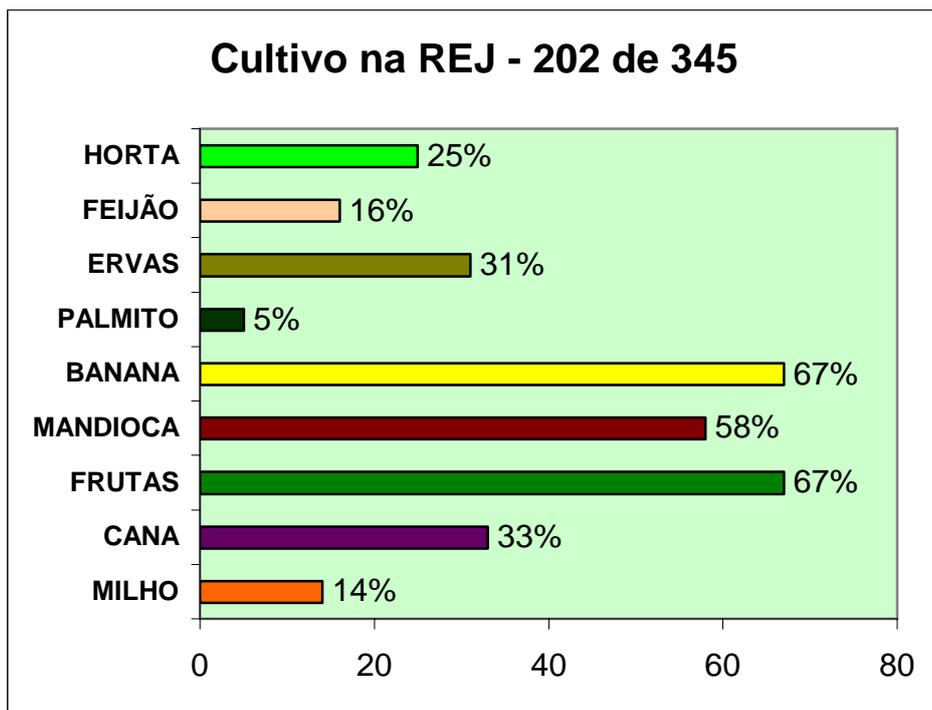


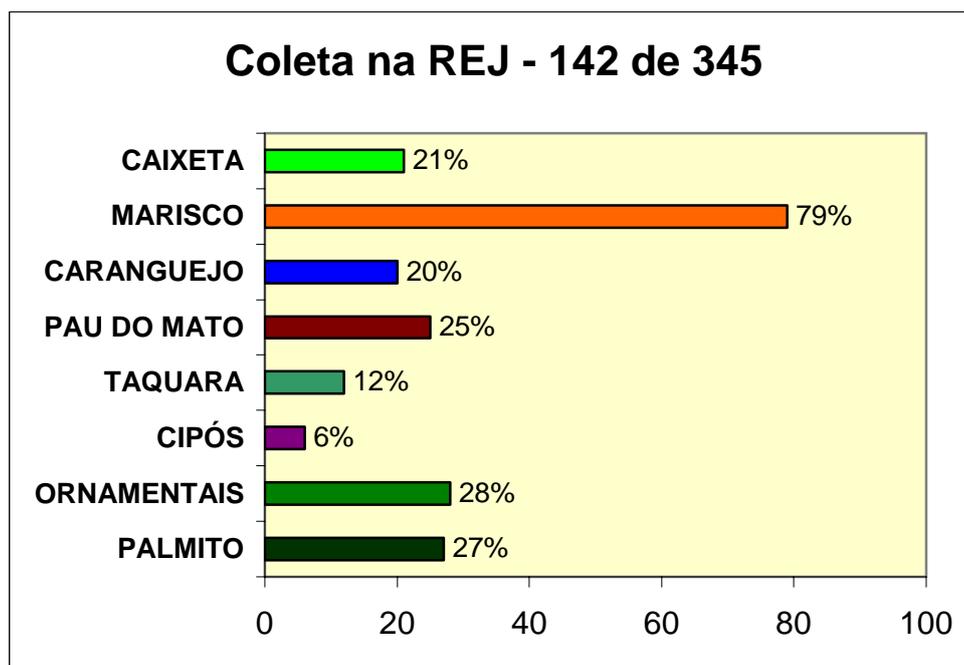
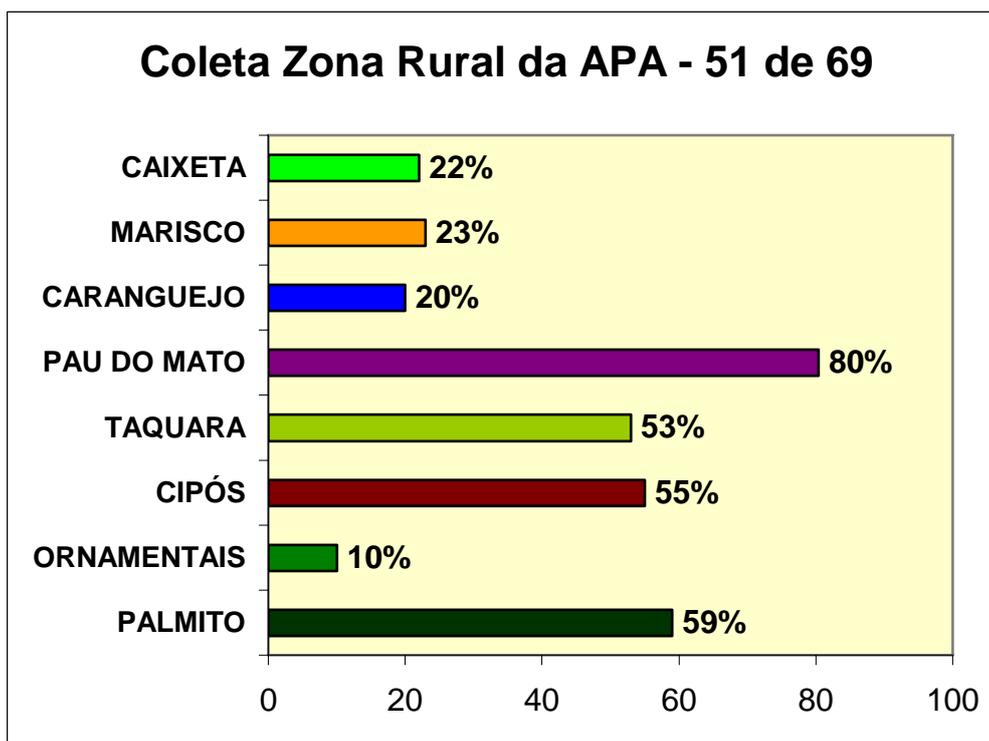
Atividade agrícola, agropecuária e coleta

A criação de gado é insignificante nesta área, não passando de 400 cabeças, cerca de 10% do total no município. O cultivo na APA é praticado para subsistência, por cerca de 50% dos seus moradores, com exceção da banana, em franco declínio, da cana de açúcar e da mandioca que são utilizadas para a produção de aguardente e farinha, respectivamente.

Estas atividades foram descritas e comentadas na caracterização do município de Paraty e no capítulo Cobertura Vegetal e Uso do Solo. Os gráficos abaixo ilustram as porcentagens dos principais cultivos, bem como dos principais produtos coletados. Os números indicam a quantidade de produtores ou coletores em relação ao número de entrevistados em cada área. (Os números da APA incluem os números da REJ, que está totalmente inserida na APA). As porcentagens referem-se ao total dos que praticam cultivo ou coleta, e não do total de entrevistados.

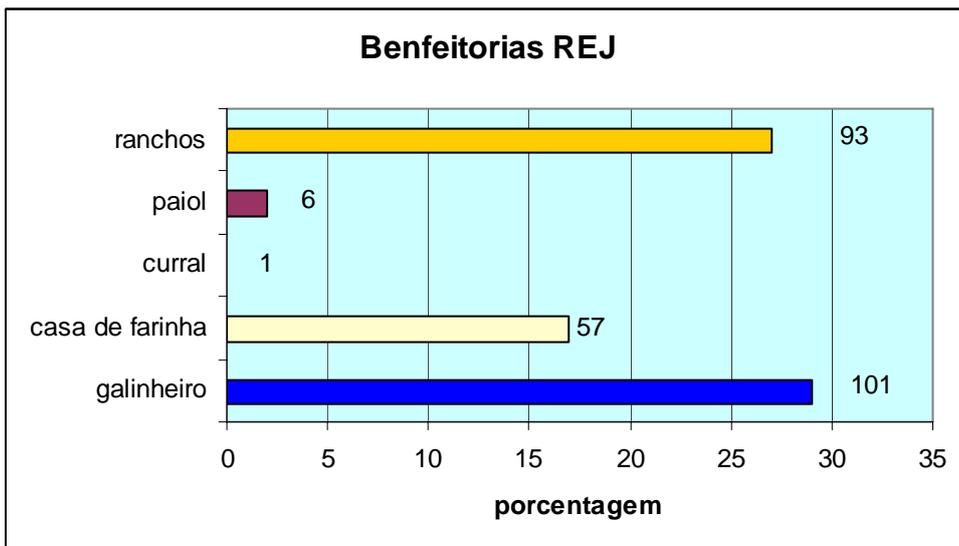
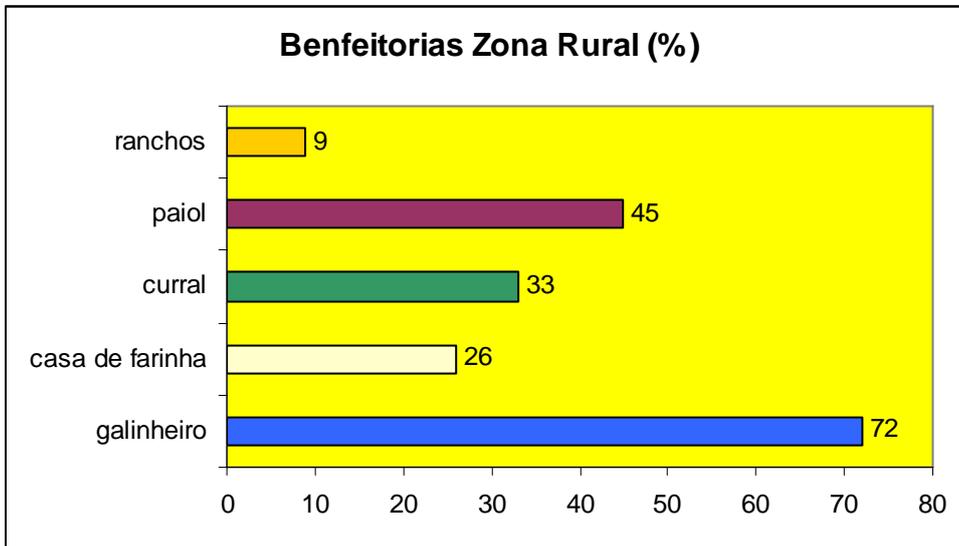
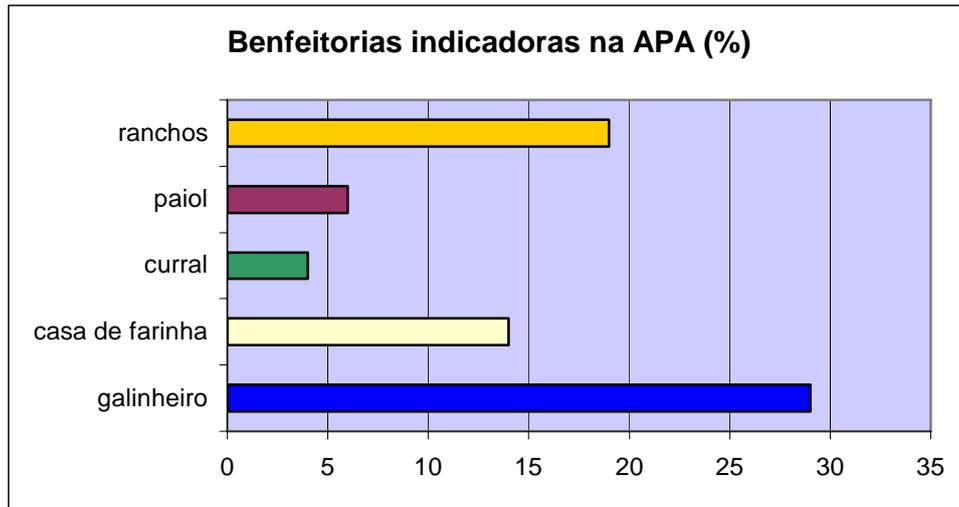






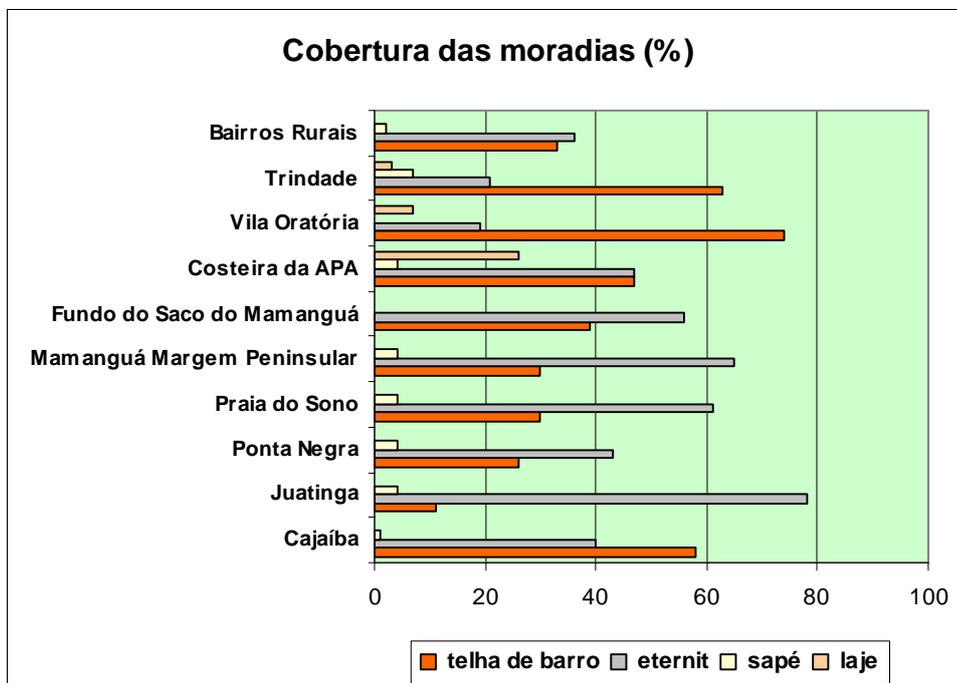
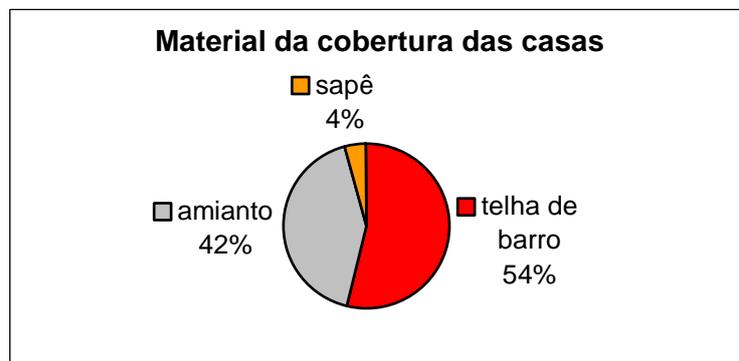
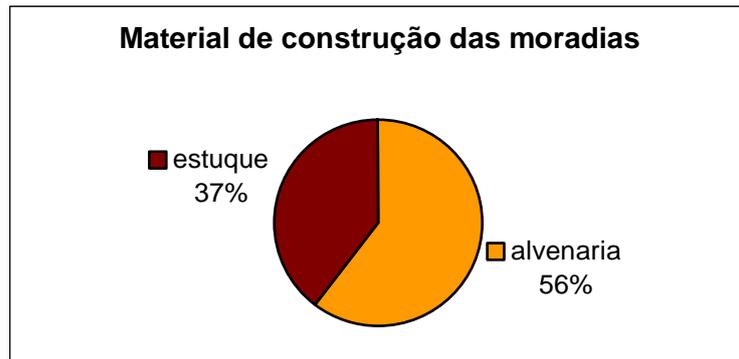
Cerca de 14% dos 657 entrevistados na APA e REJ possuem casa de farinha, e 18% possuem ranchos de pesca. Já exclusivamente na REJ, onde predomina a cultura caiçara, existem 57 casas de farinha e 93 ranchos de pesca.

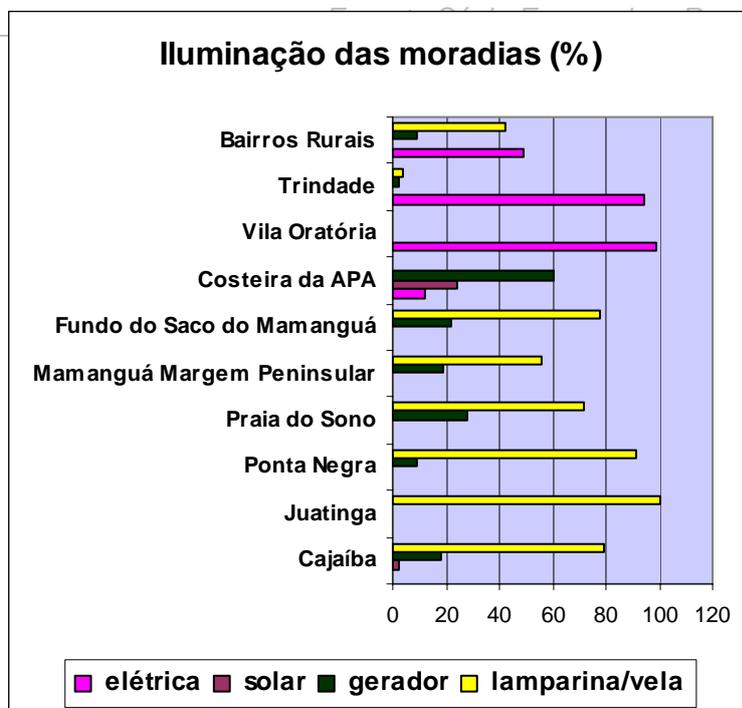
O gráfico abaixo é indicador das atividades produtivas: currais e galinheiros demonstram atividades agropecuárias e criação de aves. Paióis e casas de farinha referem-se ao cultivo de mandioca, milho e feijão. Os ranchos são de pesca, e a existência de ranchos na zona rural deve-se à inclusão de Paraty Mirim como bairro da zona rural.



As moradias

Material de construção





Este quadro, no entanto, já foi alterado pois nos anos de 2002 e 2003 foram implantadas, por conta de recursos de Compensação Ambiental da empresa El Paso, em parceria com a prefeitura municipal, 147 “kits” de energia solar residencial nas comunidades caiçaras de Juatinga (28), Pouso (68), Calhaus (48) e Praia Grande (3). As escolas destas comunidades receberam placas com maior capacidade, para o funcionamento de geladeiras e freezers. Na Ponta Negra foram implantados 35 “kits”, com recursos alocados pela Fundação Margareth Mee.

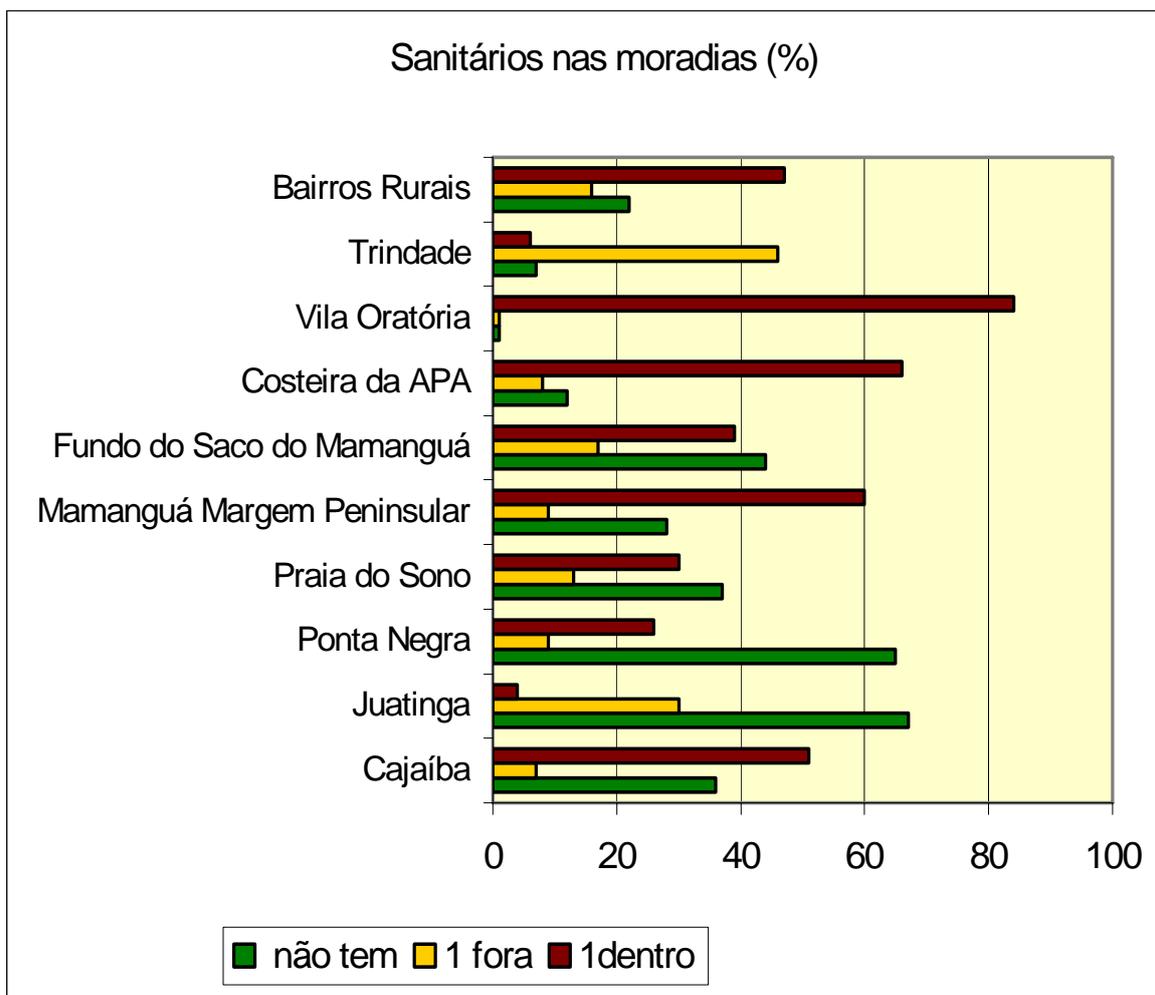
Água

Em relação à água consumida, 62% não faz nenhum tratamento, fato que predomina no Saco do Mamanguá, Ponta Negra, Praia do Sono, Cajaíba e Bairros Rurais.

A filtragem é utilizada por 25% dos entrevistados, principalmente na Trindade e Juatinga. Na Costeira da APA o valor é meio a meio. Na Vila Oratório a água é tratada pelo Condomínio.

Sanitários

Com exceção da Vila Oratório e Trindade(95 %) somente 31% das casas possuem sanitários. Total de habitações sem unidades sanitárias: 31% , sendo 67% na Juatinga e 65% na Ponta Negra.



Fossas

Com exceção da Vila Oratório, onde o esgoto é tratado pelo Condomínio Laranjeiras, em todas as demais regiões é usado o sistema de fossa negra ou nenhum sistema, com os efluentes domésticos lançados diretamente nos cursos d'água .

Qualidade da água nas comunidades

Utilizando metodologia adotada pelo Núcleo Pró Tietê, da SOS Mata Atlântica, para monitorar a qualidade das águas da APA, foram realizadas coletas de dados pelos professores de 11 bairros e junto ao rio Mateus Nunes/Patitiba, pela escola da Mangueira. Os parâmetros adotados são equivalentes àqueles definidos pelo CONAMA – Conselho Nacional do Meio Ambiente, para a qualificação das águas superficiais.

Estes professores receberam treinamento teórico e prático e realizaram as medições em conjunto com grupos de alunos de suas comunidades.

Foram medidos cerca de 14 parâmetros para definir a qualidade da água :

- Transparência,
- Presença de espuma,
- Lixo flutuante ou acumulado nas margens,
- Cheiro,
- Material em suspensão,
- Presença de peixes,
- Presença de larvas e vermes vermelhos,
- Presença de vermes transparentes ou escuros, conchas,
- Teste de toxicidade com cebolas,
- Quantidade de coliformes totais,
- Oxigênio dissolvido,
- PH ou acidez,
- Presença de nitrogênio amoniacal

Os professores foram orientados para fazer 3 medições, em datas diferentes, preferencialmente em 2 pontos, antes e depois da área residencial. Apenas alguns tiveram este procedimento (Vila Oratório, Campinho, Escola da Mangueira e Pedras Azuis).

No Patrimônio, Paraty Mirim, Sono, Corisco e Currupira foi feita apenas uma medição. Na Trindade e Ilha do Araújo foram feitas várias, em locais diferentes, apenas uma vez.

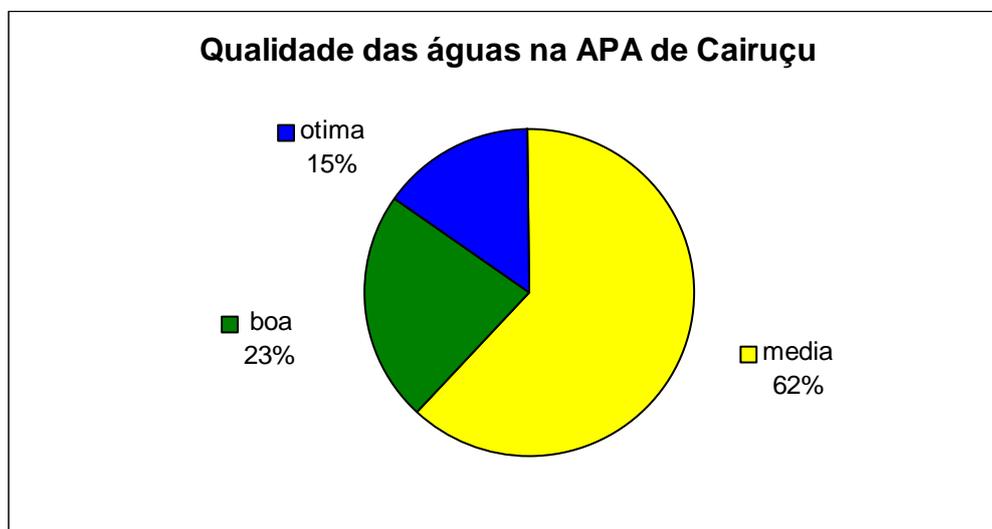
Estes procedimentos poderão e deverão se repetir anualmente, mas os resultados obtidos já podem dar uma noção da situação, que não é ruim.

Qualidade ótima: Sono e Paraty Mirim

As coletas no Sono foram realizadas na barra do rio, bem depois que ele atravessa a comunidade. Em Paraty Mirim foram feitas perto da escola, mas o interessante é que este rio atravessa o Patrimônio, Campinho e Pedras Azuis antes de chegar ao ponto de medição.

Qualidade boa: Corisco, Patrimônio e Pedras Azuis.

Qualidade média: Campinho, Currupira, Ilha do Araújo, Mateus Nunes/Patitiba, Pedras Azuis (outro ponto), Ponta Negra, Pouso e Vila Oratório.



Lixo Doméstico

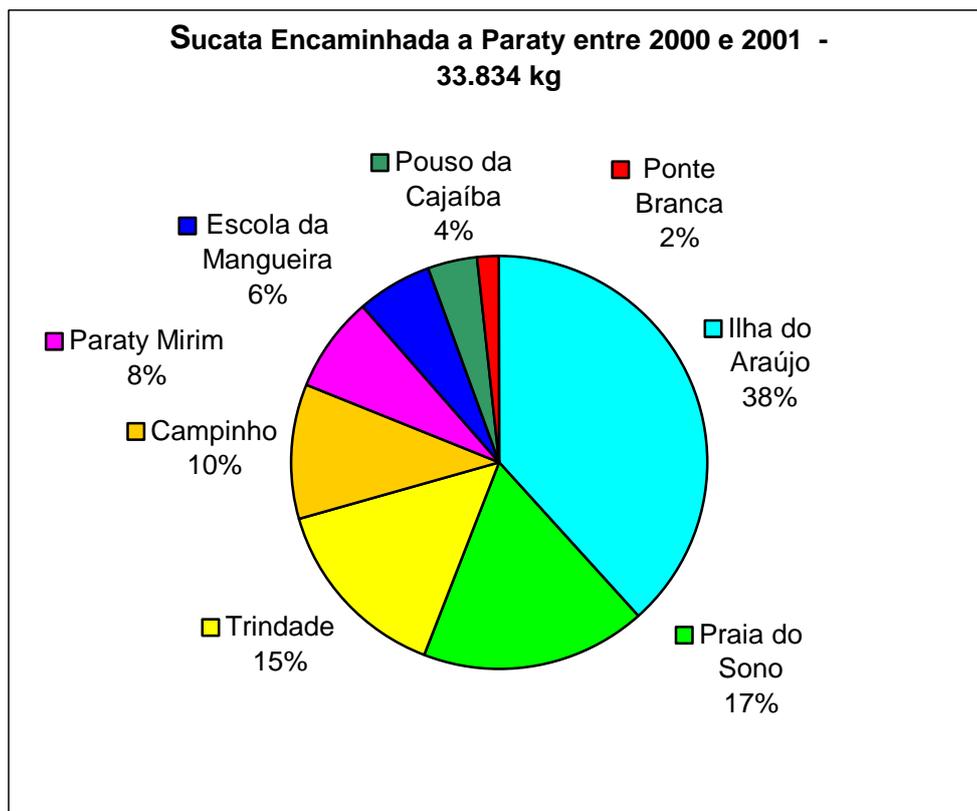
Com exceção de Laranjeiras/Vila Oratório, onde há coleta diária, a coleta de lixo é realizada cerca de 2 vezes por semana nos locais com acesso por estrada.

Nas demais comunidades não há coleta pública, e seus moradores queimam, enterram ou espalham o lixo, exceto onde há coleta seletiva, na qual a sucata é levada de barco ou por terra para a cidade (Sono, Pouso, Ilha do Araújo).

A coleta Seletiva foi estimulada e apoiada pelo projeto Jogue Limpo Cairuçu durante os verões de 2000 e 2001 nas comunidades de Trindade, Sono, Pouso, Paraty Mirim, Cais de Paraty, Campinho e Ponte Branca, bem como no condomínio Laranjeiras. Em 2002 e 2003 houve ações mais pontuais em Trindade, Pouso, Calhaus, Praia Grande da Cajaíba, Martim de Sá e Ilha do Araújo.

Considerando que as latinhas de alumínio em geral são vendidas separadamente e não contabilizadas nestes números, pois seu comércio já é bastante disseminado,

entre o verão de 2000 e julho de 2001, foram entregues 33.834 toneladas de sucata no Centro de Triagem Recicalixto em Paraty, conforme gráfico.



As comunidades onde predomina a coleta seletiva são a Ilha do Araújo e a Praia do Sono. Na praia de Martim de Sá, onde vive apenas uma família de caiçaras, porém com grande fluxo de campistas, a sucata também é retirada de barco e depositada no cais de Paraty ou na Ilha das Cobras, procedimento adotado também por alguns barcos que vem do Pouso da Cajaíba, mas com menor índice de adesão por parte da população local.

Todo o lixo produzido em Paraty é depositado no lixão da Boa Vista, cujo chorume corre todo para o caixetal da várzea da Caetana e em seguida para o manguezal situado na foz do rio dos Meros. Neste lixão trabalham catadores que separam e vendem grande parte da sucata encontrada. Desta forma, mesmo que o lixo reciclável seja separado porém recolhido junto com o lixo misturado, ele terá grandes possibilidades de ser encaminhado para reciclagem.

A coleta seletiva vem se intensificando em Paraty. O condomínio Laranjeiras, após o término do convênio com a Fundação SOS Mata Atlântica e a criação da Associação Cairuçu, modificou o nome do projeto Jogue Limpo Cairuçu para “Reciclar é 10!” e

continuou o trabalho no próprio Condomínio. No verão de 2005 está prevista a continuidade do projeto nas comunidades onde atua esta nova entidade.



Conforme informações da “Recicalixto”, atualmente a média de matéria plástica e metálica enviada de Paraty para reciclagem é de 50 toneladas mensais.

III - Turismo

Este capítulo contém:

- Antecedentes
- Anos 60 – o redescobrimto
- Anos 70 – fim do isolamento
- A gestão do turismo em Paraty
- Fatores limitantes
- Oportunidades
- Conseqüências
- Perfil do Turista que freqüenta Paraty
- Infra Estrutura de Turismo estimada na cidade
- Principais roteiros
- O Turismo na visão de alguns empresários do setor
- Caracterização Turística - APA/REJ
- Histórico da ocupação turística na região
- Conflitos
- Principais destinos turísticos da APA
- Perfil do Turista da APA
- Locais de Interesse Turístico na APA

Antecedentes

No final do século XIX ocorreram dois fatos históricos que deixaram Paraty completamente isolada dos processos de desenvolvimento no eixo Rio de Janeiro /São Paulo : a ligação ferroviária entre as duas capitais, (1877) e a abolição da escravatura (1888). A maioria dos engenhos e fazendas produtivas foi abandonada, a população da cidade caiu para menos de 1000 almas, e o único meio de transporte para o Rio era um vapor semanal, ou lombo de burro serra acima, pelo Caminho Velho do Ouro, até o Vale do Paraíba.

Gilberto Freyre, após viagem em um rebocador que fez escala em Paraty, escreveu que na década de 30 do século passado, Paraty e Ubatuba ainda permaneciam nos tempos coloniais: “Quem falava, então, no Rio ou em São Paulo, nessa jóia de

virgindade brasileira que era, de todo, no tempo, Paraty?⁵.

Anos 60 – o redescobrimento

Somente na década de 50 foi regularizado o tráfego de veículos entre Cunha e Paraty, com linha de ônibus e tudo. Nos anos sessenta, o Cinema Novo e artistas como Djanira descobriram um novo paraíso. A partir de então, os paulistas começaram a chegar e a comprar velhos casarões e praias desertas por preço de banana. Para alguns espertalhões muito manhosos, e até violentos, os caiçaras assinavam qualquer papel que viesse junto com conversa macia e promessas do que quer que fosse. Perdiam suas terras, ou lutavam pela sua posse, como lutaram em Trindade e lutam até hoje na praia do Sono.

Paraty era só o Centro Histórico, a Chácara e a Patitiba. Na zona rural as roças de subsistência, os bananais, uns poucos alambiques e algumas fazendas de gado, para consumo local. Nas comunidades caiçaras, os homens embarcavam em traineiras e só apareciam no “claro”, na época da lua cheia, quando a sardinha fugia da rede. As mulheres cuidavam da roça, da cidade pouco compravam...era tão longe...a vida não era fácil não...o sonho da cidade com médico, escola e emprego sem dúvida também foi motivo para vender terras à beira mar e depois perceber que na Ilha das Cobras tudo tinha que se pagar.

As portas da rua não se trancavam, todo mundo se conhecia pelos apelidos. Até hoje em Paraty é assim: o Nico Abóbora, o Preá, o Onça, o Pipoca, o Luís Socó...o Biju. Os mais velhos falavam em versos, como o João Padre com seu carrinho de doces, Dona Júlia mãe do Vivinho. As festas sempre tiveram origem no calendário religioso, e mobilizavam toda a comunidade. As cirandas, congadas, chibas, cantorias de Reis, malhação de judas, a Miota. O manuê de bacia...alguém sabe o que é?

Anos 70 – fim do isolamento

Na época do “milagre brasileiro”, final do governo militar, em plenos anos 70, chegou a usina nuclear, chegou a estrada...hordas de operários vieram de longínquos sertões,

⁵ Freyre, Gilberto. “Gilberto Freyre”In: D.O. Leitura, São Paulo, 9 (100) setembro de 1990, *apud* .Paraty,

sem mulher, sem família, sem ligação nenhuma com esta terra. Na mesma época os “tubarões”, grileiros, expulsando caçaras que formaram o que foi a favela da Ilha das Cobras e Mangueira. Aquilo era puro mangue onde se caçava passarinho. Hoje “melhorou” muito...já é um bairro de verdade, com praça, igreja e escola.

Com a Rio Santos veio o tão esperado desenvolvimento turístico. Mas a cidade não tem esgoto até hoje, uma vergonha! Todo aquele patrimônio preservado pelo isolamento histórico. As festas, as cadeiras nas calçadas, a paisagem que a atriz Catherine Deneuve chamou de colírio para os olhos, os modos de vida tradicionais, o saber da natureza. As chuvas torrenciais, nem isso têm mais.

Artistas pioneiros como Paulo Autran e Maria Della Costa implantaram os primeiros e melhores hotéis, e aos poucos a cidade virou cenário: os sobrados restaurados pelos paulistas pioneiros, ficavam fechados o ano inteiro, e agora o Centro Histórico virou quase um shopping center...embora ainda guarde seu charme, justiça seja feita.

Da banana plantada pelos capixabas, da imbatível farinha de mandioca, da fartura de peixe e camarão, daquela cachaça da camisa listrada pouco restou. O pescador virou caseiro ou barqueiro, o agricultor vive de bicos em obras, no verão é tudo festa, e durante o resto do ano a economia se espreme apertada...ninguém vende nada, não circula o dinheiro!

A conservação da galinha dos ovos de ouro, composta pelo Centro Histórico, a paisagem exuberante e a cultura que ainda não se pasteurizou, é consequência da Graça de Deus, dos 300 km de distância do Rio e de São Paulo, e de um cipoal de leis que, embora no varejo não se apliquem a contento, seguraram empreendimentos que vem levando Angra dos Reis, Mangaratiba, Ubatuba e Caraguatatuba à completa desfiguração de sua paisagem.

A gestão do Turismo em Paraty

No caso do desenvolvimento turístico, é o município que deveria tratar do ordenamento das suas atividades, criando, em sintonia com o Plano Diretor, um conjunto sistematizado de normas reguladoras da atividade meio de um planejamento adequado, da regulamentação e fiscalização das atividades dos hotéis, restaurantes, bares, marinas, operadoras de turismo, e sobre tudo do Cais do Porto, verdadeira terra de ninguém.

Estas normas, entretanto, não existem. Vem quem quer, abre seu negócio onde for, opera como quiser, poucos tem firma, pedir nota é uma afronta. Nada se exige, funciona tudo ao Deus dará...

Paraty tem todos os atributos para um bom desenvolvimento de sua atividade turística graças ao seu patrimônio histórico, cultural e natural, e é do turismo que vive de fato, mas o município não se encontra suficientemente dotado de infra - estrutura básica de saneamento, saúde, comunicação e transporte e mão de obra qualificada.

Apresenta um verdadeiro distanciamento entre a demanda concentrada e a oferta remediada, que se acentua significativamente quando saímos dos limites urbanos.

O Turismo na visão de alguns empresários do setor⁶:

Associação Paratiense de Operadores de Saveiro de Turismo

São 6 os proprietários de Saveiros regulares em Paraty, todos de São Paulo ou Rio de Janeiro; dos 6 proprietários 4 encontram-se em fase de regularização. O maior problema que a associação enfrenta é a falta de regulamentação das atividades no município, que os comerciantes acreditam que chegou a um estado de calamidade. Estão solicitando da prefeitura medidas urgentes neste sentido, principalmente o que diz respeito à clandestinidade na atividade turística.

Os saveiros de Paraty tem que competir com mais de 25 saveiros que vem de fora e operam ilegalmente. Para eles, Paraty está perdendo o nível do turismo, as classe mais altas que antigamente freqüentavam Paraty se transferiram para outros lugares e hoje

⁶ Ouvidos pela equipe no início do ano 2000

Paraty recebe um turismo de massa, sem qualificação. Outro problema que cita e que diz ser de significativa importância é a falta de qualificação do empresário de turismo. Alguns empresários de turismo estão participando do Grupo de Fomento Náutico da Secretaria de Turismo do Rio de Janeiro, IBAMA, EMBRATUR e Marinha, no projeto "Costa Verde", com objetivo de buscar soluções para a região, a exemplo de Angra e Búzios.

Paraty Tours

É a única agência do Município com alvará da EMBRATUR.

Seu proprietário, estrangeiro, reclama que a atividade turística no município não é fiscalizada pela Prefeitura, facilitando a existência de agências "piratas" e de agências de São Paulo que operam irregularmente, sem regulamentação e fiscalização, oferecendo um serviço turístico que desqualifica tanto a atividade no município como degrada o ambiente. Dizem que o que mais compromete a atividade turística é a falta de informação ao turista, desde Prefeitura, Agências e Pousadas.

Operadoras de Mergulho Alfa Dive e Narwhal

Dizem que atividade da forma em que se desenvolve na Baía de Paraty (e nas ilhas e costeiras da APA), estragam muito o meio ambiente marinho, os barcos ancoram em qualquer lugar batendo em corais. A falta de fiscalização da atividade náutica prejudica diretamente aqueles que realizam um trabalho responsável. Colocam ainda que a pesca de arrasto está acabando com os ambientes marinhos.

O maior problema para eles é a falta de fiscalização, permitindo um serviço nivelado por baixo. Pois não existem exigências credenciadas pelo padrão de serviços. Reclamam da falta de clareza na aplicação das leis, principalmente ambientais, e exemplificam com o fechamento da Ilha dos Cocos por meio de bóias, para criação de marisco, impedindo o mergulho na nesta praia.

Fatores limitantes

Apesar de apresentar uma infra estrutura bastante razoável, Paraty ainda não conta com local estruturado para a realização de congressos e encontros para mais de 80 pessoas, eventos que poderiam trazer visitantes fora da temporada.

Os maiores problemas no nosso entendimento, são a sazonalidade do fluxo turístico, a precariedade da infra estrutura e o despreparo dos comerciantes e comunidades para receber o turista.

No verão, quando as condições climáticas são favoráveis, todos tem oportunidade de ganhar dinheiro. Mas aí a infra estrutura entra em colapso: as linhas telefônicas ficam sobrecarregadas, as águas mal cheirosas escorrem pelas ruas, falta água, falta luz, e a coleta de lixo é insuficiente. O lixão da Boa Vista, à beira da Rio Santos, é a pior recepção de boas vindas.

Os eventos culturais que ocorrem durante o resto do ano não são suficientes para garantir uma regularidade de aporte de recursos à cidade. Os principais eventos locais são a Festa do Divino, em maio, e o Festival da Pinga, em agosto. Fora isso, é rezar por bom tempo nos feriados da Semana Santa, 7 de Setembro, 12 de outubro e Finados .

A época de melhor clima na região, entre abril e agosto, quando a incidência de sol é mais constante, coincide com a da baixa temporada, amenizada durante o mês de julho, quando vem muitos estrangeiros. Este fato ocorre por que, apesar do atrativo do Centro Histórico, a demanda e os roteiros de turismo ainda estão concentrados nos passeios de barco e às praias.

Em reunião realizada com a presença de cerca de 50 interessados, foram destacados os seguintes fatores limitantes ao desenvolvimento do turismo:

- ✓ Não implantação das Unidades de Conservação;
- ✓ Paraty e seus atrativos como um produto mal divulgado;
- ✓ Festas tradicionais voltadas para o povo local atraem poucos visitantes (Festa de São Pedro, Festa do Divino, Festa de Nossa Senhora dos Remédios, Procissão do Fogaréu, Festas Juninas, etc.);
- ✓ É preciso mais divulgação;
- ✓ Dificuldade de denúncia para os órgãos ambientais
- ✓ Necessidade de representação do IBAMA não só para a APA, mas para o município como um todo.

Oportunidades

Para aumentar o fluxo de turistas fora da temporada, começam a surgir iniciativas que poderão ampliar o leque de oportunidades para melhoria do desenvolvimento turístico do município.

Desde 2002 surgiu uma nova opção de roteiro cultural na zona rural, que só contava com a “Fazenda Murycana”, restaurante tipo fazenda instalado junto à sede de antigo engenho: a implantação do Sítio Histórico Ecológico, com infra estrutura para a operação de um trecho do Caminho do Ouro, dentro de uma área particular, com pousada, restaurante, cavalos e divulgação bilíngue nos hotéis, restaurantes e na mídia. É uma das poucas opções de turismo cultural e sustentável de Paraty, operado de maneira profissional como estratégia de sustentabilidade para um projeto cultural implantado parcialmente, do Museu Aberto do Caminho do Ouro.

Atualmente existem várias boas opções de hospedagem na zona rural, bem como restaurantes e ateliers neste setor.

Algumas ONGs locais e Associações de Moradores começam a estruturar de roteiros temáticos integrando trilhas ecológicas com o meio rural, a cultura caiçara, quilombola ou indígena. No Quilombo do Campinho está se estruturando a primeira trilha etnoambiental de Paraty. Em Trindade, nas Praias do Sono, Ponta Negra, Pouso e Martim de Sá os próprios caiçaras operam a atividade turística e surgem algumas propostas de integração ambiental e cultural, ainda que precárias e incipientes.

O estudo do meio por escolas particulares e os “pacotes” temáticos, esportes náuticos e de aventura, hipismo rural e outras atividades organizadas poderiam melhorar o desenvolvimento do turismo fora da temporada.

Conseqüências

A pior conseqüência da inexistência de uma gestão planejada e regulamentada da atividade turística em Paraty tem sido a insuficiência de informação ao turista, a pouca

divulgação do destino, curta permanência do visitante e perda de clientela de qualidade, pois lugares antes tidos como paradisíacos já vem sofrendo de superlotação concentrada nos feriados de fim de ano e carnaval, urbanização desordenada e excessiva, que causa problemas de poluição dos seus rios, acúmulo de lixo e proliferação de maus costumes em algumas comunidades.

A operação turística como é atualmente privilegia os mais espertos e os mais “fortes”, que implantam irregularmente sua infra estrutura em áreas de proteção legal, invadem a paisagem e destroem a galinha dos ovos de ouro.

O turismo náutico é um verdadeiro caos: barcos de fora operam ilegalmente no verão, os barcos não pagam nenhuma taxa para operar no município ou atracar no cais, que não tem nenhum infra -estrutura de apoio ou controle, não há limitação do numero de embarcações nos pontos de mergulho, várias praias, ilhas e costões foram privatizados e a entrada de turistas proibida ou dificultada ao máximo.

Como a maior parte do comércio em Paraty é informal, o nível de sonegação do ISS é altíssimo, e com isto a Prefeitura fica com pouco recurso para investir e buscar parcerias para o investimento no conjunto de ações necessárias para melhorar as condições da atividade que é sua principal fonte de renda.

Conselho de Turismo

Uma das metas do recém criado Conselho de Turismo é a elaboração de um Plano Diretor de Turismo para Paraty, que se faz bastante necessário. O mais importante, no entanto, é que o município exija mais do comércio, mas em contrapartida invista maciçamente na melhoria das condições de saneamento, gestão ambiental e qualificação de mão de obra.

Paraty tem todas as condições para um desenvolvimento auto sustentável. Mas para isto, tanto o poder público quanto o empresário tem que tomar consciência do seu dever de respeitar, conservar e valorizar o patrimônio histórico, natural e cultural da região.

2004

A realização da Festa Literária de Paraty, a FLIP, em 2003 e 2004, veio em muito contribuir para o turismo cultural, trazendo um público de altíssimo nível que provocou um choque na demanda por serviços de qualidade, maciça divulgação na imprensa nacional e internacional, e uma circulação de gente famosa e abonada que relembrou os velhos tempos de glória, quando Paraty atraía muito este tipo de público.

O festival de gastronomia realizado em agosto também tem sido importante para a melhoria qualitativa do turismo, oferecendo também atividades de capacitação para os profissionais locais e outros interessados.

A gestão do prefeito Zé Cláudio, que, no entanto, não se reelegeu, promoveu e apoiou um calendário de eventos que em muito contribuiu para a melhoria da imagem, da divulgação e da atração de visitantes a Paraty ao longo de todo o ano. Na falta de local mais apropriado para encontros e reuniões de maior porte, a própria igreja Santa Rita, administrada pelo IPHAN, sediou grande número de eventos ligados à gestão cultural, ambiental e do turismo.

A reestruturação e restauro da Casa da Cultura e a implantação de um Centro de Informações na entrada da cidade, além do Centro de Informações Turísticas e Ambientais do Cairuçu, no trevo de acesso a Trindade e Laranjeiras, tem cumprido o papel de situar o visitante quanto à riqueza e fragilidade da região que estão visitando.

A nova Casa da Cultura, desde sua inauguração, em 2004, tem sediado a maior parte dos eventos culturais e reuniões de interesse ambiental, cultural e comunitário que ocorrem na cidade.

A candidatura de Paraty a Patrimônio Mundial também é um fator importante na busca de um padrão de qualidade cultural e ambiental por seus governantes e comerciantes locais.

O Conselho de Turismo porém não se desenvolveu. A Associação Comercial de Paraty - ACIP alega que não houve transparência nem interesse por parte da Secretaria de Turismo. A própria ACIP tem como proposta atualmente a regularização da situação do

cais da cidade e a definição da capacidade de suporte para praias e ilhas que mais recebem visitantes.

Podemos dizer que as iniciativas de planejamento da APA de Cairuçu, do Fórum DLIS, do Seminário “Paraty – Planejamento e Patrimônio Mundial”, e a própria candidatura a Patrimônio Mundial, bem como inúmeras outras iniciativas de instituições que objetivam o desenvolvimento sustentável da região, em muito têm contribuído para que os comerciantes, as lideranças comunitárias, os jovens e, espera-se, os próprios gestores públicos, desenvolvam uma mentalidade mais receptiva à conservação da paisagem cultural de Paraty, que é o seu maior capital turístico.

Perfil do Turista⁷ que frequenta Paraty (resumido em porcentagem)

Procedência

São Paulo	44
Rio de Janeiro	32
Outros	13
Exterior	7

Idade

20 a 30	40
31 a 40	21
41 a 50	21

Renda em salários mínimos

Mais de 20	29
11 a 20	25
7 a 10	19

⁷ Pesquisa realizada pela Secretaria de Turismo em 1997, (verão, Semana Santa, 1º de Maio)

Grau de Instrução

Superior	75
2º Grau	21
1º Grau	4

Passeios Realizados

Barco	23
Bairro Histórico	21
Praias	17
Cachoeira	9
Exposições	9
Trindade	8
Murycana	8

O que Paraty tem de melhor

Arquitetura/História	48
Natureza	47
Tranqüilidade	10

O que Paraty tem de pior

Infra estrutura urbana	51
Praias urbanas poluídas	11
Preços altos	9

Infra Estrutura de Turismo estimada na cidade⁸

- ◆ Centro de Informações na entrada da cidade
- ◆ 146 hotéis e pousadas
- ◆ 7 campings na cidade e entorno imediato
- ◆ 7 agências de turismo (Albatroz, Cavalo Marinho, Eco Alternativa, Mamanguá , Paraty Tours, Sol Nascente , Costa Verde)

⁸ Secretaria Municipal de Turismo (2001).

- ◆ cerca de 50 restaurantes somente na cidade
- ◆ 8 operadoras de mergulho (Narwhal, Mister Big, Alfa Dive, Aquadive, Alto Mar, e outras de São Paulo)
- ◆ De 15 a 25 saveiros (conforme a época do ano)
- ◆ Cerca de 40 traineiras de turismo
- ◆ 4 estaleiros (Zeinha em Matheus Nunes, Américo, Isaias e Hortêncio).
- ◆ Marinas: Amyr Klink, 188 e Porto Imperial, com cais flutuantes equipados com torneiras e tomadas de energia elétrica individuais. Garagens de barcos: Porto Paraty, Canta Galo, Boa Vista, Pier 46, Salvador, Caravelas, Náutica Perequê-Açu e Praia Grande,

Principais roteiros turísticos em Paraty

O principal programa são os passeios de barco no território da APA de Cairuçu. O usuário pode escolher entre os passeios de escuna (de 20 a 120 pessoas,), barcos a frete que se alugam no cais, junto à praça, na praia do Pontal ou na Praia Grande, ou pegar traineiras com destino ao Pouso da Cajaíba.

Na Trindade (APA) pequenos botes de alumínio levam os visitantes da praia dos Ranchos e do Meio para o Caxadaço, Sono e Ponta Negra. Em Paraty Mirim pequenos botes atravessam a barra do rio para a praia, e baleeiras ou pequenas lanchas voadeiras também podem ser fretadas para passeios nas praias e ilhas – Saco do Mamamngué, Cajaíba, Saco da Velha, ilha do Algodão, ilha dos Cocos.

Os locais mais freqüentados são: Praia Vermelha, Ilha Comprida, Saco da Velha, Ilha dos Cocos, Ilha do Catimbau, Paraty Mirim, Ilha do Algodão, Ilha da Cotia, Ilha Sapeca, Ilha do Araújo, Saco do Mamanguá, Praia do Pouso, Praia Grande da Cajaíba, Caxadaço, ilha do Cedro, do Ventura, dos Pelados.. Todos dentro da APA.

O turismo de mergulho é um importante segmento, pois Paraty é o local preferido para o “batismo” dos alunos das escolas de mergulho de São Paulo, por possuir ilhas próximas em águas abrigadas (Ilha Comprida, Catimbau, Meros, Cocos, Ganchos).

Os principais passeios por terra são a Praia da Trindade, Fazenda Murycana, , Paraty Mirim, São Gonçalo, Cachoeira dos Penha (Escorrega), Caminho do Ouro, Cachoeiras

do Corisco, da Pedra Branca, do Taquari. Picinguaba⁹, que fica em Ubatuba, junto à divisa de Estado, também faz parte dos destinos do visitante de Paraty.

Trilhas mais freqüentadas: Caminhos do Ouro (Cunha/Paraty e São José do Barreiro/Mambucaba), e dentro da APA: Laranjeiras/Praia do Sono, Caxadaço/Cabeça do Índio, Sono/ Ponta Negra, Pouso/Martim de Sá.

⁹ Vila de Picinguaba, praias da Fazenda e do Camburi, Casa de Farinha e Trilha do Corisco, todos no interior do Núcleo Picinguaba do Parque Estadual da Serra do Mar.

Caracterização Turística na APA de Cairuçu e Reserva Ecológica da Juatinga¹⁰

Segundo depoimento do diretor da Reserva da Juatinga, João Fernandes de Oliveira, citado no "Levantamento e Demanda Turística na Apa Cairuçu/Reserva Juatinga, Paraty", a problemática maior das atividades turísticas, na REJ, é o conflito legal e a precariedade da fiscalização, e cita:

"Legalmente as atividades de turismo dentro da unidade de conservação estadual são proibidas, pois não existe um planejamento e regulamentação para coordenar as mesmas"... "As atividades que vêm sendo exercidas são aceitas pelas Unidades, em função de não haver uma fiscalização efetiva"... "o principal meio de hospedagem encontrado na área, o camping, também deve obedecer a uma legislação específica – o que não acontece".

Outro resultado apresentado na pesquisa, de extrema importância, é o do desconhecimento dos turistas quanto à existência de várias unidades de conservação ou áreas protegidas em Paraty, e ainda do desconhecimento do significado de Unidade de Conservação, no caso a Área de Proteção Ambiental de Cairuçu, a Reserva Ecológica da Juatinga, o Parque Nacional da Serra da Bocaina, Estação Ecológica dos Tamoios e da Área Estadual de Lazer de Paraty Mirim.

No caso das populações tradicionais estes resultados já são diferentes, pois estas sabem da existência da APA e REJ, quase que somente pelo lado das proibições, que fazem parte de suas vidas, mas tem muito pouca informação sobre o seu significado, e conseqüentemente sobre suas limitações legais e potencialidades de desenvolvimento.

Histórico da ocupação turística na APA e Reserva Ecológica

Anteriormente à construção da Rio Santos, cujo trecho entre Angra dos Reis e Ubatuba foi inaugurado em 1974, a circulação entre a cidade de Paraty e as comunidades caiçaras ocorria exclusivamente de barco, ou a pé. Estas comunidades viviam

¹⁰ Esta caracterização turística da região da APA de Cairuçu e da Reserva ecológica da Juatinga foi subsidiada pelos trabalhos: "Levantamento e Demanda Turística na APA Cairuçu/Reserva Juatinga, Paraty", elaborado pela jornalista Débora Menezes, no período entre setembro 1999 e janeiro 2000, do trabalho desenvolvido pelo programa "Voluntariado da Fundação SOS Mata Atlântica" no período do carnaval, em março de 2000; do banco de dados elaborado pela Fundação SOS Mata Atlântica; dos Questionários-entrevista aplicados junto às lideranças comunitárias nos bairros da APA, e finalmente pelos levantamentos realizados em Paraty durante o verão 1999/ 2000 pela arquiteta Maria de Lourdes Zuquim, que organizou os dados e o texto base.

basicamente da pesca artesanal ou embarcada (em traineiras de Paraty, Angra, Ubatuba), e das roças de subsistência. Os bananais, as casas de farinha e velhos engenhos de cachaça geravam algum recurso fora da pesca. Havia grandes propriedades, mas todas decadentes, ocupadas com o consentimento dos seus proprietários, ou mesmo abandonadas. Não valiam nada. Dos antigos casarões, sedes de fazenda, sobraram o engenho do Rio dos Meros, em péssimo estado, a sede da fazenda Itatinga, que deve ser restaurada pelo novo proprietário, o casarão da família Mann na Boa Vista, antigo engenho da pinga “Quero Essa”, e a sede da fazenda Paraty Mirim, em péssimo estado.

Conflitos

A primeira tentativa de usurpar dos caiçaras suas terras ocupadas há muitas gerações foi na Praia do Sono. Ali um paratiense abastado pressionou durante quase 40 anos esta comunidade que resiste até hoje na área, com o apoio da Sociedade de Defesa do Litoral Brasileiro, do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Paraty e da Pastoral da Terra nos anos 70 e 80.

A área encontra-se sob ação discriminatória, e a ocupação caiçara prevaleceu na prática. Este empresário, já falecido, também se declarava proprietário da Ilha do Algodão, Ponta Negra, Praia Grande da Cajaíba e praia da Lula.

Em todos os locais tinha casa e funcionários, e, na época, utilizava-se de inúmeras artimanhas para celebrar contratos com os caiçaras, analfabetos e ignorantes dos seus direitos. Após a construção do acesso asfaltado entre o Patrimônio e Laranjeiras (1975) ele abriu uma estrada de 13 km dando acesso ao Sono, mas não permitia sua utilização pelos moradores nem visitantes. Conforme os moradores se fortaleceram na disputa das terras ele abandonou a manutenção desta estrada que hoje está sem nenhuma condição de tráfego, com vários desmoronamentos, utilizada somente por caçadores e raros trilheiros.

Houve alguns outros empresários que compraram terras e muitas praias nesta região muito antes de suas valorização. O ex-governador Carlos Lacerda foi um deles. Comprou a Fazenda Laranjeiras no final dos anos 60, quando a Rio Santos foi concebida, e vendeu no início dos anos 70 para uma “holding” de multinacionais associada com a imobiliária BRASCAN. Dentro desta fazenda havia cerca de 200 famílias de caiçaras entre Trindade e o local onde hoje se instalou o condomínio

Laranjeiras. Apesar de ter pago as posses de moradia dos caiçaras de Trindade com 25 mil cruzeiros em dinheiro e uma casa em Ubatuba, ou construído na Vila do Oratório para os moradores de Laranjeiras, o processo de ocupação foi violento, principalmente na Trindade, com pressão de jagunços armados para intimidar os caiçaras a vender e desocupar a área.

Em Trindade houve grande resistência por parte dos caiçaras apoiados pela Sociedade de Defesa do Litoral Brasileiro - SDLB, criada por freqüentadores da área, de São Paulo e do Rio de Janeiro, especificamente para defender os direitos dos pescadores. Foi então deflagrada verdadeira campanha nos meios de comunicação e a SDLB conseguiu a defesa jurídica da comunidade, que conseguiu recuperar parte de suas terras por meio de um acordo, uma porção onde é hoje a vila, e a outra no “morrão”, para roça, que hoje já está sendo definida como área de expansão da vila..

Na região costeira entre Paraty e Saco do Mamanguá e nas 62 ilhas do município, todas no interior da APA e muitas na Estação Ecológica dos Tamoios, além do Condomínio Laranjeiras¹¹, já existem dezenas de casas de veranistas de alto poder aquisitivo, pois o acesso só se dá de barco, a energia é obtida com gerador, gás ou querosene e a geladeira tem que ser a gás.

Em muitas destas residências, os caseiros são os próprios caiçaras que venderam suas posses e continuam no mesmo local. Continuam pescando, e ainda recebem salário dos proprietários. A diferença é que os seus filhos não terão onde construir quando constituírem família.

Principais destinos turísticos da APA

Na região costeira da APA e REJ, predominam as comunidades caiçaras, com exceção de Trindade¹², e Laranjeiras. Não há energia elétrica nem qualquer infra estrutura urbana, apenas escolas do ensino fundamental. Os postos de saúde estiveram todos fechados durante o período da pesquisa, e o acesso principal é por barco ou trilha, com exceção de Laranjeiras, Trindade e Paraty Mirim.

¹¹ Que já é uma área urbana, com toda a infra estrutura instalada e rígido controle de ocupação.

¹² Onde já chegou a luz e o asfalto e metade dos moradores já é “de fora”

TRINDADE

Constituindo uma das paisagens especialmente belas do nosso litoral, esta é uma das praias mais visitadas pelos turistas de Paraty, depois do passeio pelo centro histórico e

As Praias do Meio, da Figueira e do Caxadaço encontram-se no interior do Parque Nacional da Serra da Bocaina, embora não haja nenhuma estrutura do IBAMA na área. A praia do Meio já conta com cerca de 8 bares e com o maior camping do local, administrado pela Associação dos Moradores Nativos e Originários da Trindade.

No verão de 2000 havia no local 57 bares e restaurantes, 25 campings com capacidade estimada para cerca de 2200 barracas, 28 pousadas com 289 quartos, uma padaria, dois mercadinhos e 5 lojas de roupas e artesanato.

O perfil mais marcante do visitante que se hospeda na Trindade é o do estudante da Grande São Paulo, que vem de ônibus de linha ou fretado, se acomoda nos campings locais e come prato feito. Com o asfaltamento de todo o percurso de 7 km que dá acesso à Rio Santos, este quadro vem melhorando, pois muitos turistas vem de Paraty, Ubatuba e até de Cunha passar o dia ou se hospedar nas pousadas que se multiplicaram nos últimos 5 anos.

Os maiores problemas são a falta de infra estrutura urbana, que não acompanhou o crescimento da Vila a partir da década de 80. O transporte de passageiros até Paraty é feito por vans locais cujos horários atendem melhor aos moradores do que aos turistas. Em meados de 2001 a COLITUR inaugurou uma linha de ônibus que atualmente conta com vários horários. Quando o ônibus circula é um perigo para outros veículos na estrada estreita. Alguns turistas em Paraty, em geral estrangeiros, procuram as agências que oferecem visitas diárias a Trindade.

Nos feriados do verão há superlotação de veículos, congestionamento do tráfego pela estrada de acesso e na Vila, crescimento urbano descontrolado, esgoto lançado nos rios e descaracterização da cultura caiçara são as maiores queixas apontadas tanto por moradores quanto por freqüentadores.

Em dezembro de 2001 chegaram linhas telefônicas e antena de celular.

A disposição do lixo melhorou bastante nos últimos dois anos, graças à coleta regular pela prefeitura 2 vezes por semana durante o ano, diariamente nos principais feriados e

à campanha Jogue Limpo Cairuçu em colaboração com a ONG Caxadaço Bocaina Mar, moradores e visitantes.

Fora da temporada, no entanto, o lugar ainda continua impressionante pela beleza e tranqüilidade.

Segundo os resultados dos questionários aplicados nas famílias residentes, podemos observar que 67% da população aluga casa para turistas. O quarto é a forma encontrada de maior significado com 33%, seguidas do camping com 25% e o aluguel de quarto e área de camping com 17% , seguidos de aluguel de barco, casa e área de camping e casa e barco com 8% cada uma das modalidades.

	<i>alugam para turista (%)</i>	<i>casa</i>	<i>quarto</i>	<i>camping</i>	<i>barco</i>	<i>casa área camping</i>	<i>quarto área camping</i>	<i>casa barco</i>	<i>área camping e barco</i>
Trindade	67	0	33	25	8	8	17	8	0

Atualmente, em 2004, notamos um aumento da oferta de leitos em pousadas, e até mesmo uma certa diferença no perfil dos freqüentadores, que vem melhorando o perfil sócio econômico.

PRAIA DO SONO

Segundo moradores, o pico do Cairuçu esconde o sol que só bate na praia depois das 8 da manhã. Por isso o nome da praia, que não conta com nenhuma infra estrutura urbana, nem luz elétrica. O acesso principal é feito em uma hora de caminhada pela trilha que se inicia na Vila do Oratório, em Laranjeiras, ou de barco a partir do Condomínio ou Trindade.

A Praia do Sono é uma comunidade caiçara, a primeira localidade da trilha Laranjeiras/Pouso da Cajaíba, normalmente percorrida em 3 dias. Dentro da Reserva da Juatinga é o único destino que têm roteiro programado pelas agências de turismo de Paraty.

Durante os feriados do final do ano de 1999, segundo a Associação dos Moradores, cerca de 800 visitantes hospedaram-se no local. No carnaval foram 800 barracas e cerca de 2400 pessoas, o maior número de visitantes (crescente) no local, que vem recebendo os mochileiros em busca do “paraíso” já perdido na Trindade. Já no reveillon de 2001/2002 foram contadas 1000 barracas.

,Existem vários terrenos cercados como campings junto à praia. Alguns moradores também alugam suas casas. Existem ali cerca de 10 bares que servem refeições caseiras. A mão-de-obra é exclusivamente local e familiar. Os moradores entraram em acordo com o Condomínio Laranjeiras, e utilizam a marina para seus deslocamentos cotidianos e para trazer de volta a bagagem dos turistas.

Os campings situam-se fora da areia da praia e os bares, na maioria, são construídos de pau a pique ou bambu e cobertos de sapê. Há bancos e mesas de madeira afixados na areia, sob as amendoeiras.

A principal marca visível resultante do turismo no local no verão é o lixo. O Projeto Jogue Limpo Cairuçu instalou 5 lixeiras para lixo seco ou inorgânico, promoveu oficinas de pintura para sinalização da comunidade, alertando para a conservação do ambiente e limpeza, e vários mutirões foram realizados com a participação dos monitores e moradores do local.

A separação de lixo para reciclagem já é uma realidade que conta com a colaboração da comunidade, pois não há outra opção em um local sem estrada. Entre janeiro de 2000 e julho de 2001 foram entregues cerca de 6 toneladas de sucata ao Centro de Triagem de Sucata em Paraty. A primeira viagem da sucata até a marina de Laranjeiras, após mutirão no verão de 2000 foi feita de canoa conduzida por duas caiçaras.

Atualmente, em 2004, consta que cada um cuida do seu próprio lixo, e que o transporte de lixo seco para as lixeiras em Laranjeiras continua ocorrendo.

Resultado das entrevistas junto aos turistas: muita gente que vinha para Trindade seguiu para a Praia do Sono como alternativa; a praia do Sono está cada vez mais cheia de barracas e turistas; reclamações sobre a taxa cobrada e dos preços cobrados; poucos prestaram atenção ao saneamento básico; *a maioria desconhece o que é a APA Cairuçu*, e vem do Rio e São Paulo.

Conforme os resultados dos questionários aplicados nas famílias residentes na REJ no verão 1999/2000, podemos observar que 15% da população aluga casa para turistas. O aluguel da casa representa 40% dos meios de hospedagem oferecidos, seguidos do camping com 27% e 13% a casa e área para camping.

%	alugam para turista	casa	quarto	camping	só barco	casa área camping	quarto área camping	casa barco	área camping e barco
Praia do Sono	28	40	7	27	0	13	0	7	7

PRAIA DOS ANTIGOS

Nesta praia linda e deserta, a meia hora de caminhada em direção à Ponta Negra, a Associação de Moradores do Sono e administração da Reserva Ecológica da Juatinga (REJ), já vem proibindo o camping no local devido ao acúmulo de lixo que não era retirado pelos campistas.

PONTA NEGRA

Comunidade caiçara distante uma hora e meia da Praia do Sono.

A Praia da Ponta Negra teve cerca de 120 pessoas hospedadas durante o reveillon de 2000. A atividades de camping não são incentivadas na Ponta Negra. Cerca de 15 casas são alugadas na comunidade. Algumas casas que são alugadas não possuem sequer banheiro.

Há ainda seis casas na localidade próxima denominada Calhetas, embargadas por crime ambiental e que seriam utilizadas também para aluguel. A mão-de-obra é local. Também há banheiros improvisados.

Existem apenas dois bares, que praticam preços semelhantes aos do Sono. Os bares são dispostos na forma de rancho, na praia, e parecem discretos na paisagem.

O transporte é feito por barcos desde Laranjeiras, conforme reservas feitas com o presidente da Associação de Moradores em função de acordo com o Condomínio Laranjeiras.

O presidente da Associação de Moradores indica a questão do lixo como o principal problema trazido pelo turismo¹³, mas sua grande preocupação é com a venda de posses para pessoas “de fora”, que já chegam a 12 em um local onde vivem 23 famílias.

A comunidade vem se mobilizando para a construção de banheiros nas residências, com material doado pelo condomínio Laranjeiras. As casas de moradores atualmente são equipadas com placas para captação de energia solar.

Segundo os resultados dos questionários aplicados nas famílias residentes na REJ, podemos observar que 35% da população local aluga casa para turistas. O aluguel da casa é o meio de hospedagem de maior significado com 75%, seguidas da casa com 13% que alugam casa e barco e 13% de camping.

SACO DAS ENCHOVAS e CAIRUÇU DAS PEDRAS .

Pequenas comunidades familiares de caiçaras, as mais isoladas de toda a Reserva, utilizadas como pontos de passagem ou apoio para quem faz a trilha Laranjeiras/Sono/Ponta Negra/Martim de Sá/Pouso e, eventualmente, camping.

MARTIM DE SÁ

Os visitantes chegam em sua maciça maioria a pé, após uma hora e meia de caminhada pela trilha que vem do Pouso da Cajaíba, ou de escuna vindos de Paraty.

Há apenas uma família morando na praia de Martim de Sá, e que “gerencia” o camping nas proximidades de sua casa e na própria praia. No período dos feriados do final de 1999, cerca de 300 pessoas ficaram acampadas nesta região, em 150 barracas. No carnaval de 2001 foram 300 barracas, fato que mostra o crescente interesse pelo lugar e urgente necessidade de controle. O morador local, sr. “Maneco”, comercializa refeições, mantém a trilha que liga Martim de Sá à Praia do Pouso da Cajaíba e construiu dois banheiros e chuveiros para os visitantes.

Problemas: a retirada do lixo e a total “liberdade”, que também traz alguns visitantes “indesejáveis”, isto é, que trazem drogas, bagunça, etc.

¹³ Apesar de solicitado pelo Presidente da Associação, o Projeto Jogue Limpo Cairuçu não foi implantado pela

POUSO DA CAJAÍBA

O Pouso da Cajaíba é a última praia de Paraty que fica no interior da baía da Ilha Grande, na enseada da Cajaíba. Possui cerca de 66 casas de moradores locais e 30 de segunda residência, e durante o reveillon de 2000 cerca de 20 destas casas foram alugadas. O único camping local recebeu 60 barracas e, segundo a Associação dos Moradores, o local recebeu 800 hóspedes.

O acesso é feito de barco a partir do cais de Paraty, em viagem que leva mais de 2 horas com boas condições de mar. Além da escola até a 4ª série primária e do posto médico fechado, não há nenhuma infra estrutura urbana no local. Vários moradores possuem gerador de energia movidos a óleo diesel, e o telefone celular “pega” com facilidade. Atualmente as casas de moradores estão equipadas com captadores de energia solar.

Havia na temporada 8 bares, a maioria construídos na praia, servindo bebidas e refeições, importante fonte de renda na temporada. Os bares servem, além de bebidas e petiscos, refeições para os turistas, tendo como ingredientes principais os produtos da pesca local.

Conforme os resultados dos questionários aplicados nas famílias residentes na REJ, podemos observar que 18% da população da Cajaíba, (Pouso da Cajaíba, Praia do Calhaus, Praia Ipanema, Praia da Itaóca, Ilha da Itaóca, Praia Grande da Cajaíba), aluga casa para turistas, principalmente no Pouso. A casa é a forma encontrada de maior significado com 54%, seguidas do aluguel da casa e do barco com 31%, e com 8% que alugam quarto e camping. A comunidade mais envolvida com o turismo na Cajaíba é o Pouso, onde cerca de 25% da população aluga casa para turistas..

	alugam p/ turista	% casa	% quarto	% campin g	% casa e barco
Cajaíba	18	54	8	8	31

Segundo o relatório do "**Voluntariado da Fundação SOS Mata Atlântica**" as principais atividades são a pesca e a pequena agricultura de subsistência, embora nos últimos anos a atividade turística tenha trazido substancial melhora nos rendimentos de diversas famílias principalmente para aquelas que exploram o pequeno comércio de alimentos ou oferecem suas residências para aluguel.

O turismo no Pouso da Cajaíba é extremamente sazonal, concentrando-se basicamente em dois grandes feriados, o ano novo e o carnaval. Fora dessa época, o maior fluxo ocorre nos demais feriados e durante as férias de verão. Durante muitos anos o Pouso foi conhecido por ser um local muito tranquilo e totalmente afastado da vida moderna, o que atraía um turista com perfil muito definido. Nos últimos anos, devido à popularização de seu nome, principalmente pela propaganda boca-a-boca, esse perfil foi diversificado e novas pessoas começaram a freqüentar o local, tanto que a maioria dos turistas entrevistados no carnaval estava lá pela primeira vez.

Até 1999 não havia nenhuma estrutura para acomodação das barracas dos turistas, e grande parte deles ficava acampada na praia e nas áreas comuns da comunidade. Esta prática trazia uma série de incômodos para os moradores locais, além do fato de não haver a menor estrutura sanitária, o que levava ao acúmulo de lixo e outros resíduos. No final do ano passado um camping foi construído, no local do antigo lixão, o que trouxe grandes benefícios: a eliminação do lixão que se localizava praticamente no centro da área; a construção de instalações sanitárias para dar conta da demanda trazida com os turistas e a ordenação da atividade de campismo, eliminando os inconvenientes do "camping selvagem", trazendo mais uma fonte de renda para a comunidade.

O Projeto Jogue Limpo Cairuçu também foi implantado nesta praia, com maior adesão no verão de 2003. Os veranistas, entretanto, ainda tem dificuldade para separar a sucata do lixo orgânico.

Uma boa parte dos turistas que aportam no Pouso da Cajaíba ficam em casas de pessoas da comunidade, que as alugam para temporadas curtas, principalmente nos feriados. Como não há pousadas no local, a demanda pelo aluguel de casas é bastante grande nas épocas de pico, o que representa talvez a mais importante fonte de renda com o turismo para as pessoas da comunidade, embora algumas casas alugadas sejam de pessoas que não moram lá.

O perfil do turista que freqüenta o Pouso da Cajaíba pode ser definido entre dois tipos: o que procura o local pela tranqüilidade e pelos aspectos bucólicos da comunidade, e aqueles que vem praticar esportes de aventura, como a caminhada, o surf e o mergulho.

É importante salientar que nas entrevistas com os turistas *a totalidade destes desconheciam a existência da APA*, e nem mesmo sabiam o que significa APA, fato este que já se diferencia da comunidade local que sabe da existência da APA, embora não tenha noção exata do que significa.

IPANEMA, CALHAUS E PRAIA GRANDE

Comunidades caiçaras, na enseada da Cajaíba, próximas ao Pouso. Um morador aluga sua casa na praia de Ipanema, e serve refeições; aos poucos, os moradores de Calhaus aderem a esta prática e já há alguns reformando suas casas ou construindo para aluguel.

Na Praia Grande, cuja faixa ao longo da praia é dominada por uma família de herdeiros que pressionam os caiçaras a vender suas posses, ao longo do ano são encontradas diversas pessoas praticando camping selvagem, um bar funciona durante a alta temporada em um rancho de pesca.

Eventualmente alguns moradores guiam visitantes para um conjunto de cachoeiras próximo da praia, que atrai lanchas de veranistas e barcos de turismo de Laranjeiras e Paraty.

Em 2003 foi estimulada a separação do lixo inorgânico no local, com a adesão de alguns moradores, principalmente dos que recebem visitantes.

SACO DO MAMANGUÁ

O Saco do Mamanguá não apresenta estrutura para camping, mas algumas pessoas alugam suas casas. Existem no entanto algumas dezenas de casas, algumas verdadeiras mansões, as de turistas construídas ilegalmente no interior da REJ.

Seus proprietários são, na maioria, veranistas abastados, moradores em São Paulo. O único meio de hospedagem, caracterizado como pousada, encontra-se na Praia Grande.

A pousada pode abrigar 20 pessoas, com diária completa de R\$ 50, por pessoa, incluindo transporte de barco a partir de Paraty-Mirim, passeios de barco e para o Pico do Mamanguá e cachoeira; conta com churrasqueiras, quadra de vôlei de areia, restaurante e área de descanso. Os passeios são guiados pelos funcionários locais.

Ainda existem ali casas para alugar, aluguel de barco para passeio, a trilha para o Pico do Mamanguá e para a cachoeira do lado direito do Saco com guia local.

Conforme os resultados dos questionários aplicados nas famílias residentes na REJ, podemos observar que somente 2% da população aluga casa para turistas.

PARATY MIRIM

Paraty Mirim foi o primeiro porto de Paraty, contando com estrada de terra a partir da Rio/ Santos, distante 16 quilômetros da cidade e servida por ônibus municipal, mas sem luz elétrica até hoje. Ali se encontra, junto à praia, a igreja mais antiga do município e a sede da antiga fazenda Paraty Mirim, esta em péssimo estado de conservação.

Existem alguns pilares de pedra ao redor dos quais foram construídas residências, e o governo do Rio de Janeiro está despejando os ocupantes desta área das ruínas, para o seu restauro e futura implantação de um Centro de Visitantes e base de apoio à administração da Reserva da Juatinga.

A área é ocupada por residências de veranistas, alguns caiçaras e moradores “de fora”. A orla conta com duas praias separadas entre si pela foz do rio Paraty Mirim, cuja travessia é feita em pequenos barcos de alumínio. Em ambas as praias existem vários bares na faixa de areia. O local é utilizado como porto de embarque para o Saco do Mamanguá.

O camping selvagem era praticado entre a foz do rio e as ruínas, sem nenhum controle, mas a área é freqüentada principalmente por grupos familiares, que também acampam nos terrenos de residências de moradores e no único camping controlado pelo atual presidente da Associação de Moradores.

Paraty Mirim foi decretada “Área Estadual de Lazer” na década de 70, pois suas terras pertencem ao Estado, mas estão ocupadas por moradores e veranistas, além da aldeia Guarani de Paraty Mirim, já oficializada pela FUNAI.

De todas as comunidades apoiadas pelo projeto Jogue Limpo Cairuçu, é o local onde a comunidade menos respondeu.

SACO DA VELHA

Pequena praia abrigada de sudoeste, possui um restaurante caiçara e chalés para alugar, com acesso exclusivo de barco, é ponto de parada de baleeiras, lanchas, saveiros e veleiros.

ILHA DO CATIMBAU

Ilhota muito procurada para “batismo” de mergulho autônomo ou de apnéia (snorkel), possui um pequeno porém exclusivo restaurante. Ponto de parada de lanchas, baleeiras e veleiros. Além de pertencer à APA de Cairuçu, faz parte da Estação Ecológica dos Tamoios.

ILHA COMPRIDA

Principal destino das operadoras de mergulho autônomo, chega a ter várias embarcações de grande porte operando ao mesmo tempo, já com excesso de visitação.

PRAIA VERMELHA

Principal destino turístico dos barcos que partem do cais de Paraty, conta com uma pousada familiar, uma empresarial e vários bares na beira da praia. Ponto de parada de todos os saveiros de turismo de Paraty. Fica a cerca de uma hora de viagem de baleeira.

ILHA DO ARAUJO

Com acesso pelo cais de Paraty ou pela Praia Grande, bem próxima, na Ilha do Araújo vivem cerca de 90 famílias. Um dos problemas detectados pela própria comunidade e por alguns proprietários de casas de veraneio é a falta de fossas para recolhimento do esgoto.

Algumas casas não possuem fossa e alguns bares não possuem banheiro, mas é a única comunidade que construiu um banheiro público para receber seus visitantes, principalmente na festa de São Pedro.

As praias mais interessantes se encontram na parte da ilha voltada para “fora”, segundo a opinião das próprias pessoas da comunidade. Não há acesso a essas praias por terra pelo fato de lá se localizarem os condomínios fechados, a não ser que se vá de barco e quando os proprietários das casas de veraneio não se encontrarem no local. Não há grande fluxo de turismo na Ilha, exceto durante o festival do camarão e na Festa de São Pedro, que ocorre no dia deste santo, após a procissão dos anzóis, quando os barcos saem enfeitados de Paraty acompanhando a estátua do Santo.

A maior parte dos turistas freqüenta a Ilha há muito tempo, possuem parentes morando ali, acampam no terreno dos tios, avós e assim por diante, sendo a maioria proveniente do Rio de Janeiro. As maior parte das pessoas que possuem residências de veraneio vem de São Paulo.

Após a implantação do projeto Jogue Limpo Cairuçu, a comunidade, que já dava atenção para a retirada de lixo da ilha, vem separando quase todo o seu lixo, enviando toda a sucata para o Centro de Triagem Calixto em Paraty.

ILHA DO VENTURA

Possui uma bela praia deserta.

ILHA DO CEDRO

O acesso mais próximo é feito pela praia de São Gonçalo. A ilha conta com uma praia onde já se instalaram bares e várias pequenas casas de veraneio, mostrando uma ocupação completamente desordenada. No carnaval de 2001 a praia estava bastante ocupada por barracas e era possível notar montes de latinhas de alumínio, que teriam destino certo, e lixo espalhado na areia.

ILHA DO BREU

A ilha, que é bem pequena, foi totalmente tomada por um restaurante/bar/pousada que pode ser denominado como empreendimento turístico e noturno de lazer.

ILHA DO PELADO

Visitantes da praia de São Gonçalo fazem de barco rápida travessia para esta bela ilha que conta com 3 praias, cada uma com seu bar.

ILHA DA SAPECA

Pequena e belíssima ilha próxima a Paraty que possui uma praia minúscula e um pequeno bar.

ILHA DUAS IRMÃS DO SUL

Pequeníssima ilha totalmente alterada com a instalação de um restaurante de categoria empresarial, praia artificial e galpão para festas. Um barco do restaurante faz o traslado para o cais de Paraty, bastante próximo.

ILHA RASA

Ocupada por um restaurante, praia artificial e um chalé para alugar.

Perfil do Turista na APA

A faixa etária predominante dos turistas que freqüentam as praias da APA fica entre 20 a 30 anos, seguida da faixa entre 30 e 40. A origem predominante é da capital paulista e do interior do estado de São Paulo.

	SEXO %		IDADE %					ORIGEM %				
	F	M	Até 15 anos	15 a 20	20 a 30	30 a 40	40 a 50	SP	Interior SP	RJ	Outros estados	Exterior
Praia do Sono ¹⁴	51,8	48,1	0	11,2	88,8	0	0	44,4	22,2	29,7	3,7	0
Paraty Mirim ¹⁵	42,3	57,7	0	3,8	38,5	26,9	26,9	73,1	3,8	23,1	0	0
Cais de Paraty ¹⁶	51,9	48,1	0	0	59,2	22,2	11,1	51,8	14,8	25,9	0	7,4
Trindade ¹⁷ (1)	58	42	x	x	x	x	x	68	32	x	x	x
Trindade ¹⁸ Caxadaço	46	54	X	19	67	10	4					

¹⁴ Idem. Pesquisas aplicadas: 26. 1999.

¹⁵ Idem. Pesquisas aplicadas: 26. 1999

¹⁶ Idem. Pesquisas aplicadas: 27. 1999

¹⁷ Pesquisa de Perfil do Turista. Maio de 1997.

(1) Com relação faixa etária foram adotado critérios diferentes, 13% menor de 18 anos; 58% entre 19 e 25; 16% entre 26 e 35 ; e 13% mais de 35 anos.

A renda predominante destes turistas fica entre 7 a 10 salários mínimos, seguidos da faixa de mais de 20 salários.

Renda Mensal						
	+ de 20	11 a 20	7 a 10	4 a 6	1 a 3	Estudante
Praia do Sono	0	0	22,2	33,3	11,1	33,3
Paraty Mirim	30,8	11,6	30,8	7,7	7,7	11,,6
Cais de Paraty	18,5	5,9	29,6	7,4	0	14,8
Trindade ¹⁹	x	x	32	25	11	

O grau de instrução dos turistas é predominantemente o superior completo seguidos do superior incompleto; isto está relacionado à faixa etária predominante que é de 20 a 40 anos, e à faixa de renda que se encontra entre 7 a 10 salários.

	GRAU DE INSTRUÇÃO						
	1ºgrau incompleto	1ºgrau completo	2ºgrau incompleto	2ºgrau completo	Superior incompleto	Superior completo	Acima de superior
Praia do Sono	0	0	11,1	22,2	37	25,3	3,7
Paraty Mirim	3,8	11,6	0	3,8	26,9	42,3	11,6
Cais de Paraty	3,7	0	3,7	11,1	29,6	44,4	7,4
Trindade ²⁰	X	3	x	48,5	48,5	x	

¹⁸ Perfil dos visitantes CAXADAÇO. março de 2000. Elaborado pelas estudantes de turismo da Faculdade Anhembí Morumbi, Alessandra Silva Carvalho e Ana Paula Marcelino, a pedido da ONG Caxadaço Bocaina Mar.

¹⁹ Pesquisa de Perfil do Turista. Maio de 1997

²⁰ Idem

Caxadaço ²¹	x	9	X	37	x	54	
Caxadaço							

Praticamente 100% dos turistas ficam na região de 2 a 5 dias.

	TEMPO DE PERMANÊNCIA		
	2 a 5 dias	1 dia	Mais de 5 dias
Praia do Sono	100	0	0
Paraty Mirim	69,2	0	30,8
Cais de Paraty	74,6	3,7	22,2

Quando se refere a Paraty o tipo de hospedagem é diferente em função da oferta que o núcleo histórico oferece, onde prevalece a pousada /hotel, seguida de casa de amigos. Quando dentro da Reserva ou em praias fora de Paraty, o que prevalece é o camping ou barraca em terreno do caiçara.

Local de aplicação do questionário	HOSPEDAGEM (%)							
	Hotel /Pousada Paraty	Camping em Paraty	Camping fora da cidade	Barraca terreno caiçaras	Barraca na Praia	Casa de Amigos	Casa Própria	Casa Alugada
Paraty Mirim	30,8	0	0	7,7	11,6	26,9	19,6	3,8
Cais de Paraty	66,7	0	0	14,8	0	14,8	0	3,7

HOSPEDAGEM NA APA	Hotel pousada	Camping/ Barraca em terreno Caiçara	Casa Amigos	Barraca Praia	Casa Alugada	Casa Própria
Praia do Sono	Não tem	92,6	3,7	3,7	0	0
Trindade ²² Caxadaço	13	75	x	x	x	x

²¹ Perfil dos visitantes da praia do CAXADAÇO.

²² Perfil dos visitantes CAXADAÇO

O meio de transporte predominante é o carro, seguido de ônibus de linha. Quando do meio de transporte para os bairros na região da Reserva, onde não há estradas, o barco prevalece.

	TRANSPORTE (%)				Meio de Locomoção quando na REJ (%)	
	Carro particular	Ônibus de linha	Ônibus Fretado	Outros	Barco	A pé
Praia do Sono	63	22,2	14,8	0	92,6	7,4
Paraty Mirim	96,1	3,8	0	0	92,3	7,7
Cais de Paraty	74,1	25,9	0	0	85,7	14,3
Trindade ²³ caxadaço	61	31	x	8		

Outros Locais de Interesse Turístico

Além dos locais de maior visitação, citados no início deste capítulo, seguem sugestões de novos roteiros para os visitantes de Paraty.

Segundo o Arquiteto Júlio César Neto Dantas, IPHAN, os bens culturais que seriam de interesse de exploração turística, desde que previamente levantados e catalogados e dentro de um plano de conservação, seriam:

- Sedes de fazendas de engenho de cana e café
- Antigas Capelas Rurais, em especial a de Santa Cruz.
- Paraty Mirim, em especial a Igreja de Nossa Senhora da Conceição e ruínas da fazenda.
- Os modos de saber e viver (bens imateriais), como rezas, benzimentos, ladainhas, danças típicas, comidas e artesanato. Em especial as festas de Santa Cruz em 3 de maio e a de Nossa Senhora da Conceição em 8 de dezembro.
- O artesanato do Campinho (D. Madalena e Sr. Valentin)
- Ruínas: Cadeia Velha (antiga cadeia de escravos), próxima à Ponta da Cajaíba

²³ Idem.

- Ruínas: Fazenda Martim de Sá, Fazenda Santa Maria – Mamanguá,
- Entorno de Paraty Mirim

Segundo o Administrador da **Reserva Ecológica da Juatinga**, João Fernandes os bens naturais que seriam de interesse de exploração turística, desde que previamente levantados, e dentro de um plano de conservação, seriam:

- Saco do Mamanguá: artesanato de caixeta e o maior manguezal da região, praias, trilhas, pesca artesanal;
- Praia Grande da Cajaiba: praias, cachoeiras e trilhas;
- Pouso da Cajaiba: praias, trilhas e pesca artesanal;
- Ponta da Joatinga: Paisagens naturais, trilhas e pesca artesanal;
- Praia Martim de Sá: Paisagens naturais (praia deserta), trilhas; cachoeira;
- Ponta Negra: comunidade caiçara, cachoeira e trilha;
- Galhetas: Praia de pedras e cachoeira que desemboca no mar, trilha;
- Praia dos Antigos: praia e cachoeira;
- Praia do Sono: praia, comunidade caiçara, artesanato, trilha, cachoeira;

TRILHAS de MONTANHAS – picadas já abertas e em razoável condição percurso para trilheiros experientes, mas que devem ser feitas com guias locais.

- Pico do Cairuçu (Martim de Sá, Ponta Negra e Sono);
- Pedra da Jamanta;
- Paraty Mirim / Laranjeiras;
- Mamanguá / Laranjeiras;
- Pouso / Farol da Juatinga;
- Pouso / Martim de Sá
- Martim de Sá / Praia da Sumaca

Ciro Duarte, da EMATER

- Corisco: Alambique (Maré Alta e Corisco) e casa de farinha
- Rio dos Meros: Alambiques (Antigona e Fim de Século) e casas de farinha
- Cabral: Alambique (Coqueiro) e casas de farinha
- Itatinga: Alambiques (do Gabriel e Vamos Nessa) e casas de farinha
- Campinho: Casa de farinha

- Paraty Mirim: pesca artesanal
- Arapongas: Reserva Indígena
- Campinho, Paraty Mirim e Pedras Azuis: artesanato.
- Patrimônio: projeto de manejo de palmito e minhocário

O COMAMP tem promovido o agro eco turismo, incentivando a visitação de áreas onde vem sendo implantados projetos demonstrativos de agrofloresta.

Outro roteiro importante é a Trilha do Ouro que se inicia na portaria do Parque Nacional da Serra da Bocaina em São José do Barreiro, percorrida geralmente em 3 dias por trilheiros, que atravessa a Serra da Bocaina e termina no sertão de Mambucaba.

O Hotel do Frade, já em Angra dos Reis, opera um percurso de rafting no rio Mambucaba, na mesma região.

Conclusão

A qualidade do turista depende bastante da qualidade do receptivo. As praias de Trindade, Sono, Pouso e Martim de Sá, possuem atributos ambientais, paisagísticos e culturais com potencial para receber um turista de altíssima qualidade, principalmente o ecoturista, o turista de aventura, o turista temático.

O que vem acontecendo, no entanto, é a invasão de verdadeiras hordas de mochileiros que deixam, individualmente, pouco dinheiro e muito lixo nas comunidades, além de praticar e disseminar costumes que colidem com os códigos sociais destas comunidades, até que as mesmas sejam influenciadas a ponto de desorientar completamente o comportamento e objetivos de vida dos adolescentes.

A infra estrutura urbana, quando existe alguma, entra em colapso, e a economia também, pois as multidões só aparecem nos principais feriados, mas o dinheiro teoricamente fácil que se ganha neste período desestimula totalmente a cultura local, principalmente em relação aos mais jovens.

Um dos principais problemas é a droga, cujo uso se dissemina, com a instalação de traficantes nos períodos de pico nestas comunidades, onde a polícia raramente aparece.

No verão de 2002, enquanto nos preocupávamos em reativar o estímulo à coleta seletiva de lixo, as lideranças locais nos pediam para interceder junto às autoridades para trazer a polícia, ou até mesmo conseguir recursos para o pagamento de segurança privada.

Podemos dizer tranquilamente que a prática do camping quase selvagem é o principal fator de atração desta moçada. A capacitação e apoio aos operadores desta modalidade é fundamental e urgente.

A Trindade é um caso interessante: logo depois da luta contra a Companhia, que acabou por divulgar a área e atrair multidões que acampavam livremente pelas praias, a comunidade resolveu cercar seus quintais e cobrar pela infra estrutura mínima que não passava de um banheiro.

A proibição de camping na praia passou a vigorar por iniciativa da comunidade, e com o dinheiro ganho dos campistas muitos reconstruíram suas casas (destruídas durante a briga) e construíram pousadas, cujos quintais muitas vezes continuam recebendo barracas. Conforme os atuais “hoteleiros” perceberem que podem ganhar o suficiente somente com a pousada, sem os inconvenientes do “camping” lotado, o perfil do visitante vai acabar mudando para melhor, pois não há terrenos infinitamente disponíveis para camping e o metro quadrado vale uma fortuna em Trindade atualmente.

Os campistas de menor poder aquisitivo estão procurando a praia do Sono, onde a comunidade já iniciou a organização dos seus quintais, vem construindo instalações sanitárias, mas ainda é tímida para cobrar por pessoa e por noite.

Na Ponta Negra e no Pouso, onde predomina o aluguel de casas, a tranquilidade é bem maior, e seus moradores podem lucrar mais, em todos os sentidos. O problema passa a ser o adensamento da ocupação com a proliferação de casas para aluguel.

A evolução desta situação para melhor depende muito da implantação do Parque Nacional e da APA em Trindade, da implementação da REJ pelo governo estadual e da atuação da própria Prefeitura, que praticamente se omite nestes casos, até por falta de condições operacionais.

A necessidade premente de capacitação das comunidades, organização e controle desta visitação na região compreendida entre Trindade e Cajuíba, bem como a repressão à expansão da construção de casas de veraneio na região de entorno do Pico do Cairuçu são fundamentais para os objetivos de desenvolvimento sustentável da APA de Cairuçu e Reserva da Juatinga.

Atualmente, podemos nos arriscar a dizer que as comunidades vêm aos poucos se conscientizando melhor da necessidade de disciplinar e orientar o turista. Vem perdendo a timidez no trato com o visitante, que havia no Sono e Ponta Negra quando começamos o Plano de Manejo, em 1999. Na Trindade seus moradores vêm melhorando os serviços, talvez percebendo que é melhor receber menos turistas, de melhor qualidade.

Neste sentido cabe salientar a importância dos cursos de monitores ambientais ministrados pela equipe da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica em parceria com a Associação Cairuçu, que já formou 2 turmas de jovens da região - Sono, Ponta Negra, Trindade, Patrimônio e Campinho. Também participam jovens do Camburi e de Picinguaba, que vivem no interior do Parque Estadual da Serra do Mar, em Ubatuba.

As ONGs ECOFORT e Caxadaço Bocaina Mar também vem atuando em Trindade na informação e conscientização dos turistas. Neste local vem se estruturando a Associação de Surfistas e a de Barqueiros, composta por jovens interessados na sustentabilidade da Trindade, ao contrário de muitos membros mais velhos da comunidade, nativos ou de fora, que só pensam em ganhar dinheiro e não se preocupam com seus resíduos sólidos, com o lixo nem com a qualidade ambiental do lugar.

IV . A cultura caiçara na região da APA de Cairuçu²⁴

Antecedentes Históricos

Durante o ciclo do ouro no século XVIII o porto de Paraty foi o segundo mais importante do Brasil. Nesta época os navios Portugueses saíam carregados com pedras preciosas e ouro das Minas Gerais, indo para o Rio de Janeiro e de lá para Portugal, trazendo da Europa iguarias, móveis, tecidos e escravos que abasteciam o Vale do Paraíba e Minas Gerais subindo a trilha do ouro.

Este era o antigo caminho usado pelos índios guaianás, nossos primeiros habitantes, que passavam o inverno em Paraty, por ser mais quente e por ser também época da desova dos paratis e das tainhas , peixes de água salgada cuja desova ocorre em água doce. Estas espécies eram de grande preferência destes índios, que aqui os secavam e salgavam, levando – os para o Vale do Paraíba, onde passavam o verão.

Durante o ciclo da cana que seguiu ao do ouro, a importância de Paraty continuou de tal forma que o município chegou a contribuir com açúcar, dinheiro e homens para libertar o Rio de Janeiro da invasão dos franceses.

Já no século XIX, durante o ciclo do café, nosso porto e nossos caminhos adquirem novamente importante papel no cenário nacional, ostentando muitas festas, incentivando a cultura e perpetuando hábitos e costumes com muita influência dos portugueses senhores e dos negros escravos africanos.

É nesta época porém que ocorre a libertação dos escravos e a construção da estrada de ferro ligando o Rio de Janeiro a São Paulo. Esta ferrovia veio garantir um transporte mais seguro e muito mais barato entre aquelas capitais, pois a travessia da Serra do Mar pelo antigo caminho dos guaianás, depois caminho do ouro, era infernal, muito íngreme e perigosa, as tropas sempre sofriam baixas de animais, negros e brancos devido aos ataques de feras e ladrões, viagem muito dura, longa e que dava grandes prejuízos.

²⁴ Texto baseado em relatório elaborado por Amaury Barbosa, sociólogo, mestre em Ciências Ambientais, diretor da Secretaria Educação de Paraty.

Paraty, que então vivia em função do comércio e de seu porto, perde a sua opulência. Os comerciantes se mudam definitivamente para a corte, os fazendeiros abandonam suas terras, pois sem escravos não havia como tocá – las. Todos os que tinham alguma condição se mudaram. A cidade ficou vazia, abandonada, com seus sobrados e as lembranças dos dias de glória .

Retratos e relatos do passado recente

As dificuldades de acesso

Até a década de 70, Paraty se comunicava com São Paulo via Cunha, por uma estrada de terra, muito precária, que depois seguia até Guaratinguetá no Vale do Paraíba, servida por uma linha de ônibus, com saída de Paraty às 7 horas, regressando às 18 horas . Durante o período das chuvas eram comuns os trechos com atoleiros, que aumentavam a duração da viagem em muitas horas; alguns trechos eram tão estreitos, que quando por infelicidade dois veículos se encontravam, um tinha que dar marcha- a - ré, até um local onde o outro pudesse ultrapassar.

Outra alternativa era a lancha da Carreira, até Angra dos Reis, viagem cansativa e desconfortável. Só nos meados da década de 70 é que foi inaugurada a BR 101 , também conhecida por Rio Santos, ligando o Rio de Janeiro a São Paulo pelo litoral. Então ficou possível tomar um ônibus até a divisa de Ubatuba, outro da divisa até a cidade de Ubatuba e um terceiro até a cidade de São Paulo. Para o Rio de Janeiro passou a haver ônibus via Angra dos Reis. Mais tarde a Viação São José cria uma linha para Guaratinguetá, pela serra de Taubaté.

Quanto às comunidades da APA de Caiuruçu, mesmo o acesso à cidade de Paraty era, e continua sendo bastante precário, predominando o transporte marítimo com pequenas traineiras de pesca ou baleeiras. Anteriormente à construção da RIO – SANTOS os moradores de Trindade viajavam 7 horas a pé para chegar na cidade. Para o Sono ia – se de barco até o fundo do Saco do Mamanguá e depois uma hora e meia de trilha. Da Ponta Negra eram quase 7 horas de barco até o cais de Paraty. Para a Cajaíba, de 2 a 3 horas, ainda hoje, exceto em barcos com motor de popa que ainda são de pouco uso pelos moradores.

Todo este isolamento fez da cultura caiçara um mundo próprio, com heranças do índio, do negro e do europeu, em profunda relação de interdependência com o mar, o mangue e a mata atlântica. Durante vários séculos viveram com pouquíssimos recursos externos: o sal, a pólvora, o tecido, o querosene, o facão e o machado.

No início do século XX os caiçaras começam a utilizar o cerco de pesca, introduzido pelos japoneses. Durante a década de trinta os pescadores começam a ser recrutados pelas traineiras para a pesca embarcada, e ficavam (como muitos ainda ficam) cerca de 20 dias no mar até o “claro”, que é a época da lua cheia. As mulheres cuidavam da roça e da família, e conforme relatos de Barbosa, que realizou entrevistas em várias comunidades da APA, era assim a vida caiçara:

Paraty, com seus 930 km², ficou isolada do mundo e graças ao abandono que se seguiu à abolição da escravatura, e por isso conservou até hoje muitas de suas raízes e tradições. Suas comunidades desde as mais próximas do centro, até as mais distantes, como Ponta da Juatinga, Cajaíba, Ponta Negra, Sono, Trindade, etc., mantinham suas festas e suas relações sociais, se visitavam, tinham uma relação muito estreita devido ao próprio parentesco, já que estavam isoladas do resto do país e precisavam sobreviver.

As famílias nestas localidades distantes passavam muitas privações, era muita pobreza, havia dificuldades em todos os sentidos, o transporte para a cidade era pouquíssimo antigamente, só as canoas a remo.

O atendimento de saúde funcionava com os curandeiros, benzedores e as parteiras, pessoas que conheciam o poder das plantas e das ervas.

As festas

Pelos relatos de historiadores e depoimentos de habitantes mais antigos, sabemos que apesar de toda a pobreza e dificuldade que passavam, as pessoas eram alegres, festeiras, se visitavam, uns ajudavam os outros, as festas religiosas e algumas outras eram muito comemoradas, como: Nossa Senhora Aparecida, São João, Natal, Passagem de Ano, Dia de Reis, Dia das Mães, Festa do padroeiro da comunidade e a Festa do Divino Espírito Santo, que antigamente envolvia todas as comunidades.

Os moradores corriam as bandeiras angariando dinheiro para a festa. Durante a novena do Divino, as bandeiras e as Folias, visitavam as casas arrecadando contribuições e se organizando para no sábado virem para cidade, celebrar junto com todos, era o encontro das bandeiras.

Também sempre aos sábados e domingos, nas comunidades, se realizavam bailes e os barcos chegavam cheios de visitantes, a festa rolava a noite toda até o dia amanhecer. O Sono era um lugar dos mais animados onde aconteciam as melhores festas da região; havia localidades onde, na ocasião de festas, como as do final de ano, os bailes aconteciam durante 4 noites seguidas, iniciando às 19 horas indo até 8 horas da manhã.

A família que dava o baile preparava tudo com a ajuda dos vizinhos e amigos, com comida para todos os convidados. A influência de pessoas estranhas era quase inexistente.

As festas ocorriam em estreita ligação com o calendário cristão, festas de início de ano, incluído o Dia de Reis, com folia, muita ciranda e comilança; carnaval, onde se brincava muito, algumas comunidades se divertiam jogando vasilhas cheias de água, uns nos outros, a noite aconteciam bailes. Depois as comunidades se enchiam de respeito para celebrar a Semana Santa. A próxima festa que envolvia a cidade e todas as comunidades era a do Divino Espírito Santo. Em seguida vinham as Festas Juninas, sendo a de São João a mais comemorada, mas algumas comunidades comemoravam Santo Antônio e São Pedro.

A festa de Santa Cruz também era comemorada em várias comunidades; tem-se conhecimento de que na localidade do Mamanguá, esta festa que acontecia no dia 03 de maio em certa época mudou-se para setembro, por ser época em que os pescadores estavam em terra, e o dia era escolhido conforme a lua, para que se tivesse uma noite mais clara, depois a festa deixou de acontecer, agora está sendo construída uma igreja e assim que a mesma estiver pronta os moradores pretendem reorganizar a festa.

Outra manifestação popular no Mamanguá era a Malhação de Judas, que acontecia no final da Semana Santa, mais precisamente na noite do Sábado de Aleluia, quando um boneco de pano, representando a figura de Judas era malhado até o fim, como era comum em muitas comunidades de Paraty, brincadeira hoje já quase esquecida. No Mamanguá além de se colocar os bilhetinhos pregados no boneco, um cantador saía dizendo os versinhos pela comunidade afora antes de pregá-los na figura do Judas, exemplo abaixo vem enriquecer o costume da época.

São sebastião era padroeiro de várias comunidades, como na Cajaíba que fazia uma grande festa em seu louvor, onde acontecia a visita de um pároco, com missa solene, batizado, crisma, primeira comunhão, almoço, prendas e bailes animados, ia gente de várias outras localidades, inclusive da cidade, que se acomodava nas casas de parentes e amigos.

Toda comunidade tinha o seu santo padroeiro, por isso as festas aconteciam durante todo o ano.

Tecnologias Patrimoniais

Devido à dificuldade de locomoção e à falta de dinheiro, quase tudo era construído, produzido, plantado ou coletado no mar e na mata ao redor das comunidades. A indústria mais tradicional era (e ainda é) o fabrico da farinha de mandioca; para prepará-la era preciso entalhar prensas, gamelas, pás, o pilão de madeira, a mão de pilão; trançar os balaios com taquaras, os tipitis, a peneira, construir com barro os fornos e moldar as panelas. Para a pesca esculpir as canoas, os remos, confeccionar os covos e tecer com fibras redes de várias espécies, como o arrastão (camarão), a malha (peixe), o puçá ou jereré (siri).

Para a casa de morar, um tipo de madeira para cada peça: esteios e vigas de cerne, caibros e o pau a pique de madeira mais leve, o ripado de jissara, telhas de tabuinha de louro ou de sapê, as paredes de taipa de mão ou de sopapo, esteiras de taboa para dormir. Hoje nas novas construções predomina o tijolo e o eternit, conforme melhora a situação utilizam-se telhas francesas e até esquadrias e portas de madeira grossa, tipo colonial.

Hábitos Alimentares

Os hábitos alimentares também mudaram bastante. Antigamente era raro vir à cidade, agora a toda hora pode se estar nela, há mais barcos e transportes. A base da alimentação era o peixe, a farinha, o porco e a galinha criados no terreiro e também havia caça em abundância. Porém a base da alimentação era o peixe com pirão e banana.

Plantava-se para comer, no sistema indígena da “coivara”: derrubada de mata “virgem”, queima da madeira que não se utilizava para construção e utensílios e plantio de mandioca, milho, feijão, a banana para vender. A paçoca de banana era muito consumida como também o café de caldo de cana, com beijú e fruta pão.

Arroz era coisa rara, fruta só da época, dos próprios quintais. Fazia-se também pamonha e beijú, muitos faziam farinha de coco; era comum o angu de milho, o cuscuz, o pichê de milho, e o famoso azul marinho (peixe ensopado com banana verde).

Todos afirmam que apesar das dificuldades e da falta de opção, era uma alimentação mais saudável, pois hoje predomina a bolacha, o açúcar e o macarrão.

Os mais antigos são saudosos ao lembrar de sua juventude, de suas brincadeiras, dos passa tempo, da ajuda aos pais, que em geral eram bastante severos. Os mais jovens, quase não sabem do passado da comunidade, já cresceram sob estes novos costumes, poucos sabem tecer uma rede de pesca, fazer um tipiti, um instrumento musical, cantar uma ciranda, preparar um pichê de milho, um cuscuz.

São raros os jovens que conhecem a arte de preparar uma canoa ou um remo, eles sonham em vir para cidade, dizem que querem estudar. Mas muitos querem estudar e voltar...

A Transformação

Igreja Evangélica

Com a proliferação de Igrejas Evangélicas e as disputas de terras algumas mudanças começaram a ocorrer e se intensificaram entre as décadas 50 e 70, trazendo para as comunidades novos hábitos e muitas imposições.

A construção de templos da Assembléia de Deus, Congregação Cristã, Igreja Evangélica Brasil para Cristo, Adventista do 7º Dia, e outras que preencheram uma lacuna espiritual que a Igreja Católica provavelmente não atendeu, começaram a mudar os costumes religiosos e comportamentais da região. Era comum aparecerem duas ou mais Igrejas na mesma comunidade que disputavam os fiéis.

Estas religiões se organizaram muito rapidamente e cativaram os moradores, principalmente as mulheres, pois proibem a bebida alcoólica da qual tanto abusavam (abusavam?) os maridos, prestando-lhes apoio espiritual e material. Envolveram adultos e crianças e aos pouquinhos as festas foram se acabando, pois tinham estreita ligação com a tradição católica, ocorrendo portanto uma mudança social e religiosa.

Transformações de comportamento nas vestimentas, nos gestos, no vocabulário, os cabelos sem corte, as visitas então para orações e principalmente no temor pelo profano.

A ação rápida dos templos desestimulou as várias manifestações culturais e espontâneas, que coexistiam com as festas religiosas.

Disputas de terras

Por outro lado a chegada de empresários que geraram conflitos de terras também contribuiu para que se desmantelasse a antiga união e comportamentos sociais que só têm razão de ser quando a tranquilidade e uma vida pacata imperam. Isto aconteceu entre as décadas de 50 e 70, quando por aqui apareceram os grileiros, principalmente nas Praias do Sono, Trindade e São Gonçalinho.

O medo também impõe o silêncio, o não se manifestar, pois os grileiros, não permitiam concentrações, manifestações de qualquer espécie. Era imposta a lei “do que manda” e “dos que obedecem”.

As Igrejas (católicas e evangélicas) não abandonaram as comunidades, dando quase sempre apoio em todos os sentidos, ficando ao lado dos que sofriam e clamavam por justiça. Nesta época, nem a manutenção das casas e das Igrejas era permitida pelos “investidores”.

A incerteza, o desânimo e a desconfiança tomou conta das pessoas de muitas comunidades, muitos venderam ou abandonaram suas terras, fugiram para a cidade ou outras regiões, algumas famílias até abandonaram Paraty.

A Rio-Santos

A construção da BR101, Rio-Santos, foi a chegada do asfalto, o marco que concretiza as grandes mudanças. Facilitou o contato de Paraty com outras cidades, quebrando o seu isolamento. A simples perspectiva da chegada do turismo trouxe também a especulação imobiliária, pressionando o nativo a sair de suas costeiras e praias, criando novos hábitos e costumes com ofertas ora ameaçadoras ora tentadoras aos olhos do povo, mas que na realidade resultavam em muito pouco; surgem então os bairros da Ilha das Cobras e Mangueira, que vão crescendo até superar o Bairro Histórico, Chácara e Patitiba.

Além do êxodo rural, ali também chegam capixabas, nordestinos, mineiros e paulistas, que vieram para trabalhar na Rio-Santos e que logo encontraram um motivo para criar laços com a cidade, construindo aqui famílias logo são adotadas pelos acolhedores paratienses, que com muita alegria se deixavam envolver.

Porém uma coisa o nativo teve de muito persistente: adotou, recebeu, deu carinho, incluiu no seu dia a dia, aceitou o forasteiro, mas não deixou de lado as suas tradições e festejos que na cidade ainda sobrevivem, teve a consciência e a felicidade de continuar praticando, lutando e acreditando na sua cultura de procissões, festas e cirandas.

Manifestações culturais nas comunidades da APA

O **Campinho da Independência**, comunidade negra hoje reconhecida como o primeiro quilombo oficial do país, já com o título de posse de suas terras, quase chegou a perder suas raízes . Hoje felizmente, estão sendo resgatados o seu artesanato, suas danças, alguns costumes como o fabrico da farinha na casa de farinha comunitária, onde as mulheres tomam grandes decisões, hábitos do trabalho coletivo nas roças e algumas festas que haviam desaparecido, como a de Santa Cruz.

Cajaíba

Antigamente o baile de final de ano durava 4 noites, o dono da casa oferecia jantar para os que dançavam, iniciava-se às 7 horas e terminava às 8 horas do dia seguinte.

Comemorava-se a festa do Padroeiro São Sebastião, em maio, ela deixou de acontecer mas um grupo de jovens estão tentando resgatá-la.

Hoje comemora-se o Natal e o Ano Novo na praia, costume de pouco tempo. Os bailes ocorrem nas casas principalmente nas festas de aniversário. Há um compositor e cantor, o Dirceu, que canta na praia letras e músicas que ele próprio compõe.

O artesanato antigamente era composto de gamelas, cestaria de taquara e palha, canoas remos redes para pesca e panelas de barro, utensílios domésticos.

Hoje se fazem miniaturas em madeira, bijuterias, móveis decorativos, um pouco de cestaria, pinturas à mão em camisetas, na comunidade vivem vários artistas plásticos, como Carlos Alberto do Nascimento, Ana Paula do Nascimento, etc.

Também está sendo desenvolvido o peixe seco defumado.

Dona Bidica (69 anos) se lembra da receita de uma comum naquela época, o “angu de farinha de mandioca”:

Ingredientes:

- alho
- farinha de mandioca

- água e sal

Modo de preparar: Depois do alho dourado, colocar a água (deixar ferver bem) vai se colocando a farinha devagarinho, para não fazer pelota. Era servido com peixe assado na brasa.

Ponta Grossa

Antigamente havia muitos bailes, vinham pessoas de outros lugares dançar lá; hoje se comemora São João, Santo Antônio e São Pedro, faz-se fogueira, as pessoas se reúnem e cada um ajuda nos “comes e bebes”, geralmente a festa acontece na casa de seu Tinico ou Dadati. O Natal é muito comemorado, hoje tanto ele, como o fim de ano, são comemorados em família.

Atividade muito grande no artesanato, inclusive as crianças que fazem cestas, redes, objetos em madeira.

Existe um grupo de Folia de Reis, mas a última folia foi encerrada com uma briga, e nunca mais fizeram. Lá vivem tocadores como Adriano, Carlinho e outros que tocam além de ciranda, forró, samba, etc.

Na **Ponta Negra** antigamente havia uma Capelinha de pau a pique, para Nossa Senhora Aparecida, que era a festa mais comemorada, acontecia ladainha e baile. Comemoravam também São Jorge, São Sebastião, Corpus Christi, Santo Antônio, São João, São Pedro. Em todas as festas depois da parte religiosa acontecia o baile, que ia até o dia amanhecer. Faziam fogueira, assavam batata doce, cará com melado, canjica, etc.

No final do ano tinha Reis, vinha gente de muitos lugares, Sono, Cairuçu das Pedras, etc. Também aconteciam nos finais de semana animadíssimos bailes nas casas de família, não se trabalhava nos sábados, vinha gente de várias partes de Paraty. Segundo relato dos mais antigos(Dona Nadirema Vilella, 64 anos, Dona Fausta Rosa de Jesus, 59 anos, e Dona Erundina, 57 anos), as pessoas nesta época eram mais unidas e tinham mais respeito.

Em relação ao artesanato eram produzidos muitos objetos utilitários em barro e madeira, objetos para a casa e para a pesca, hoje não se produz quase nada, os homens iam para o mato cortar árvores, hoje é mais fácil vir à cidade e comprar tudo.

A única coisa que se continua fazendo são as redes, e embora depois da panagem pronta seja preciso acertá-la juntamente com o sacador final para montar o cerco, só quem sabe fazer isto é Seu Antônio Conceição e segundo ele, ninguém se interessa por aprender.

Antes se plantava e criava para comer. Arroz e feijão só se comia no natal, era coisa rara, hoje as crianças não comem sem estes produtos, até o coentro para o peixe, muitos vêm comprar na cidade. A alimentação era na base da farinha e do peixe. Fazia-se muitos doces com as frutas da época, como goiaba, mamão, abóbora, etc. A alimentação era mais natural, tinha muita dificuldade, mas se vivia mais e melhor, se era mais forte, tinha menos doença, quase não se saía do local onde morava, mais tinha mais alegria, festança. Hoje as festas são só na escola, lá tem TV e vídeo, energia solar, e a festa de final de ano na praia. Comemora-se aniversário mas não se convida mais ninguém, reclama seu Arlindo de Jesus Campos de 59 anos.

Seu Chico fazia bolsas de cipó, eram muito bonitas, vendia na cidade e até mesmo em Angra dos reis, hoje não faz mais.

A Igreja também faz suas festas. Na **Ilha do Algodão** se comemorava a festa de Santa Cruz, hoje o que impera são os cultos evangélicos. Comemoram-se aniversários e fazem baile no carnaval.

Do artesanato que era utilitário, como gamelas, panelas, cestaria, para a pesca redes, côvo, gaiolas. Agora só se fazem remendos em redes, calafetam barcos, mas dos próprios moradores. Fazem bordados e crochê que aprendem na Igreja.

A comida que era a base de peixe, sopa d'água, galinha caipira, caça e coisas que plantavam, hoje já se compra tudo, arroz, feijão, faz-se feijoada, tutu de feijão, fubá, frango de granja. A panqueca de angu e bolo de fubá, que Dona Maria Rita dos Remédios Eugênio (75 anos) e Dona Irani de Souza (60 anos), comem muito quando

meninas, hoje quase não se faz mais. Seu Benedito Antônio Vieira da Silva (50 anos) e Valmira Marques dos Santos (59 anos), lembram muito da pamonha e da feijoada.

Na **Ponta da Juatinga** “seu” Abílio Souza (80 anos), seu Olímpio Elesbão (73 anos), e Dona Jovina de Jesus, lembram-se das festas de São João, a Folia de Reis, os bailes do meio de ano, Santo Antônio, São Pedro.

Dizem que no carnaval se divertiam muito. Mais hoje só há a festa do Natal e passagem de ano em família. No carnaval se divertem pouco, mas antes era bem mais alegre, muitos bailes.

Dos artesanatos se lembram dos balaio, tipiti, covo, pá, peneira, remo, gamelas, canoas, etc. Faziam tudo que era necessário para a atividade da pesca, hoje já compram quase tudo na cidade, quase não se faz mais canoas e remos.

Da comida que comiam antigamente como carne de porco criado na comunidade, a galinha, marisco, guaiá, santola, caça do mato, peixe, farinha, muito se trocou por arroz, por feijão, carne fresca, carne seca, macarrão, farinha muitas compram na cidade, mas ainda comem muito peixe e outras coisas que tiram do mar.

Acham que ainda tem uma alimentação saudável, mas muitas coisas se perderam. Se lembram também do angu de milho, pamonha, beijú de folha, entre outros.

Sentem saudade da vida mais difícil daquela época, pois as pessoas eram mais unidas.

No **Calhaus**, as pessoas se visitavam mais, eram alegres, comemoravam muito a festa do Divino, a bandeira cada dia ficava na casa de uma pessoa, até ir para a cidade.

De artesanato faziam gamela, pilão, mão de pilão, tipiti, balaio, canoa, remo, panela de barro, vinham pouco à cidade, onde atualmente compram até gás.

Ainda fazem canoas, muito pouco. A paçoca de banana era muito usada na alimentação, junto com o peixe, pirão e banana. Faziam farinha, plantavam e criavam

galinha. Hoje tem mais variedade de comida, como frango, carne fresca, arroz, feijão, etc.

Não se esquecem do peixe ensopado na panela de barro.

Na comunidade do **Mamanguá** era costume se reunirem no Natal para uma grande ceia, segundo Seu Leonel de Oliveira.

Sempre fizeram barcos, canoas e remos, os barquinhos miniaturas nasceram depois com o Preá, que hoje só faz sob encomenda; criavam porco, galinha e plantavam aipim, cana, cheiro verde (cebolinha e coentro). Comiam peixe, pirão banana, era uma comida mais saudável.

Faziam muitas festas e brincadeiras. Lembram-se do palmito ensopado. Dona Helena B. de Oliveira se recorda de pamonha, angu, de plantar milho com os pais; diz que as dificuldades antes eram grandes, mas gostaria de ter sempre em casa banana verde e um peixinho.

Hoje ainda não está bom, mas antes era pior, apesar de que não faltava em casa peixes como tainha, robalo, garoupa, pirajica, corvina, etc., o pai era pescador, tinha fartura.

Na **Ilha do Araújo** “seu” Zezito, morador antigo, que tem grande atuação comunitária, pessoa dinâmica, se preocupa com todo mundo, sempre tem uma palavrinha, seja para um adulto ou para uma criança. É muito querido e respeitado na comunidade. Conta que antigamente acontecia baile nos finais de semana, vinha gente de outros lugares para tocar e dançar, a Folia do Divino era uma festa tradicional, animada, acompanhava o povo pelo caminho, até as casas, era motivo de felicidade e alegria. Quando se tinha notícia que a folia ia chegar, já iam se mobilizando, paravam de trabalhar para dar atenção os visitantes.

Cada pessoa tinha seu santo de devoção, faziam novenas próprias, e quando conseguiam uma graça, faziam festas, com reza e diversão. Primeiro a oração, depois a diversão.

Ali se comemoravam muito as festas juninas, principalmente São João. A comida era mais natural, reuniam nas casas o que chamavam de banquete da família, chamavam as pessoas, eram alimentos produzidos, criados e pescados ali mesmo.

Faziam canoas, remos, cestos, instrumentos, panelas, etc. Hoje se faz pouca coisa, temos artistas como Almir Tã, que faz pintura, escultura e entalhes, barquinhos e peixinhos, ensina para a criançada, ele é um grande artista.

Ainda se constróem baleeiras, botes e cestaria, para uso próprio. Hoje comemora-se dia de Ano Novo, faz-se uma festa coletiva, também no Natal as pessoas de fora trazem presentes, comes e bebes, papai noel, é muito animado.

A festa de São Pedro é mais nova, tem novena procissão de barco, barraca, baile. No início só tinha a Igrejinha Católica, depois vieram as outras. Tudo ficou dividido, as pessoas não se entendiam muito. Havia falta de entendimento até entre as Igrejas Evangélicas. Hoje a Igreja dos crentes já vem até a católica, para fazerem juntas atos comuns. A Assembléia está querendo se unir, para um novo sentido de confraternização é o ecumenismo Cristão. Seu Zezito fica contente quando fala na coleta seletiva, uma atividade nova na Ilha, mas à qual os moradores e visitantes já estão aderindo.

No **Paraty Mirim** pouca coisa ficou, foi uma comunidade atuante e próspera. Era o segundo porto de Paraty. Quando foi proibido o tráfico negreiro, o contrabando acontecia lá, onde chegou a haver até fábricas, hoje está esquecida, nem mesmo luz elétrica tem.

Comemora-se até hoje a festa da padroeira, Nossa Senhora da Conceição. Existem muitas lendas deste lugar, muito ligadas à crueldade dos castigos aplicados aos escravos.

O **Corisco**, por estar mais próximo da cidade, tinha uma ligação grande com a mesma. Antigamente havia um grupo de reis, do Sr. José Olímpio, que era muito famoso e requisitado.

Famosos eram seus bailes com cirandas nos finais de semana. Hoje se perdeu muito, comemora-se a Festa de São José em março e mais recentemente, Nossa Senhora Aparecida em outubro. Faz-se artesanato em taquara, cestaria, cerâmica, pinga, tem muita gente de fora que veio viver na comunidade, muitos artistas, tem hotel, escola, onde acontecem muitas festas.

Poucos se recordam das histórias dos engenhos antigos, mas segundo Samuel Costa, nas Ilhas do Algodão, Araújo, Boa Vista, Mamanguá, no Corisco e em outras numerosas comunidades haviam vestígios de pequenas fábricas de aguardente. Histórias de escravos, quase ninguém se lembra, exceção feita na Cajaíba, onde contam que na praia de Martim de Sá havia muitos escravos e muitas histórias.

Fato como o registrado por Edelweiss Campos do Amaral, sobre a existência na Praia dos Antigos, entre Ponta Negra e o Sono havia uma pedra com várias incisões e sinais não identificados, que segundo o referido escrito, foram feitos por navegadores da antiguidade como os Fenícios, daí o nome da praia, ninguém sabe comentar.

Paraty é uma cidade das mil histórias, mas estas estão se perdendo, como muitas outras.

Conclusão

Modo de ser e fazer

O modo de ser e fazer caiçara tradicional, é na hora e da maneira que mais lhe apraz, tendo como objetivo a satisfação das necessidades básicas com algum conforto, mas privilegiando sempre sua liberdade individual acima de tudo. O bem estar da família é sempre monitorado com firmeza pela mulher.

A questão ambiental para a maioria da velha guarda, que sempre contou com certa abundância de recursos naturais é bem prática: a natureza tudo provê (até que se acabe), seja na pesca, seja na caça, seja no pedacinho de posse que ele vai vendendo, seja no turismo, que é hoje o motor da economia em Paraty. Se um respeita o "defeso" o outro vai e pesca, o individualismo predomina com raras exceções.

Peixe, Tranqüilidade e Liberdade

O resultado das reuniões de autodiagnóstico sempre aponta para os fatores tranqüilidade e liberdade, além da disponibilidade do pescado, como sendo fundamentais para explicar o porque de continuar vivendo em locais sem energia elétrica, sem estrada, sem escola e sem médico.

Grande parte dos que resistiram na costeira até hoje sabe que o dinheiro pago por uma posse dificilmente lhe proverá mais do que moradia bem modesta nos bairros mais simples – e como viver na cidade, sem natureza e sem liberdade, é um desafio para o qual a maioria não está preparada. Os mais conscientes sabem que seu capital é sua posse, e que com ela podem continuar seu modo de vida e ainda ganhar com o turismo. Mas muitos não resistem e preferem ir retalhando aos poucos suas posses...será que vai sobrar para os filhos?

Sustentabilidade, a Tradição e o Surf

O problema é que para viver na costeira já não há a mesma abundância de pescado, a terra perto de casa já perdeu a fertilidade e poucos se dispõem a derrubar mata fechada...os jovens já vivem de prancha debaixo do braço, e preferem os cascos de alumínio com motores de popa. Raras são as casas de pau a pique e telhado de sapê.

O turismo aparece como a salvação da pátria, e o domínio das tecnologias patrimoniais, a cultura de raiz ficou com os mais velhos.

Os costumes e padrões de consumo e comportamento dos turistas exercem forte influência sobre a “moçada”, que precisa urgentemente de mais estudo, de lideranças locais e capacitação profissional.

A sociedade caiçara tradicional, fruto do isolamento geográfico junto aos ambientes costeiros e à Mata Atlântica, com suas festas relacionadas ao calendário da religião católica e relações sociais baseadas em fortes laços de parentesco, vem se transformando rapidamente em uma sociedade semi - urbanizada de consumo, fruto da evangelização que valoriza os bens materiais, da globalização “plin pllin” e da mudança da economia de subsistência para o capitalismo bastante selvagem que predomina na

Trindade²⁵, ou o da subserviência aos padrões dos condomínios e mansões ao longo da costeira.

Ainda há comunidades totalmente tradicionais: Ponta da Juatinga, Praia Grande da Cajaíba, Cairucu das Pedras, Saco das Enchovas. Vivem exclusivamente da pesca e da roça, mas querem melhorar seu IDH (índice de desenvolvimento humano), como qualquer um de nós.

Algumas outras estão sendo literalmente invadidas por mochileiros e ainda atônitas com as perspectiva de lucros a obter com o turismo, ameaçadas de acabar vendendo tudo caso não seja possível encontrar o meio termo entre o dinheiro que entra no verão e sua própria sustentabilidade ao longo do ano: É o caso da Ponta Negra, Pouso da Cajaíba, Praia do Sono.

Boas Perspectivas: Saco do Mamanguá e Ilha do Araújo

Existem algumas comunidades que estão buscando seu próprio caminho.

Os melhores exemplos são os pescadores e artesões do Saco do Mamanguá, que exercem o controle da pesca de arrasto por meio de estruturas submersas de concreto e vergalhões construídas por eles próprios, com apoio técnico e comunitário de um biólogo que trabalha junto à AMAM²⁶, além de aprender a fazer o manejo da caixeta com técnicos da ESALQ.

Outro caso interessante é o da Ilha do Araújo, comunidade de pescadores artesanais onde se realizam cultos ecumênicos, mutirões com várias finalidades e separação de quase 100% do seu lixo, além de grandes eventos culturais, comunitários e comerciais como a Festa de São Pedro e o Festival do Camarão. É a única comunidade com banheiro público, e limpo!

²⁵ A exemplo da selvagem invasão da “Companhia” nos anos 70 e em consequência das verdadeiras hordas de mochileiros da Grande São Paulo, que nenhuma qualidade ambiental conhecem em casa e são os fregueses predominantes: pouco pagam e pouco exigem, o ponto alto é ficar urrando nas madrugadas da Praia do Meio, desfrutando seus poucos instantes de liberdade total, embalados por litros de vinho San Tomé e todos os tipos de drogas...

²⁶ Associação de Moradores e Amigos do Mamanguá

Nem Trindade, nem Laranjeiras

A nova geração caiçara se orgulha da terra em que nasceu, valoriza o meio ambiente e não é porque faz surf e pesca com bote de alumínio que deixou de ser caiçara. A chave da sobrevivência da sua cultura é justamente acreditar em si próprio como membro ativo de uma comunidade, aprender com seus pais ou adaptar sua vocação de artesão, festeiro, construtor, pescador, mateiro e companheiro de aventuras para ganhar com o turismo ecológico, cujo capital cultural é o próprio modo de saber, conhecer a terra e ser caiçara.

É muito difícil. Mas é o único caminho para a sustentabilidade e para o futuro.

V - Os Guarani

Os índios originais da costa sul fluminense e norte paulista, do grupo Tupinambás, foram completamente dizimados entre os séculos XVI e XVII²⁷.

Devido a dificuldades em obter do CTI maiores informações sobre os Guarani em Paraty quando da elaboração da Caracterização Sócio econômica da APA de Cairuçu, transcrevemos abaixo textos do Plano de Manejo do PNSB - IBAMA/Pró Bocaina/UNICAMP, julho 2001, bem como informações prestadas pelo Chefe do Posto Indígena de Bracuí, Cristino Cabreiro Machado:

“O Povo Guarani é agricultor, cultivando principalmente milho, batata doce, aipim, amendoim e erva mate, além de outros vegetais. Sua culinária é muito criativa e interessante. Comenta-se ainda que a espiritualidade está presente em tudo o que o guarani faz e constrói, mas, principalmente, ela se expressa através da música.

Seus instrumentos (flautas, instrumentos de percussão, chocalhos, etc.) transmitem as suas crenças e espelham os sons existentes na mata, em especial o canto dos pássaros.

Paradoxalmente, os Guaranis são extremamente silenciosos. Falam apenas o necessário, mas suas palavras são ricas em imagens e expressão. Através do idioma guarani, com suas lendas, crenças, músicas e expressões, que é possível resgatar o seu conhecimento ancestral.

As músicas guaranis representam dados valiosos de sua cultura e uma manifestação de seu refinamento espiritual. Todo o artesanato criado por eles tem sempre a preocupação estética de retratar a mata e seus seres vivos. Assim, vemos que as tecelagens e cestarias repetem os padrões de peles de cobras, onças e outros. Estes animais são, freqüentemente, representados em objetos feitos de madeira ou argila...

²⁷ Plano de Manejo do PNSB - IBAMA/Pró Bocaina/UNICAMP, 2002

Ladeira et al. (1.993) colocam que, para os Guarany Mbya, as demarcações de terras significam mais que um confinamento; uma deformação do mundo original, pois as áreas Guarani demarcadas não correspondem, nem quantitativa como qualitativamente, ao conjunto de terras Guarani ocupadas ou pleiteadas por eles, e condizentes com sua noção de território. Este compreende o leste paraguaio, nordeste da Argentina, norte do Uruguai, sul e leste do Brasil. Por outro lado, afirmam que “a demarcação de áreas Guarani no litoral, diante das crescentes invasões e especulação imobiliária, se impõe como uma necessidade vital para garantir a esses índios um espaço social e áreas de Mata Atlântica preservadas”.

A dinâmica da ocupação das aldeias Guarani, em geral, tem gerado grandes equívocos por parte dos não-índios, quanto à avaliação da antigüidade da ocupação Guarani em seu território, pois grupos familiares, acompanhando suas chefias, se sucedem na ocupação dos espaços, podendo ocorrer períodos longos de esvaziamento de uma aldeia. Os autores também comentam que os Guarani concebem as aldeias, as trilhas, caminhos e mesmo núcleos urbanos, próximos ou inseridos na Mata Atlântica, como seu território atual, do qual se utilizam, sobrevivem e onde se relacionam naturalmente, de modo tradicional.

As aldeias e movimentos atuais vêm comprovar que, embora a disponibilidade de terras lhes seja irrisória, e que cada vez mais seu espaço no seu próprio mundo esteja diminuindo, os Guaranis continuam fiéis na identificação de seu “território”, elegendo seus lugares dentro dos mesmos limites geográficos preestabelecidos pelos seus antepassados.

Os Guaranis, por motivos religiosos e éticos, não disputam terra. A demarcação de terras não faz sentido em seu sistema. Não é qualquer terra que lhes interessa; visam pontos especiais num vasto território que, histórica e socialmente, dominam. A noção de terra está, pois, inserida no conceito mais amplo de território, que, sabiamente, pelos Mbya, se insere num contexto histórico (mítico) cíclico, e, portanto, infinito, pois ele é o próprio mundo Mbya.

Em várias aldeias do litoral, a presença indígena foi formalizada como se tratando de uma concessão feita aos índios por pretensos proprietários ou posseiros de terra.

Todo o relato anterior serve para alertar que, apesar do conjunto de argumentos que associam os índios à floresta, é preocupante e possivelmente conflitante, a ocorrência de índios originários de outras regiões, com alta mobilidade, com aldeias dentro do Parque ou na sua Zona de Amortecimento. Esta preocupação deve-se, principalmente, à ocorrência de zonas denominadas intangíveis e primitivas, que de acordo com o SNUC (Lei 9985, de 18/07/2000), não comportam nenhuma ação de ocupação do espaço ou de extrativismo.”

Segundo o Chefe do Posto Indígena da FUNAI em Bracuí, *“Os Mbya do litoral são diferenciados até mesmo em relação à própria população Mbya majoritária do interior do Brasil, Paraguai e Argentina, apesar de compartilharem todos um mesmo ideal religioso.*

Além de serem uma população reduzida, no próprio contexto Mbya, estão dispersos em pequenos núcleos distribuídos em uma longa faixa geográfica que se estende do Rio Grande do Sul ao Espírito Santo, que implica modalidades de organização social específica. Aliado a esse fato, eles vêm se sujeitando a viver em condições especiais do ponto de vista dos demais Guarani, para por em prática, através das migrações, seus ideal religioso " A busca da Terra Sem Mal ".

Para esse povo, que ainda hoje se constitui em uma sociedade com regras próprias de reciprocidade social e político religiosa, o processo de identificação tem como base aspectos lingüísticos e religiosos em vigor, apesar de suas aldeias dispersas em todo o território geográfico.

A dinâmica de ocupação das aldeias Guarani em geral, se insere num plano predominantemente político. É incompatível, a presença de mais de um chefe religioso, que agrega uma família extensa, entretanto os grupos familiares acompanhando suas chefias, se sucedem na ocupação dos espaços, podendo ocorrer, devido certas circunstâncias, períodos longos de esvaziamento de uma aldeia.

Quando um grupo se instala, formando seu tekoa, passa a contar a história da formação ou criação da aldeia, a partir da entrada do seu grupo familiar. Esta atitude,

coerente com o significado de aldeia enquanto espaço social, que define o tekoha, tem gerado grandes equívocos por parte dos não índios, quanto a avaliação da antigüidade da ocupação Guarani em seu território.

Enquanto partes do mundo Mbya original, que lhes foi destinado por nhanderu ete (nosso verdadeiro pai), os Guarani concebem as aldeias, as trilhas, caminhos e mesmo núcleos urbanos, próximos ou inseridos na mata atlântica, como o seu território atual do qual utilizam, sobrevivem e onde se relacionam. Naturalmente de modo tradicional, o fator tempo, ao qual condicionamos a questão da tradicionalidade, não é concebido para este povo sob uma forma linear, uma vez que a noção de temporalidade é cíclica, pois se fundamenta nos princípios míticos que regem o cotidiano Mbya.

Dentre os subgrupos hoje existentes no Brasil, são os Mbya que vem dando continuidade ao processo de migração em direção à Serra do Mar. E é esta população refratária às interferências externas, tanto derivadas da política indigenista praticada, quanto das pressões exercidas pela sociedade envolvente, que vem apresentando formas de resistência surpreendentes com relação à ocupação e preservação da Serra do Mar.

Aldeia Araponga

A Aldeia Araponga, localiza-se na estrada da Forquilha a 7 km da Rio/Santos, da Entrada do Distrito do Patrimônio. Com área de 213,2 ha, situação fundiária regularizada, inserida no Parque Nacional da Serra da Bocaina (criado em 1971, pelo Decreto Federal 68.172), sob administração do IBAMA.

Com 70% de vegetação coberta pela Mata Atlântica na encosta de formação rochosa, de 1430 metros, na cabeceira da bacia hidrográfica principal do Parati-Mirim.

Conta atualmente com uma população de 18 índios distribuídos em 5 famílias.

A organização administrativa e política interna da comunidade, é representada pelas autoridades tradicionais dos Guarani e pela ACIAR, Associação Comunitária Indígena do Araponga.

Ainda citando o Plano de Manejo do Parque Nacional da Serra da Bocaina:

“... Devido às suas características geomorfológicas e situação geográfica privilegiada, a localização desta Reserva é, segundo os Guaranis, um dos territórios mais adequados para exercerem seu “modo de vida”.

Seus limites encontram-se explicitados pela Portaria nº 494, de 14 de julho de 1.994, do Ministério do Estado da Justiça.

No caso desta Reserva, sempre houve um consenso entre os confrontantes dos índios de que estes seriam de fato os legítimos herdeiros da terra. O relatório da FUNAI que acompanha o levantamento topográfico da área indígena, realizado em 1.983, relata este histórico que confirma a presença Guaraní a partir do grupo familiar de Alcides Martins Vera.

Esta área, entretanto, abrigou e tem abrigado várias famílias que, como nas demais aldeias e a despeito de questões de titularidade, têm se relacionado com a terra onde vivem nos moldes tradicionais e peculiares à sua cultura.

Os Guaranis ali assentados, praticam culturas de subsistência de arroz, feijão, mandioca, cana e banana. Criam porcos, confeccionam artesanatos de taboa, taquara e taquaruçu. Possuem casa de farinha e cultivam a Erva Mate (chimarrão) para consumo e o Palmito que vendem.

Esta Comunidade é mais conservadora e tradicional que a do Paraty-Mirim. Não é permitido a bebida alcoólica, que no Paraty-Mirim é consumida livremente. Existe uma família desgarrada desta comunidade, que reside num sítio em Pedras Azuis.

Nesta comunidade existem também, muitos animais silvestres, vivendo domesticamente com os Índios (tucanos, queixada, macaco, quati, etc....)

Recentemente gravaram 01 CD com o Grupo Nhandewa.

A Aldeia de Paraty-Mirim

Segundo a FUNAI, a Aldeia Itaxi, localiza-se na estrada de Parati-Mirim, a 4,5 km da rodovia Rio /Santos e 3 km da praia, com área de 79,2 há, tendo sua situação fundiária regularizada desde 1992, com cerca de 10 ha de área de mata ciliar e várzeas com solos hidromórficos do rio Parati-Mirim e 50 ha de mata atlântica sobre um maciço rochoso de granito, além da faixa de uso p/ estrada, reduzindo sua área de utilização sem restrições para menos de 20 %, que são utilizadas para moradia, atividades agropecuárias e outras instalações de uso comum.

Possui uma população atual de 144 índios distribuídos em 31 famílias, onde cerca de 50% encontra-se na faixa de 0 a 15 anos.

A organização administrativa e política interna da comunidade, é representada pelas autoridades tradicionais dos Guarani e pela ACIGUA, Associação Comunitária Indígena Guarani

Estes índios reivindicavam essas terras desde a década de 60.

Segundo o técnico da EMATER, *“Esta área é totalmente imprópria para a agricultura e a EMATER está desenvolvendo com os índios um projeto de manejo e enriquecimento da mata com pupunha, açaí, jerivá, fruta pão e banana.*

Foi necessária a derrubada de 2 hectares de mata para plantio de arroz, feijão, milho, mandioca, cana e abóbora, para tentar acabar com a fome, que assolava a Aldeia.

Se o Governo não desapropriar mais áreas, dificilmente será possível auto sustentabilidade e emancipação aos índios do Paraty-Mirim. Hoje os índios vivem do corte de taquara e do bambu, para confecção do artesanato, o que permite uma renda em dinheiro para a Aldeia.

Foram soltos no Rio Carapitanga 60 mil alevinos de carpa, tilápia e tambacú, construída uma Casa de Farinha e Melado, um Poço Artesiano para fornecer água de qualidade na Aldeia e quatro banheiros com chuveiros, sanitários e fossas sépticas.

Os técnicos da EMATER que estão apoiando o desenvolvimento destes índios pretendem plantar 10 mil árvores de eucaliptos, para que sirva de reserva energética para os mesmos evitando assim a derrubada da floresta nativa.

O Guarani é principalmente um povo agricultor, que mistura ritual religioso com dança e agricultura de subsistência. A caça e a pesca são traços marcantes desta cultura, porém ali no Paraty-Mirim ambas são escassas. Migram muito, porém essas migrações entre aldeias fazem parte de parentescos e novas relações para namoro e casamento.

Na Aldeia do Paraty-Mirim, a anemia é forte, a desnutrição acelerada em consequência da topografia, tipo de solo e área limitada.”

Segundo a FUNAI, são estes os programas em curso nas aldeias guarani de Paraty:

Subsistência e Geração de Renda

O desenvolvimento da aldeia ocorre por meio da prática tradicional da cultura Guarani, bem como da adequação de hábitos adquiridos com a sociedade envolvente. Suas atividades de subsistência são reforçadas pelo Programa de Apoio as Atividades Produtivas em Terras Indígenas, pelo Ministério da Agricultura sob a coordenação e assistência técnica da EMATER-RIO, em parceria com o a FUNAI e a Secretária Municipal de Meio Ambiente, Agricultura e Pesca , com a participação efetiva das comunidade indígenas.

As ações em curso são o cultivo de subsistência de arroz, feijão, mandioca, cana de açúcar, banana e outras frutíferas, criação de aves domésticas, produção de ovos, confecção de artesanato em plumarias, cestarias, entalhados de madeira, manejo sustentado e extrativismo de plantas para subsistência e de uso na medicina tradicional, matéria prima para fabricação de artesanato e construção de moradias, implantação e manejo de cultivares tradicionais e exóticos, como a erva mate (chimarrão), palmito juçara, palmito pupunha, frutíferas silvestres, piscicultura, implantação de casas de farinha e engenhos de cana-de-açúcar para confecção de melado, açúcar mascavo e rapadura além das práticas tradicionais de caça e pesca embora já bastante escassa na região.

Outras ações em estudo para implantação são a criação de animais silvestres, construção de tanques e açudes p/ peixes, viveiros de mudas de silvestre e para produção de plantas ornamentais nativas da Mata Atlântica, para fins comerciais, programas de preservação e conscientização ecológica ambiental, e valorização da cultura pelo aperfeiçoamento das práticas tradicionais Guarani.

Controle e Fiscalização, Patrimonial e Fundiária

O controle, fiscalização e a defesa da integridade física e cultural das sociedades indígenas, bem como, a garantia da posse e usufruto das terras por elas ocupadas, estão previstas no Estatuto do Índio- Lei 6001, promulgada em 19/ 12/ 73.

Embora de forma precário e frágil, o controle e fiscalização fundiária, também de responsabilidade da FUNAI, é exercida com maior freqüência através da inibição da ação de intrusos, geralmente caçadores e palmiteiros, que são os principais agentes agressores no entorno das Terras Indígenas, ingressando algumas vezes reserva a dentro, pela fiscalização diária dos próprios índios daquelas comunidades, ação essa que ocorre com maior freqüência na Terra Indígena de Araponga, onde o combate e fiscalização por parte dos órgãos fiscalizadores é quase inexistente. O técnico da FUNAI sugere a discussão de um planejamento inter institucional entre os gestores de fiscalização ambiental integrado à realidade indígena com ações periódicas .

Educação

Está em andamento a criação da Escola de Educação Bilingüe, para as duas comunidades, em estágio mais adiantado na Terra Indígena de Parati-Mirim, que conta hoje com uma estrutura física construída conforme projeto elaborado pela própria comunidade, com o apoio da FUNAI, Secretaria Municipal de Educação e recursos internacionais, inaugurada em julho /01.

A maior conquista na educação está na criação de uma política educacional diferenciada, para as comunidades indígenas do estado do Rio de Janeiro, voltada

para a preservação e resgate da cultura guarani, com a valorização e participação das comunidades através da formação de educadores indígenas, conforme proposta da Funai, Secretarias de Educação, Universidades e Ongs ligadas a Educação Escolar Indígena, implementada pelo Núcleo de Educação Indígena – NEI-RJ. Ambas as aldeias já possuem educadores indígenas em atividade.

Saúde

A assistência à saúde das comunidades indígenas do Estado do Rio de Janeiro é realizada por meio do Polo Base de Atenção a Saúde do Índio de Angra dos Reis. Este polo conta atualmente com um médico, um odontólogo, uma enfermeira, um auxiliar de enfermagem e um auxiliar administrativo, que mantém atendimento periódico as comunidades indígenas de Bracuí em Angra dos Reis, e, Parati-Mirim e Araponga em Paraty.

Além da assistência integral à saúde da população indígena também são de responsabilidade da FUNASA as ações relativas ao saneamento, que a partir de 1997, tem desenvolvido varias ações nessas aldeias: com implantação de sistema de captação e distribuição de água, módulos sanitários com instalação de vasos sanitários, pias e tanques para lavagem de roupa, com sistema de fossa séptica e sumidouro. Também foram contratados Agentes Indígenas de saúde e saneamento da própria comunidade, que recebem capacitação e reciclagem para desenvolvimento das ações de suas responsabilidade.

Cultura

O maior problema atual é a proximidade com a sociedade envolvente e facilidade de contrair hábitos externos, principalmente pelas crianças Guarani. A forma de preservar, e minimizar esse impacto, foi a criação de grupos de divulgação dos usos e costumes Guarani através das danças e cânticos tradicionais pelos projetos de gravação de CD's com cânticos tradicionais da Aldeia Araponga através do apoio da Associação Nhandeva, com o patrocínio da Eletronuclear.

Já na comunidade indígena de Parati-Mirim existe um projeto musical que encontra-se em fase de negociação de patrocínio. Além desses eventos, estas comunidades têm feito diversas participações em filmes, comerciais e apresentações relacionados a promoção da divulgação dessas comunidades nos cenários regional e nacional.

Promoção Social

Dentro do campo da promoção social, essas comunidades são contempladas por alguns programas, dentro das esferas Nacional, Estadual e Municipal, de forma diferenciada, que vão desde a garantia constitucional no Programa de Seguridade Social do INSS, como segurados especiais, abrangendo o benefício da aposentadoria e o auxílio natalidade até a garantia do direito de cidadania com participação efetiva nos conselhos Local, Municipal e Regional.

Ainda nesta área, tendo em vista que um dos principais problemas destas comunidades é a desnutrição infantil, pós aleitamento materno, está sendo elaborado um projeto para construção da casa de nutrição em Parati-Mirim e uma Escola com cozinha e refeitório para aldeia de Araponga para melhoria do programa de redução da desnutrição nas aldeias. Também em andamento a elaboração de projeto para construção de praça da cultura em Paraty, visando a organização da atividade de venda de artesanato e apresentação dos grupos para melhoria da geração de renda e divulgação da cultura para sociedade envolvente, dentro de uma parceria entre as comunidades indígenas da região, a FUNAI, Curso de Arquitetura da Universidade de Juiz de Fora, Museu do Índio e Prefeitura Municipal de Paraty.

Também está em negociação a contemplação com fornecimento de energia elétrica para a comunidade indígena de Parati-Mirim através do programa Luz no Campo, e, a elaboração do projeto de construção de uma micro-usina hidroelétrica, movido a roda d água e gerador para a comunidade de Araponga.

Posto Indígena

Objetivando a participação, acompanhamento e supervisão das ações aqui mencionadas, e outras existentes, a Fundação Nacional do Índio - FUNAI, mantém

na região um escritório do Posto Indígena Bracuí, localizado na Vila Operária de Mambucaba, Galpão MA 09 Sala 12, com estrutura administrativa e logística básica, assessorada pela Administração Regional da FUNAI de Bauru – SP.

Observações da FUNAI

“Respeitamos a preocupação com o suposto conflito entre a presença de aldeamentos indígenas em unidades de conservação, porém a experiência nos tem mostrado que esta complexidade com relação a estas comunidades, existe com maior ênfase nas ações de agentes externos, do que no envolvimento do próprio índio especialmente pelo povo Guarani Mbya que tem como soberano o respeito a natureza e quando ocorre algum conflito, é pela sua desinformação ou radicalização das normas impostas. E compartilhamos com vossa observação no aspecto de que esta é uma questão que merece uma abordagem específica e a tentativa de algum entendimento mais direcionado para um mínimo de compatibilização para os objetivos da APA e das populações tradicionais que a habitam.”

Nossa conclusão

Entendemos que as ações em curso não tem tido nenhuma integração com o IBAMA, pois soltar espécies exóticas no principal rio da APA, que é o Carapitanga/Paraty Miriim, onde existem espécies endêmicas de peixes, nos parece bastante grave.

Sabemos que a presença de aldeamentos indígenas em unidades de conservação é um problema complexo, é uma questão que merece uma abordagem específica e a tentativa de algum entendimento mais direcionado para um mínimo de compatibilização com os objetivos da APA.

VI. Questão Fundiária

Origem dos títulos de domínio de uma área

A primeira outorga de terras no Brasil foi sua divisão em Capitania Hereditárias, que se iniciavam na costa e terminavam a oeste, na linha imaginária do Tratado de Tordesilhas. Das Capitanias se originaram as Sesmarias e daí por diante.

A partir de então, foram chamadas de devolutas as terras cujos outorgados não tomaram ou mantiveram sua posse. Estas seriam terras devolvidas à Coroa Portuguesa, e por isso são chamadas “devolutas”, e pertencem ao Estado, Município ou à União, mas nem sempre são escrituradas em nome do poder público.

A legitimidade de um título de domínio de terras, registrado no cartório de Registro Imobiliário, depende da origem de sua cadeia dominial nas Sesmarias, ou a partir de ações de usucapião, que são ações judiciais promovidas por ocupantes, posseiros de terras de terceiros, escrituradas. As terras pertencentes ao Estado não são passíveis de usucapião, mas podem ser distribuídas e tituladas pelo Estado.

No caso da REJ, existem poucas escrituras de domínio em seu território, e inúmeras “escrituras” de posse, que só podem ser registradas no cartório de títulos e documentos. A titularidade de uma posse é em geral reconhecida pela comunidade local pela legítima ocupação e uso de uma área de terras por determinada pessoa física ou jurídica, e assim ocorre em grande parte do município de Paraty.

Quando esta legitimidade é contestada surgem os conflitos de terra, como foi o caso da Trindade, da praia do Sono, e vem sendo o caso de parte da Praia Grande da Cajaíba.

As maiores áreas reivindicadas por particulares na REJ fazem parte do espólio de Gibrail Tannus: a Praia Grande da Cajaíba, com cerca de 1200 ha, e a Fazenda Santa Maria, com 1300 ha, que juntas totalizam mais de 25% da área total da Reserva, com cerca de 8 mil hectares. A família Pacheco reivindica a propriedade de uma faixa de terras que iria do Pouso da Cajaíba até a praia de Martim de Sá, mas segundo o ITERJ os limites desta fazenda são muito imprecisos e a questão requer estudos mais

aprofundados em relação à sua legitimidade e dimensões reais, já que está ocupada por caiçaras no Pouso e com litígio em relação ao único morador de Martim de Sá, o “seu” Maneco.

A Fazenda Santa Maria está parcialmente sob uma ação discriminatória há cerca de 20 anos, cujo processo está no Supremo Tribunal da Justiça Federal. O objetivo das ações discriminatórias é verificar se as terras em questão pertencem ao Estado, se são devolutas ou privadas.

No caso da praia do Sono, o falecido Sr. Gibrail Tannus adquiriu a Fazenda Santa Maria, e celebrou, em geral de forma pouco amigável, uma série de contratos de comodato com os caiçaras que ocupavam a região há várias gerações, comprando ainda várias posses.

O que o Estado do Rio de Janeiro contesta por meio da ação discriminatória é que toda a área reivindicada pelo falecido seja realmente parte integrante da escritura da Fazenda Santa Maria. Este fato será decidido na justiça, e a área toda está sub júdice, o que significa que qualquer aquisição de terrenos ou casas no Sono poderá ser contestada e anulada no futuro. A Ponta Negra também está incluída no título de domínio da Fazenda Santa Maria.

A viúva do espólio, Dona Lenir, tem manifestado o desejo de celebrar acordo com os caiçaras do Sono caso ganhe a ação. Os caiçaras consideram que ela já não possui nada lá além de uma casa, mas este é um capítulo para o futuro. Consta que ela tenha o aforamento da faixa de marinha área junto ao Serviço de Patrimônio da União.

Caso o Estado ganhe a causa, certamente irá promover algum tipo de regularização das ocupações existentes. Na época do conflito da Trindade, entre 1978 e 1980, a Sociedade de Defesa do Litoral Brasileiro elaborou um mapa que mostrava a ocupação dos caiçaras, e que se constitui em precioso documento para futuras regularizações ou acordos no Sono.

Já no caso da Praia Grande, os titulares do espólio do Sr. Gibrail afirmam ter firmado contratos de comodato com todos os seus moradores, que contestam este fato.

A ocupação da praia do Sono está quase que exclusivamente nas mãos dos caiçaras nativos. De acordo com nossos levantamentos, estão em torno de meia dúzia as áreas que já foram negociadas com terceiros. O IEF tem procurado desestimular estas transações na medida em que embarga e até faz desmanchar obras de pessoas de fora, de acordo com a lei de criação da REJ que tornou a área não “edificandi”, entendendo-se que somente os caiçaras nativos possam construir, e exclusivamente para garantir sua subsistência por meio de atividades tradicionais.

As lideranças caiçaras, bem como todos aqueles que se preocupam com o futuro destas comunidades, procuram sempre esclarecer aos moradores nativos que a posse da terra é sua única garantia de uma sobrevivência mais segura, mais tranqüila. Quando vendem toda sua terra, muitas vezes por preços irrisórios que lhes parecem grande coisa, logo ficam em situação difícil se vão para a cidade. Quando retalham suas posses e as vendem para terceiros, acabam criando problemas na própria comunidade, resultantes do adensamento da ocupação nas vilas e interferências culturais que nem sempre trazem benefícios à população local.

Atualmente as próprias comunidades já vem percebendo que é mais vantajoso que seus próprios membros operem bares, restaurantes, campings, aluguel de casas e outras atividades comerciais voltadas para o turismo. Por este motivo vem procurando o apoio do Estado para impedir que comerciantes de fora se estabeleçam (na REJ), e somente com este apoio será possível proteger o patrimônio ambiental e cultural da área.

A titularidade das posses na REJ

A partir de levantamentos realizados pela equipe do Plano de Gestão no verão de 2000, onde foram aplicados 345 questionários, foi perguntado aos ocupantes onde morava o titular das posses com moradias. A partir deste levantamento e de informações prestadas por Paulo Nogara sobre o Saco do Mamaguá, estimamos em cerca de 110 as posses com casas pertencentes a titulares que não moram na REJ, sendo cerca de 8 na praia do Sono, 15 na Ponta Negra, 1 na Sumaca, 1 no Costão das Araras, 29 no Pouso, 8 entre Ipanema e Calhaus, 6 na Itaoca, 2 na Praia Grande e cerca de 40 na margem peninsular do Saco do Mamanguá, que é o lugar onde mais

posses foram vendidas para veranistas, concorrendo com o Pouso da Cajaíba, mas com dimensões completamente diversas.

As ocupações tradicionais dos caiçaras raramente foram registradas em cartório. Após a decadência dos engenhos, resultado direto da abolição da escravatura, muitas fazendas foram simplesmente abandonadas, e aqueles que ficaram se agruparam nos chamados “fogos”, núcleos familiares de caiçaras que foram construindo suas casas e fazendo suas roças em comum acordo. Havia muita área disponível para construir, e muita mata para se derrubar e fazer roça...

Alguns empresários adquiriram terras nas costeiras desde os anos 50 e 60, como o Gibrail, Cid Ribeiro e Francisco Munhoz , mas os conflitos ocorreram principalmente nos anos 70, devido à valorização das terras em Paraty como consequência da construção da rodovia Rio-Santos e a chegada do capital turístico.

Atualmente, existe uma verdadeira febre imobiliária na região, pois muitos caiçaras vendem terrenos ou as últimas praias por preços que vem aos poucos aumentando. Quando vão comprar uma casa em Paraty, quando começam a gastar o dinheiro todo, quando vêm seus filhos sem ter onde morar é que muitas vezes vem o arrependimento, mas aí já é tarde...

Ainda hoje novas poses são abertas, muitos lotes são demarcados e vendidos sem o controle nem o conhecimento do Estado, que administra a Reserva.

A proposta feita após muitas reuniões promovidas pela prefeitura, no âmbito do Plano de Manejo e da discussão para mudança de categoria da Reserva Ecológica, foi a regularização das áreas ocupadas por caiçaras em conformidade com a Lei MINC, que permite a Cessão Real de Uso para os moradores que vivem da terra e exercem atividades tradicionais da cultura caiçara. O problema é que o turismo também é uma atividade legítima a ser exercida pelos caiçaras, mas não é reconhecida como sendo tradicional, e aí começa uma discussão sem fim sobre o que é ser morador tradicional.

Até mesmo aquelas áreas ocupadas por veranistas anteriormente à criação da Reserva poderiam ser regularizadas, e tudo isto com o objetivo de impedir a retaliação dos

terrenos como vem ocorrendo atualmente. Ficou como proposta da Oficina de Planejamento o levantamento fundiário, a análise da documentação existente e posterior regularização fundiária na REJ.

Situação na APA

As maiores propriedades privadas da APA são o Condomínio Laranjeiras, incluindo a Vila do Oratório e adjacências, com cerca de 1400 ha, e as terras da Trindade Desenvolvimento Turístico, com cerca de 900 ha, ambas desmembradas da antiga Fazenda Laranjeiras, que já no século XVII constava dos primeiros mapas da região. Os conflitos pela posse da terra ocorridos nestas áreas entre empreendedores e caiçaras na década de 70 estão descritos no capítulo “ Turismo na APA de Cairuçu”, e foram retratados no documentário “Vento Contra”²⁸.

O Estado do Rio de Janeiro, no entanto, é o proprietário de quase 7 mil hectares de terras que abrangem toda a bacia hidrográfica do rio Carapitanga/Paraty Mirim, incluindo a Área Estadual de Lazer de Paraty Mirim, com cerca de 1100 ha, as aldeias Guarani, o Quilombo do Campinho, e os bairros de Patrimônio, Campinho, Pedras Azuis, Córrego dos Micos e Paraty Mirim.

Estas terras, ocupadas anteriormente por descendentes de escravos, no século passado foram ocupadas por capixabas por incentivo do governo, e após a construção da Rio Santos atraíram veranistas e trabalhadores da própria obra da estrada, que acabaram se instalando em torno da mesma. Todas as ocupações são irregulares e a tendência vem sendo a retaliação da faixa de domínio do DNER e adjacências em pequenos lotes ocupados por descendentes dos antigos ocupantes e outros trabalhadores do setor de prestação de serviços em Paraty ou no Condomínio Laranjeiras.

Na área mais próxima à praia de Paraty Mirim o Estado despejou em 2002 ocupantes da antiga sede do engenho, de um bar na beira da praia e algumas casas na área onde ainda existem algumas colunas de pedra. Muitos veranistas foram notificados da irregularidade de sua ocupação, mas o Estado ainda não se definiu quanto ao destino e

²⁸ Documentário em 16 mm, duração de 40 minutos, dirigido por Adriana Mattoso em 1980, Prêmio Estímulo da Secretaria de Estado da Cultura (SP)

projeto para a região, fato que deixa esta área em um estado de abandono deplorável por governantes e ocupantes.

Outras fazendas antigas na região são a Itatinga, Rio dos Meros, Caçada, Olaria, Fundão, Boa Vista. O espólio do Sr. Gibrail e a Cia. Agoindustrial Ipê também possuem várias propriedades de porte na região, incluindo grande parte da Ilha do Algodão, várias praias e propriedades rurais na Olaria, Corisco e Boa Vista.

Das 54 ilhas vistoriadas em 2001, apenas 23 estavam desabitadas, mas as 8 restantes são praticamente inabitáveis, com exceção da Ilha do Itu, onde está sendo implantado um loteamento, aprovado anteriormente à criação da APA. Podemos supor que grande parte destas ocupações seja irregular, mesmo porque a maioria delas estava desocupada quando da criação da APA de Cairuçu e Estação Ecológica dos Tamoios. Como o SPU não foi consultado por nossa equipe, faz-se necessário realizar esta consulta para tentar garantir este patrimônio natural e paisagístico que é um dos principais atrativos turísticos da região e vem sendo rapidamente descaracterizado por obras totalmente clandestinas, mas facilmente visíveis.

Após as vistorias e sobrevôos realizados para atualizar a ocupação da APA por edificações, podemos afirmar que, exceto junto aos núcleos dos bairros rurais, às vilas caiçaras e nas imediações da Ponta Grossa, a ocupação existente presume que as posses ou propriedades sejam consideradas como pequenos sítios, sejam de lazer, sejam de produção.

Segundo o Censo 2000 (IBGE), em Paraty existem 264 estabelecimentos rurais com menos de 10 ha, 188 entre 10 e menos de 100 ha, apenas 6 entre 100 e menos de 200 ha, 7 entre 200 e menos de 500, 2 entre 500 e menos de 2000 ha, e apenas 1 com mais de 2000 ha.

VII. Planos, projetos e instituições voltadas para a conservação e o desenvolvimento sustentável de Paraty entre 2000 e 2004

Planos

1. Plano Diretor de Paraty

Revisão do Anteprojeto de Lei do Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado do Município de Paraty, de 1996. Em dezembro de 2002, a Câmara Municipal aprovou parcialmente o documento, estando válidos os instrumentos de gestão administrativos, compatíveis a Lei do Estatuto das Cidades. Está sendo concluídas a revisão do Zoneamento do Município, e as diretrizes de uso e ocupação do solo.

O Plano Diretor de Paraty foi coordenado pela Secretaria de Planejamento do Estado do Rio de Janeiro, e foi realizado pela Prefeitura Municipal, IPHAN, com ampla participação da comunidade.

2. Plano de Manejo do Parque Nacional da Bocaina

Resultou de um convênio entre o Ministério do Meio Ambiente, o IBAMA e a Associação Pró Bocaina, firmado em dezembro de 1996, contando com o apoio da Secretaria do Meio Ambiente de São Paulo, Reserva da Biosfera da Mata Atlântica e Faculdade de Engenharia Civil/ Unicamp. Foi aprovado em 2000.

Para Paraty, está prevista a implantação da Área Específica de Visitação do Caminho do Ouro, na região da estrada Parati/Cunha, AAE Trilhas do Ouro em Mambucaba, e AAE Caxadaço, em Trindade.

Área de Ação Específica de visitação Caminho do Ouro

O objetivo principal é valorizar a história do Caminho do Ouro, a observação da beleza cênica e da fauna e flora locais. As estruturas previstas para visitação pública são:

- ✓ **Centro de Visitantes Vila do Ouro**, na área onde hoje é o Sh Eco;
- ✓ **Portal Caminho para o Passado e Portal das Serras**, na RJ 165 (Paraty/Cunha), junto aos limites do parque, para o controle de visitação e apoio à fiscalização.
- ✓ **Caminho para o Passado** – trecho da RJ 165 que atravessa o Parque;
- ✓ **Centro de Visitantes Cidades e Serras**, no mesmo local;
- ✓ **Trilha dos Sete Degraus**, no caminho de pedra situado no final da estrada da
- ✓ Pedra Branca.

Área de Ação Específica de Visitação do Caxadaço

- ✓ Instalar sinalização nas trilhas de acesso à piscina, Cabeça de Índio, Pedra Que Engole e Trilha do Camburi, como área do PNSB e APA Cairuçu.
- ✓ Elaborar um estudo específico sobre a viabilidade da implantação do Portal Praia de Trindade, Centro de Visitantes, Trilha Costão do Camburi, Trilha Cabeça do Índio, Acampamento, Lanchonete e Casa do Pesquisador.

Área de Ação Específica de Visitação da Trilha do Ouro

Esta área contempla, além dos principais atrativos naturais do PNSB no Estado de São Paulo, os vestígios de uma malha de caminhos e trilhas aberta pelos índios, utilizada depois pelos bandeirantes e posteriormente empregada para o escoamento de ouro e café. O objetivo é mostrar ao visitante a importância histórica da região no processo de interiorização e ocupação do Brasil.

As estruturas previstas para implantação na área do Parque localizada município de Paraty são o Portal Mambucaba, Centro de Visitantes Mambucaba, Trilha da Ponte Suspensa, Escarpas da Serra do Mar, Trilha do Guaripu.

Para a proteção desta região está prevista a implantação da infra-estrutura de administração e fiscalização do PNSB junto à Paraty Cunha, na divisa SP/RJ.

3. Plano Diretor de Desenvolvimento Turístico do Município de Paraty

Elaborado pela Solving Consultoria em Turismo, no ano de 2003, com o apoio da Secretaria de Turismo e Cultura da Prefeitura.

4. Plano de Gestão da candidatura “ A paisagem Cultural de Paraty e o Caminho do Ouro” a Patrimônio Mundial

Para complementar o dossiê da candidatura de Paraty a Patrimonio Mundial, produzido pela Prefeitura de Paraty com o apoio da Vivo, enviado em dezembro de 2003 pelo Itamaraty para apreciação da UNESCO, está sendo elaborado o Plano de Gestão da Paisagem Cultural de Paraty e o Caminho do Ouro.

Projetos

1. Mosaico da Serra do Mar, Bocaina e Baía de Ilha Grande

Articulação em curso entre IBAMA, Instituto Florestal de São Paulo e IEF-RJ para a criação de um Mosaico de Unidades de Conservação formado pelas unidades de

conservação da região, com o objetivo de integrar e articular ações conjuntas para sua proteção e implementação.

2. Horto Botânico

Implantação de Jardim Botânico com viveiro de mudas e atividades de educação ambiental junto à sede do IBAMA em Paraty, no bairro Portal de Paraty. Proposta do IBAMA e da Associação Comercial de Paraty.

3. Projeto Orla - O Projeto de Gestão Integrada da Orla Marítima

Iniciativa do Ministério do Meio Ambiente –MMA, em parceria com a Secretaria do Patrimônio da União – SPU, com interveniência da FEEMA e do IPHAN, e busca contribuir, em escala nacional, para aplicação de diretrizes gerais de disciplinamento de uso do solo e ocupação do solo da Orla Marítima. Desenvolvido em 2003.

Em Parati o projeto se dirigiu para as questões do assoreamento da orla da cidade, regularização fundiária dos terrenos de marinha e urbanização dos espaços livres públicos, de forma que não venham a interferir no sítio histórico urbano e sua paisagem.

4. Geoparaty

Desde 2000 a Secretaria de Finanças e a de Obras vem desenvolvendo o projeto Geoparaty, com a estruturação de um Sistema Geográfico de Informações cadastrais de toda a região urbana compreendida entre o Jabaquara e Ilha das Cobras, objetivando a cobrança de IPTU e a confecção da carta de zoneamento da área urbana, para complementar o Plano Diretor do município.

5. Instalação piloto de recifes artificiais na baía de Paraty

Projeto piloto apresentado em 2004 que visa a instalação de recifes artificiais na baía de Paraty com o objetivo de impedir a pesca de arrasto e atrair espécies marinhas para enriquecimento dos ambientes marinhos, sob responsabilidade da ECOPLAN.

Organizações não governamentais, projetos e iniciativas relevantes

1. Associação de Moradores e Amigos do Saco do Mamangá - AMAM

A AMAM foi criada em 1987, com o objetivo de "promover o desenvolvimento comunitário local, bem como "zelar pela conservação do meio ambiente, fazendo valer a legislação que protege a área em questão".

Suas principais realizações são: o Projeto de Proteção e Gestão Participativa dos Recursos Pesqueiros do Mamanguá, com a implantação dos DEAs – Dispositivos de Contenção da pesca de arrasto de fundo, implantado em 1999, o Curso de Manejo dos Caixetais, em parceria com o LASTROP/ESALQ/USP, o projeto Fazeres de Paraty com exposição do artesanato local no Museu do Catete, no Rio de Janeiro, em 2001, a estruturação de sua sede na praia do Cruzeiro em 2003 e o embargo do empreendimento

Água

Mansa.

Para 2005 a AMAM pretende dar andamento ao projeto piloto de engorda de ostras e estará lançando um panfleto para orientar o tráfego marítimo das lanchas no interior do Mamanguá.

2. Associação de Guias de Paraty

Projeto de Revitalização do Caminho do Ouro

Projeto cujos levantamentos se iniciaram em 2001, implantado entre 2003 e 2004, coordenado pelo administrador da Reserva Ecológica da Juatinga em conjunto com a Associação de Guias de Paraty, patrocinado pelo SEBRAE com o apoio da Prefeitura Municipal de Paraty – Secretarias de Educação e de Cultura, e Turismo.

O objetivo é a revitalização do Caminho do Ouro por meio da sua abertura, limpeza, recuperação e estruturação para fortalecer o desenvolvimento do turismo histórico-cultural na região, possibilitando a operação do Caminho como atividade econômica e sustentável, geradora de emprego e renda. Realizou a limpeza do trecho do Caminho do Ouro situado entre o bairro dos Penha e o limite com o Parque Nacional e vem sendo operado pela Associação de Guias. Sua continuidade, no interior do Parque, depende de autorização do IBAMA.

3. Associação Cairuçu

Organização não governamental formada por condôminos de Laranjeiras, objetiva a conservação e o desenvolvimento sustentável das comunidades do entorno do

Condomínio: Campinho, Patrimônio, Vila Oratório, Sono, Ponta Negra e Trindade.

Programas em desenvolvimento:

Centro de informações: Operacionaliza a sede da Associação Cairuçu como Centro de Referência Ambiental e Turística e disponibiliza este espaço para associações de moradores, visitantes e instituições atuantes na região.

Comunicação: Dissemina informações sobre a região meta e a Associação Cairuçu por meio de folhetos e outros meios.

Turismo: Vem promovendo a capacitação de jovens como monitores ambientais da região, objetivando a organização das atividades turísticas na região meta.

Saúde: Colabora com o Programa de Saúde da Família apoiando logisticamente os Agentes Comunitários de Saúde e as campanhas de atendimento ao usuário.

Reciclar é 10!: Estimula as comunidades para a reciclagem dos resíduos (orgânicos e recicláveis), através de oficinas de reaproveitamento e reciclagem.

Recifes Artificiais: Objetiva a instalação de recifes artificiais (sentinelas e atratores) na zona costeira de Paraty para coibir a pesca predatória de arrasto de fundo e criar novas áreas para a pesca esportiva e para mergulho contemplativo. Este projeto ainda é polemico junto à comunidade local e sua implementação depende da aprovação dos órgãos competentes.

4. Associação Casa Azul

Fundada em 2002, tem por finalidade realizar projetos culturais e educativos, preservar o meio ambiente e promover o desenvolvimento sustentável em Parati. Sua principal realização é a FLIP - Festa Literária Internacional de Paraty, que aconteceu em 2003 e 2004.

5. Associação Cultural de Paraty

Gerencia a Casa da Cultura em parceria com a Prefeitura e Fundação Roberto Marinho.

6. Associação Nhandeva

Formada por um grupo de artistas e índios para apoiar, divulgar, revitalizar e resgatar parte das tradições perdidas dos Índios Guaranis da região de Paraty. Promove oficinas de resgate cultural e apóia o desenvolvimento das aldeias de Paraty, já tendo

gravado um CD de música, organizado workshops de cerâmica, permacultura, bambu, e o apoio à construção de casa de farinha e escola nas aldeias.

7. Atelier Araribá

Promove a capacitação de mão de obra para produção de artesanato local. O projeto conta com uma loja em Paraty, fornece para lojas nos grandes centros e participa de eventos promocionais de artesanato.

8. Base Ecológica da Tarituba

Iniciativa privada que mantém 2 tanques redes e 1 fazenda marinha para criação de mexilhão– projeto demonstrativo e de pesquisa e para educação ambiental.

9. Caxadaço Bocaina Mar

Entidade criada em Trindade que tem como objetivo a valorização da cultura caiçara e a conservação ambiental de Trindade e do Parque Nacional da Serra da Bocaina naquela localidade. Apoia a organização dos barqueiros e surfistas, incentiva a coleta seletiva e a transformação de sucata em arte. Divulga o Parque Nacional em Trindade, protege e conserva limpa a praia do Caxadaço. Em 2002 iniciou a recuperação de uma casa caiçara para implantar a Casa de Cultura Caiçara, mas foi embargada pelo IBAMA por estar situada no interior do Parque Nacional e não ter sido solicitada licença ou parceria para viabilizar sua implementação .

10. CELAVI - Centro Educacional Leonardo da Vinci

Promove projetos de desenvolvimento artístico cultural, com reciclagem de materiais para criação artística e educação ambiental, junto à rede pública de escolas de primeiro grau. Em 2003 montou a peça educativa “A princesa, o sapo e o lixo”, apresentada em várias comunidades caiçaras com o apoio da Fundação SOS Mata Atlântica e Harmonia Global.

11. COMAMP - Conselho Municipal das Associações de Moradores de Paraty

Congrega 33 Associações de Moradores de Paraty. Seu principal foco é a elaboração do orçamento participativo e a articulação de projetos comunitários, principalmente voltados ao agro ecoturismo. Publica a Folha do Litoral desde 1999, de distribuição gratuita e mobiliza o Fórum DLIS.

12. Conselho Administrativo da Paróquia – CAPES

Organiza e promove as celebrações religiosas, em especial a Festa do Divino Espírito Santo, Festa de Santa Rita, Festa de São Benedito, Semana Santa, dentre outras.

13. ECOFORT

Apoio à informação e conscientização dos visitantes de Trindade por meio de folhetos e da operação de um quiosque da prefeitura na entrada da vila de Trindade.

14. Espaço Cultural Paraty

ONG ligada ao Teatro Espaço de Paraty, que desenvolve projetos e atividades de turismo sustentável ligadas ao Caminho do Ouro. Projetos:

Sítio Histórico-Ecológico Caminho do Ouro - Sh-Eco

O Sh Eco é um projeto cultural criado em abril de 1999, localizado no interior do Parque Nacional da Serra da Bocaina, que busca preservar e conservar o patrimônio histórico e natural contido no Caminho do Ouro, informando os visitantes por meio de sinalização interpretativa, exposições, folhetos informativos e guias especializados. Busca também um nível mínimo de sustentabilidade através de uma infra-estrutura de atendimento turístico.

Paraty – Registro do Caminho do Ouro

Realizado em 2002 com o apoio do IPHAN e patrocínio da Petrobrás. Constou da limpeza e desobstrução de um trecho de 800m do Caminho do Ouro encoberto pela mata. Foram realizadas prospecções arqueológicas da Casa do Regimento do Registro Geral. Paralelamente foram realizadas ações de cunho social e educativo como “Escolas no Caminho do Ouro”, que teve como público alvo as escolas públicas do Município. O aprofundamento da pesquisa histórica culminou na publicação do livro A História do Caminho do Ouro em Paraty, lançado em maio de 2003.

Projeto Museu Aberto do Caminho do Ouro

Desdobramento do Projeto do Sítio Histórico e Ecológico do Caminho do Ouro - Sh-eco, que prevê a montagem de exposições temáticas relacionadas com a Mata Atlântica, a cultura tropeira, a Casa de Registro e a engenharia de construção do Caminho, bem como

a limpeza de mais um trecho do caminho do Ouro no Sítio. Os projetos do Sh Eco ainda dependem de regularização junto ao IBAMA, à luz da legislação que rege os parques nacionais.

A História do Caminho do Ouro em Paraty

Exposição composta por mapas históricos, painéis de Rugendas e Thomas Ender, miniaturas, vitrines, cenários, objetos e outras informações visando traduzir a riqueza dos diversos momentos do Caminho do Ouro em Paraty.

15. Fórum DLIS de Desenvolvimento Local, Integrado e Sustentável de Paraty

Elaboração, em 2000, de um Plano de Desenvolvimento Local Integrado e Sustentável de Paraty por um grupo de representantes dos vários setores e instituições interessadas. O Plano elegeu a atualização e regulamentação do Plano Diretor, bem como a implantação do saneamento básico e da coleta seletiva de lixo como prioridades. O Fórum tem promovido reuniões para apresentação e discussão de projetos e propostas de interesse para o desenvolvimento sustentável de Paraty.

16. Fundação Margareth Mee

Instalação de energia solar residencial para os moradores da comunidade caiçara da Ponta Negra e construção dos Centros de Informação Caiçara na Ponta Negra e na praia do Sono.

17. Fundação Roberto Marinho

Realização do Seminário “**Paraty – Planejamento e Patrimônio Mundial**” – em conjunto com a Prefeitura Municipal, o IPHAN e o Comitê Executivo Pró-Unesco em dezembro de 2000.

Casa da Cultura de Paraty – Restauração e implantação, em parceria com a Prefeitura nos anos de 2003 e 2004, de um Centro de Referências Culturais, com exposição multi mídia sobre a história e a cultura de Paraty, livraria, sala de exposições, loja, auditório e terminais de computadores onde o turista pode explorar o potencial turístico da região.

18. Fundação SOS Mata Atlântica

Coordenou o Projeto Cairuçu, que resultou na elaboração do Plano de Manejo Ambiental da APA de Cairuçu, em parceria com IBAMA, IEF e Prefeitura. Entre 1999 e 2003, desenvolveu atividades como a capacitação ambiental de professores que lecionam na região da APA, a capacitação de lideranças, o apoio a ONGs locais e a coleta seletiva de lixo em várias comunidades (Trindade, Sono, Pouso, Campinho, Ilha do Araújo, Ponte Branca), por meio do projeto Jogue Limpo Cairuçu, além da doação do viveiro Jequitibá ao Município, instalado junto ao Horto Municipal, para apoio a atividades de educação e recuperação ambiental. Coordenou ainda o projeto e a implantação do Centro de Informações Turísticas e Ambientais do Cairuçu.

19. Goura Vrindávana

Comunidade Sustentável & Ashram Hare Krishna localizado nas proximidades do Parque Nacional da Serra da Bocaina, produz e comercializa banana passa, melado, enquadrando-se como comunidade alternativa, aberta a estágios voluntários e à hospedagem comercial de turistas.

20. IDACO/EMBRAPA/UFRRJ

O IDACO, em parceria com o grupo de Agroecologia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e pesquisadores do Centro Nacional de Agrobiologia da EMBRAPA, vem desenvolvendo várias atividades visando a implantação de sistemas agroflorestais em Paraty, desde os projetos demonstrativos de agrofloresta até cursos de capacitação em organização comunitária e manejo agroecológico, promovendo intercâmbio entre produtores de Paraty e outras localidades. A prefeitura participava desta iniciativa por meio da manutenção de um engenheiro agrônomo residente, da UFRRJ, e que coordenava as atividades do Horto Florestal, incluindo o viveiro Jequitibá, doado pela Fundação SOS Mata Atlântica com recursos da Sorriso Herbal.

21. Grupo Araçari

ONG de Paraty cuja principal atividade é o apoio na organização do Festival de Cultura Negra realizado anualmente no Quilombo do Campinho. Participa da proposta de criação do Horto Botânico junto à sede da APA de Cairuçu.

22. Instituto Arruda Botelho

Projeto Tanques Rede – Instalação de 25 tanques rede para engorda de peixes e absorção de restos orgânicos na Ilha do Algodão, Ilha do Araújo, Ilha Rasa, Saco do Mamanguá, Ponta da Juatinga

23. IEL – Instituto Escolar Laranjeiras

Entidade formada por condôminos de Laranjeiras, que objetiva a melhoria das escolas da região de influência do Condomínio, vem captando recursos para a melhoria das escolas da Vila Oratório, Patrimônio, Campinho, Sono, Ponta Negra, promovendo reformas nos prédios, cursos para professores, instalando computadores e quadras esportivas.

24. Instituto Histórico Artístico e Cultural de Paraty

Responsável pela guarda da documentação pertencente ao Poder Executivo Municipal e a Biblioteca Fabio Villaboim, que contém dentre outros, estudos, teses e monografias relativas à Paraty. Instalação de fazendas marinhas para criação de mexilhão na Ponta Negra e Ponta da Juatinga

25. SEBRAE

Implementou o Fórum DLIS e apoiou o Projeto de Revitalização do Caminho do Ouro entre outras iniciativas de capacitação profissional e para a promoção de emprego e renda, como a capacitação dos produtores de cachaça por exemplo.

26. Verde Cidadania

ONG com sede no Rio de Janeiro. Presta assistência jurídica a caiçaras envolvidos em conflitos pela posse da terra e promove o apoio e a divulgação da cultura caiçara na região da Reserva Ecológica da Juatinga.

VIII - Autodiagnóstico e Recomendações das Comunidades

Estas propostas foram definidas nas reuniões de autodiagnóstico e planejamento, realizadas nas principais comunidades da APA de Cairuçu entre 2000 e 2001. O número de participantes variou entre um mínimo de 12 (Currupira, Cruzeiro, Boa Vista) e um máximo de 200 (Trindade), com uma média de participação em torno de 15 e 25 pessoas (Ponta Negra, Ilha do Araújo, Pouso, Cabral, Campinho) e mais de 40 (Paraty Mirim, Corisco, Patrimônio, Trindade, Sono).

Nas comunidades onde não foram realizadas reuniões procuramos resumir os principais entraves ao desenvolvimento sustentável e à melhoria de qualidade de vida dos seus habitantes, baseados nas entrevistas com lideranças, visitas e vivência nestes locais.

A maior parte destas ações não diz respeito à competência legal do IBAMA na gestão das Áreas de Proteção Ambiental, e sua implementação depende mais de atividades regulamentadas e ou desenvolvidas pela prefeitura, ou até mesmo pelas próprias comunidades.

As atividades que o IBAMA considerou como sendo parte de sua missão e competência estão no capítulo “Áreas Estratégicas”, e aquelas que dizem respeito ao uso do solo foram incluídas no capítulo de Zoneamento da APA.

Problemas enumerados no bairro do Corisco em reunião com Prefeito, comuns nas outras comunidades

- ◆ Crescimento desordenado do espaço urbano/loteamentos clandestinos
- ◆ Falta d'água (na verdade, falta de um sistema de distribuição e armazenamento)
- ◆ Coleta de lixo irregular (na verdade em geral a coleta ocorre somente em 1 ou 2 dias da semana)
- ◆ Posto de saúde desativado
- ◆ Horários de ônibus insuficientes ou transporte coletivo inexistente

- ◆ Necessidade de abrigos para passageiros dos ônibus
- ◆ Inexistência de telefonia
- ◆ Manutenção das estradas
- ◆ Esgoto no rio
- ◆ Não existem áreas de lazer (acreditamos ser quadras esportivas)

Trindade

Problemas

- ◆ Posto policial inexistente (foi implantado em 2003 com apoio financeiro do Condomínio Laranjeiras)
- ◆ Falta de colaboração no mutirão da rede de água
- ◆ Melhoria da captação e distribuição de água – resolvido em 2003
- ◆ Falta d'água na temporada – não deve ocorrer tão cedo
- ◆ Esgoto na rua
- ◆ Esgoto no rio polui praia do meio
- ◆ Cheiro ruim nas cachoeiras
- ◆ Rede de esgoto inacabada
- ◆ Lixo para fora em dias que não tem coleta
- ◆ Cemitério usado como lixo e banheiro pelos turistas
- ◆ Retirada de terra no morro antes da vila
- ◆ Poluição visual na estrada
- ◆ Falta de sinalização na estrada
- ◆ Lixo na estrada
- ◆ Caminhões muito pesados na estrada
- ◆ Som alto nos bares e nos automóveis
- ◆ Ninguém dorme por causa do som alto em alguns bares
- ◆ Não existe padrão nas construções
- ◆ Dois andares nos ranchos
- ◆ Altura e tamanho dos decks na praia
- ◆ Difícil acesso à praia dos ranchos
- ◆ Passagens entre os ranchos ocupadas por novos bares
- ◆ Muros construídos na praia dos ranchos

- ◆ Muros sem verde na vila
- ◆ Desmatamento
- ◆ Ambulantes espalhados - (já foi criado um espaço exclusivo para eles)
- ◆ Excesso de gente nos feriados
- ◆ Mau uso dos terrenos comunitários
- ◆ Retirada de pedra e areia das cachoeiras e da praia
- ◆ Descaracterização do Parque Nacional na Praia do Meio
- ◆ Excesso de gente e de óleo na piscina natural do Caxadaço
- ◆ IPTU/Taxa de lixo altos
- ◆ Posto de saúde fechado
- ◆ Não há transporte escolar (resolvido)
- ◆ Ruas fechadas
- ◆ Não há quadras nem espaço comunitário
- ◆ Cachorros soltos
- ◆ Lixo no rio
- ◆ Camping da praia do Meio
- ◆ Favelização (cachoeira/canto do sabiá)
- ◆ Perda de autoridade sobre os quintais onde se permite camping
- ◆ Drenagem de águas pluviais insuficiente

Recomendações

Qualidade de vida

- ◆ Mais espaços de uso público: quadras, escolas, parques, etc;
- ◆ Ônibus para transporte dos estudantes;
- ◆ transporte coletivo – já se concretizou;
- ◆ posto policial – já se concretizou;
- ◆ Fiscalização para controlar velocidade dos veículos;
- ◆ Sinalizar curvas da estrada com espelhos;
- ◆ Instalar viveiro de mudas – escola vivenciada
- ◆ Coleta Seletiva e Reciclagem;
- ◆ Conclusão da Rede de Esgoto;
- ◆ Sinalizar a poluição da Barra do Rio para incentivar sua despoluição;

- ◆ Despoluição dos rios;
- ◆ Fazer painel informativo com listagem dos que despejam esgoto no rio
- ◆ Melhoria e duplicação da rede de distribuição de água (já melhorou);
- ◆ Promover o tratamento da água

Controle e monitoramento

- ◆ Estabelecer limites para a quantidade de ônibus de turismo;
- ◆ Proibir o estacionamento de ônibus no entroncamento trindade/Laranjeiras pois o público que vem neles não interessa mais;
- ◆ Definir tonelagem máxima permitida para veículos de carga;
- ◆ Estabelecer dias e horários para tráfego de caminhões perto e durante feriados;
- ◆ Taxar circulação de veículos de outros municípios e caminhões de entrega para viabilizar a manutenção da estrada e implantação do Parque;
- ◆ Trocar adesivos por uma taxa de manutenção;
- ◆ Continuar monitoramento do trânsito que vem sendo realizado nos feriados com bons resultados;
- ◆ Definir locais para estacionamentos;
- ◆ Definir local para os ambulantes (resolvido)
- ◆ Cobrança de pedágio nos grandes feriados;
- ◆ Propaganda proibida ao longo de toda a estrada;
- ◆ Fiscalização local com participação da comunidade;
- ◆ Cachorros de turistas só na coleira

Praia do Meio

- ◆ construção de galpão para apoio à pesca e barqueiros de turismo
- ◆ Fechamento do Camping pois abriga público desqualificado e não traz nenhum benefício à comunidade
- ◆ Transformar em área de quiosques/churrasqueiras
- ◆ Centro de Visitantes
- ◆ Praça da comunidade
- ◆ Praça de eventos

◆ Área de Lazer da comunidade

Praia do Sono

Resumo das reuniões de auto diagnóstico realizadas no Sono e na Ponta Negra. No Sono ela ocorreu na escola em outubro de 2000' com 90 participantes e a presença do prefeito recém eleito.

Pontos Positivos

- povo do Sono
- praia boa
- cachoeira limpa
- amendoeiras da beira da praia (sombra e frescor)
- poço do jacaré
- várias trilhas (Cairuçu, Ponta Negra, canto bravo, da espia
- acesso por Laranjeiras
- estrada do Gibrail
- liberdade, paz, tranqüilidade
- peixe, cerco, canoa
- igreja
- reserva da Juatinga
- resistência da comunidade
- Associação de Moradores
- Escola
- coleta seletiva de lixo.

Problemas

- inexistência de estrada
- especulação imobiliária (venda de terras para gente de fora – preocupação com o futuro dos adolescentes e caiçara)
- volta das pessoas que saíram e tomaram novas terras
- acampamento na praia deixa muito lixo
- roubo durante o feriado (gente de fora)

- tratamento de água, falta de banheiro, saneamento básico
- dificuldade de comunicação (hoje já tem um orelhão)
- energia elétrica – foram instalados painéis para captação de energia solar na escola
- pouca participação nas reuniões da Associação de Moradores
- manutenção das trilhas.

O que foi feito para melhorar

- Coleta Seletiva de Lixo
- luz solar na escola
- trabalho de conscientização sobre drogas e lixo
- organização da escola
- hortas na escola e comunidade
- biblioteca na escola
- 11 (onze) camping estruturados
- transporte da merenda, material didático e sucata, através de barco contratado pela prefeitura
- curso de ervas medicinais

Recomendações da comunidade

As recomendações incluem propostas de ação da reunião de planejamento, excluídas as definições para uso do solo, que foram incorporadas ao zoneamento

- ◆ Estrada organizada
- ◆ Fazer estacionamento no alto da estrada para os carros de turistas, não podendo os mesmos chegarem até a praia, salvo carro da Associação e ou emergência;
- ◆ manutenção do caminho
- ◆ placa na praia dos Antigos proibindo acampamento
- ◆ cobrança de taxa de R\$ 1,00 (um real) dos visitantes para manutenção da limpeza
- ◆ implantação de saneamento por meio de convênio com FUNASA

- ◆ Projeto Luz no Campo
- ◆ listagem das autorizações para construir ficar com a Associação para que todos saibam quem solicitou
- ◆ Quem vendeu posse de moradia não pode alegar direito em outra posse que seria de lavoura;
- ◆ Estruturação dos campings para melhor receber os turistas;
- ◆ campanha de conscientização para não permitir acampamento na praia

Ponta Negra

Reunião em junho de 99, com 15 adultos e muitas crianças...

Pontos positivos para viver no local

- Sossego
- água boa
- pesca em abundância
- terra para plantar
- local para construir suas casas

Problemas atuais

- A pesca está muito fraca
- não se pode mais fazer roça, a não ser com autorização do João “Bee”(administrador da REJ).
- Dificuldade de transporte para servir a comunidade

Recomendações

- ◆ banheiros para todos para não poluir os rios
- ◆ Mais participação dos moradores na associação
- ◆ Lancha para atender a comunidade

Cairuçu das Pedras, Saco das Enchovas e Ponta da Juatinga

Nesta área não foram realizadas reuniões, apenas a aplicação de questionários familiares e contato com lideranças locais.

Problemas

- Inexistência de saneamento básico;
- Escola somente na Juatinga, de acesso difícil para os moradores do Saco das Enchovas e Cairuçu das Pedras;
- Não há destinação para o lixo;
- Quando o mar está bravo as comunidades ficam isoladas;
- Roubo de palmito por estranhos;

Recomendações

A principal reivindicação da comunidade da Ponta da Juatinga é a construção de um cais para atender a comunidade, que vive essencialmente de pesca e tem no mar sua única via de acesso.

- garantir estudo para as crianças do Saco das Enxovas e Cairuçu das Pedras, instalando uma pequena escola em uma delas.

Cajaíba

Pontos positivos

- Lula no verão, camarão, pitu, polvo, lagosta, peixe, etc.;
- Turismo no verão;
- Cachoeira, mar, praia e rio;
- Comidas típicas;
- Artesanato local;
- Festa de São Sebastião;
- Sossego, tranqüilidade, paz;
- Roça, mandioca, farinha, feijão, milho, cana, etc.;
- Pesca artesanal e embarcada;

- Floresta, caça, palmito, árvore para canoa e remo;
- Associação de moradores;
- Água e ar puros;
- Frutas do mato;
- Segurança pessoal;
- Povo do lugar, amigos e companheiros, caxiobanos.

Problemas

- Lixo – acúmulo na comunidade;
- Saneamento básico – despejo de efluentes domésticos diretamente no rio;
- Transporte de emergência – não existe;
- Posto de saúde do Pouso – fechado há 5 anos;
- Não há transporte coletivo para as comunidades;
- Não há manutenção na captação da água que serve os moradores;
- Não existe energia elétrica nas comunidades;
- Cemitério abandonado;
- Caminhos acidentados – difícil para os idosos e doentes;
- Turismo desordenado – barracas espalhadas e nudismo impróprio no Pouso;
- Falta de água na Juatinga;
- Falta de união dos moradores da Juatinga;
- Não existe escola na Praia Grande;
- Não existe posto de saúde na Praia Grande;
- Dificuldade de embarque e desembarque no Pouso e na Praia Grande;
- Praia Grande não pode trabalhar com barracas na praia;
- Filhos nativos não podem construir na Praia Grande;
- Conflito de posse na Praia Grande: não assinaram documento e não podem exercer direitos de posse;
- Problema fundiário com sobreposição de documentos no Pouso e na Ipanema;
- Furtos, falta de segurança e drogas no Pouso;
- Caiçara não pode construir, IEF não deixa.

Ações em curso para melhorar

- Mutirão coletivo de limpeza;
- Passarela e ponte sobre os rios;
- Agente comunitário local;
- Formação da associação de Moradores.

Recomendações da comunidade

- Selecionar o lixo, queimar, fazer aterro, transportar para Paraty;
- Construção de fossas sépticas;
- Embarcação coletiva uma vez por semana;
- Agente de saúde para reabrir o posto;
- Regulamentar camping para a Associação de Moradores;
- Zelador para cuidar do caminho, da escola e da praia;
- Mutirão para limpar a comunidade e o caminho;
- Barqueiros que trazem turistas devem ajudar a levar embora a sucata
- Banheiro público no Pouso e na Praia Grande;
- Energia solar ou hidráulica para as comunidades.

Apesar do estímulo à coleta seletiva de lixo por meio do projeto Jogue Limpo Cairuçu ter começado no verão de 2000 e continuado nos verões de 2001 e 2002, somente no verão de 2003 a comunidade se mobilizou como um todo e os resultados foram mais concretos. Nas comunidades de Calhaus e Praia Grande, onde atuamos somente no verão de 2003, os resultados foram imediatos. Atualmente é visível a diferença da situação da disposição do lixo na praia do Pouso (novembro de 2003).

Saco do Mamanguá

As questões colocadas em seguida são resultado de 2 reuniões no Saco do Mamanguá – uma no Currupira, com 16 moradores, e outra no Cruzeiro, com 15 moradores.

Pontos Positivos

- Água boa e com fartura
- tranqüilidade local
- liberdade para trabalhar
- gente boa e unida
- segurança do lugar
- lugar bom de viver
- associação de moradores atuante.
- material de trabalho (caxeta, palha de coco preto, cipó, etc.)
- lugar de comer bem, muita riqueza natural (peixe, marisco, camarão, ostra, siri, lula, etc.)
- pesca boa, principalmente após a implantação do projeto de proteção dos berçários marinhos;
- praias para lazer limpas e de águas tranqüilas
- cachoeiras maravilhosas
- turismo gerando emprego e consumindo produto local, tais como: artesanato e pesca
- apoio no transporte por parte dos veranistas.

Problemas

- Não há assistência à saúde em todo o Mamanguá, o posto do Cruzeiro está fechado há muito tempo
- não há coleta de lixo
- escola só até a 4ª série, fica muito difícil um aluno sair daqui para prosseguir nos estudos na cidade
- professoras faltam muito
- contrato precário do professor
- população do Baixio sem banheiro
- projeto de saneamento básico prometido por um vereador e não houve nenhum retorno, segundo o Presidente da Associação foi promessa política

- ônibus irregular em Paraty-Mirim, se chove não tem, fica por conta do motorista
- não há saneamento básico
- caranguejeiros de fora estão acabando com os animais no mangue
- arrastão continua entrando na área proibida
- não existe condução marítima para os moradores
- comunicação precária através de rádio
- existe informações que tem gente querendo fazer Marina aqui e isso pode prejudicar a pesca e a tranquilidade do lugar, sem contar com a poluição marinha.

Ações Realizadas para melhorar

- Atuação da Associação de Moradores e Amigos.
- Projeto de proteção da pesca artesanal do Saco do Mamanguá
- dentista da colgate que atendeu durante 3 meses no Paraty-Mirim inclusive os moradores do Mamanguá
- reforma da Escola do Currupira
- energia solar na Escola do Cruzeiro, condição para que a escola possa ser usada a noite (Instituto de Energia Eletrônica da USP)
- curso de alfabetização para adultos – AMAM – PUC – RIO
- curso de manejo de caxeta – ESALQ
- pressão da Associação de Moradores junto à Prefeitura para que a agente de saúde seja contratada.

Recomendações

- Funcionamento do posto de saúde
- Mais fiscalização dos caranguejeiros e dos arrastões
- Moradores não transportarem mais os caranguejeiros.
- Fim do arrastão
- visita médica quinzenal
- professores cumprirem horário de trabalho
- priorizar contratação de professor morador local
- doação de material para se fazer banheiro em sistema de mutirão

- transporte público pago (barco)
- comunidade ter um barco em parceria com um barqueiro com capacidade para 10 passageiros

Fundo do Saco do Mamanguá – Currupira

- ◆ Criadouro de peixe – área protegida, com acesso restrito
- ◆ Reserva extrativista de caixeta
- ◆ Coleta de caranguejo e ostras somente pela comunidade

Paraty Mirim

Foram realizadas 2 reuniões do Plano de Gestão, e um grupo de veranistas liderou a elaboração de uma proposta para a área.

Pontos positivos

- Igreja mais antiga de Paraty
- Patrimônio arquitetônico colonial (ruínas)
- Berço de Paraty
- Criadouro de peixe e camarão
- Grande potencial turístico
- Praia limpa
- Preservação da Natureza
- Água boa tanto salgada quanto doce
- Paraíso natural
- Lugar seguro
- Caiçara companheiro
- Associação de Moradores aberta para os veranistas
- Entrosamento da comunidade
- Aldeia Guarani
- Bom lugar de pesca e mergulho.

Problemas

- Coleta de lixo não funciona direito

- lixo que vem misturado do Mamanguá é deixado no cais local.
- Água parada em frente a praia dando mau cheiro e pode causar doença
- Erosão da praia causada pela foz do rio e águas pluviais
- Lançamento de esgoto na lagoa
- Insuficiência de emprego na localidade
- Deficiência do serviço de transporte coletivo
- Cães soltos na praia causando problemas de saúde
- estrada sem conservação (já foi em parte asfaltada)
- Dificuldade para pagar o IPTU
- Inexistência de soro antiofídico em Paraty
- Posto de saúde fechado
- Leishmaniose na comunidade
- Verbas destinadas para Paraty-Mirim não chegaram
- Moradores são posseiros e não há definição sobre este problema por parte do ITERJ
- Dificuldade em obter estrutura das posses pois todas as terras são do Governo
- Energia elétrica promessa antiga até agora nada resolvido
- rio transborda em dois pontos para estrada (o prefeito desviou o rio)
- Despejo de terras na cabeceira do rio
- Trevo sem manutenção e sinalização
- Pesca de Arrasto de fundo dentro da Área de Preservação de Paraty Mirim;

Recomendações da primeira reunião

Qualidade de vida

- Caçamba para coleta de lixo – foi instalada
- Coleta seletiva de lixo – não deu certo¹

¹ Paraty Mirim foi o local onde o Projeto Jogue Limpo Cairuçu não teve efeito. No começo houve empolgação, mutirões de limpeza e construção do galpão de sucata, mas a comunidade é dispersa espacialmente, a escola fica no meio da estrada...não deu certo mesmo.

- Carroça para coleta seletiva de lixo
- Funcionário para limpar a praia e colaborar com o projeto de coleta seletiva de lixo
- Mais lixeiras na praia
- Abertura e funcionamento do posto de saúde com contratação de agente local
- Melhorar a administração da água (distribuição)
- Dragagem da boca do rio para acabar com a lagoa e permitir maior escoamento das águas pluviais e do rio
- Melhoria da estrada sem asfaltamento – os pontos mais críticos foram asfaltados
- Energia elétrica, pequena hidrelétrica, o rio tem queda suficiente – foi instalada energia elétrica
- Reconstrução do cais local

Meio Ambiente e patrimônio histórico

- Fiscalização da pesca ilegal
- Plantio de palmito para garantir emprego para os mais novos
- Restauro dos monumentos históricos
- Trazer de volta a santa e o canhão que pertencem à comunidade

Turismo

- Maior divulgação de Paraty-Mirim em Paraty
- Melhorar as condições do bairro para atrair os turistas
- Proibição do camping selvagem – associação resolveu
- Banheiro público para os turistas
- Estacionamento gerenciado pela Associação

Propostas de comissão organizada para contribuir com o Plano de Gestão

- Garantir a participação ativa da comunidade nas decisões que afetam a região;
 - Promover a preservação da natureza, o uso racional dos recursos da terra e do mar e reflorestamento, com espécies nativas onde necessário;
 - Melhorar os equipamentos sociais e serviços, de modo a assegurar o pleno atendimento à população local e visitantes.
-
- Criar um Conselho de Planejamento de Paraty-Mirim composto por moradores e membros da sociedade civil. O primeiro projeto será o desenvolvimento de projetos unifamiliares de até 50 m² de área útil, conforme Plano Diretor de Paraty.

“O grupo técnico será encarregado de analisar todo novo projeto arquitetônico, conforme diretrizes ora colocadas. Serão analisadas as soluções propostas para implantação das edificações, disposição de esgotos e ocupação física das construções em relação ao terreno. Tanto quanto possível, a comissão deverá sugerir partidos arquitetônicos que não destoem do usualmente adotado (resquícios de partidos artísticos coloniais ou tradições caiçaras), procurando orientar os novos projetos conforme uma linguagem sincrônica com a história e cultura locais.”

Estacionamentos –De acordo com a nova implementação de uso da faixa litorânea da praia de Paraty Mirim, o estacionamento de automóveis será comum e gerido pela associação de moradores. Não serão permitidos usos desta faixa de forma conflitante com a maneira estipulada pela associação junto aos órgãos municipais.

Recomendações da equipe

Consideramos que a ocupação da área está consolidada e há interesse dos seus ocupantes em permanecer e cuidar do lugar.

- Como a área esteve abandonada pelo Estado por tanto tempo, caberia a realização de um seminário de planejamento específico para equacionar sua destinação pelo Estado, de forma transparente e participativa;
- As áreas ocupadas poderiam ser avaliadas e um preço justo seria estipulado para viabilizar a regularização da situação dos ocupantes que não estiverem instalados em áreas legalmente protegidas pelo código florestal. O pagamento seria parcelado e um fundo seria criado para a gestão e conservação da própria área, incluindo o casarão, a igreja e as ruínas, a ser gerida por uma OSCIP em parceria com o Estado, a prefeitura e o IBAMA, com participação do IPHAN.
- Como já foi colocado na Matriz de Planejamento, o casarão deverá ser restaurado e transformado em uma base do IEF, incluindo um Centro de Visitantes e um espaço comunitário.

Ilha do Algodão, baía da preguiça até praia da Conceição

Recomendações (da equipe)

- Instalação de energia solar para a comunidade caiçara da Ilha do Algodão;
- Melhoria da captação e distribuição da água, com eventual captação alternativa das águas pluviais;
- Instalação de banheiros e fossas nas moradias;

Marinas/ Boa Vista

Resultados da reunião realizada com os responsáveis pelas marinas do bairro em 2001.

Pontos Positivos

- ◆ Local abrigado para fundeio de embarcações
- ◆ Acesso fácil pela BR e próximo à cidade
- ◆ Calado em torno de 3 m
- ◆ Infra estrutura urbana – luz, telefone, coleta de lixo, transporte coletivo

- ◆ Posto da Polícia Rodoviária
- ◆ Bela vista
- ◆ Relativamente tranqüilo

Problemas

- ◆ Falta d'água
- ◆ Lixão em local totalmente inadequado: mosca, mau cheiro, fumaça, catadores de lixo, ruim para a imagem da cidade, agressão à paisagem, contaminação do manguezal
- ◆ Lixeiras sujas na beira da estrada
- ◆ Lixo que transborda dos caminhões da prefeitura
- ◆ Água do mar poluída pelos efluentes da cidade
- ◆ Lixo inorgânico que chega na orla
- ◆ Queimadas na beira da estrada e no morro da Boa Vista
- ◆ Belvedere abandonado
- ◆ Ponto de recepção de barcos roubados junto à área do Carlos Borges (atualmente ocupada pelo Porto Imperial)
- ◆ Dificuldade de aprovação de obras (muitos órgãos que não atuam integradamente)
- ◆ Abuso de autoridade no comportamento dos policiais rodoviários que realizam vistorias nos veículos com resultados escusos

O que se faz para melhorar

- ◆ Formação da Associação dos operadores de marinas
- ◆ Projeto de Recuperação do lixão em tramitação no Ministério do Meio Ambiente (R\$ 1,5 milhões) – IBAMA já indicou 10 possíveis áreas para um aterro sanitário, e a Prefeitura afirma que está em busca de outro local (a verba não foi liberada por problemas burocráticos, dentre os quais a titularidade da área que não pertence à prefeitura)
- ◆ SOS Mata Atlântica propõe balcão único para licenciamento integrado
- ◆ O então Secretário do Meio ambiente do município afirmou que isto proposta neste sentido estaria em andamento no Estado para atender a macroregião da Baía da Ilha Grande

Recomendações

- ◆ Captação de água na área dos herdeiros do Gibrail, onde é abundante: marinas podem se cotizar para colocar a idéia em prática;
- ◆ Melhorar disposição do lixo na beira da estrada – incentivar coleta seletiva nas embarcações;
- ◆ Possibilidade de dragagem para manter calado caso necessário;
- ◆ Definição do ângulo de alinhamento das poitas em relação às divisas existentes;
- ◆ Solicitar à Capitania a definição da área limite para poitas e trapiches ou cais flutuantes, em função da navegabilidade do fundo da baía;

Corisco

Pontos Positivos:

- ◆ Rios e Mata Atlântica
- ◆ produção de cachaça
- ◆ Existência da Associação de Moradores
- ◆ Acesso relativamente bom da cidade para o Corisco
- ◆ produção agrícola
- ◆ sossego e tranqüilidade
- ◆ escola pólo com 1 professor para cada série
- ◆ Projeto Vivendo com a Mata
- ◆ engenhos e casa de farinha movidos a água
- ◆ sítios de lazer geram emprego
- ◆ Plano de Gestão em discussão
- ◆ retirada de cascalho só para uso da comunidade
- ◆ início de coleta seletiva de lixo pela associação de Moradores
- ◆ Entidades que vem dar apoio ao Bairro

Problemas

- ◆ escola pólo distante
- ◆ escoamento da produção agrícola precário
- ◆ loteamento clandestino
- ◆ escola do Coriscão fechada, prédio se deteriorando
- ◆ energia elétrica precária
- ◆ lixo nas cachoeiras
- ◆ estrada do Corisquinho e Coriscão são precárias
- ◆ crescimento desordenado do Bairro
- ◆ retirada de areia, pedras e cascalho
- ◆ corte ilegal de madeira

Recomendações da comunidade

- ◆ Desenvolvimento de alguma atividade no prédio da Escola do Coriscão / complementação da rede elétrica
- ◆ programa de saúde
- ◆ manejo do palmito
- ◆ saneamento básico
- ◆ galpão para armazenar sucata.

Recomendações da equipe

- ◆ Fiscalização da prefeitura para evitar a proliferação de loteamentos clandestinos e a comercialização de lotes com tamanho abaixo daquele definido pelo zoneamento da APA;

Cabral

Nenhum dos participantes da reunião no Cabral em maio de 2001, com a presença de 20 moradores, sabia que o bairro faz parte da APA de Cairuçu.

Pontos Positivos

- ◆ Sossêgo
- ◆ não tem conflito de terra

- ◆ água boa com pequenas cachoeiras
- ◆ ar bom
- ◆ respeito entre as pessoas
- ◆ bom para plantar (rama, banana, cana de açúcar, milho, feijão)
- ◆ 7 casas de farinha
- ◆ 1 escola de 1º grau,
- ◆ 1 alambique de pinga da Coqueiro
- ◆ cachoeira do Ronca
- ◆ muita gente trabalha fora em construção civil e outros trabalham no Condomínio Laranjeiras.

Problemas

- ◆ Ônibus não entra na comunidade
- ◆ estrada de terra fica ruim quando chove
- ◆ falta de assistência médica
- ◆ doença de galinha e leishmaniose
- ◆ não tem luz elétrica mas isso não preocupa muito.

Ações para melhorar

- ◆ Associação de Moradores recém criada
- ◆ Construção da Igreja Católica
- ◆ Assembléia de Deus em construção
- ◆ Melhoria do lixão (diminuiu a mosca na comunidade)
- ◆ Melhoria da estrada.

Recomendações

- ◆ Coleta seletiva (já iniciou)
- ◆ Galpão de sucata
- ◆ atendimento médico no bairro
- ◆ linha de ônibus
- ◆ instalação de luz elétrica

- ◆ reforma da ponte grande e construção de mais 3 pequenas pontes, zoneamento para definir as áreas de capoeira, áreas de roça e áreas de mata virgem

Recomendações da equipe

- ◆ Utilização da escola desativada do rio dos Meros para fiscalização ambiental e base de pesquisas objetivando aumentar o conhecimento da área e desestimular a caça.
- ◆ Recuperação do engenho do sertão dos Meros e implementação de projeto ecoturístico, pois a área oferece elementos para esta atividade;
- ◆ Recuperação das caixas de empréstimo na rodovia Rio Santos, próximas à curva da Itatinga;

Patrimônio

As reuniões do Plano de Gestão foram realizadas somente nos bairros do Patrimônio e Campinho, os mais populosos, com uma população estimada em 145 famílias no Patrimônio e 110 no Campinho.

Os resultados destas reuniões foram incorporados ao zoneamento, à matriz de planejamento e aos programas de gestão da APA.

Recomendações

- ◆ Médico uma vez por semana (em curso), medicamentos, enfermeiro e dentista
- ◆ Melhoria do campo de futebol
- ◆ Quadra poliesportiva
- ◆ Curso de monitores em ecoturismo para jovens e adultos
- ◆ Rede de esgoto na vila
- ◆ Fazer análise da água
- ◆ Implantação de coleta seletiva

Campinho

- ◆ Casa de artesanato, continuar as obras;

- ◆ Realizar o planejamento de turismo;
- ◆ Fazer nova captação da água, acima do ponto da trilha do Quilombo (cachoeira do tombo) já existe outro ponto melhor para captar água, falta recursos para estruturar nova rede de distribuição;
- ◆ Parquinho para as crianças;
- ◆ Funcionamento do posto de saúde com atendente e medicamentos;

Ilha do Araújo;

Resultados da reunião realizada em outubro de 2000

Pontos Positivos

- ◆ Mobilização da comunidade, união
- ◆ pesca artesanal
- ◆ veranista, emprego
- ◆ beleza, tranqüilidade
- ◆ preservação, água boa, represa limpa
- ◆ tradição
- ◆ culinária
- ◆ Festa de São Pedro
- ◆ Festival do Camarão
- ◆ Culto Ecumênico no dia dos Pais
- ◆ Turismo
- ◆ banheiro público
- ◆ cultura
- ◆ artesanato
- ◆ escola
- ◆ coleta seletiva de lixo, galpão para sucata, lixeiras diferenciadas
- ◆ plantas medicinais,
- ◆ existência de espécie de morcego considerado raros
- ◆ grupos de estudante de fora, fazendo trabalho escolar na Ilha
- ◆ farinha artesanal
- ◆ pagamento do IPTU (em torno de 50%)
- ◆ água encanada que vem da represa, funcionário da prefeitura cuida água

- ◆ comunidade contribui para manutenção da água com trabalho em mutirão e com pagamento para o Sr. Célio
- ◆ maioria das casas tem fossa.

Pontos Negativos

- ◆ Não existe área definida para plantio
- ◆ Veranista não se interessa pelos problemas da Ilha
- ◆ pesca predatória faz diminuir peixe e camarão;
- ◆ arrastão e cerco do robalo estão acabando com a produção da pesca
- ◆ não existe fiscalização durante o período do defeso do camarão
- ◆ o dinheiro para pagar o pescador durante o defeso, não chega na data certa, demora muito
- ◆ muita gente pesca durante o defeso por necessidade.

Ações em Andamento

- ◆ Coleta Seletiva de Lixo (Jogue Limpo Cairuçu)
- ◆ melhoria da limpeza no geral
- ◆ Substituição do festeiro de São Pedro, pelo trabalho comunitário, reviveu o hábito do mutirão
- ◆ União dos pescadores para sair do atravessador.

Sugestões

- ◆ Cultivo de ostra nativa com apoio do SEBRAE / IEDBIG (palestras, cursos)
- ◆ venda direta de bolsas de lona produzida na Ilha
- ◆ posto de informações
- ◆ organizar um roteiro ecoturístico-cultural na Ilha
- ◆ aproveitar as boas condições do mar e da culinária, para atrair o turista
- ◆ atrair os barqueiros do cais dando apoio para quem trazer turista
- ◆ aumentar a produção de pastel de siri, bolinho de aipim, cuscuz de aipim com coco e inhoque de fruta-pão para vender para os turistas.

Recomendações da equipe

- ◆ elaboração de estudos geotécnicos na vila para subsidiar microzoneamento nesta área de grande declividade e ocupação em processo de adensamento;
- ◆ incentivar outros eventos além das festas de São Pedro e do camarão pois a comunidade tem muita disposição para a organização de festividades relacionadas à cultura caiçara;
- ◆ implantação de galpão para a capacitação de jovens caiçaras em atividades de pintura e artesanato conforme projeto do presidente da Associação
- ◆ incentivar a colaboração dos veranistas que possuem residência na ilha para apoiar o desenvolvimento da comunidade, a exemplo do condomínio Laranjeiras;

IX - Caracterização dos bairros e comunidades da APA de Cairuçu

Esta caracterização foi elaborada e atualizada pela coordenação técnica. As fichas foram elaboradas a partir de entrevistas com representantes das comunidades indicados como lideranças, basicamente entre 1999 e 2000.

CAIRUÇU DAS PEDRAS, SACO DAS ENCHOVAS E MARTIM DE SÁ

Caracterização ambiental

Esta área, com mais de 90% de cobertura vegetal constituída por mata primária, é a porção menos alterada pela ação antrópica, formada pelos contrafortes do maciço do Cairuçu, onde se alternam paredões rochosos e mata fechada, de difícil acesso mesmo por mar, graças à sua localização distante tanto de Laranjeiras como de Paraty.

Comunidades

As pequenas comunidades de Cairuçu das Pedras, Saco das Enchovas, Martim de Sá, Ponta da Juatinga e Costão das Araras são formadas por núcleos familiares, atingindo o número máximo de 25 famílias na Ponta da Juatinga, a maior delas. O número aproximado de edificações levantado em 2000 totalizou 54.

Seus habitantes, caiçaras tradicionais, ainda vivem exclusivamente da pesca, de roças de subsistência e da caça para complementar a alimentação. Na grande maioria das casas não existe banheiro.

Em 2002 as residências receberam energia solar, e a Ponta da Juatinga foi contemplada com um reservatório de água instalado pela prefeitura, resolvendo um grave problema da comunidade.

Somente na praia de Martim de Sá ocorre um fluxo considerável de mochileiros e surfistas que acampam no local apenas na temporada de verão. Esta praia é ocupada por apenas uma família que presta apoio aos turistas, para os quais foram construídos banheiros masculino e feminino. O lixo, após campanha do

projeto Jogue Limpo Cairuçu, é em grande parte separado, e o material inorgânico retirado de barco.

CAIRUÇU DAS PEDRAS

<i>Numero de famílias: 5</i>
<i>Numero de famílias que descendem dos primeiros moradores: 5</i>
<i>Atividades econômicas: agricultura, pesca e artesanato</i>
<i>Atividade que produz maior rendimento financeiro para a comunidade: pesca</i>
<i>Atividade que a comunidade dedica maior parte do tempo: pesca e agricultura</i>
<i>Estabelecimentos comerciais: não tem</i>
<i>Embarcações: 4 canoas, 1 com motor diesel</i>
<i>Estabelecimentos de transformação - pequena industria rural: 3 casas de farinha</i>
<i>Contribuição que o turismo traz para o bairro: inexistente, este ano apareceu um turista acampado</i>
INFRA ESTRUTURA
<i>Vias de acesso ao bairro / tipo de pavimentação: mar e trilha</i>
<i>Transporte coletivo: não tem</i>
<i>Abastecimento de água: cachoeira</i>
<i>Esgoto: não tem</i>
<i>Coleta de resíduos sólidos: não tem</i>
<i>Energia elétrica: não tem</i>
EQUIPAMENTOS PUBLICOS E SOCIAIS
<i>Educação: não tem</i>
<i>Saúde: Paraty</i>
<i>Associação de moradores: não tem</i>
<i>Principais atividades tradicionais exercidas pela comunidade: rede, pesca, agricultura, artesanato, construções das casas com material local</i>
<i>Formas de cooperação entre os moradores da comunidades: não tem</i>
<i>Tipo de cooperação existe com as comunidades vizinhas: não tem</i>
<i>Formas de encaminhamento para a solução dos problemas da comunidade: encaminha para Paraty</i>
<i>Maiores problemas que a comunidade encontra no bairro: dificuldade de transporte</i>
<i>Principais problemas ambientais da comunidade: queimadas</i>
<i>Atividades que a comunidade desenvolve para sua subsistência que estejam de acordo com a conservação do meio ambiente: artesanato</i>
<i>Perspectivas para os jovens da comunidade que moram no bairro: sair para trabalhar</i>
<i>O que poderia ser feito na comunidade para a melhoria da qualidade de vida do lugar: escola, água encanada, esgoto e banheiros</i>
<i>Sabe que este bairro está dentro da APA do Cairuçu Não (x) Reserva da Juatinga Não (x)</i>
<i>Sabe o que é APA ? Sabe o que é Reserva? Não</i>
<i>Madeiras e uso: Timbiuba, Ingá (canoa), cedro, caixeta guacá (remo), jacatirão (casa)</i>
<i>Ervas medicinais: folha de laranja, pitanga, erva cidreira, fedegozo, carqueja, picão.</i>
<i>Conclusão do entrevistador: Os problemas ambientais observados foram a falta de saneamento básico, o tratamento no destino da água servida e o tratamento dos resíduos sólidos. Também pude observar pontos de desmatamento que os moradores utilizam para as roças de subsistência.</i>

SACO DAS ENCHOVAS

<i>Historia do bairro segundo os moradores:</i> Sr. Maneco foi o primeiro morador a mais ou menos vinte e cinco anos atrás. Ele foi morar nesta localidade por ser a mesma um bom ponto de pesca de cerco (sistema de pesca utilizada por esses moradores).
<i>Numero de famílias:</i> 5
<i>Numero de famílias que descendem dos primeiros moradores:</i> 5
<i>Atividades econômicas:</i> pesca e agricultura
<i>Atividade que produz maior rendimento financeiro para a comunidade:</i> pesca
<i>Atividade que a comunidade dedica maior parte do tempo:</i> pesca e agricultura
<i>Estabelecimentos comerciais:</i> não tem
<i>Estabelecimentos de transformação - pequena industria rural:</i> não tem
<i>Embarcações:</i> 6 canoas, 5 canoas com motor diesel
<i>Contribuição que o turismo traz para o bairro:</i> de vez em quando alguém acampa e paga
INFRA ESTRUTURA
<i>Vias de acesso ao bairro / tipo de pavimentação:</i> mar e trilha
<i>Transporte coletivo:</i> não tem
<i>Abastecimento de água:</i> cano da cachoeira
<i>Esgoto:</i> não tem
<i>Coleta de resíduos sólidos:</i> não tem
EQUIPAMENTOS PUBLICOS E SOCIAIS
<i>Educação:</i> não tem
<i>Saúde:</i> Paraty
<i>Igrejas:</i> não tem
<i>Associação de moradores:</i> não tem
<i>Principais atributos ambientais e culturais:</i> matas e mar
<i>Principais atividades tradicionais exercidas pela comunidade:</i> fazer canoa, pesca de rede, roça, artesanato
<i>Formas de cooperação entre os moradores da comunidades:</i> ajudam no cerco quando o mar esta grosso e na puxada da canoa
<i>Formas de encaminhamento para a solução dos problemas da comunidade:</i> Justiça de Paraty quanto as questões de terra.
<i>Maiores problemas que a comunidade encontra no bairro:</i> transporte, principalmente no inverno.
<i>Principais problemas ambientais da comunidade:</i> tirador de palmito
<i>Atividades que a comunidade desenvolve para sua subsistência que estejam de acordo com a conservação do meio ambiente:</i> pesca e cerco
<i>Interesse da comunidade para desenvolver atividades que não esgotem ou mesmo recuperem os recursos naturais:</i> tem mas não sabem quais são
<i>Perspectivas para os jovens da comunidade que moram no bairro:</i>
<i>O que poderia ser feito na comunidade para a melhoria da qualidade de vida do lugar:</i> turismo
<i>Sabe que este bairro está dentro da APA do Cairuçu Sim (x) Reserva da Juatinga Sim (x)</i>
<i>Sabe o que é APA ? Mais ou menos Sabe o que é Reserva? não</i>
<i>Madeiras e uso:</i> Ingá e Timbuíba (Canoa), Guacá e Caxeta (Remo), Jacatirão, Araçarana, Tatu (Travessa de casa), Canela Preta (Esteio), Taquaruçu (Tapiti), todas as madeiras servem para pau à pique.
<i>Ervas medicinais:</i> terramicina, saião, poejo, santa maria e picão
<i>Conclusão do entrevistador:</i> Os problemas ambientais observados foram a falta de saneamento básico (nas casas não existem banheiros), a falta de tratamento na água servida e falta de tratamento do lixo. Alguns pontos de desmatamento podem ser observados, que são espaços que os moradores utilizam para as roças de subsistência. Existe uma expectativa dos moradores com relação ao turismo. Eles pensam no turismo como uma perspectiva de renda para o futuro.

JUATINGA

<i>Historia do bairro segundo os moradores:</i> Os primeiros moradores foram os índios que mais ou menos em 1600 se encontraram com os portugueses colonizadores organizando-se assim o povo da Juatinga, segundo eles de origem indígena e significa “espinho branco pequeno” .
<i>Numero de famílias:</i> 20
<i>Numero de famílias que descendem dos primeiros moradores:</i> 10
<i>Atividades econômicas:</i> pesca e lavoura
<i>Atividade que produz maior rendimento financeiro para a comunidade:</i> pesca
<i>Atividade que a comunidade dedica maior parte do tempo:</i> pesca
<i>Estabelecimentos comerciais:</i> não tem
<i>Embarcações:</i> 23 canoas a remo, 11 canoas a motor diesel
<i>Contribuição que o turismo traz para o bairro:</i> nenhuma
INFRA ESTRUTURA
<i>Vias de acesso ao bairro / tipo de pavimentação:</i> mar
<i>Transporte coletivo:</i> barcos dos moradores
<i>Abastecimento de água:</i> bica
<i>Esgoto:</i> não tem
<i>Coleta de resíduos sólidos:</i> não tem
EQUIPAMENTOS PUBLICOS E SOCIAIS
<i>Educação:</i> escola
<i>Saúde:</i> não tem
<i>Associação de moradores:</i> tem desde maio de 1999
<i>Atividades que a associação promove:</i> nenhuma, esta em fase de estruturação
<i>Utilidade da associação para o bairro:</i> pretende a melhoria da qualidade de vida
<i>Principais atributos ambientais e culturais:</i> posição geográfica e o farol
<i>Principais atividades tradicionais exercidas pela comunidade:</i> pesca, agricultura e feitiço de rede.
<i>Tipo de cooperação existe com as comunidades vizinhas:</i> transporte
<i>Formas de cooperação entre os moradores da comunidades:</i> transporte
<i>Formas de encaminhamento para a solução dos problemas da comunidade:</i> encaminha para Paraty
<i>Maiores problemas que a comunidade encontra no bairro:</i> Transporte e falta d’ água
<i>Principais problemas ambientais da comunidade:</i> Poluição do mar
<i>Perspectivas para os jovens da comunidade que moram no bairro:</i> trabalhar fora.
<i>O que poderia ser feito na comunidade para a melhoria da qualidade de vida do lugar:</i> turismo, luz solar ou a diesel , puxar água para a Juatinga.
<i>Como o Sr. Gostaria que este bairro se desenvolvesse no futuro:</i> turismo
<i>Sabe que este bairro está dentro da APA do Cairuçu Sim (x) Reserva da Juatinga Sim (x)</i>
<i>Sabe o que é APA ? Sabe o que é Reserva? Sim</i>
<i>Madeiras e uso:</i> Cobi de tinta, Jacatirão para casa,
<i>Ervas medicinais:</i> Arruda, Alecrim, Santa Maria, quebra pedra, erva preta.
<i>Conclusão do entrevistador:</i> Os problemas ambientais observados foram a falta de saneamento básico, o tratamento no destino da água servida e o tratamento dos resíduos sólidos. Também pude observar pontos de desmatamento que os moradores utilizam para as roças de subsistência.

CAJAÍBA

Caracterização ambiental

A Cajaíba é a porção continental da enseada do Pouso, composta pelos contrafortes do maciço do Cairuçu em sua face norte-nordeste, onde se destacam grandes paredões rochosos, que dominam a paisagem, e as belíssimas praias do Pouso, Ipanema, Calhaus, Itaóca, Grande e Deserta.

A floresta predomina no costão da Deserta, e nas maiores altitudes. As encostas que circundam as comunidades caiçaras, no entanto, encontram-se bastante degradadas devido à contínua utilização da terra para agricultura.

O sistema de “coivara”, que consiste em derrubar, queimar, plantar e deixar a terra descansar por um período de pousio, parece não ter completado seu ciclo nesta região. O motivo pode ser o solo muito raso, ou o excesso de uso, sem esperar a recuperação do solo.

Apesar de não haver nenhum estudo na área, a diminuição da produção pesqueira nos cercos flutuantes da enseada do Pouso é um fato, e grave, a ponto de vir sendo motivo de mudança de várias famílias para a cidade de Paraty em busca de emprego, artigo escasso no século 21.

Comunidades

As famílias que vivem na Cajaiba totalizavam cerca de 164 em 2000. Suas atividades são predominantemente tradicionais da cultura caiçara, mas aquelas relacionadas com o turismo vêm se tornando importante fonte de renda para a população, principalmente na praia do Pouso, onde cerca de um terço das casas já pertenciam a veranistas em 2000.

Esta área fica a 2:30 horas de traneira a partir de Paraty. Mesmo assim, é o terceiro destino turístico de estudantes e mochileiros da APA de Cairuçu, atraindo cada vez mais visitantes nos feriados de fim de ano e carnaval.

Durante o ano de 2003, todos os moradores foram contemplados com energia solar em suas residências, e as escolas equipadas com placas solares, geladeira e freezer, graças a uma parceria entre o governo do Rio de Janeiro, a Prefeitura e uma empresa com obrigações de aplicar recursos em projetos ambientais.

As reuniões com a comunidade foram realizadas somente no Pouso, com convite para a participação das comunidades vizinhas. Resultados de reunião realizada em setembro de 1999, com 54 participantes, inclusive de outras praias.

Após esta reunião as comunidades vizinhas organizaram suas associações de moradores. Foi interessante notar que muitos dos problemas relatados decorrem da pouca mobilização dos próprios moradores.

POUSO DA CAJAÍBA

<i>Historia do bairro segundo os moradores:</i> Segundo Ananias que é nascido no Pouso, sua família e descendentes de escravos. Conta que o bairro foi formado a partir da atividade do porto e lugar de parada onde as pessoas chegavam de barcos ou pelas trilhas e aguardavam para seguir para outros lugares. Nessa ocasião existia um casarão que funcionava como estalagem. Daí o nome POUSO. Havia muito transporte de ouro para a Praia de Martim de Sá. Existe uma lenda de que muito ouro foi enterrado na Martim de Sá, que era a sede de uma fazenda. O dono da fazenda mandava os escravos transportarem e enterrarem o ouro, e estes eram enterrados juntos. Até hoje, quem tenta descobrir o paradeiro desse ouro enterrado, morre. Essa fazenda vivia, além desse ouro, do café e gado. A produção saía pelo mar. Até os anos 70, havia uma estrada que ligava a Martin de Sá ao Pouso. Existem vestígios de trilhos de trem na área da antiga fazenda.
<i>Numero de famílias:</i> 72 e 24 casas de turistas
<i>Numero de famílias que descendem dos primeiros moradores:</i> a maioria
<i>Atividades econômicas:</i> pesca e turismo
<i>Atividade que produz maior rendimento financeiro para a comunidade:</i> pesca e turismo
<i>Embarcações:</i> 48 canoas, 18 barcos motor diesel
<i>Estabelecimentos comerciais:</i> 1 bar e restaurante, na temporada mais 4 de moradores locais. Em 2002 já eram mais de 8 bares
<i>Estabelecimentos de transformação - pequena industria rural:</i> 3 casas de farinha, estão sendo desativadas.
<i>Contribuição que o turismo traz para o bairro:</i> Positivo: dinheiro, informação, maior interesse dos jovens pelo estudo. Negativo: lixo e perda de liberdade no bairro.
INFRA ESTRUTURA
<i>Vias de acesso ao bairro / tipo de pavimentação:</i> mar e trilhas
<i>Transporte coletivo:</i> não tem
<i>Abastecimento de água:</i> mangueira da cachoeira, e 2 redes de água de uma caixa d'água .
<i>Esgoto:</i> fossa negra
<i>Coleta de resíduos sólidos:</i> alguns separam o lixo seco, ensacam e levam para Paraty
<i>Energia elétrica:</i> 12 geradores particulares
<i>Telefone :</i> Sinal de celular e telefone público (2001)
EQUIPAMENTOS PUBLICOS E SOCIAIS
<i>Educação:</i> Ensino até a 4ª série
<i>Saúde:</i> não tem
<i>Igrejas:</i> 1 crente e 1 católica
<i>Associação de moradores:</i> criada em outubro de 1999 mas ainda não se estruturou, fato que dificulta muito o trabalho com a comunidade
<i>Atividades que a associação promove:</i> nenhuma

<i>Principais atributos ambientais e culturais: mata e mar</i>
<i>Principais atividades tradicionais exercidas pela comunidade: pinturas de canoas e barcos, redes de pesca e tapetes.</i>
<i>Formas de encaminhamento para a solução dos problemas da comunidade: informalmente na prefeitura.</i>
<i>Maiores problemas que a comunidade encontra no bairro: falta de atendimento medico</i>
<i>Instituições governamentais, não governamentais e ou pessoas que auxiliam a resolver os problemas comunidade: Casal de fora que tem casa no bairro e preparou a documentação da associação de moradores.</i>
<i>Interesse da comunidade para desenvolver atividades que não esgotem ou mesmo recuperem os recursos naturais: turismo</i>
<i>Sabe que este bairro está dentro da Reserva da Juatinga Sim (x)</i>
<i>Sabe o que é APA ? Sabe o que é Reserva? Não sabem a diferença entre APA e Reserva</i>
<i>Madeiras e uso: canela, aricurana para construção de casas</i>
<i>Ervas medicinais: bastante usada pela população local</i>
<i>Conclusão do entrevistador: Os jovens estão bastante dispostos a terem maior conhecimento dessa nova atividade que é o turismo, acham que é o único caminho econômico para comunidade, mas falta profissionalização da atividade turística. Outra questão relevante, é que durante toda a entrevista foi colocado a falta de entendimento entre os moradores do Pouso. Não fazem mais o mutirão, nem mesmo para ações de benefício do bairro. Existe muita rivalidade entre eles e competição. Para os entrevistados, a estruturação da associação poderá melhorar as relações dentro da comunidade, a partir da agilização dos encaminhamentos e soluções das questões do bairro. Como em todas as comunidades visitadas, o isolamento, decorrente das dificuldades de acesso, e o abandono por parte dos órgãos governamentais, coloca essas vilas e bairros em sérias dificuldades de sobrevivência. Entendem que a Juatinga é uma região reservada, que não pode mexer em nada, que é um patrimônio do governo. Perguntam porque que o IBAMA não vai multar os madeireiros da Amazônia, em vez de impedirem eles de tirarem alguns paus para a construção de suas casas. O maior problema atual é a retaliação de posses para venda a veranistas, que vai acabar descaracterizando a vila caiçara que ainda é o Pouso</i>

IPANEMA

<i>Historia do bairro segundo os moradores:</i> Seu Cecílio é nativo da praia que já era habitada pelos seus bisavós, segundo ele a origem do bairro data de 300 anos aproximadamente. Ele foi o único neto que permaneceu na área e, antes de se casar, morava sozinho no local. Segundo relatou, seu bisavô, Acélio Domingos era comerciante de escravos. Conta que os antigos trabalhavam mais na roça e com artesanato fazendo gamelas, canoas e remos.
<i>Numero de famílias:</i> 4 e 3 posses de veraneio
<i>Numero de famílias que descendem dos primeiros moradores:</i> 4
<i>Atividades econômicas:</i> pesca
<i>Atividade que produz maior rendimento financeiro para a comunidade:</i> pesca e turismo
<i>Atividade que a comunidade dedica maior parte do tempo:</i> pesca
<i>Embarcações:</i> 8 canoas, 4 barcos motor diesel
<i>Estabelecimentos comerciais:</i> não tem
<i>Estabelecimentos de transformação – pequena industria rural:</i> 1 casa de farinha desativada
<i>Contribuição que o turismo traz para o bairro:</i> veranistas geram emprego, turistas pagam para montar barracas e fazem frete nos barcos da comunidade
INFRA ESTRUTURA
<i>Vias de acesso ao bairro / tipo de pavimentação:</i> mar e trilhas
<i>Transporte coletivo:</i> as famílias tem 1 baleeira e 3 barcos
<i>Abastecimento de água:</i> mangueira direto da cachoeira
<i>Esgoto:</i> não tem
<i>Coleta de resíduos sólidos:</i> jogam no mato e queimam o plástico
<i>Energia elétrica:</i> gerador a diesel
<i>Telefone:</i> sinal de celular
EQUIPAMENTOS PUBLICOS E SOCIAIS
<i>Educação:</i> usam a escola do Calhaus
<i>Saúde:</i> Paraty
<i>Associação de moradores:</i> Não tem
<i>Principais atributos ambientais e culturais:</i> Praias e cachoeiras.
<i>Principais problemas ambientais da comunidade:</i> Diminuição da água
<i>Perspectivas para os jovens da comunidade que moram no bairro:</i> Continuar no bairro
<i>Sabe que este bairro está dentro da APA do Cairuçu Sim (X) Reserva da Juatinga Sim (X)</i>
<i>Sabe o que é APA ? Sabe o que é Reserva? Não sabe a diferença</i>
<i>Conclusão do entrevistador:</i> Os moradores da Praia de Ipanema têm clareza quanto ao uso atual das matas, sabem que para a retirada de madeira para a construção de canoa, é necessário autorização do IBAMA; que fazer uma roça em área de capim, também é possível. O que não pode, segundo eles, é por fogo nas matas. Nunca tiveram problemas com a fiscalização da reserva. O grande problema ambiental é em relação à água que, apesar de continuar abundante, vem diminuindo a ponto de ser percebido pelos moradores.

CALHAUS

<i>Historia do bairro segundo os moradores:</i> Os antigos não têm lembrança de como foi formado o bairro. Sabem que seus descendentes são da localidade.
<i>Numero de famílias:</i> 35 e 8 posses de veraneio (2000)
<i>Numero de famílias que descendem dos primeiros moradores:</i> 28
<i>Atividades econômicas:</i> pesca
<i>Atividade que produz maior rendimento financeiro para a comunidade:</i> pesca
<i>Atividade que a comunidade dedica maior parte do tempo:</i> pesca
<i>Estabelecimentos comerciais:</i> não tem
<i>Estabelecimentos de transformação - pequena industria rural:</i> 4 casas de farinha
<i>Embarcações:</i> 33 canoas, 14 barcos motor diesel
<i>Contribuição que o turismo traz para o bairro:</i> não tem atividade turística no lugar, só veranistas
INFRA ESTRUTURA
<i>Vias de acesso ao bairro / tipo de pavimentação:</i> mar -
<i>Transporte coletivo:</i> 5 barcos e canoas
<i>Abastecimento de água:</i> mangueira
<i>Esgoto:</i> a maioria tem fossa
<i>Coleta de resíduos sólidos:</i> enterram
EQUIPAMENTOS PUBLICOS E SOCIAIS
<i>Educação:</i> escola até 4 ^o grau, mais ou menos 76 alunos
<i>Igrejas:</i> 1 crente.
<i>Associação de moradores:</i> não tem
<i>Perspectivas para os jovens da comunidade que moram no bairro:</i> ficar no bairro
<i>Conclusão do entrevistador:</i> A área da Praia do Calhaus é pequena e a ocupação é bastante adensada e muitas moradias estão nas encostas. Os quintais das casas são pequenos e cortados pelos caminhos que ligam as moradias. Segundo os entrevistados nunca houve nenhum desmoroamento no bairro. A comunidade não tem intenção de vender suas casas e querem manter a privacidade e tranqüilidade em que estão acostumados. Têm clareza quanto ao adensamento do bairro. Apesar de não haver cooperação entre os moradores, os interesses relativos ao bairro são comuns, não apresentando divergências relevantes relatadas.

ITAOCA

Numero de famílias: 5
Numero de famílias que descendem dos primeiros moradores:5
Atividades econômicas: pesca e roça de subsistência
Atividade que produz maior rendimento financeiro para a comunidade: pesca
Atividade que a comunidade dedica maior parte do tempo: pesca
Estabelecimentos comerciais: não tem
Estabelecimentos de transformação - pequena industria rural: 1 casa de farinha
Embarcações: 2 canoas
Contribuição que o turismo traz para o bairro: não é atividade que gere renda
INFRA ESTRUTURA
Vias de acesso ao bairro / tipo de pavimentação : mar
Transporte coletivo: 1 barco a motor
Abastecimento de água: mangueira
Esgoto: fossa
Energia elétrica: vela e lampião
EQUIPAMENTOS PUBLICOS E SOCIAIS
Educação: não tem, estudam no Calhaus
Saúde: não tem
Igrejas: 1 capela muito antiga
Associação de moradores: não tem
Principais atividades tradicionais exercidas pela comunidade: roças
Formas de cooperação entre os moradores da comunidades: parentesco
Perspectivas para os jovens da comunidade que moram no bairro: Nenhuma, pois não podem construir
O que poderia ser feito na comunidade para a melhoria da qualidade de vida do lugar:
Como o Sr. Gostaria que este bairro se desenvolvesse no futuro:
Sabe que este bairro está dentro da APA do Cairuçu Não (x) Reserva da Juatinga Não (x)
Conclusão do entrevistador: A localidade está bem conservada, não apresentando danos ambientais visíveis ou relatados. Gilsa colocou, de forma indignada, que o pai foi enganado na venda da terra. A perda da posse da área inviabiliza qualquer perspectiva de futuro, na localidade, para os seus filhos que, quando crescerem, não poderão fazer uma casa na Itaoca. Os outros problemas sociais são consequência da diminuição do pescado, principal renda das famílias; o abandono por parte dos órgãos governamentais, em que se encontram todas essas comunidades não tendo transporte, saúde, comunicação com a cidade e educação precária. Fica nítido que essa população está à mercê de sua própria sorte.

PRAIA GRANDE DA CAJAÍBA

<i>Historia do bairro segundo os moradores:</i> A origem do bairro, segundo Seu Manoel morador tradicional, é datada de aproximadamente 300 anos. A atividade econômica do bairro, na época era a plantação. Tinha muita fartura em peixe mas não tinham comprador. Seus avós são nascidos na praia mas não eram donos da terra e sim arrendatários, conta que alguns antigos moradores eram donos e venderam as terras para o Dr. Gibrai, por um valor que atualmente não daria para comprar um litro de “cachaça”. Todos os moradores são nascidos na praia, os pais também. A vila sempre teve o mesmo número de pessoas, isto é nem aumentou e nem diminuiu.
<i>Numero de famílias:</i> 23, com 6 casa na praia, 1 casa do proprietário e 16 casas no caminho da cachoeira
<i>Numero de famílias que descendem dos primeiros moradores:</i> 23
<i>Atividades econômicas:</i> pesca
<i>Atividade que produz maior rendimento financeiro para a comunidade:</i> pesca
<i>Atividade que a comunidade dedica maior parte do tempo:</i> pesca
<i>Estabelecimentos comerciais:</i> não tem
<i>Estabelecimentos de transformação - pequena industria rural:</i> 4 casa de farinha
<i>Embarcações:</i> 9 canoas, 2 barcos motor diesel
<i>Contribuição que o turismo traz para o bairro:</i> não gera renda, o turismo poderia ser uma alternativa econômica viável, mas nunca foi permitido pelo proprietário. No verão de 2002 funcionaram 2 bares na praia, e por curto período um restaurante na casa do espólio
INFRA ESTRUTURA
<i>Vias de acesso ao bairro / tipo de pavimentação:</i> mar
<i>Transporte coletivo:</i> não tem, apenas 4 famílias tem embarcações pequenas.
<i>Abastecimento de água:</i> mangueiras direto da cachoeira
<i>Esgoto:</i> apenas 4 casa tem banheiro
<i>Coleta de resíduos sólidos:</i> enterram e queimam
<i>Energia elétrica:</i> vela, lampião e gás
<i>Iluminação pública, Drenagem de águas pluviais e Telefonia publica:</i> não tem
EQUIPAMENTOS PUBLICOS E SOCIAIS
<i>Educação:</i> Existe uma escola sediada na Igreja Evangélica
<i>Saúde:</i> Paraty
<i>Igrejas:</i> Assembléia de Deus
<i>Associação de moradores:</i> não tem
<i>Principais atributos ambientais e culturais:</i> Artesanato: remo, cesto, canoas, tipiti , esteiras de taboa- para o uso
<i>Formas de encaminhamento para a solução dos problemas:</i> Se organizam na Igreja.
<i>Perspectivas para os jovens da comunidade que moram no bairro:</i> continuar no bairro
<i>O que poderia ser feito na comunidade para a melhoria da qualidade de vida do lugar:</i> Desenvolver atividades que melhorem a renda dos moradores.
<i>Sabe que este bairro está dentro da APA do Cairuçu Não (x) Reserva da Juatinga Não (X)</i>
<i>Sabe o que é APA ? Sabe o que é Reserva? Não sabe</i>
<i>Conclusão do entrevistador:</i> A comunidade está dentro de área reivindicada por uma filha do falecido Gibrail. Os moradores podem continuar vivendo na área, mas para tudo têm que pedir autorização do proprietário, e com a morte do Gibrail, a comunidade da Praia Grande e todas as outras que estão em área de seu domínio estão inseguras, não sabendo ao certo as pretensões e atitudes dos herdeiros. O crescimento do bairro sempre foi controlado pelo dono. O controle da área sempre foi intenso. Qualquer construção, não autorizada pelo dono, era e é derrubada. As pessoas estão bastante desanimadas e sem perspectivas. Responderam as questões formuladas, mas com pouco diálogo, falando o essencial. Percebe-se a indiferença do bairro para a pesquisa, por total desconhecimento, sem nenhuma avaliação quanto ao projeto trazer benefícios ou prejuízos à população. No entanto passaram a participar de reuniões do Plano de Gestão, e tem procurado o prefeito quando o responsável pela área ameaça a comunidade , armado e impedindo o acampamento nos quintais de moradores que dizem não ter assinado

nada com o falecido ou seus herdeiros

SACO DO MAMANGUÁ

“O turismo é bom para uns e ruim para outros. Alguns moradores entregaram tudo o que tinham na mão do turista e hoje ficaram sem nada. Não aceitaria mais turismo para cá, porque hoje temos liberdade e daqui a 10 anos com o turismo não teremos mais liberdade. Com o turismo vem drogas e violência.” (morador do Cruzeiro)

“O turismo é positivo pois traz dinheiro e emprego para os moradores. Não se deve vender mais terra pois assim está bom. Temos problemas quando algum turista (veranista) cerca o sítio que comprou e então mudam nosso caminho. “ (morador da Ponta da Romana)

O Saco do Mamanguá reflete bem este dilema: muitas famílias vivem da pesca, da agricultura e do artesanato, são donos de suas terras, do seu tempo, do seu modo de ser.

Outros optaram por vender os terrenos à beira mar, construir um pouco mais para cima, ter salário garantido e a circulação restrita. Só o tempo vai responder quem vai estar melhor – o caiçara pescador, artesão, operador de turismo ou o caseiro.

As principais comunidades caiçaras tradicionais do Saco do Mamanguá são o Cruzeiro, Baixio, e Regate. Ao longo de toda a sua costeira vivem pescadores que também trabalham como caseiros de veranistas abastados, atividade que vai oferecendo cada vez mais oportunidades de trabalho. No ano 2000 eram cerca de 140 as famílias de pescadores da região, mas foram contadas mais de 200 edificações. Podemos concluir que a diferença é composta pelas casas de veraneio.

SACO DO MAMANGUÁ - CANTO DO FOSTINO - CRUZEIRO

<i>Historia do bairro segundo os moradores:</i> As gerações que se formaram no SM descendem de Índios e portugueses e poucos negros. Antigamente esta região era de lavoura com fazendas e engenhos. Existiam várias plantações e gado. Toda a encosta era de mato fino, e mato grosso só no maciço do Cairuçu.
<i>Numero de famílias:</i> 15
<i>Numero de famílias que descendem dos primeiros moradores:</i> 15
<i>Atividades econômicas:</i> pesca artesanal e embarcada e um estaleiro
<i>Atividade que produz maior rendimento financeiro para a comunidade:</i> Pesca
<i>Atividade que a comunidade dedica maior parte do tempo:</i> Pesca
<i>Estabelecimentos comerciais:</i> 1 mercearia e 1 bar no Cruzeiro
<i>Estabelecimentos de transformação - pequena industria rural:</i> 1 casa de farinha
<i>Contribuição que o turismo traz para o bairro:</i> “O turismo é bom para uns e ruim para outros. Alguns moradores entregaram tudo o que tinham na mão do turista e hoje ficaram sem nada. Não aceitaria mais turismo para cá, porque hoje temos liberdade e daqui a 10 anos com o turismo não teremos mais liberdade. Com o turismo vem drogas e violência.”
INFRA ESTRUTURA
<i>Vias de acesso ao bairro / tipo de pavimentação:</i> mar e trilha
<i>Transporte coletivo:</i> não tem
<i>Abastecimento de água:</i> cachoeira com mangueiras para caixa d'água coletiva
<i>Esgoto:</i> sumidouro
<i>Coleta de resíduos sólidos:</i> não tem
<i>Energia elétrica:</i> gerador
EQUIPAMENTOS PUBLICOS E SOCIAIS
<i>Educação:</i> 1 escola até a 4ª série.
<i>Saúde:</i> existe 1 posto no Cruzeiro mas esta desativado, recorrem a Paraty
<i>Igrejas:</i> 1 católica no cruzeiro
<i>Associação de moradores:</i> AMAM
<i>Principais atributos ambientais e culturais:</i> mata, camarão, mangue, pesca artesanal e canoa
<i>Principais atividades tradicionais exercidas pela comunidade:</i> pesca artesanal
<i>Formas de cooperação entre os moradores da comunidades:</i> mutirão para tirar canoa e carona de transporte
<i>Formas de encaminhamento para a solução dos problemas da comunidade:</i> AMAM
<i>Maiores problemas que a comunidade encontra no bairro:</i> educação e saúde
<i>Principais problemas ambientais da comunidade:</i> Acabaram as aves, o peixe, o caranguejo, o siri, o marisco e a caça.
<i>Instituições governamentais, não governamentais e ou pessoas que auxiliam a resolver os problemas comunidade:</i> Paulo ajuda trazendo médico, dentista, educação e festas e alguns turistas dão cesta básica. ESALQ – esta ajudando com o curso da caixeta.
<i>Atividades que a comunidade desenvolve para sua subsistência que estejam de acordo com a conservação do meio ambiente:</i> Plantar palmito e ajudar na conservação
<i>Perspectivas para os jovens da comunidade que moram no bairro:</i> não tem
<i>O que poderia ser feito na comunidade para a melhoria da qualidade de vida do lugar:</i> Saúde, Educação e energia elétrica.
<i>Sabe que este bairro está dentro da APA do Cairuçu NÃO (x) Reserva da Juatinga Sim (x)</i>
<i>Sabe o que é APA ? Sabe o que é Reserva?</i> Apenas o conhecimento de que ele mora dentro da REJ.
<i>Madeiras e uso</i> Aricurana – tábua e canoa, Ingá – canoa, Jacatirão – casa
<i>Ervas medicinais:</i> Terramicina – dores em geral, Confrei – câncer, Transagem – tudo, Camomila e cidreira – calmante, Capim Cidrão – pressão alta.

SACO DO MAMANGUÁ - CRUZEIRO

<i>Historia do bairro segundo os moradores:</i> Sr. Benedito conhecido como Careca, pai de 12 filhos é bisneto de escravos da Fazenda Santa Maria onde tinha como atividade engenho de cana e gado. A renda familiar vinha da lavoura e das canoas que eram tiradas no SM e vendidas em Paraty. Os produtos agrícolas eram banana, milho, feijão, mandioca, repolho, cebola. Vendiam também porcos.
<i>Numero de famílias:</i> 12
<i>Numero de famílias que descendem dos primeiros moradores:</i> 12
<i>Atividades econômicas:</i> pesca e um estaleiro
<i>Atividade que produz maior rendimento financeiro para a comunidade:</i> Pesca
<i>Atividade que a comunidade dedica maior parte do tempo:</i> Pesca
<i>Estabelecimentos comerciais:</i> 1 mercearia e 1 bar
<i>Estabelecimentos de transformação - pequena industria rural:</i> 1 casa de farinha
<i>Contribuição que o turismo traz para o bairro:</i> Quanto ao turismo Sr. Benedito acredita que é bom porque o turista sempre compra peixe. É bom o turismo de dia, o turista que vem compra o peixe e depois vai embora, não querem estrada, não querem late Club.
INFRA ESTRUTURA
<i>Vias de acesso ao bairro / tipo de pavimentação:</i> mar e trilha
<i>Transporte coletivo:</i> não tem
<i>Abastecimento de água:</i> cachoeira com mangueiras para caixa d'água coletiva
<i>Esgoto:</i> sumidouro
<i>Coleta de resíduos sólidos:</i> não tem
<i>Energia elétrica:</i> gerador
EQUIPAMENTOS PUBLICOS E SOCIAIS
<i>Educação:</i> 1 escola até a 4ª série.
<i>Saúde:</i> existe 1 mas esta desativado, recorrem a Paraty
<i>Igrejas:</i> 1 católica
<i>Associação de moradores:</i> AMAM
<i>Principais atributos ambientais e culturais:</i> mar
<i>Principais atividades tradicionais exercidas pela comunidade:</i> pesca
<i>Formas de cooperação entre os moradores da comunidades:</i> mutirão para tirar canoa e carona de transporte
<i>Formas de encaminhamento para a solução dos problemas da comunidade:</i> AMAM
<i>Maiores problemas que a comunidade encontra no bairro:</i> pesca de arrasto
<i>Principais problemas ambientais da comunidade:</i> Arrasto
<i>Instituições governamentais, não governamentais e/ou pessoas atuam negativamente em relação à comunidade:</i> As entidades pouco se interessam, pouco fazem. Não fiscalizam, não exercem a sua função. O IBAMA não resolve nada, nós fazemos a nossa parte.
<i>Atividades que a comunidade desenvolve para sua subsistência que estejam de acordo com a conservação do meio ambiente:</i> Tentam acabar com a pesca de arrasto
<i>Perspectivas para os jovens da comunidade que moram no bairro:</i> os jovens estão na pesca de arrasto
<i>O que poderia ser feito na comunidade para a melhoria da qualidade de vida do lugar:</i> Dinheiro
<i>Sabe que este bairro está dentro da APA do Cairuçu NÃO (x) Reserva da Juatinga Sim (x)</i>
<i>Sabe o que é APA ? Sabe o que é Reserva? Sabem que é a área em que vivem e que não podem fazer nada</i>
<i>Madeiras e uso:</i> Ingá – canoa, Jacatirão – casa
<i>Ervas medicinais:</i> Camomila, erva de Santa Maria e Maria Preta..

SACO DO MAMANGUÁ - PONTA DA ROMANA

<i>Historia do bairro segundo os moradores:</i> Há mais de 200 anos começou tudo pela fazenda do Padre Manoel Alves. Todos viviam da agricultura. Cultivavam Cana de açúcar para engenho local, café e mandioca. Estes produtos eram embarcados nas canoas de voga e levados à Paraty ou angra para serem comercializados – principalmente a farinha – Há mais de 60 anos também tinha uma serraria na Ponta da foice e tiravam caixeta para beneficiar tamancos. Também produziam carvão vegetal para a comercialização. Naquela época não tinha pesca, somente pesca de linha para subsistência.
<i>Numero de famílias:</i> 11 moradores e muitas casas de veraneio
<i>Numero de famílias que descendem dos primeiros moradores:</i> 11
<i>Atividades econômicas:</i> pesca, caseiro, construção civil e turismo
<i>Estabelecimentos comerciais:</i> 1 venda
<i>Estabelecimentos de transformação - pequena industria rural:</i> 2 casas de farinha
<i>Contribuição que o turismo traz para o bairro:</i> “O turismo é positivo pois traz dinheiro e emprego para os moradores. Não se deve vender mais terra pois assim está bom. Temos problemas quando algum turista (veranista) cerca o sítio que comprou e então mudam nosso caminho. “
INFRA ESTRUTURA
<i>Vias de acesso ao bairro / tipo de pavimentação:</i> mar e trilha
<i>Transporte coletivo:</i> não tem
<i>Abastecimento de água:</i> cachoeira com mangueiras para caixa d'água coletiva
<i>Esgoto:</i> sumidouro
<i>Coleta de resíduos sólidos:</i> não tem
<i>Energia elétrica:</i> gerador
EQUIPAMENTOS PUBLICOS E SOCIAIS
<i>Educação:</i> 1 escola até a 4ª série.
<i>Saúde:</i> existe existe um posto no cruzeiro mas esta desativado, recorrem a Paraty
<i>Igrejas:</i> 4 evangélicas e 1 católica no cruzeiro
<i>Associação de moradores:</i> AMAM
<i>Principais atributos ambientais :</i> mata
<i>Principais atividades tradicionais exercidas pela comunidade:</i> se precisa o outro ajuda
<i>Maiores problemas que a comunidade encontra no bairro:</i> não tem
<i>Principais problemas ambientais da comunidade:</i> não tem
<i>Instituições governamentais, não governamentais e ou pessoas que auxiliam a resolver os problemas comunidade:</i> recebem cestas básicas dos turista.
<i>Atividades que a comunidade desenvolve para sua subsistência que estejam de acordo com a conservação do meio ambiente:</i> Não tem roça então o mato cresce. Não derrubam madeira e plantam frutíferas.
<i>Perspectivas para os jovens da comunidade que moram no bairro:</i> não tem
<i>O que poderia ser feito na comunidade para a melhoria da qualidade de vida do lugar:</i> Educação
<i>Sabe que este bairro está dentro da APA do Cairuçu NÃO (x) Reserva da Juatinga Sim (x)</i>
<i>Sabe o que é APA ? Sabe o que é Reserva? Apenas o conhecimento de que ele mora dentro da REJ.</i>

SACO DO MAMANGUÁ - BAIXIO

<i>Numero de famílias: 16</i>
<i>Numero de famílias que descendem dos primeiros moradores: 16</i>
<i>Atividades econômicas: artesanato, pesca artesanal e construção civil</i>
<i>Atividade que produz maior rendimento financeiro para a comunidade: Pesca embarcada e artesanato</i>
<i>Atividade que a comunidade dedica maior parte do tempo: Pesca embarcada e artesanato</i>
<i>Estabelecimentos comerciais: não tem</i>
<i>Estabelecimentos de transformação - pequena industria rural: 1 casa de farinha</i>
<i>Contribuição que o turismo traz para o bairro: é bom para o artesanato</i>
INFRA ESTRUTURA
<i>Vias de acesso ao bairro / tipo de pavimentação: mar e trilha</i>
<i>Transporte coletivo: não tem</i>
<i>Abastecimento de água: cachoeira com mangueiras para caixa d'água coletiva</i>
<i>Esgoto: sumidouro</i>
<i>Coleta de resíduos sólidos: não tem</i>
<i>Energia elétrica: gerador</i>
EQUIPAMENTOS PUBLICOS E SOCIAIS
<i>Educação: A escola mais próxima é no Cruzeiro, 1 hora de caminhada o que faz as crianças desistirem</i>
<i>Saúde: O posto mais próximo é do Cruzeiro que esta desativado, recorrem a Paraty</i>
<i>Igrejas: 4 evangélicas na região e 1 católica no cruzeiro</i>
<i>Associação de moradores: AMAM</i>
<i>Principais atributos ambientais e culturais: Caixeta e pesca artesanal de linha e rede</i>
<i>Principais atividades tradicionais exercidas pela comunidade: pesca artesanal e artesanato</i>
<i>Formas de cooperação entre os moradores da comunidades: mutirão para tirar canoa e mutirão para aplainar o terreno</i>
<i>Tipo de cooperação existe com as comunidades vizinhas: só entre o pessoal do Saco do Mamangá</i>
<i>Formas de encaminhamento para a solução dos problemas da comunidade: AMAM</i>
<i>Maiores problemas que a comunidade encontra no bairro: pesca de arrasto</i>
<i>Principais problemas ambientais da comunidade: pesca de arrasto e caranguejeiros</i>
<i>Instituições governamentais, não governamentais e ou pessoas que auxiliam a resolver os problemas comunidade: Esalq – curso de manejo da caixeta, IBAMA – liberou o uso da caixeta</i>
<i>Atividades que a comunidade desenvolve para sua subsistência que estejam de acordo com a conservação do meio ambiente: Manejo de caixeta</i>
<i>Perspectivas para os jovens da comunidade que moram no bairro: pesca e artesanato</i>
<i>O que poderia ser feito na comunidade para a melhoria da qualidade de vida do lugar: Saúde e transporte</i>
<i>Sabe que este bairro está dentro da APA do Cairuçu Sim (x) Reserva da Juatinga Sim (x)</i>
<i>Sabe o que é APA ? Sabe o que é Reserva? As definições para APA e REJ não são claras, porém existe a consciência de algumas diferenças na legislação entre as duas unidades de conservação. Preocupação maior com a REJ e com a atuação do IEF, ou melhor com o omissão desta entidade.</i>
<i>Madeiras e uso: Mangue – construção de ranchos, Timbuíba e guapuruvu – canoa e Caixeta – artesanato</i>
<i>Ervas medicinais: Camomila – calmante, Saião e erva de santa maria – machucadura</i>

SACO DO MAMANGUÁ - REGATE

<i>Historia do bairro segundo os moradores:</i> O Bairro do Regato, ou Regate, era uma antiga fazenda. A fazenda tinha um casarão grande com piso de canela preta e uma senzala. Naquela época a fazenda vivia de agricultura. Plantavam cana de açúcar para o engenho da própria fazenda, milho, mandioca – onde faziam farinha de mandioca - , banana, laranja e café. A pesca quando era praticada era somente para a subsistência. Toda a produção agrícola produzida na fazenda era levada em canoas de voga para Paraty ou Angra para ser comercializada.
<i>Numero de famílias:</i> 10
<i>Numero de famílias que descendem dos primeiros moradores:</i> 10
<i>Atividades econômicas:</i> artesanato de caixeta
<i>Atividade que produz maior rendimento financeiro para a comunidade:</i> artesanato de caixeta
<i>Atividade que a comunidade dedica maior parte do tempo:</i> artesanato de caixeta
<i>Estabelecimentos comerciais:</i> não tem
<i>Estabelecimentos de transformação - pequena industria rural:</i> 1 casa de farinha
<i>Contribuição que o turismo traz para o bairro:</i> dinheiro
INFRA ESTRUTURA
<i>Vias de acesso ao bairro / tipo de pavimentação:</i> mar e trilhas
<i>Transporte coletivo:</i> não tem
<i>Abastecimento de água:</i> cachoeira com mangueiras para caixa d'água coletiva
<i>Esgoto:</i> Sumidouro
<i>Coleta de resíduos sólidos:</i> não tem
<i>Energia elétrica:</i> não tem, mas existe pelo menos um gerador
EQUIPAMENTOS PUBLICOS E SOCIAIS
<i>Educação:</i> A escola que usam é no Currupira, até 4 ^a serie do 1 ^o grau.
<i>Saúde:</i> O posto mais próximo é do Cruzeiro que esta desativado, recorrem a Paraty
<i>Igrejas:</i> 4 evangélicas na região e uma católica no Cruzeiro
<i>Associação de moradores:</i> AMAM
<i>Principais atributos ambientais e culturais:</i> Manguezal e mata
<i>Principais atividades tradicionais exercidas pela comunidade:</i> Artesanato
<i>Formas de encaminhamento para a solução dos problemas da comunidade:</i> Não tem a quem recorrer
<i>Maiores problemas que a comunidade encontra no bairro:</i> Saúde e educação
<i>Principais problemas ambientais da comunidade:</i> pesca predatória (arrasto) e caranguejeiros
<i>Instituições governamentais, não governamentais e ou pessoas que auxiliam a resolver os problemas comunidade:</i> Paulo Nogara e o Incentivo do manejo do caixetal por parte da Universidade – ESALQ
<i>Atividades que a comunidade desenvolve para sua subsistência que estejam de acordo com a conservação do meio ambiente:</i> Manejo de caixeta.
<i>Perspectivas para os jovens da comunidade que moram no bairro:</i> não tem.
<i>O que poderia ser feito na comunidade para a melhoria da qualidade de vida do lugar:</i> Construção de uma estrada que liga a estrada de Paraty – Mirim ao Fundo do SM, posto de saúde ativado com remédios e enfermeiro e visitas de médicos periodicamente, boa educação e luz elétrica.
<i>Como o Sr. Gostaria que este bairro se desenvolvesse no futuro:</i> A construção da estrada e ensino de boa qualidade.
<i>Sabe que este bairro está dentro da APA do Cairuçu Sim (x) Reserva da Juatinga Sim (x)</i>
<i>Sabe o que é APA ? Sabe o que é Reserva?</i> As definições para APA e REJ não são tão claras, porém existe a consciência de algumas diferenças na legislação entre as duas unidades de conservação. Existe também a consciência da extração da caixeta e da necessidade de autorização para sua exploração.

<i>Madeiras e uso:</i> Caixeta – artesanato, Ingá – Canoa, Jacatirão – canoa
<i>Ervas medicinais:</i> Erva de santa Maria – machucadura, Banha de lagarto – picada de cobra, Banha de preguiça, Cipó caboclo – colírio, Semente de alfavaca – olhos, Cica de banana – cicatrizante, Carvão vegetal – dor de barriga

SACO DO MAMANGUÁ - PRAIA DA BICA

<i>Numero de famílias:</i> 125
<i>Numero de famílias que descendem dos primeiros moradores:</i> todos da região
<i>Atividades econômicas:</i> pesca, frete-turismo, caseiro e artesanato.
<i>Atividade que a comunidade dedica maior parte do tempo:</i> turismo - caseiro e frete de barco
<i>Estabelecimentos de transformação - pequena indústria rural:</i> 1 casa de farinha
<i>Contribuição que o turismo traz para o bairro:</i> O turismo traz dinheiro e ajuda muito a comunidade, pois os caseiros têm um salário fixo por mês, mas não deve aumentar o número de turistas, assim do jeito que está é bom. Se aumentar casa de turista o caiçara tem que ir embora. Existe o aspecto negativo do turismo. O turista que vem ao SM usufrui do local e não deixa nada para a comunidade.
INFRA ESTRUTURA
<i>Vias de acesso ao bairro / tipo de pavimentação:</i> mar e trilha
<i>Transporte coletivo:</i> não tem
<i>Abastecimento de água:</i> cachoeira com mangueiras para caixa d'água coletiva
<i>Esgoto:</i> sumidouro
<i>Coleta de resíduos sólidos:</i> não tem
<i>Energia elétrica:</i> gerador
EQUIPAMENTOS PUBLICOS E SOCIAIS
<i>Educação:</i> A educação é boa mais é pouca pois temos estudos somente até a 4ª série, gostariam de ter ginásio em Paraty–Mirim assim os jovens não parariam de estudar.
<i>Saúde:</i> Existe um posto de Saúde no Cruzeiro mas está desativado, quando tem algum problema de saúde, os moradores recorrem a Santa Casa de Paraty
<i>Igrejas:</i> Existem 4 Evangélicas e uma católica. A igreja Católica localiza-se no Cruzeiro
<i>Associação de moradores:</i> AMAM
<i>Atividades que a associação promove:</i> As atividades que a AMAM vem desenvolvido são : projeto para acabar com a pesca de arrasto, educação e saúde, além de festa de natal.
<i>Utilidade da associação para o bairro:</i> A associação é muito útil para a comunidade pois sem ela muita coisa não aconteceria, não teria como lutar, precisa de um líder para lutar.
<i>Principais atributos ambientais e culturais:</i> mangue, caranguejo, mata. Canoa, remo, gamela e pesca artesanal
<i>Principais atividades tradicionais exercidas pela comunidade:</i> artesanato e pesca artesanal
<i>Formas de cooperação entre os moradores da comunidades:</i> mutirão para barrear as casas e para tirar canoa, e ainda carona para Paraty
<i>Formas de encaminhamento para a solução dos problemas da comunidade:</i> AMAM
<i>Maiores problemas que a comunidade encontra no bairro:</i> Saúde e as pessoas que vem de fora e querem destruir tudo aqui como é o caso do caranguejeiro e da pesca de arrasto.
<i>Principais problemas ambientais da comunidade:</i> destruição de palmito
<i>Instituições governamentais, não governamentais e ou pessoas que auxiliam a resolver os problemas comunidade:</i> No projeto do impedimento à pesca de arrasto temos apoio de todos os órgãos competentes. Vereador Deco que vem ajudando a comunidade com rádio, construção de casas e futebol.
<i>Atividades que a comunidade desenvolve para sua subsistência que estejam de acordo com a conservação do meio ambiente:</i> Junto com a AMAM a tentativa de acabar com a pesca de arrasto
<i>Perspectivas para os jovens da comunidade que moram no bairro:</i> Não tem
<i>O que poderia ser feito na comunidade para a melhoria da qualidade de vida do lugar:</i> transporte-embarcação coletiva.

Como o Sr. Gostaria que este bairro se desenvolvesse no futuro: saúde, educação e acesso para Paraty Mirim
Sabe que este bairro está dentro da APA do Caiuru Não (x) Reserva da Juatinga Sim (x)
Madeiras e uso: Jacatirão – casa, Ingá, Canafistula, Timbuiba – canoa, Cedro, Aricurana, Sapucaia Mirim – utilitários casa de farinha.
Ervas medicinais: Santa Maria–machucadura, Saião–pulmão/ gripe, Casca de abacaxi-colesterol, Carqueja – úlcera, Folha de pitanga – resfriado, Flor de mamão – tosse, Boldo – fígado, Arnica – machucadura, Arruda – aborto, Gengibre – garganta, Rosa branca - colírio.

SACO DO MAMANGUÁ - PRAIA GRANDE

Numero de famílias: 20
Numero de famílias que descendem dos primeiros moradores: mais ou menos 80% descendem dos primeiros moradores
Atividades econômicas: artesanato, pesca, turismo/veranista.
Estabelecimentos comerciais: 2 vendas e 1 bar
Estabelecimentos de transformação - pequena industria rural: casas de farinha
Contribuição que o turismo traz para o bairro: O turismo é bom desde que saibam “usar” o SM, é positivo pois gera emprego e podem vender peixe e artesanato mas é negativo quando o turista compra a terra e o caiçara não sabe usar o dinheiro e acaba ficando sem a terra e sem o dinheiro.
INFRA ESTRUTURA
Vias de acesso ao bairro / tipo de pavimentação: mar e trilha
Transporte coletivo: não tem
Abastecimento de água: falta de água, não informou o sistema
Esgoto: não tem
Coleta de resíduos sólidos: não tem
Energia elétrica: não tem
EQUIPAMENTOS PUBLICOS E SOCIAIS
Educação: não informou.
Saúde: não informou
Igrejas: não informou
Associação de moradores: AMAM
Atividades que a associação promove: arrecadar dinheiro e buscar melhorias para a comunidade, projeto de Deas – pesca de arrasto e festas populares.
Utilidade da associação para o bairro: É fundamental em tudo pois representa a comunidade. É bom para a aceitação dos outro no sentido da busca das soluções dos problemas.
Principais atributos ambientais e culturais: madeira, frutas e roças, Festas: Reis/ Bailes/ Pagode/ Mascarados/ Festa de Santa Cruz. Construção de casa de estuque e sapê.
Principais atividades tradicionais exercidas pela comunidade: artesanato, pesca artesanal e farinha
Formas de cooperação entre os moradores da comunidades: carona
Formas de encaminhamento para a solução dos problemas da comunidade: reunião entre a comunidade
Maiores problemas que a comunidade encontra no bairro: Saúde, educação, comunicação e transporte.
Principais problemas ambientais da comunidade: lixo
Instituições governamentais, não governamentais e ou pessoas que auxiliam a resolver os problemas comunidade: ESALQ – manejo da caixeta e Turistas que tem casa no SM – colaboração dos donos de sítios como: Cláudio, Álvaro, Cláudia e Paulo..
Atividades que a comunidade desenvolve para sua subsistência que estejam de acordo com a conservação do meio ambiente: Briga contra o Arrasto/ Manejo da caixeta é o começo de uma atividade que se preocupa com o meio ambiente em não esgotar os recursos naturais.

Perspectivas para os jovens da comunidade que moram no bairro: Pouca ou sem nenhuma perspectiva - artesanato

O que poderia ser feito na comunidade para a melhoria da qualidade de vida do lugar: Transporte – condução coletiva/ baleeira coletiva, Correio periódico, Comunicação em pontos estratégicos, Educação – maior qualidade de ensino e ginásio em Paraty–Mirim, Saúde – capacitação de profissional para o posto, reativar o posto de saúde e visitas periódicas de médicos..

Sabe que este bairro está dentro da APA do Cairuçu Sim (x) Reserva da Juatinga Sim (x)

ILHA DO ALGODÃO

A ilha do Algodão encontra-se recoberta por floresta ombrófila densa em estado inicial e médio de regeneração, principalmente em sua face sul, que não é ocupada. A vegetação que se desenvolve junto à orla marinha, como em toda a região, é especialmente bela por sua composição formada por espécies arbóreas e outras que podemos considerar como ornamentais. Não foram realizados levantamentos de fauna na ilha, cujo território ocupa 364 ha.

Embora para a Ilha do Algodão a ocupação caiçara tenha sido estimada em apenas 14 famílias em 2000, foram contadas cerca de 40 edificações, fato que demonstra tendência de crescimento da ocupação por veranistas.

<i>Numero de famílias: 14</i>
<i>Numero de famílias que descendem dos primeiros moradores: não sabem</i>
<i>Atividades econômicas: pesca e caseiro</i>
<i>Atividade que produz maior rendimento financeiro para a comunidade: pesca</i>
<i>Atividade que a comunidade dedica maior parte do tempo: pesca</i>
<i>Estabelecimentos comerciais: 1 restaurante</i>
<i>Contribuição que o turismo traz para o bairro: não tem turismo</i>
INFRA ESTRUTURA
<i>Vias de acesso ao bairro / tipo de pavimentação: mar</i>
<i>Transporte coletivo: barco</i>
<i>Abastecimento de água: mangueira , mas tem pouca água</i>
<i>Esgoto: não tem fossa</i>
<i>Coleta de resíduos sólidos: recolhem de barco e levam para Paraty</i>
<i>Energia elétrica: não tem , nem gerado</i>
EQUIPAMENTOS PUBLICOS E SOCIAIS
<i>Educação: 30 crianças estudam em uma sala dentro de uma casa.</i>
<i>Saúde: Paraty</i>
<i>Igrejas: 2 Assembléias de Deus.</i>
<i>Associação de moradores: não tem</i>
<i>Formas de cooperação entre os moradores da comunidades: só relações de Igreja</i>
<i>Maiores problemas que a comunidade encontra no bairro: pouca agua</i>
<i>Instituições governamentais, não governamentais e ou pessoas que auxiliam a resolver os problemas comunidade: não tem</i>
<i>Sabe que este bairro está dentro da APA do Cairuçu Não (x) Reserva da Juatinga Não (x)</i>

PARATY MIRIM² e SACO DO FUNDÃO

A área da microbacia do rio Paraty Mirim já foi parque estadual, e atualmente vem sendo monitorada pelo IEF – RJ, pois pertence ao Estado do Rio de Janeiro. Como o local ficou muitos anos sem nenhuma intervenção por parte do governo estadual, encontra-se ocupada por pequenos sítiantes e moradores de várias origens, bem como por veranistas de segunda residência, não se configurando como comunidade caiçara. Em 2000 foram contadas cerca de 150 edificações na área.

Na beira da praia existe uma das primeiras igrejas de Paraty, um casarão em péssimo estado de conservação e uma série de colunas de pedra, ruínas do antigo engenho que havia no local.

Conflito entre o Estado do Rio de Janeiro e seus ocupantes

A área de Paraty Mirim foi destinada pelo Estado para reforma agrária na década de 50. Na década de 60 o responsável pelo local foi dispensado e a área foi invadida. Muitos veranistas compraram posses dos ocupantes e construíram casas de lazer.

No ano 2000 o ITERJ – Instituto de Terras do Rio de Janeiro notificou todos os ocupantes, dando ciência de que estavam em propriedade do Estado. Em 2003 retirou os ocupantes do casarão, da beira da praia e das ruínas, definindo uma área nas proximidades para o seu reassentamento. Por outro lado, uma nova residência de veranistas foi construída, e a situação de todos é de insegurança e revolta.

As áreas que foram desocupadas encontram-se abandonadas, com péssimo aspecto, pois as construções foram demolidas. O IEF pretende instalar ali uma base e recuperar o casarão.

Já na região do Saco do Fundão foram contadas cerca de 90 edificações, com algumas poucas construções recentes instaladas em locais totalmente inadequados, causando prejuízo à paisagem, ao costão e até mesmo a elas próprias, em locais que podemos considerar em risco de desabamento.

A natureza da ocupação ainda é predominantemente caiçara, com grande parte dos seus moradores trabalhando para veranistas que ali possuem casas de veraneio.

Apenas a fazenda Itatinga e o saco do Barreiro contam com acesso por estrada, a partir da rodovia Rio Santos, mas a maioria utiliza o acesso por mar a partir de Paraty Mirim, com exceção dos moradores da região do Barreiro.

Aldeia Guarani

Nesta área foi criada a Área Indígena de Paraty Mirim pela FUNAI em 1992, com 59 ha, com 31 famílias de índios em 2000. Na caracterização sócio econômica deste Plano há um capítulo sobre as aldeias Guarani.

Historia do bairro segundo os moradores: Os antigos contam que Paraty Mirim era um bom lugar na época dos escravos. Tinha porto, lojas, padaria, carro de boi, usina de açúcar, saia mercadoria do porto até Paraty. Era uma fazenda de escravos. Hoje tem um casarão, uma igreja, e ruínas, tudo feito por escravos, tombado pelo patrimônio histórico, que comprova o tempo antigo da área. Na história mais recente, na década de 50, o Governo do Estado comprou a fazenda com a intenção de doar áreas para os moradores, como uma reforma agrária, para que pudessem fazer suas lavouras. Nessa época, o governador enviou o Sr. Itamar para cuidar da área e fazer o cadastramento das famílias que seriam beneficiadas. Em meados dos anos 60, não sabe-se bem, talvez a política de Paraty, o responsável da área foi retirado, possibilitando a invasão de pessoas na fazenda, inclusive de outras regiões, com a esperança de serem beneficiados pelo trabalho do governo. A questão jurídica das terras até hoje está confusa. Talvez seja isso que esteja impedindo o desenvolvimento do bairro. Ninguém pode se dispor a realizar algo com segurança.

Numero de famílias: cerca de 60, sem contar os índios Guarani

Numero de famílias que descendem dos primeiros moradores: 4

Atividades econômicas: construção civil, pesca, agricultura e turismo

Atividade que produz maior rendimento financeiro para a comunidade: caseiro e construção civil

Atividade que a comunidade dedica maior parte do tempo: caseiro e construção civil

Estabelecimentos comerciais: entre 8 a 12 bares e ranchos de praia (50% de moradores e 50% de pessoal de fora), 1 camping

Estabelecimentos de transformação - pequena industria rural: casa de farinha e melado

Contribuição que o turismo traz para o bairro: melhora a renda

INFRA ESTRUTURA

Vias de acesso ao bairro / tipo de pavimentação: estrada de terra

Transporte coletivo: ônibus 3 vezes ao dia, quando chove não desce para a praia.

<i>Abastecimento de água:</i> nascente e poço
<i>Esgoto:</i> fossa
<i>Coleta de resíduos sólidos:</i> prefeitura faz coleta 1 vez por semana, e a coleta seletiva de lixo não teve adesão na área.
<i>Energia elétrica:</i> não tem (Instalada no verão de 2002)
<i>Iluminação pública:</i> não tem
<i>Drenagem de águas pluviais:</i> não tem
<i>Telefonia pública:</i> não tem
EQUIPAMENTOS PUBLICOS E SOCIAIS
<i>Educação:</i> 1 escola que vai até a 4ª série com 35 crianças, e 20 jovens estudam em Paraty
<i>Saúde:</i> o posto esta fechado há 8 anos, recorrem a Paraty
<i>Posto Policial:</i> não tem
<i>Igrejas:</i> 1 Católica, 1 Batista e 1 Assembléia de Deus.
<i>Outros:</i> Prédio do IPHAN
<i>Associação de moradores:</i> desde 1994
<i>Atividades que a associação promove:</i> Reivindicações junto a Prefeitura, preocupação com a melhoria do bairro
<i>Principais atributos ambientais e culturais:</i> Prédios Históricos e belezas naturais praias e trilhas, Festa de Nossa Senhora.
<i>Principais atividades tradicionais exercidas pela comunidade:</i> festa na Igreja
<i>Formas de cooperação entre os moradores da comunidades:</i> mutirão
<i>Tipo de cooperação existe com as comunidades vizinhas:</i> Não tem
<i>Formas de encaminhamento para a solução dos problemas da comunidade:</i> reunião na comunidade via associação
<i>Maiores problemas que a comunidade encontra no bairro:</i> eletrificação, drenagem do rio, falta de água na praia, estrada e alternativa econômica. Segundo reunião de auto diagnostico: Coleta de lixo não funciona direito, Água parada em frente a praia dando mau cheiro e pode causar doença, Erosão da praia, Lançamento de esgoto na lagoa, Insuficiência de emprego na localidade, Deficiência do serviço de transporte coletivo, Cães soltos na praia causando problemas de saúde, estrada sem conservação, Dificuldade para pagar o IPTU, Inexistência de soro antiofídico em Paraty, Posto de saúde fechado, Leishmaniose na comunidade, Verbas destinadas para Paraty-Mirim não chegaram, Moradores são posseiros e não há definição sobre este problema por parte do ITR – Rio de Janeiro, Dificuldade em obter estrutura das posses pois todas as terras são do Governo, Energia elétrica promessa antiga que até Agora nada resolvido, rio transborda em dois pontos para estrada, Despejo de terras na cabeceira do rio, Ponto crítico no início da estrada, resto de asfalto, Trevo sem manutenção e sinalização, Arrastão dentro da Área de Preservação, lixo que vem misturado do Mamanguá é deixado no cais local.
<i>Principais problemas ambientais da comunidade:</i> poluição do rio na cabeceira e pouca água
<i>Instituições governamentais, não governamentais e ou pessoas que auxiliam a resolver os problemas comunidade:</i> Nenhuma
<i>Atividades que a comunidade desenvolve para sua subsistência que estejam de acordo com a conservação do meio ambiente:</i> a comunidade fiscaliza caça e pesca
<i>Interesse da comunidade para desenvolver atividades que não esgotem ou mesmo recuperem os recursos naturais:</i> pesca e madeira
<i>Perspectivas para os jovens da comunidade que moram no bairro:</i> não tem
<i>O que poderia ser feito na comunidade para a melhoria da qualidade de vida do lugar:</i> eletrificação rural e turismo. Segundo reunião de auto diagnostico: Caçamba para coleta de lixo, Coleta seletiva de lixo, Carroça para coleta seletiva de lixo, Fiscalização da pesca ilegal, Maior divulgação de Paraty-Mirim em Paraty, Melhorar as condições do bairro para atrair os turistas, Dragagem da boca do rio para acabar com a lagoa e permitir maior escoamento das águas do rio, Melhoria da estrada sem asfaltamento, Energia elétrica, pequena hidrelétrica, o rio tem queda suficiente, Camping selvagem, Abertura e funcionamento do posto de saúde com contratação do agente local, Melhorar a administração da água (distribuição), Arrumação do

cais local, restaurar os monumentos históricos, trazer de volta a santa e o canhão que pertencem a comunidade,, Recuperar a verba da EMBRATEL, Plantio de palmito para garantir emprego para os mais novos , Banheiro público para os turistas, Estacionamento gerenciado pela Associação, Funcionário para limpar a praia e colaborar com o projeto de coleta seletiva de lixo, mais lixeiras na praia.

Como o Sr. Gostaria que este bairro se desenvolvesse no futuro: Decisão do governo em relação ao domínio da Fazenda Paraty Mirim . A indefinição de sua ação sobre a área impede qualquer decisão dos moradores em relação às tentativas de melhorias da qualidade de vida do bairro. Por exemplo, um investimento comercial. Restaurar os patrimônios históricos do bairro recuperando-os e dando um uso que beneficiasse a comunidade. Energia elétrica. Melhoria do acesso, recuperando a estrada. Incentivar a exploração do turismo organizado. Um empreendimento, tal como uma mini marina para os turistas do local e vindos de Paraty geraria empregos principalmente para os jovens .

Sabe que este bairro está dentro da APA do Cairuçu Não (x) Reserva da Juatinga Não (x)

Sabe o que é APA ? Sabe o que é Reserva? Não

Madeiras e uso: Ingá, Caixeta e Timbuaba

Ervas medicinais: Carqueja, cipo cravo, casca de canela, sassafras, jatobá.

Conclusão dos entrevistadores: o maior problema de Paraty Mirim é a indefinição fundiária da fazenda Paraty Mirim ,impedindo investimentos ou incentivos para o turismo, e o total abandono dos edifícios históricos localizados no bairro, de grande importância para a história da região. Percebe-se que o local está mal tratado. Nota-se o esgoto direto na barra do rio que liga à praia. É desconfortante para o turista notar essa situação ,uma vez que deseja usufruir de um bom banho de mar .

Paraty-Mirim, possui uma Aldeia Indígena dos Guaranis, com 48 famílias totalizando 96 índios. Desde a praia, até a BR- 101, local, denominado Pedreira, possui 68 famílias. Muitas ocupando o perímetro da estrada, que coincide com o percurso do rio, ocupando assim as Matas Ciliares. Segundo o Procurador Geral da Justiça do Estado do Rio, o Estado avaliará caso a caso e retirará todos os posseiros e moradores, para tomar aquela região, reserva Indígena. Já começou, indenizando e retirando 4 famílias mais próximas da Aldeia. Tem muitos turistas ocupando esta região, é uma região cobiçada pela especulação imobiliária, principalmente nas encostas, na orla marítima. Seus moradores, são caseiros, posseiros, pescadores e artesãos. Muitos cultivam a subsistência em lugares inadequados. Esta comunidade, sofre com problemas de assoreamento do Rio Carapitanga, que nasce na Aldeia dos índios Guaranis, no Bico do Papagaio, passando pelo Patrimônio, Campinho e Pedras Azuis.

Costeira entre o Cantagalo e a praia da Lula

Esta região, que vai da Ponta do Cantagalo até a ponta da praia da Lula, abriga 3 vilas caiçaras – a Praia do Baré, a Praia do Guerra e a Praia Vermelha. Formada por um litoral recortado e mais de uma dezena de praias muito tranqüilas, é constituída por propriedades de veranistas que abrangem áreas adjacentes a praias inteiras, como por exemplo a enseada do Canhenheiro, o Bom Jardim, o Jurumirim, a praia do Engenho.

A orla marinha situada para além da praia do Engenho tem uma ocupação menos dispersa, abrangendo as praias do Baré, do Guerra e Vermelha, com ocupação predominantemente caiçara mas bastante mesclada com residências de veranistas. Esta ocupação se resume à orla marinha com exceção da praia do Guerra/Ponta Grossa onde se formou uma vila caiçara junto à encosta, com cerca de 44 famílias de moradores no ano de 2000. Foram contadas cerca de 160 edificações nesta região.

A praia Vermelha é o destino mais popular das escunas e barcos de turismo, contando com uma pousada e vários bares na beira da praia.

A atividade econômica dos seus moradores é a pesca artesanal e embarcada, o serviço de caseiro e outras relacionadas ao turismo e aos veranistas. A diminuição da produção pesqueira é uma grande preocupação dos pescadores.

PONTA GROSSA

Numero de famílias: 44
Numero de famílias que descendem dos primeiros moradores: todos
Atividades econômicas: pesca e caseiro
Atividade que produz maior rendimento financeiro para a comunidade: pesca e caseiro
Atividade que a comunidade dedica maior parte do tempo: pesca
Estabelecimentos comerciais: nenhum
Contribuição que o turismo traz para o bairro: não tem turismo (o entrevistado não considerou os veranistas como turistas, mas nesta região há muitas casas de veraneio)
INFRA ESTRUTURA
Vias de acesso ao bairro / tipo de pavimentação: mar
Transporte coletivo: barcos de moradores
Abastecimento de água: nascente por mangueira
Esgoto: 4 fossas o resto não tem
Coleta de resíduos sólidos: não tem
Energia elétrica: não tem
Iluminação pública: não tem
Drenagem de águas pluviais: não tem
Telefonia: sinal precário para celular
EQUIPAMENTOS PUBLICOS E SOCIAIS
Educação: 1 escola com 25 ou 30 alunos até 4º ano, e uns 10 que estudam em Paraty
Saúde: tem posto mas não tem atendimento - usam Paraty
Igrejas: não tem
Associação de moradores: não tem
Principais atributos ambientais e culturais: não tem
Principais atividades tradicionais exercidas pela comunidade: nenhuma
Formas de cooperação entre os moradores da comunidade: não tem
Tipo de cooperação existe com as comunidades vizinhas: o que tem é pelo time de futebol
Formas de encaminhamento para a solução dos problemas da comunidade: nenhuma
Maiores problemas que a comunidade encontra no bairro: não tem emprego, a pesca é ingrata,
Principais problemas ambientais da comunidade: esgoto
Instituições governamentais, não governamentais e ou pessoas que auxiliam a resolver os problemas comunidade: não tem
Sabe que este bairro está dentro da APA do Cairuçu Não (x) Reserva da Juatinga Não (x)
Conclusão do entrevistador: O bairro tem problemas de saneamento básico, de transporte, e a sobrevivência está comprometida com a diminuição do pescado. A localização do bairro e a configuração física, aparentemente não viabiliza um uso turístico. Portanto é difícil imaginar uma opção para seu desenvolvimento sem um estudo mais aprofundado.

BOA VISTA e OLARIA

Ocupação humana

No passado a orla marinha era quase toda ocupada pelo manguezal, mas após a construção da rodovia rio - santos foi ocupada por marinas, um estaleiro, duas pousadas e algumas casas de veraneio.

O patrimônio histórico está bem representado pelo o casarão do antigo engenho Antonio Melo, parcialmente utilizado como base de apoio para a marina do Amyr Klink e a sede da fazenda Olaria, ambos em estado razoável de conservação.

Caracterização das Marinas da Boa Vista

nome	número de embarcações	poitas	outros estabelecimentos	base de Mergulho	Numero de postos de trabalho
Canto do Mar			Loja de produtos náuticos, rampa e cais		2
Boa Vista	110	35	conveniência , Posto, boutique, oficina mecânica náutica e loja de produtos náuticos e peças	x	50
Estaleiro					15
Cantagalo	30	35			32
Caravelas	50	50	Pousada, restaurante,	x	25
Salvador	35	30			10
Pier 46	40	28	Gelo, pescado		10
188	35	Cais flutuante e 15 poitas	Posto, peças náuticas, lanchonete, conveniência		15
Porto Imperial		Cais flutuante	Posto de Gasolina, lanchonete, conveniência, rampa e páteo para reparos		
Amyr Klink		Cais flutuante			
Porto Paraty	100	80	Condomínio, clube, restaurante	x	60
Total	400	273			217

Numero de famílias: 40 (incluindo Olaria até Cantagalo)
Numero de famílias que descendem dos primeiros moradores: 1
Atividades econômicas: marinas, fabrica de gelo e pousada
Estabelecimentos comerciais: Flora Paraty, Marina do Salvador, uma pousada, marina Boa Vista, marina Canta Galo, Pier 46, Marina 188, estaleiro, locação de equipamento de mergulho, loja de produtos náuticos, posto de gasolina
Estabelecimentos de transformação - pequena industria rural: 1 fabrica de gelo
Contribuição que o turismo traz para o bairro: toda a economia local vive em função do turismo náutico e da pesca
INFRA ESTRUTURA
Vias de acesso ao bairro / tipo de pavimentação: asfalto
Transporte coletivo: ônibus
Abastecimento de água: mangueira de nascentes
Esgoto: fossa
Coleta de resíduos sólidos: coleta prefeitura e lixão de Paraty
Energia elétrica: sim
Iluminação pública: sim
Telefonia publica: telefonia fixa, sinal de celular, telefones públicos
EQUIPAMENTOS PUBLICOS E SOCIAIS
Educação: estudam em Paraty
Saúde: usam Paraty
Posto Policial: Posto da Policia Rodoviária Federal na BR
Igrejas: não tem
Associação de moradores: não tem
Principais atributos ambientais e culturais: não tem
Principais atividades tradicionais exercidas pela comunidade: nenhuma
Formas de cooperação entre os moradores da comunidades: Não tem
Formas de encaminhamento para a solução dos problemas da comunidade: capitania dos Portos
Maiores problemas que a comunidade encontra no bairro: desunião entre os ocupantes
Principais problemas ambientais da comunidade: Lixão da Boa Vista
Instituições governamentais, não governamentais e ou pessoas que auxiliam a resolver os problemas comunidade: Capitania
O que poderia ser feito na comunidade para a melhoria da qualidade de vida do lugar: união dos moradores
Sabe que este bairro está dentro da APA do Cairuçu Sim (x) Reserva da Juatinga Sim (x)
Sabe o que é APA ? Sabe o que é Reserva? Sim
Conclusão: O principal problema do bairro é o lixão da cidade de Paraty que se localiza por detrás do morro dentro do território do bairro tanto pela poluição visual (para os turistas que chegam), como pela poluição do solo (infiltração) , da água e do ar contaminando todo o caixetal com o chorume, até o Funil . Outro problema é a desunião entre os ocupantes. A concentração de marinas mereceria um estudo para indicar os possíveis danos ambientais provocados tanto pelos barcos, como pelas instalações de apoio.

ILHA DO ARAUJO

Caracterização Ambiental

Esta área é recoberta por mata secundária em estado inicial e médio de regeneração em cerca de 80% do seu território, contando com 7 praias.

Ocupação

A ilha do Araújo é uma comunidade caiçara, formada por cerca de 85 famílias de caiçaras que se concentram na face sudoeste da ilha. Segundo o presidente da Associação de moradores no ano de 2000 havia aproximadamente 35 casas de veranistas no local, principalmente na sua face leste.

<i>Historia do bairro segundo os moradores:</i> Contam que há muito tempo atrás, a ilha foi trocada por um alqueire de sal pelo proprietário João de Araujo que saiu dela e foi tocar sua vida nesse alqueire, e a partir daí , a ilha foi sendo tomada por outro pessoal. Dizem também, que a ocupação da ilha é muito antiga que haviam escravos de engenho. A população da ilha vem se formando de longo tempo, e a atividade econômica era a lavoura e a pesca.
<i>Numero de famílias:</i> 85 moradores e 8 caseiros, 32 casas de veraneio
<i>Numero de famílias que descendem dos primeiros moradores:</i> mais ou menos 80% descendem dos primeiros moradores
<i>Atividades econômicas:</i> pesca, agricultura e turismo
<i>Atividade que produz maior rendimento financeiro para a comunidade:</i> pesca
<i>Atividade que a comunidade dedica maior parte do tempo:</i> pesca
<i>Estabelecimentos comerciais:</i> 3 vendas, 2 bares e 1 pousada de moradores
<i>Estabelecimentos de transformação - pequena industria rural:</i> 10 casas de farinha
INFRA ESTRUTURA
<i>Vias de acesso ao bairro / tipo de pavimentação:</i> mar
<i>Transporte coletivo:</i> uma canoa que atravessa as crianças para pegarem o ônibus para Paraty -
<i>Abastecimento de água:</i> a água vem de mangueira desde o continente, e há uma pequena represa
<i>Esgoto:</i> fossa, sumidouro
<i>Coleta de resíduos sólidos:</i> é a comunidade com maior índice de adesão à coleta seletiva de lixo, com mais de 60 % dos moradores separando a sucata que vai de barco até a Praia Grande, onde o caminhão do Centro de Triagem vai buscar.
<i>Energia elétrica:</i> 10 anos
EQUIPAMENTOS PUBLICOS E SOCIAIS
<i>Educação:</i> 1 escola até 4ª série - 50 crianças
<i>Saúde:</i> tem 2 agentes de saúde - Paraty
<i>Igrejas:</i> 1 católica e 1 evangélica
<i>Associação de moradores:</i> não tem
<i>Principais atributos ambientais e culturais:</i> trilhas pela mata e costeira, festa de São Pedro, Festa do Camarão
<i>Principais atividades tradicionais exercidas pela comunidade:</i> pesca
<i>Formas de cooperação entre os moradores da comunidades:</i> com a Praia Grande que compra o peixe.
<i>Formas de encaminhamento para a solução dos problemas da comunidade:</i> lideranças locais
<i>Maiores problemas que a comunidade encontra no bairro:</i> o fracasso da pesca

<i>Instituições governamentais, não governamentais e ou pessoas que auxiliam a resolver os problemas comunidade: não tem</i>
<i>Perspectivas para os jovens da comunidade que moram no bairro: não sabe</i>
<i>Sabe que este bairro está dentro da APA do Cairuçu Sim (x)</i>
<i>Sabe o que é APA ? Sabe o que é Reserva? sim</i>
<i>Madeiras e uso: não tiram</i>
<i>Ervas medicinais: algumas para chá.</i>
<i>Conclusão do entrevistador: Como a ilha não tem atrativos especiais e os existentes (praias) são ocupados pelos condomínios, é difícil a exploração do turismo pela comunidade. Com o fracasso da pesca, os moradores estão apreensivos com o futuro, principalmente o dos jovens. Mas por outro lado, como está muito próxima de Paraty, e a presença dos veranistas é grande na ilha, ameniza as opções de sobrevivência.</i>

TRINDADE

Situação ambiental

Encontra-se em Trindade parte da única porção do Parque Nacional da Serra da Bocaina que atinge a orla marinha, incluindo 3 praias, o costão rochoso, uma ilha e parte da própria enseada do Caxadaço, na região de divisa com o Estado de São Paulo. Esta é também a área mais visitada do Parque, com fluxo intenso e concentrado de turistas durante os feriados de fim de ano e carnaval, totalizando cerca de 50 mil visitantes por ano.

Esta área é parte do contínuo florestal que interliga o Parque Estadual da Serra do Mar (SP), o Parque Nacional da Serra da Bocaina, a APA de Cairuçu e a Reserva Ecológica da Juatinga, somando mais de 400 mil ha de áreas protegidas por unidades de conservação de uso indireto.

Apesar de uma situação favorável em termos de cobertura florestal, representada pela Floresta Ombrófila Densa primitiva e em estágios médio e avançado de recuperação que ocupam mais de 80% desta AE, a Trindade vem sofrendo crescente ocupação urbana que avança quase livremente sobre as praias, sobre a mata, e sobre o Parque Nacional.

A fauna local é bastante diversificada, com o relato de ocorrência de onça-pintada (*panthera onça*) por parte de caçadores locais, e do papagaio Chauá (*Amazona rhodocorytha*), endêmico da Mata Atlântica e ameaçado de extinção.

Em suas águas encontramos com facilidade a tartaruga-verde (*chelonina midas*), golfinhos e até mesmo, mais raramente, grupos de Orcas (*Orcinus orca*). No inverno de 2000 inúmeros pingüins apareceram em suas águas, bem como alguns espécimes de lobos marinhos trazidos por correntes marinhas vindas do sul do continente.

Comunidade

A vila de Trindade, que em 2000 contava com 120 famílias e cerca de 210 edificações, está descrita na caracterização sócio econômica, no capítulo sobre turismo, e nas fichas de caracterização de todas as comunidades da APA.

Apesar de uma série de melhorias urbanas introduzidas a partir do asfaltamento do acesso à rodovia Rio Santos em 1999 – telefonia celular e convencional, linhas regulares de ônibus, transporte público coletivo para estudantes e coleta regular de lixo 2 vezes por semana, a área ainda não conta com saneamento básico.

Muitos hotéis e estabelecimentos localizados às margens do córrego que atravessa a vila não possuem sistema de tratamento de efluentes domésticos, que são despejados diretamente no rio e deságuam na praia do Meio, em pleno Parque Nacional, onde famílias de turistas desavisados tomam banho em sua foz.

A comunidade local se mobiliza constantemente para resolver problemas como por exemplo a distribuição de água para todas as residências e estabelecimentos, e a situação da disposição do lixo melhorou consideravelmente após a regularização da coleta pela prefeitura e de campanhas pela limpeza e pela separação do lixo, realizadas pelas ONGs Caxadaço Bocaina Mar, EcoFort, comerciantes e comunidade local com o apoio da Fundação SOS Mata Atlântica e da prefeitura municipal.

No caso dos efluentes domésticos, a comunidade se organizou e chegou a elaborar um projeto, arrecadar recursos e construir, em mutirão, parte da canalização e uma grande caixa para o tratamento do esgoto. A conclusão do sistema, entretanto, está dependendo de recursos governamentais cuja liberação depende da titularidade da área da caixa de tratamento, que deve ser doada à prefeitura.

<i>Historia do bairro segundo os moradores:</i> Contam que existia uma família de dois filhos na região e um deles foi chamado para servir a guarda. Como não queriam dar o filho, fugiram pelo litoral até chegarem no Camburi. Lá, como já haviam pessoas morando, falaram desse lugar, a Trindade, e aqui se estabeleceram. Falam também que os índios tinham suas ocas aqui e que também viviam homens grandes e brancos na praia do meio. Os olhos azuis das pessoas daqui devem ter sido da mistura entre eles. A Trindade deve estar com 5 gerações. A mãe era neta de índio e o pai, de olho azul, de geração de fora. Tem outros descendentes de índio, dos carapevas. O pessoal contava que andava um navio pela costa que se chamava RASPA, que um dia encalhou na ilha em frente (por isso o nome da ilha, Ilha Raspa) , e que os carapevas faziam roubos nesse navio e até mataram uns, quem sabe é aí a mistura. Mas não se sabe se isso é boato. A Trindade tem muito mais que 300 anos, uns 400.
<i>Numero de famílias:</i> 120, sendo cerca de 30% de casais nativos, 30% de casais de fora e 30% de casais compostos por um cônjuge nativo e um de fora
<i>Numero de famílias que descendem dos primeiros moradores:</i> menos da metade das famílias.
<i>Atividades econômicas:</i> turismo, construção civil, pouca pesca, pouca lavoura
<i>Atividade que produz maior rendimento financeiro para a comunidade:</i> turismo na temporada e construção civil fora da temporada
<i>Estabelecimentos comerciais:</i> cerca de 60 entre bares, restaurantes e lanchonetes, 1 padaria, 2 empórios, 6 lojas, 30 campings, 15 pousadas e 30 quartinhos, dizem que quase 50% é de pessoal de fora
<i>Estabelecimentos de transformação - pequena industria rural:</i> 2 casas de farinha
<i>Contribuição que o turismo traz para o bairro:</i> positivo é que traz dinheiro , negativo é que traz lixo, zoeira e não contribui com o bem estar do lugar
INFRA ESTRUTURA
<i>Vias de acesso ao bairro / tipo de pavimentação:</i> asfalto desde outubro de 2000
<i>Transporte coletivo:</i> ônibus de Paraty, Kombis, e ônibus escolar.
<i>Abastecimento de água:</i> mangueiras direto das nascentes
<i>Esgoto:</i> fossa negra
<i>Coleta de resíduos sólidos:</i> prefeitura 2 x por semana
<i>Energia elétrica:</i> sim
<i>Iluminação pública:</i> alguns pontos
<i>Telefonia publica:</i> desde dezembro de 2001 – telefonia normal, torre de celular e telefones públicos
EQUIPAMENTOS PUBLICOS E SOCIAIS
<i>Educação:</i> 1 escola até a 4ª série, e um ônibus mantido pela associação que leva alunos para Paraty
<i>Saúde:</i> Paraty
<i>Igrejas:</i> 2 Assembléia de Deus e 1 Adventista
<i>Posto Policial:</i> não tem mas a policia vem sempre dar assistência
<i>Associação de moradores:</i> Associação dos Moradores Nativos e Originários de Trindade, com cerca de 30 famílias associadas, somente de nativos com uma única exceção.
<i>Atividades que a associação promove:</i> administra o camping da Praia do Meio, mantém o ônibus escolar, aluga o terreno da comunidade para venda de cerveja, gelo e estacionamento, apoiou o funcionamento do quiosque de informações no carnaval de 2002
<i>Utilidade da associação para o bairro:</i> é relativa, uma vez que defende interesses de um grupo dentro da comunidade, e não da comunidade como um todo
<i>Principais atributos ambientais e culturais:</i> paisagem, natureza e liberdade, a pesca e a música do Elson
<i>Principais atividades tradicionais exercidas pela comunidade:</i> pouca lavoura e cerco, artesanato.
<i>Formas de cooperação entre os moradores da comunidades:</i> mutirões para instalar a rede de esgoto (inacabada), a rede de água.
<i>Tipo de cooperação existe com as comunidades vizinhas:</i> nenhuma

<i>Formas de encaminhamento para a solução dos problemas da comunidade:</i> Associação, representação local da prefeitura
<i>Maiores problemas que a comunidade encontra no bairro:</i> falta de atividades para os jovens , disseminação de maus costumes urbanos pelo turismo pouco qualificado, pouca articulação fora da Associação, urgência na conclusão da rede de esgoto.
<i>Principais problemas ambientais da comunidade:</i> lixo e infra estrutura
<i>Instituições governamentais, não governamentais e ou pessoas que auxiliam a resolver os problemas comunidade:</i> não tem
<i>Atividades que a comunidade desenvolve para sua subsistência que estejam de acordo com a conservação do meio ambiente:</i> pesca artesanal
<i>Interesse da comunidade para desenvolver atividades que não esgotem ou mesmo recuperem os recursos naturais:</i>
<i>Perspectivas para os jovens da comunidade que moram no bairro:</i>
<i>O que poderia ser feito na comunidade para a melhoria da qualidade de vida do lugar:</i>
<i>Sabe que este bairro está dentro da APA do Cairuçu Sim (x) Parque Nacional da Serra da Bocaina Sim (X)</i>
<i>Sabe o que é APA ? Sabe o que é Reserva? Sim</i>
<i>Madeiras e uso:</i> não tem sido retiradas
<i>Ervas medicinais:</i>
<i>Conclusão do entrevistador:</i> Foram feitas 2 entrevistas , a primeira com um representante da geração jovem, que mostrou conhecimento e preocupação com os sérios problemas que o bairro vem enfrentando. E também, um sentimento otimista na participação de jovens em buscar saídas para manter a qualidade de vida, a garantia de um turismo com melhor qualidade, e a preservação da natureza, uma vez que o futuro depende de uma nova mentalidade que virá dessa juventude. A Segunda com um senhor que muito lutou pela posse da terra durante os anos que a companhia multinacional tentou se apoderar de toda Trindade para implantação de um complexo turístico. Do início desse conflito, no começo dos anos setenta, até os dias de hoje, o bairro mudou muito. De pequena vila incrustada na mata quase intacta ,repleta de árvores frutíferas e com um mar cheio de peixes que por muito tempo foi a sobrevivência de todos, hoje passou a ser uma pequena cidade que cresceu um pouco desordenada , com pouco espaço para seu desenvolvimento futuro, e cuja população vive quase que em sua totalidade do turismo. Mais da metade dos habitantes de hoje são originários de outras regiões e que se estabeleceram na vila com variadas atividades de comércio, comprando a área ou simplesmente arrendando dos próprios trindadeiros. A vila enfrenta uma série de problemas ,tais como infra estrutura insuficiente, excesso de turistas na época do verão, trânsito intenso, lixo, em outras palavras, a vila não está “dando conta” da quantidade de pessoas que procuram o lugar. Para enfrentar esses problemas, na tentativa de encontrar uma saída ,está sendo feito um levantamento sócio econômico no bairro. A associação elaborou um questionário que está sendo aplicado para cada família / morador, no intuito de apontar a real capacidade existente no bairro de atendimento aos visitantes para poder quantificar e organizar a entrada desses visitantes. O objetivo disso tudo é melhorar a qualidade do turismo e como conseqüência, a qualidade de vida dos moradores e melhor controle da preservação da natureza que é ainda o maior patrimônio do lugar. É de extrema importância que o bairro crie alternativas de reorganização, pois sem isso , no futuro próximo , ficará condenado ao caos e à total decadência do turismo pondo em risco a natureza e a vida de seus habitantes.

LARANJEIRAS, VILA ORATÓRIO, SONO e PONTA NEGRA

Caracterização ambiental

Esta área é recoberta pela floresta ombrófila densa em estágio médio e avançado de recuperação, que ocupa cerca de 90% do seu território, constituindo uma grande propriedade do Condomínio Laranjeiras, composto por cerca de 230 condôminos.

A mata existente neste setor faz parte do maciço do Cairuçu, onde se concentra a maior área de remanescentes florestais, com registro da ocorrência do muriqui ou mono carvoeiro (*brachyteles aracnóides*) e freqüente avistagem de felinos de grande porte.

Comunidade

O Condomínio Laranjeiras e a Vila Oratório dispõe de coleta de lixo diária, abastecimento de água tratada e estação de tratamento de efluentes domésticos que atende em princípio todos os moradores, bem como transporte coletivo com vários horários diários.

A Vila do Oratório, encravada nesta propriedade, é ocupada principalmente por famílias de moradores que trabalham para o condomínio, muitos dos quais caiçaras que viviam junto das praias que hoje pertencem a Laranjeiras.

Em 2000 esta área contava com cerca de 150 famílias de moradores e 230 condôminos, totalizando aproximadamente 300 residências, que atualmente chegam a 350.

Neste setor da APA não foram realizadas reuniões de diagnóstico e planejamento, apenas uma reunião para equacionar problemas de acesso dos caiçaras das comunidades vizinhas ao cais da marina de Laranjeiras, e conversas com lideranças dos dois bairros.

Problemas

Ocupação profissional

A instalação do condomínio Laranjeiras gerou muitos empregos, e praticamente todas as 25 famílias de caiçaras que viviam na área na década de 70 e foram transferidas para a Vila Oratório encontraram ocupação no condomínio.

Atualmente as famílias cresceram e muitos condôminos trouxeram caseiros de fora, que vem com a família e até agregados. Com várias linhas de ônibus fazendo o transporte até Paraty, aumentou a oferta de mão de obra e de prestadores de serviço, e atualmente cerca de metade dos moradores da Vila aptos a trabalhar não encontram colocação em Laranjeiras.

Para o condomínio incomoda o crescimento urbano desordenado da Vila Oratório, que aos poucos vai se tornando uma área fora de controle, perigosamente próxima de um “paraíso” de alto conforto e consumo, e corredor de passagem para estudantes e mochileiros que acampam na praia do Sono. Um prato cheio para o tráfico de drogas.

É o eterno paradoxo: veranistas abastados precisam de muitos empregados à sua disposição, mas esta proximidade vai criando um aglomerado urbano que tende a suplantiar em população e problemas o núcleo que o gerou, como acontece em outros locais do nosso litoral, principalmente na costa sul de São Sebastião, no estado de São Paulo.

Acesso

Os maiores problemas para os moradores da Vila Oratório e condomínio Laranjeiras dizem respeito à passagem de moradores e turistas para as comunidades vizinhas, tanto pela trilha que começa na Vila Oratório como pelo próprio condomínio, onde fica a marina de onde saem os barcos para Ponta Negra e Sono.

As comunidades de Sono e Ponta Negra não dispõem de estrada de acesso, mas de uma trilha que é percorrida a partir da Vila Oratório, em uma hora até a praia do Sono, e em cerca de 2 horas e meia até a Ponta Negra.

Acesso pela marina

Como grande parte dos moradores destas comunidades sempre se utilizou de embarcações para o transporte entre as comunidades e a estrada asfaltada, e preferencialmente se utilizam da marina do condomínio, existe uma eterna discussão sobre os procedimentos exigidos pelo condomínio em relação ao trânsito de moradores, mercadorias, materiais de construção, e, mais problemático, do grande fluxo de turistas nos feriados da temporada de verão.

Durante o período de elaboração deste Plano de Gestão as relações entre o condomínio e seus vizinhos evoluíram positivamente quanto ao uso da marina pelos caiçaras, mas atualmente o transporte de turistas pela marina só é permitido para aqueles que se dirigem para a Ponta Negra, mais distante, mediante prévio agendamento e cadastramento com o condomínio, até o limite de 100 visitantes.

Os turistas que vão para o Sono utilizam a trilha, e na volta podem enviar suas bagagens acompanhadas de, preferencialmente, uma responsável que vem nas lanchinhas “voadeiras” dos caiçaras, e seguem na Kombi do condomínio até a portaria, onde encontram seus companheiros e veículos, ou tomam o ônibus para Paraty.

Para os visitantes que vem de carro e se dirigem ao Sono, não estão disponíveis vagas para estacionamento na Vila Oratório pois as áreas disponíveis foram cercadas e o acesso fica cada vez mais difícil para o visitante. O condomínio tem restringindo ao máximo a ida de turistas para as comunidades vizinhas, provocando assim um estrangulamento econômico.

Se por um lado o acesso é controlado, dificultado e limitado, com o real cerceamento da passagem de visitantes pelo condomínio, e número restrito para a permanência de veículos na Vila Oratório, por outro lado pode-se considerar que estas limitações acabam configurando um limite ao fluxo de visitantes de uma comunidade onde vivem cerca de 60 famílias caiçaras, que é a praia do Sono, e que aos poucos vai se capacitando para não perder o controle da situação quando 1800 barracas se instalam na área, nos feriados de pico da temporada de verão...Citamos como exemplo o ultimo feriado da Semana Santa, em 09,10 e 11/04/2004, quando a comunidade do Sono se queixou ao Conselho Gestor da APA do Cairuçu, de não ter podido receber quase nenhum turista devido aos empecilhos criado pelo Condomínio Laranjeiras.

No caso da Ponta Negra o limite de 100 pessoas foi estabelecido em comum acordo com o presidente da Associação de moradores, mas que de qualquer forma a comunidade fica condicionada a utilização do ponto de atracação, hoje ocupado pelo Condomínio Laranjeiras

Mudança do acesso à Vila do Oratório

Recentemente (em 2002), a prefeitura e o condomínio iniciaram a manutenção da antiga estrada de acesso à fazenda Santa Maria, para deslocar o fluxo de veículos e ônibus que se dirigem para a Vila do Oratório, e que passaria totalmente por fora da área urbanizada, em área de mata e bastante conservada, tirando da vista o condomínio. Esta obra encontra – se embargada pelo IBAMA, e caso venha a ser autorizada vai acabar criando uma nova frente de ocupação urbana na zona de conservação e preservação da APA.

LARANJEIRAS

<i>Historia do bairro segundo os moradores:</i> Fazenda Laranjeiras, que ia desde o canto bravo (divisa com SONO, até a Ponta da Trindade). Apresenta-se um mapa de João Teixeira Alves, o Velho, a serviço da coroa portuguesa, de meados do século XVII onde aparece o nome de Laranjeiras e de Mandahug (hoje Mambucaba). Em 1972 – compra pela Brascan, 1976 – Paraty Desenvolvimento turístico, 1980 - Condomínio.
<i>Numero de famílias:</i> Numero de lotes: 298 lotes de 1000m2, de propriedade de 189 titulares; lotes ocupados 199, tamanho médio das construções: 300m2
<i>Atividade que a comunidade dedica maior parte do tempo:</i> Lazer e veraneio
<i>Estabelecimentos comerciais:</i> Armazém, um restaurante, um bar, uma lanchonete da piscina, um posto de gasolina, uma marina
<i>Estabelecimentos de transformação - pequena industria rural:</i>
<i>Contribuição que o turismo traz para o bairro:</i> Pontos positivos: empregos gerados, infra estrutura (telefone, rede de esgoto, acesso asfaltado, ônibus de linha, água encanada e tratada, sistema de esgoto, coleta de lixo, ambulatório médico para todos os moradores e funcionários) Médico de plantão todo final de semana, transporte para Paraty pelo condomínio em caso de urgência, inclusive de moradores do Sono e Ponta Negra; Funcionários do condomínio: 120 funcionários – média salarial R\$ 370,00. Barcos na Marina: cerca de 90, tamanho médio 30 pés; cerca de 70 barcos tem marinheiro – 70 empregos (média de R\$ 400,00), salário máximo chega a R\$ 3000,00). Número de casas de veraneio: 200 – cerca de 2 empregados por casa – salário médio R\$ 300,00. Cerca de 60% dos empregados são da Vila Oratório: o resto vem do Patrimônio, Campinho, poucos do Sono, nenhum da Ponta Negra; começam a ser contratados caseiros vindos de outros estados (custam menos e dão menos trabalho). No dia de hoje, existem 10 casas em construção – pedreiros a maioria da região. Material de construção vem na maior parte de Paraty e Ubatuba. IPTU pago anualmente, faixa de R\$ 600 mil. Quando um morador do Oratório constrói sua casa, se não tiver condição, o condomínio banca a construção de fossa caso não seja possível ligar na rede; Pontos Negativos Reclamações das comunidades de Ponta Negra e Sono em relação ao acesso de turistas, que é dificultado pelo condomínio. Em relação à Ponta Negra o presidente da Associação deixa uma relação de nomes de visitantes nas vésperas de feriado e final de semana, e o condomínio transporta estes visitantes até a marina para que sejam levadas de barco pelos moradores da Ponta Negra. O número acordado de pessoas que poderá usufruir deste serviço é de 100 pessoas por fim de semana; No caso do Sono, é permitida a entrada de 300 veículos por final de semana, mas não tem esquema de reservas. Para usar a marina, o condomínio permite a passagem da bagagem, com um responsável do grupo, e transporte somente por barqueiros do Sono. Na volta também. Os visitantes que vem de ônibus devem seguir pela trilha, caso não tenham reserva. Estes acordos vigoraram a partir da temporada do ano 2000.
INFRA ESTRUTURA
<i>Vias de acesso ao bairro / tipo de pavimentação:</i> 7 km de asfalto de acesso, cerca de 30 km de vias internas ao condomínio; Marina atende diretamente 63 lotes; Heliponto com 6 vagas de estacionamento.
<i>Transporte coletivo:</i> 9 horários de ônibus para Paraty
<i>Abastecimento de água:</i> água tratada
<i>Esgoto:</i> rede de esgoto e tratamento
<i>Coleta de resíduos sólidos:</i> 6 dias por semana para todos
<i>Energia elétrica:</i> Tem
<i>Iluminação pública:</i> Tem
<i>Drenagem de águas pluviais:</i> Tem
<i>Telefonia Publica:</i> Tem
EQUIPAMENTOS PUBLICOS E SOCIAIS

<i>Educação:</i>
<i>Saúde:</i> posto de saúde interno com médico de plantão em finais de semana
<i>Posto Policial:</i> não tem, mas tem segurança privada com 40 homens
<i>Principais atributos ambientais e culturais:</i> Área total cerca de 600 ha, sendo 2 ha ocupados pela Vila, 50 ha pelo condomínio, 300 ha de mata adquirida pelo condomínio dos moradores (que tinha ficado como área agrícola dos moradores) e o restante de mata atlântica; rio camarão que desemboca na praia de laranjeiras
<i>Maiores problemas que a comunidade encontra no bairro:</i> Passagem de turistas para o Sono, crescimento desordenado da vila, falta de mão de obra qualificada;
<i>Principais problemas ambientais da comunidade:</i> O borrachudo foi eliminado por tratamento de larvicidas há 12 anos – o tecnar, segundo o informante é totalmente inofensivo, tanto que os pitus continuam existindo nos rios
<i>Interesse da comunidade para desenvolver atividades que não esgotem ou mesmo recuperem os recursos naturais:</i> Patrocínio do Projeto Cairuçu entre 1999 e 2000

VILA ORATÓRIO

<i>Historia do bairro segundo os moradores:</i> A fazenda Laranjeiras era o local de moradia de aproximadamente 25 famílias que viviam da pesca e principalmente da lavoura, isoladas devido ao difícil acesso, com mais de cem anos desde a primeira ocupação segundo informações dos entrevistados. Em meados dos anos 70, uma empresa multinacional compra o direito dessas famílias dando uma parte em dinheiro, um terreno de 1000 metros quadrados com uma casa de 3 quartos e 4 alqueires de terra para trabalharem, áreas essas onde se originou o Bairro do Oratório. O empreendimento ocupou a orla marítima com praias e marinas particulares, deixando a vila ao fundo com dificuldades de acesso à praia e ao cerco de pesca.
<i>Numero de famílias:</i> 150 aproximadamente
<i>Numero de famílias que descendem dos primeiros moradores:</i> a maioria, uns 130
<i>Atividades econômicas:</i> empregos diversos no condomínio Laranjeiras
<i>Atividade que produz maior rendimento financeiro para a comunidade:</i> empregos diversos no condomínio
<i>Estabelecimentos comerciais:</i> 1 restaurante, 1 pizzaria, 1 mercadinho, 4 bares, e 1 pousadinha
<i>Contribuição que o turismo traz para o bairro:</i> não tem turismo no bairro
INFRA ESTRUTURA
<i>Vias de acesso ao bairro / tipo de pavimentação:</i> estrada de asfalto e terra
<i>Transporte coletivo:</i> ônibus 9 vezes ao dia
<i>Abastecimento de água:</i> nascente tratada e canalizada pelo condomínio
<i>Esgoto:</i> tem rede feita pelo condomínio
<i>Coleta de resíduos sólidos:</i> o condomínio paga firma particular para retirar e levar para Paraty
<i>Energia elétrica:</i> Sim
<i>Iluminação pública:</i> Sim
<i>Drenagem de águas pluviais:</i> Sim
<i>Telefonia pública:</i> 3 orelhões, telefone de linha e 2 torres de celular
EQUIPAMENTOS PUBLICOS E SOCIAIS
<i>Educação:</i> 1 escola até a 4ª série e depois vão para Paraty
<i>Saúde:</i> Posto com 1 medico, 1 vez por semana, pago pelo condomínio
<i>Posto Policial:</i> não tem
<i>Igrejas:</i> 1 Católica, 1 Assembléia de Deus e 1 Congregação Cristã
<i>Associação de moradores:</i> Sim desde 1983
<i>Atividades que a associação promove:</i> pequenas melhorias no bairro, limpeza de ruas, manutenção dos equipamentos sociais, e festas com aparelhagem de som, e encaminha os problemas para a prefeitura e para o condomínio.
<i>Principais atributos ambientais e culturais:</i> não tem
<i>Principais atividades tradicionais exercidas pela comunidade:</i> não tem

<i>Formas de cooperação entre os moradores da comunidades: não tem</i>
<i>Tipo de cooperação existe com as comunidades vizinhas: Igreja, festas e futebol</i>
<i>Formas de encaminhamento para a solução dos problemas da comunidade: Associação</i>
<i>Maiores problemas que a comunidade encontra no bairro: não respondeu</i>
<i>O que poderia ser feito na comunidade para a melhoria da qualidade de vida do lugar: As necessidades apontadas: melhoria da estrada interna da vila(cascalho), uma boa escola de 1º grau, uma escola de 2º grau, uma creche, mais atividades esportivas para o desenvolvimento dos jovens, uma escola profissionalizante para capacitar os jovens a terem melhores oportunidades de trabalho.</i>
<i>Principais problemas ambientais da comunidade: não respondeu</i>
<i>Instituições governamentais, não governamentais e ou pessoas que auxiliam a resolver os problemas comunidade: não</i>
<i>Sabe que este bairro está dentro da APA do Cairuçu Sim (x)</i>
<i>Sabe o que é APA ? Sabe o que é Reserva? Não</i>
<i>Madeiras e uso: não pegam</i>
<i>Ervas medicinais: as do quintal.</i>
<i>Conclusão do entrevistador: A vila do Oratório é a área de serviço do Condomínio Laranjeiras e quase sua totalidade é depende economicamente desse condomínio. Aparentemente as relações são bem resolvidas. No entanto, percebe-se uma tensão velada permanente de ambas as partes. Apesar do emprego "garantido", estão sempre atentos quanto ao cerceamento da liberdade de ir e vir (tanto do acesso ao bairro Quanto à praia / cais), do crescimento do bairro (espaço físico) ,e nas oportunidades de emprego, porque a mão de obra qualificada é buscada fora, sem haver a preocupação de uma qualificação da mão de obra local. Outro problema são os acessos para as praias do Sono e Ponta Negra (trilha e cais) ,uma vez que na época da temporada e feriados , não existe espaço suficiente para os veículos dos turistas que ficarão estacionados no bairro. O planejamento do turismo das praias do Sono e Ponta Negra obrigatoriamente incluirão soluções para o bairro do Oratório.</i>

PRAIA DO SONO E PONTA NEGRA

Caracterização ambiental

Esta área, que tem cerca de 90% do seu território recoberto pela Floresta Ombrófila Densa em estado inicial, médio e avançado de regeneração, faz parte do maciço do Cairuçu, que atinge 1080 m de altitude, com a presença de várias espécies de fauna ameaçadas de extinção e endêmicas da Mata Atlântica como o mono carvoeiro, o maior primata das Américas.

A região está totalmente inserida na Reserva Ecológica da Juatinga e conta com 4 praias: Sono, Antigos, Galhetas e Ponta Negra.

Comunidades

Sua população é totalmente formada pela população tradicional caiçara, com cerca de 54 famílias e cerca de 54 casas no Sono e 23 famílias na Ponta Negra, onde havia 55 edificações em 2000.

As atividades produtivas tradicionais como a pesca e as roças de subsistência vem sofrendo acentuado declínio. Segundo moradores locais, os órgãos ambientais não permitem o corte da mata e por este motivo eles diminuíram a atividade de agricultura. Os conflitos fundiários que ocorreram na praia do Sono também contribuíram em parte para este problema.

Quanto à pesca, é notória a diminuição da ocorrência dos cardumes que outrora lotavam as redes dos cercos flutuantes, modalidade descrita no capítulo “caracterização dos ambientes marinhos” deste trabalho. Este problema, somado à diminuição da produção de subsistência, que também passa por fatores culturais em relação aos mais jovens, tem como consequência forte desnutrição e ocorrência de anemia em grande parte da população destas comunidades. No verão a pesca é mais farta e o turismo traz recursos financeiros. No inverno o mar “engrossa” e a fome aperta.

Estas comunidades, localizadas em praias de mar aberto e vulneráveis aos perigosos ventos do quadrante sul, sempre sofreram com as dificuldades de acesso. Até meados do século passado percorriam por cerca de 3 horas a partir do Sono uma trilha para o fundo do Saco do Mamanguá, de onde embarcavam para Paraty.

Da Ponta Negra a Paraty, de barco, são mais de 5 horas de viagem em traineiras a motor se o mar estiver bom, mas é uma travessia perigosa, por mar aberto até a Ponta da Juatinga.

A abertura da rodovia Rio Santos e em seguida a implantação do condomínio Laranjeiras viabilizou a construção da estrada da Fazenda Santa Maria, que chegava até a praia do Sono, mas cujo acesso era fechado e exclusivo do titular da Fazenda Santa Maria.

O conflito de terras entre os herdeiros da Fazenda e os caiçaras do Sono está relatado no volume “Caracterização Sócio econômica da APA de Cairuçu e reserva da Juatinga” e até hoje a situação fundiária da área é confusa.

A partir dos anos 80 os moradores do Sono e Ponta Negra passaram a se utilizar do acesso por Laranjeiras e Vila Oratório, e as poucas traineiras de pesca de caiçaras da região se abrigam atualmente na marina de Laranjeiras. Alguns moradores passaram a trabalhar no condomínio, mas até o ano 2000 a maioria dos chefes de família trabalhavam na pesca artesanal ou embarcada, nas traineiras de Santos, Paraty, Ubatuba.e Angra dos Reis.

Com o aumento do fluxo de turistas, e a aquisição de moradias de caiçaras por veranistas principalmente na Ponta Negra, as gerações mais novas vem se ocupando em atividades relacionadas com o turismo, apesar da visitaçao na região se restringir praticamente à alta temporada.

A caracterização do turismo nesta área está relatada no capítulo “Turismo em Paraty e na APA/REJ”, no volume “Caraterização Sócio Econômica da APA de Cairuçu e Reserva Ecológica da Juatinga”

Durante o período de realização deste Plano de Gestão houve sensível progresso no desenvolvimento das comunidades em relação à organização da visitaçao pública e à própria qualidade de vida.

Na Ponta Negra o turismo é mais restrito ao aluguel de casas de moradores e veranistas, pois a comunidade não permite o camping selvagem na praia.

Na praia do Sono, após inúmeras reuniões de auto diagnóstico e planejamento, conversas com autoridades e lideranças locais, curso de monitores em ecoturismo e o estímulo à coleta seletiva de lixo por meio do Projeto Jogue Limpo Cairuçu, a comunidade vem se organizando melhor para receber o enorme fluxo de turistas, em sua maioria estudantes e mochileiros que chegaram a ocupar 1800 barracas no verão de 2002.

As áreas próximas à praia vem sendo aos poucos estruturadas como campings, com a construção de banheiros, lixeiras com destino para os vários tipos de lixo (orgânico e reciclável), instalação de pequenos bares e restaurantes.

A praia do Sono, excepcionalmente bela, é hoje praticamente o único local da região onde a administração da Reserva Ecológica vem, em acordo com grande parte da população, impedindo sistematicamente a construção de casas de veranistas, muitos dos quais, na verdade, comerciantes que adquiriram áreas e passaram a concorrer com os caiçaras na prestação de serviços relacionados ao turismo.

As atividades do Projeto Cairuçu, as reuniões do Plano de Gestão, as restrições de construção impostas pela legislação ambiental e mesmo aquelas de acessibilidade impostas pelo condomínio vem, ao longo destes 4 últimos anos, viabilizando a compreensão, principalmente dos mais jovens, de que o acesso irrestrito por estrada até a praia teria o efeito de uma verdadeira invasão na comunidade, maior do que já ocorre atualmente.

Os moradores do Sono vêm aos poucos compreendendo e assimilando que vender posses para terceiros não é vantajoso a longo prazo, e que é melhor que o turista venha com pouca bagagem porque assim fará suas refeições nos pequenos bares e restaurantes locais, ao invés de trazer tudo o que consome de fora.

Apesar da revolta dos mais velhos e da dificuldade de acesso que se torna crítica quando o mar está bravo e ocorrem emergências médicas, é importante o amadurecimento tanto da população quanto das autoridades e dos gestores ambientais para encontrar a melhor solução para melhorar as condições de acesso para a população, sem destruir a integridade ambiental, paisagística e cultural da comunidade.

PRAIA DO SONO

<i>Numero de famílias:</i> 54
<i>Numero de famílias que descendem dos primeiros moradores:</i> 54
<i>Atividades econômicas:</i> pesca e turismo
<i>Atividade que produz maior rendimento financeiro para a comunidade:</i> turismo
<i>Estabelecimentos comerciais:</i> 10 barracas na praia (refeições) e aproximadamente 30 campings nos terrenos das casas.(eram 10 no verão de 2000)
<i>Estabelecimentos de transformação - pequena industria rural:</i> 4 casas de farinha
<i>Embarcações:</i> 31 canoas, 4 barcos a motor de popa em 2000 . Mais de 10 em 2002
<i>Contribuição que o turismo traz para o bairro:</i> pagam para acampar, se alimentam nos bares, alugam casa
INFRA ESTRUTURA
<i>Vias de acesso ao bairro / tipo de pavimentação:</i> trilha e mar
<i>Transporte coletivo:</i> não tem
<i>Abastecimento de água:</i> mangueira
<i>Esgoto:</i> fossa somente 25 a 30 casas
<i>Coleta de resíduos sólidos:</i> a comunidade separa o lixo seco e leva de barco até laranjeiras, de onde é encaminhado para o Centro de Triagem de sucatas.
<i>Telefone: público na escola, desde 2001</i>
EQUIPAMENTOS PUBLICOS E SOCIAIS
<i>Educação:</i> 1 escola até a 4 ^a serie
<i>Saúde:</i> Paraty – o Condomínio Laranjeiras paga um médico que vai quinzenalmente (desde o final de 2001)
<i>Igrejas:</i> 1 evangélica
<i>Associação de moradores:</i> Associação de moradores da Praia do Sono
<i>Atividades que a associação promove:</i> captação de recursos para manter a praia limpa, avisando as autoridades quando surgem construções irregulares de gente de fora da comunidade
<i>Principais atributos ambientais e culturais:</i> Arvores na praia e areia branca e a própria praia
<i>Principais atividades tradicionais exercidas pela comunidade:</i> pesca, farinha, mutirão de casas, construção de canoas
<i>Formas de cooperação entre os moradores da comunidades:</i> mutirão de casas e puxada da canoas
<i>Formas de encaminhamento para a solução dos problemas da comunidade:</i> Associação
<i>Maiores problemas que a comunidade encontra no bairro:</i> O maior problema do bairro é a falta de estrada. O acesso (4 km de trilha) que liga o bairro do Oratório (Laranjeiras) ao Sono é o caminho desejado pela comunidade para a construção da estrada de ligação. Segundo o entrevistado a Prefeitura quis dar apoio à essa obra, mas o condomínio solicitou o embargo junto ao Meio Ambiente. A outra opção de acesso é a estrada de 13 km que passa pela fazenda do Sr. Gibrail e que hoje encontra-se intransitável. Seria a melhor opção para o condomínio, uma vez que fica totalmente fora de sua área . Para esta solução, viável também para a comunidade, a Prefeitura teria que negociar esse acesso com a viúva do fazendeiro, e dispor de vários horários de ônibus para atender a população uma vez que a distância é muito longa. E ainda, garantir os acessos antigos tanto por mar como por terra. Outro problema é da imposição do Condomínio em controlar a entrada dos moradores no cais com as compras em dias e horários estipulados, e em dificultar a entrada dos turistas. Outro problema enfrentado pela comunidade é em relação à posse da terra. O domínio da área está em demanda entre o espólio do Gibrail e o Estado do Rio de Janeiro, e vem se arrastando ao longo dos anos, com registros de violência e arbitrariedades. Gibrail tem em sua posse 36 áreas "compradas" e registradas em cartório, além do registro no SPU de toda a praia do Sono, o que aflige ainda mais os moradores. A falta de acesso também impede que os jovens saiam em busca de mais estudos e novas oportunidades.
<i>Principais problemas ambientais da comunidade:</i> lixo, venda de posse a pessoas de fora

Instituições governamentais, não governamentais e ou pessoas que auxiliam a resolver os problemas comunidade: O prefeito é nascido no local, Laranjeiras envia o médico, SOS estimula e apoia a coleta seletiva

Sabe que este bairro está dentro Reserva da Juatinga Sim (x)

Madeiras e uso: Madeira branca - Jacatirão para construção de casas. Timbiuva e Ingá Flexa para canoa, mas não tem autorização

Ervas medicinais: Cutiabeira, Maria Preta, Santa Maria e Broto de goiaba e de Pitanga.

Conclusão: A comunidade do Sono vive um momento delicado. De 2000 para cá praticamente duplicou o afluxo de turistas, trazendo algum dinheiro mas também a ocorrência de pequenos furtos, o consumo e venda de drogas. Vários bares foram construídos, bem como quintais foram organizados para receberem barracas, mas o número de banheiros é insuficiente, e a presença da polícia vem sendo solicitada durante os feriados de carnaval e fim de ano. A Associação de Moradores vem aceitando e apoiando as parcerias com SOS Mata Atlântica e IEF, mas para os moradores locais é muito difícil aceitar qualquer interferência externa, principalmente no que toca à venda de posses e novas construções, praticada por uma minoria de oposição à Associação. A comunidade está percebendo que a venda de posses só trará concorrência no comércio, e tem denunciado sistematicamente construções irregulares, já tendo ocorrido a demolição de 2 construções pelo IEF e Prefeitura. Devido a estas denúncias a Presidente da Associação foi ameaçada de morte. O momento agora é de organização e regulamentação do fluxo de visitantes, mas a limitação do número de barracas não vai se realizar sem conflitos.

PONTA NEGRA

Na Ponta Negra, o aluguel de casas dos caiçaras para turistas e serviços prestados para moradores de Paraty que adquiriram casas dos caiçaras para veraneio é importante fonte de renda. Em 2000 havia apenas 4 banheiros na comunidade, número que aumentou consideravelmente. A energia solar foi instalada em 2002.

As atividades do cotidiano, no entanto, continuam sendo ligadas à pesca artesanal ou embarcada e ao cultivo de roças de subsistência. A caça de animais silvestres é realizada para complementação da alimentação.

A Ponta Negra conta com uma liderança muito forte do presidente da Associação de Moradores, que se comunica e articula muito bem com o condomínio Laranjeiras, com o prefeito e com os visitantes da área. Por este motivo, no entanto, a comunidade não se mobiliza em conjunto para a resolução dos seus problemas ou maiores reivindicações. O próprio Careca (o presidente da Associação) se ressentido quanto à dificuldade em encontrar outros parceiros na comunidade.

<i>Historia do bairro segundo os moradores:</i> Não sabem, mas acham que os antigos tinham forte parentesco com os índios que habitavam esta costa.
<i>Numero de famílias:</i> 23
<i>Numero de famílias que descendem dos primeiros moradores:</i> 23
<i>Atividades econômicas:</i> pesca e turismo
<i>Atividade que produz maior rendimento financeiro para a comunidade:</i> peixe e aluguel de casas
<i>Atividade que a comunidade dedica maior parte do tempo:</i> pesca
<i>Embarcações:</i> 12 canoas, 3 traineiras pequenas, 2 barcos com motor de popa
<i>Estabelecimentos comerciais:</i> 3 bares e 1 restaurante
<i>Estabelecimentos de transformação - pequena industria rural:</i> 4 casas de farinha
<i>Contribuição que o turismo traz para o bairro:</i> Aspectos: positivo a renda e negativo o lixo
INFRA ESTRUTURA
<i>Vias de acesso ao bairro / tipo de pavimentação:</i> mar e trilhas
<i>Transporte coletivo:</i> não tem
<i>Abastecimento de água:</i> mangueira
<i>Esgoto:</i> 4 casas tem banheiro (2000). O Condomínio doou material para a construção de banheiros para todos os moradores
<i>Coleta de resíduos sólidos:</i> levam para o condomínio
<i>Energia elétrica:</i> vela e querosene . Em 2001 a Fundação Margareth Mee instalou energia solar em todas as casas de moradores.
EQUIPAMENTOS PUBLICOS E SOCIAIS
<i>Educação:</i> 1 escola até 4 ^a serie do 1 ^o grau - das 90 crianças apenas 27 freqüentam a escola, e na cidade apenas 4 jovens. A escola conta com energia solar e eólica.
<i>Saúde:</i> atendimento de emergência é feito em Laranjeiras e Paraty. O Condomínio Laranjeiras paga a visita quinzenal de um médico à comunidade.
<i>Igrejas:</i> 2 evangélicas
<i>Associação de moradores:</i> Desde fevereiro de 1999
<i>Atividades que a associação promove:</i> projetos de lixo, construção de banheiros, pontes.
<i>Utilidade da associação para o bairro:</i> organização do bairro
<i>Principais atributos ambientais e culturais:</i> cachoeiras
<i>Principais atividades tradicionais exercidas pela comunidade:</i> pesca artesanal
<i>Formas de cooperação entre os moradores da comunidades:</i> barrear uma casa, tirar o cerco.
<i>Tipo de cooperação existe com as comunidades vizinhas:</i> Igreja
<i>Formas de encaminhamento para a solução dos problemas da comunidade:</i> Associação
<i>Maiores problemas que a comunidade encontra no bairro:</i> Educação e falta de trabalho, falta de perspectiva.
<i>Instituições governamentais, não governamentais e ou pessoas que auxiliam a resolver os problemas comunidade:</i> Zé Cláudio, Condomínio Laranjeiras
<i>Atividades que a comunidade desenvolve para sua subsistência que estejam de acordo com a conservação do meio ambiente:</i> Turismo se for planejado
<i>Perspectivas para os jovens da comunidade que moram no bairro:</i> melhorar a qualidade de vida através de empregos e da melhoria da renda familiar.
<i>O que poderia ser feito na comunidade para a melhoria da qualidade de vida do lugar</i> organização e educação
<i>Como gostaria que este bairro se desenvolvesse no futuro:</i> com manejo mais participativo e transparente
<i>Sabe que este bairro está dentro da APA do Cairuçu Sim (x) Reserva da Juatinga Sim (x)</i>
<i>Conclusão do entrevistador:</i> Ficou claro o nível de conscientização de seus problemas e limitações, e a análise crítica que têm em relação à comunidade da qual são integrantes. Vêm o turismo como a alternativa de renda para a comunidade, mas sabem dos danos que essa atividade pode vir a causar se não for planejado e profissionalizado. Precisam e pedem apoio para implementar essa atividade. Em relação à ocupação do bairro, a área da praia esta perdendo suas características naturais e culturais com a construção de bares de alvenaria, em

locais de antigos ranchos de pesca e retirada da vegetação. Essa ação também traz uma preocupação em relação ao saneamento da praia. Outro local que está sofrendo danos é a área da cachoeira, localizada na trilha de acesso ao bairro, onde foi construído um bar de bambu em cima das pedras. Mais uma vez é a necessidade de planejamento e o cuidado com o saneamento da localidade. A Ponta Negra conta atualmente com 60 casas (2002), sendo cerca de 15 de veraneio e o restante construído pelos moradores para aluguel.

PEDRAS AZUIS

<i>Historia do bairro segundo os moradores:</i> Fazenda escravocrata , aproximadamente em 1660, que sofreu uma divisão dando origem aos bairros Rio dos Meros e Pedras Azuis
<i>Numero de famílias:</i> 35
<i>Numero de famílias que descendem dos primeiros moradores:</i> uns 10%
<i>Atividades econômicas:</i> agricultura de subsistência, pecuária e construção civil
<i>Atividade que produz maior rendimento financeiro para a comunidade:</i> construção civil
<i>Atividade que a comunidade dedica maior parte do tempo:</i> construção civil
<i>Estabelecimentos de comerciais:</i> birosacas
<i>Estabelecimentos de comerciais:</i> 2 casas de farinha, produção de queijo, artesanato
<i>Contribuição que o turismo traz para o bairro:</i> aspectos positivos: gera renda e os aspectos negativos são a falta de profissionalização e ausência de um plano diretor
INFRA ESTRUTURA
<i>Vias de acesso ao bairro / tipo de pavimentação:</i> terra
<i>Transporte coletivo:</i> ônibus
<i>Abastecimento de água:</i> 1 caixa d'água coletiva e o resto de nascentes próprias.
<i>Esgoto:</i> fossa séptica e 50% jogam no rio
<i>Coleta de resíduos sólidos:</i> não tem
<i>Energia elétrica:</i> 60 % possui
<i>Iluminação pública:</i> não tem
<i>Drenagem de águas pluviais:</i> não tem
<i>Telefonia publica:</i> não tem
EQUIPAMENTOS PUBLICOS E SOCIAIS
<i>Educação:</i> 1
<i>Saúde:</i> não tem
<i>Igrejas:</i> 3 evangélicas
<i>Associação de moradores:</i> não tem
<i>Principais atributos ambientais e culturais:</i> cachoeiras e rios, mata atlântica, ruína da época colonial
<i>Principais atividades tradicionais exercidas pela comunidade:</i> artesanato junto com o campinho
<i>Formas de cooperação entre os moradores da comunidades:</i> nenhuma
<i>Formas de encaminhamento para a solução dos problemas da comunidade:</i> se grave a população se une
<i>Maiores problemas que a comunidade encontra no bairro:</i> lixo, enchentes, esgoto, desemprego e falta de oportunidades
<i>Principais problemas ambientais da comunidade:</i> desmatamento, queimada, caça de pássaros e animais silvestres.
<i>Instituições Governamentais, Não Governamentais e ou pessoas que auxiliam a resolver os problemas na Comunidade:</i> nenhuma
<i>Atividades que a comunidade desenvolve para sua subsistência que estejam de acordo com a conservação do meio ambiente:</i> artesanato e turismo
<i>Interesse da comunidade para desenvolver atividades que não esgotem ou mesmo recuperem os recursos naturais:</i> sim
<i>Perspectivas par os jovens da comunidade que moram no bairro:</i> nenhuma
<i>O que poderia ser feito na comunidade para a melhoria da qualidade de vida do lugar:</i> agroturismo e artesanato.
<i>Como o Sr. Gostaria que este bairro se desenvolvesse no futuro:</i> planejamento ordenado
<i>Sabe que este bairro está dentro da APA do Cairuçu SIM (x) Reserva da Juatinga SIM (x)</i>
<i>Madeiras e uso:</i> só para uso próprio, ipê, louro, palmito para ripa,
<i>Ervas medicinais:</i> confrei, hotela,
<i>Conclusão do entrevistador:</i> os problemas ambientais são o esgoto, lixo e assoreamento dos rios

CABRAL – ITATINGA/RIO DOS MEROS

Caracterização Ambiental

Esta área, apesar de contar com floresta ombrófila densa primitiva no espigão divisor com a região do Patrimônio, pode ser considerada como aquela que apresenta o menor índice de cobertura florestal, principalmente no bairro do Cabral.

O sertão do rio dos Meros é uma área de grande beleza com cachoeiras e rios de grande beleza, além da mata primitiva com todo o seu esplendor..

Ocupação

No sertão do rio dos Meros vivem cerca de 30 famílias, com o predomínio de grandes propriedades e a existência da sede de antigo engenho em más condições de conservação.

Já no Cabral, onde funciona o engenho da aguardente “Coqueiro”, vivem cerca de 53 famílias que podem ser consideradas quilombolas. Na beira da Rio Santos vivem cerca de 17 famílias.

As atividades produtivas nesta área estão ligadas ao cultivo de subsistência, da cana de açúcar e fabrico de aguardente, com alguma atividade agropecuária.

Grande parte dos seus moradores trabalha com prestação de serviços para terceiros, tanto para os proprietários e empresários da região como na cidade de Paraty.

<i>Historia do bairro segundo os moradores:</i> Surgiu com a Fazenda Alvarenga no sec. XVIII
<i>Numero de famílias:</i> 70, sendo 53 no Cabral, o restante na beira da Rio Santos
<i>Numero de famílias que descendem dos primeiros moradores:</i> mais ou menos 10%
<i>Atividades econômicas:</i> construção civil, comercio e agricultura
<i>Atividade que produz maior rendimento financeiro para a comunidade:</i> serviços fora
<i>Estabelecimentos comerciais:</i> comercio, posto de gasolina com lanchonete, casa de pinga, 2 alambiques
<i>Estabelecimentos de transformação - pequena industria rural:</i> 1 casa de farinha e 3 engenhos de cana
INFRA ESTRUTURA
<i>Vias de acesso ao bairro / tipo de pavimentação:</i> asfalto e estrada de terra
<i>Transporte coletivo:</i> só na Rio Santos
<i>Abastecimento de água:</i> nascente
<i>Esgoto:</i> sumidouro
<i>Coleta de resíduos sólidos:</i> não tem
<i>Energia elétrica:</i> não tem, só tem nos alambiques
<i>Iluminação pública:</i> não tem
<i>Drenagem de águas pluviais:</i> não tem
EQUIPAMENTOS PUBLICOS E SOCIAIS
<i>Educação:</i> 1 escola
<i>Saúde:</i> não
<i>Posto Policial:</i> não tem
<i>Igrejas:</i> 4
<i>Associação de moradores:</i> desde 2001
<i>Principais atributos ambientais e culturais:</i> fazenda Itatinga, alambiques, caxetal da Caetana
<i>Principais atividades tradicionais exercidas pela comunidade:</i> alambique e artesanato
<i>Formas de cooperação entre os moradores da comunidades:</i> Não tem
<i>Tipo de cooperação existe com as comunidades vizinhas:</i> Não tem
<i>Formas de encaminhamento para a solução dos problemas da comunidade:</i> reunião e encaminhamento as autoridades
<i>Maiores problemas que a comunidade encontra no bairro:</i> educação e cultura
<i>Principais problemas ambientais da comunidade:</i> caça predatória e falta de fiscalização, extrativismo de palmito
<i>Instituições governamentais, não governamentais e ou pessoas que auxiliam a resolver os problemas comunidade:</i> Não tem
<i>Atividades que a comunidade desenvolve para sua subsistência que estejam de acordo com a conservação do meio ambiente:</i> nenhuma
<i>Interesse da comunidade para desenvolver atividades que não esgotem ou mesmo recuperem os recursos naturais:</i>
<i>Perspectivas para os jovens da comunidade que moram no bairro:</i> nenhuma
<i>O que poderia ser feito na comunidade para a melhoria da qualidade de vida do lugar:</i> criação de uma reserva, mas que funcione
<i>Como o Sr. Gostaria que este bairro se desenvolvesse no futuro:</i> escola profissionalizante de agro-floristica
<i>Sabe que este bairro está dentro da APA do Cairuçu Sim (x) Reserva da Juatinga Sim (x)</i>
<i>Sabe o que é APA ? Sabe o que é Reserva? Sim</i>
<i>Madeiras e uso:</i> Areriba, Canela Parda, Aricurana, Cedro e Ipê
<i>Ervas medicinais:</i> Carqueja, boldo, hortelã, babosa erva de Santa Maria, cana do brejo, cidreira
<i>Conclusão do entrevistador:</i> O Cabral, tem aproximadamente 1.200 ha, divididos entre os irmãos Mello, donos do Alambique (Vamos Nessa e Coqueiro) e mais 32 famílias de negros, remanescente do período do Brasil Colônia e que continuam trabalhando nos alambiques e cultivando sua subsistência. É a área mais desmatada da APA Cairuçu. Algumas famílias

trabalham fora (na cidade), como complementação da renda familiar. Esta região é pobre em nascentes e veios d'água. A várzea da Caetana com seu caixetal, contaminada pelo chorume da lixeira, resiste, com somente 5 ocupações. É um potencial extraordinário, seu dono senhor João Ramiro, cortou o caixetal somente 2 vezes. Tem 15 anos que não é cortado. A Itatinga, é uma área reservada, com espécies raras no Município, ali, temos um maciço que inicia a Várzea da Caetana, onde é um local de pássaros, e a fauna do modo geral, se refugia.

RIO DOS MEROS

<i>Historia do bairro segundo os moradores:</i> Fazenda escravocrata , aproximadamente em 1660, que sofreu uma divisão dando origem aos bairros Rio dos Meros e Pedras Azuis
<i>Numero de famílias:</i> 30
<i>Numero de famílias que descendem dos primeiros moradores:</i> 20
<i>Atividades econômicas:</i> cana, banana, boi e palmito
<i>Atividade que produz maior rendimento financeiro para a comunidade:</i> construção civil
<i>Atividade que a comunidade dedica maior parte do tempo:</i> construção civil
<i>Estabelecimentos comerciais:</i> nenhum
<i>Estabelecimentos de transformação - pequena industria rural:</i> alambique
<i>Contribuição que o turismo traz para o bairro:</i> não respondeu
INFRA ESTRUTURA
<i>Vias de acesso ao bairro / tipo de pavimentação:</i> asfalto e estrada de terra
<i>Transporte coletivo:</i> não tem
<i>Abastecimento de água:</i> nascente
<i>Esgoto:</i> não tem
<i>Coleta de resíduos sólidos:</i> não tem
<i>Energia elétrica:</i> eletrificação rural
<i>Iluminação pública:</i> não tem
<i>Drenagem de águas pluviais:</i> não tem
<i>Telefonia publica:</i> não tem
EQUIPAMENTOS PUBLICOS E SOCIAIS
<i>Educação:</i> fechou a escola
<i>Saúde:</i> usam Paraty
<i>Posto Policial:</i> não tem
<i>Igrejas:</i> não tem
<i>Associação de moradores:</i> não tem
<i>Principais atributos ambientais e culturais:</i> Dia de São João, cachoeiras, alambique. Casarão da fazenda (em péssimo estado), casa do Julio César
<i>Principais atividades tradicionais exercidas pela comunidade:</i> roça de subsistência
<i>Formas de cooperação entre os moradores da comunidades:</i> mutirão
<i>Tipo de cooperação existe com as comunidades vizinhas:</i> Não tem
<i>Formas de encaminhamento para a solução dos problemas da comunidade:</i> nenhuma
<i>Maiores problemas que a comunidade encontra no bairro:</i> estrada ruim e ausência de telefonia
<i>Principais problemas ambientais da comunidade:</i> nenhum
<i>Instituições governamentais, não governamentais e ou pessoas que auxiliam a resolver os problemas comunidade:</i> EMATER, IPHAN e Prefeitura
<i>Atividades que a comunidade desenvolve para sua subsistência que estejam de acordo com a conservação do meio ambiente:</i> alguns com o palmito e agrossilvicultura
<i>Interesse da comunidade para desenvolver atividades que não esgotem ou mesmo recuperem os recursos naturais:</i> não tem
<i>Perspectivas para os jovens da comunidade que moram no bairro:</i> migrar
<i>O que poderia ser feito na comunidade para a melhoria da qualidade de vida do lugar:</i> melhoria da estrada, luz, telefone, reativação do alambique
<i>Como o Sr. Gostaria que este bairro se desenvolvesse no futuro:</i> ecoturismo e agricultura sustentável
<i>Sabe que este bairro está dentro da APA do Cairuçu Sim (x) Reserva da Juatinga Sim (x)</i>
<i>Sabe o que é APA ? Sabe o que é Reserva? Sim</i>
<i>Madeiras e uso:</i> pouco para a a lenha e o cerco.
<i>Conclusão do entrevistador:</i> Desmatamento dentro do Parque Nacional da Serra da Bocaina. O Rio dos Meros, possui uma várzea de 400 ha, seu dono é industrial em São Paulo, está totalmente preservada, porém, possui na comunidade 42 famílias de ru-urbanos, vivendo da

subsistência e alguns da pecuária de corte, o que é ruim, pois é área de encosta de Mata Atlântica. É a comunidade mais isolada dentro da APA, no continente. Seu Engenho e ponto turístico, está desativado. Porém, temos uma bacia hidrográfica, com potencial turístico extraordinário. O encontro das águas do Rio dos Meros com o mar e a caixeta formam um nicho muito rico.

CÓRREGO DOS MICOS

<i>Historia do bairro segundo os moradores:</i> Com a família Gama -1965
<i>Numero de famílias:</i> 38
<i>Numero de famílias que descendem dos primeiros moradores:</i> mais ou menos 10%
<i>Atividades econômicas:</i> construção civil, agropecuária e aposentadoria
<i>Atividade que produz maior rendimento financeiro para a comunidade:</i> construção civil
<i>Atividade que a comunidade dedica maior parte do tempo:</i> agropecuária
<i>Estabelecimentos de transformação-pequena industria rural:</i> agroindústria de palmito e aguardente
<i>Contribuição que o turismo traz para o bairro:</i> Distribui renda
INFRA ESTRUTURA
<i>Vias de acesso ao bairro / tipo de pavimentação:</i> asfalto Br 101 e estrada de terra
<i>Transporte coletivo:</i> só na BR
<i>Abastecimento de água:</i> ruim
<i>Esgoto:</i> sumidouro
<i>Coleta de resíduos sólidos:</i> não tem
<i>Energia elétrica:</i> não tem, só tem nos alambiques
<i>Iluminação pública:</i> não tem
<i>Drenagem de águas pluviais:</i> não tem
<i>Telefonia publica:</i> não tem
EQUIPAMENTOS PUBLICOS E SOCIAIS
<i>Educação:</i> não tem, as crianças utilizam a escola do Campinho
<i>Saúde:</i> não tem - vai para Paraty
<i>Igrejas:</i> não tem
<i>Associação de moradores:</i> estão formando
<i>Principais atributos ambientais e culturais:</i> não tem
<i>Principais atividades tradicionais exercidas pela comunidade:</i> não tem
<i>Formas de cooperação entre os moradores da comunidades:</i> Não tem
<i>Tipo de cooperação existe com as comunidades vizinhas:</i> Não tem
<i>Formas de encaminhamento para a solução dos problemas da comunidade:</i> não tem
<i>Maiores problemas que a comunidade encontra no bairro:</i> estrada e eletrificação
<i>Principais problemas ambientais da comunidade:</i> não tem
<i>Instituições governamentais, não governamentais e ou pessoas que auxiliam a resolver os problemas comunidade:</i> Não tem
<i>Atividades que a comunidade desenvolve para sua subsistência que estejam de acordo com a conservação do meio ambiente:</i> agrossilvicultura de palmito
<i>Interesse da comunidade para desenvolver atividades que não esgotem ou mesmo recuperem os recursos naturais:</i> tem interesse.
<i>Perspectivas par os jovens da comunidade que moram no bairro:</i> nenhuma
<i>O que poderia ser feito na comunidade para a melhoria da qualidade de vida do lugar:</i> estrada, luz e credito rural
<i>Como o Sr. Gostaria que este bairro se desenvolvesse no futuro:</i> emprego e qualidade de vida.
<i>Sabe que este bairro está dentro da APA do Cairuçu Não (x) Reserva da Juatinga Não (x)</i>
<i>Sabe o que é APA ? Sabe o que é Reserva? Não</i>
<i>Madeiras e uso:</i> Amora de cacho, canela preta, sapucaia
<i>Ervas medicinais:</i> boldo, cana do brejo, arnica do brejo e picão
<i>Conclusão do entrevistador:</i> Pior problema é falta de coleta de lixo e desmatamento ciliar. Corrego dos Micos é uma pequena comunidade, com 38 famílias, porém 80 % de sua área, hoje é de um belga, que plantava cana e produzia aguardente até 2000. O restante são pequenos posseiros, trabalhando com agrossilvicultura em palmito, pecuária de corte, plantio de mandioca e cana.

CAMPINHO

Numero de famílias: 110
Numero de famílias que descendem dos primeiros moradores: mais ou menos 80%
Atividades econômicas: artesanato, agricultura de gado de corte e leite
Atividade que produz maior rendimento financeiro para a comunidade: prestação de serviços no Condomínio, mandioca
Atividade que a comunidade dedica maior parte do tempo: prestação de serviços
Estabelecimentos de comerciais: 6 pequenas biroskas, 2 bares e uma pousada
Estabelecimentos de transformação-pequena industria rural: artesanato e farinha
Contribuição que o turismo traz para o bairro: Nenhuma.
INFRA ESTRUTURA
Vias de acesso ao bairro / tipo de pavimentação: asfalto
Transporte coletivo: ônibus
Abastecimento de água: caixa d'água coletiva
Esgoto: sumidouro
Coleta de resíduos sólidos: prefeitura e a escola faz a coleta seletiva para comprar material
Energia elétrica: eletrificação rural
Iluminação pública: não tem
Drenagem de águas pluviais: não tem
Telefonia publica: torre de celular na Rio Santos a partir do verão de 2002
EQUIPAMENTOS PUBLICOS E SOCIAIS
Educação: 1 escola
Saúde: 1 posto sem funcionamento - usam a Santa Casa
Igrejas: 1 católica e 5 evangélicas
Associação de moradores: desde 1985
Atividades que a associação promove:
Utilidade da associação para o bairro: congrega os problemas e leva para as autoridades
Principais atributos ambientais e culturais: cachoeiras, plantas ornamentais, casa de farinha, festas de São Benedito e do Bom Jesus, manifestações Afro Brasileiras (Candomblé), artesanato
Principais atividades tradicionais exercidas pela comunidade: artesanato
Formas de cooperação entre os moradores da comunidades: cesta básica e transporte
Tipo de cooperação existe com as comunidades vizinhas: religiosa
Formas de encaminhamento para a solução dos problemas da comunidade: associação de moradores
Maiores problemas que a comunidade encontra no bairro: desunião e credito nos projetos governamentais e não governamentais não cumpridos.
Principais problemas ambientais da comunidade: desmatamento da mata ciliar
Instituições Governamentais, Não Governamentais e/ou pessoas que auxiliam a resolver os problemas da comunidade: Emater, Idaco
Atividades que a comunidade desenvolve para sua subsistência que estejam de acordo com a conservação do meio ambiente: artesanato
Interesse da comunidade para desenvolver atividades que não esgotem ou mesmo recuperem os recursos naturais: tem
Perspectivas par os jovens da comunidade que moram no bairro: nenhuma
O que poderia ser feito na comunidade para a melhoria da qualidade de vida do lugar: financiamento do banco rural e do banco do povo
Como o Sr. Gostaria que este bairro se desenvolvesse no futuro: jogo sincero das instituições que vem trabalhar no Campinho
Sabe que este bairro está dentro da APA do Cairuçu Sim (x) Reserva da Juatinga Sim (x)
Sabe o que é APA ? Sabe o que é Reserva? Sim

<i>Ervas medicinais: erva cidreira, guine, folha de algodão</i>

<i>Conclusão do entrevistador: desmatamento ciliar e lixo, pobreza .</i>
--

PATRIMÔNIO

Ocupação

A área conta com algumas pousadas e um grande número de sítios de lazer, bem como o Centro de Estudos Leonardo da Vinci – CELAVI, onde se desenvolvem atividades artísticas, musicais e teatrais.

O número de famílias de moradores estimado para este setor é de cerca de 330 famílias. Foram contadas cerca de 339 edificações nesta área. A maior parte destes moradores se ocupa com a construção civil ou prestação de serviços para terceiros, principalmente para o condomínio Laranjeiras.

No ano de 2002 foi inaugurado no trevo do Patrimônio com o acesso a Laranjeiras e Trindade o Centro de Informações Turísticas em Ambientais da APA de Cairuçu, que se consolidou como sede da Associação Cairuçu e está aberto à visitação e à prestação de informações sobre a região.

Em 2003 foi inaugurado um destacamento da Polícia Militar no mesmo local, em terreno vizinho. A escola do Patrimônio foi transformada em escola pólo. O Posto de Saúde do mesmo bairro funciona regularmente, assim como no Campinho. Estas estruturas e sua operação vem sendo realizadas com o apoio do Condomínio Laranjeiras por meio do Instituto Escolar Laranjeiras e também da Associação Cairuçu.

PATRIMÔNIO

<i>Historia do bairro segundo os moradores:</i> Fundada por Benedito Elias em 1929.
<i>Numero de famílias:</i> 145
<i>Numero de famílias que descendem dos primeiros moradores:</i> mais ou menos 10%
<i>Atividades econômicas:</i> construção civil, agricultura e turismo
<i>Atividade que produz maior rendimento financeiro para a comunidade:</i> construção civil
<i>Atividade que a comunidade dedica maior parte do tempo:</i> construção civil
<i>Estabelecimentos comerciais:</i> 1 mercearia, 1 bar, 2 pousadas, 1 lanchonete
<i>Estabelecimentos de transformação-pequena industria rural:</i> agroindústria de palmito, humus de minhoca
<i>Contribuição que o turismo traz para o bairro:</i> contribui com o aumento da renda e de emprego
INFRA ESTRUTURA
<i>Vias de acesso ao bairro / tipo de pavimentação:</i> asfalto e terra
<i>Transporte coletivo:</i> ônibus
<i>Abastecimento de água:</i> caixa d'água coletiva sem tratamento
<i>Esgoto:</i> sumidouro e alguns jogam direto no rio
<i>Coleta de resíduos sólidos:</i> 1 vez por semana
<i>Energia elétrica:</i> sim
<i>Iluminação pública:</i> sim
<i>Drenagem de águas pluviais:</i> não tem
<i>Telefonia publica:</i> torre de celular e telefone público
EQUIPAMENTOS PUBLICOS E SOCIAIS
<i>Educação:</i> 1
<i>Saúde:</i> 1 posto de saúde com 1 enfermeira
<i>Igrejas:</i> 1 católica e 4 evangélicas
<i>Associação de moradores:</i> desde 1990
<i>Atividades que a associação promove:</i> reuniões para discutir os problemas e realização de festas.
<i>Utilidade da associação para o bairro:</i> muito útil
<i>Principais atributos ambientais e culturais:</i> cachoeiras, festa de Nossa Senhora das Graças
<i>Principais atividades tradicionais exercidas pela comunidade:</i> nenhuma
<i>Formas de cooperação entre os moradores da comunidades:</i> nenhuma
<i>Formas de encaminhamento para a solução dos problemas da comunidade:</i> associação de moradores discute e encaminha para a prefeitura.
<i>Maiores problemas que a comunidade encontra no bairro:</i> falta de medico, transporte noturno e escola de 2º grau.
<i>Principais problemas ambientais da comunidade:</i> esgoto
<i>Instituições Governamentais, Não Governamentais e ou pessoas que auxiliam a resolver os problemas na Comunidade:</i> Só a associação
<i>Atividades que a comunidade desenvolve para sua subsistência que estejam de acordo com a conservação do meio ambiente:</i>
<i>Interesse da comunidade para desenvolver atividades que não esgotem ou mesmo recuperem os recursos naturais:</i> tem, turismo
<i>Perspectivas par os jovens da comunidade que moram no bairro:</i> nenhuma
<i>O que poderia ser feito na comunidade para a melhoria da qualidade de vida do lugar:</i> iluminação, asfalto e medico
<i>Como o Sr. Gostaria que este bairro se desenvolvesse no futuro:</i> turismo
<i>Sabe que este bairro está dentro da APA do Cairuçu NÃO (x) Reserva da Juatinga NÃO (x)</i>
<i>Sabe o que é APA ? Sabe o que é Reserva? NÃO</i>
<i>Madeiras e uso:</i> canela e angelim
<i>Ervas medicinais:</i> erva grossa, cana do brejo e angelim

Conclusão do entrevistador: desmatamento ciliar e construção dentro do rio.

CORTE 70 - DIVISA

<i>Historia do bairro segundo os moradores: Acampamento da Serra Almeida - 1982</i>
<i>Numero de famílias: 25</i>
<i>Numero de famílias que descendem dos primeiros moradores: mais ou menos 30%</i>
<i>Atividades econômicas: agrossilvicultura</i>
<i>Atividade que produz maior rendimento financeiro para a comunidade: agrossilvicultura</i>
<i>Atividade que a comunidade dedica maior parte do tempo: agrossilvicultura e pedreira</i>
<i>Estabelecimentos de comerciais: não tem</i>
<i>Estabelecimentos de transformação-pequena industria rural: fabrica de bananas passas e oficina de reciclagem de lixo.</i>
<i>Contribuição que o turismo traz para o bairro: Nenhuma, altera pois o lixo é jogado nas estradas.</i>
INFRA ESTRUTURA
<i>Vias de acesso ao bairro / tipo de pavimentação: asfalto Br 101</i>
<i>Transporte coletivo: serviço ruim</i>
<i>Abastecimento de água: nascente</i>
<i>Esgoto: fossa séptica e sumidouro</i>
<i>Coleta de resíduos sólidos: não tem</i>
<i>Energia elétrica: não tem</i>
<i>Iluminação pública: não tem</i>
<i>Drenagem de águas pluviais: não tem</i>
<i>Telefonia publica: só no Patrimônio</i>
EQUIPAMENTOS PUBLICOS E SOCIAIS
<i>Educação: só no Patrimônio</i>
<i>Saúde: não tem - vai para Paraty</i>
<i>Igrejas: não tem</i>
<i>Associação de moradores: desde 1998</i>
<i>Atividades que a associação promove: nenhuma</i>
<i>Utilidade da associação para o bairro: parte social</i>
<i>Principais atributos ambientais e culturais: Mata Atlântica, cachoeiras, oficinas culturais</i>
<i>Principais atividades tradicionais exercidas pela comunidade: maculelê e capoeira</i>
<i>Formas de cooperação entre os moradores da comunidades: mutirão</i>
<i>Maiores problemas que a comunidade encontra no bairro: ação da associação</i>
<i>Principais problemas ambientais da comunidade: lixo</i>
<i>Instituições governamentais, não governamentais e ou pessoas que auxiliam a resolver os problemas comunidade: Emater, Sactes agroindústria</i>
<i>Atividades que a comunidade desenvolve para sua subsistência que estejam de acordo com a conservação do meio ambiente: agrossilvicultura de palmito</i>
<i>Interesse da comunidade para desenvolver atividades que não esgotem ou mesmo recuperem os recursos naturais: agrossilvicultura de palmito</i>
<i>Perspectivas par os jovens da comunidade que moram no bairro: nenhuma</i>
<i>O que poderia ser feito na comunidade para a melhoria da qualidade de vida do lugar: oficinas profissionalizantes</i>
<i>Como o Sr. Gostaria que este bairro se desenvolvesse no futuro: oficinas profissionalizantes ligadas ao agroturismo, artesanato e industria rural caseira.</i>
<i>Sabe que este bairro está dentro da APA do Cairuçu Sim (x) Reserva da Juatinga Sim (x)</i>
<i>Sabe o que é APA ? Sabe o que é Reserva? Sim</i>
<i>Ervas medicinais: jerbrão, chapéu de couro</i>
Conclusão do entrevistador: desmatamento ciliar.

CORISCO

Os bairros do Corisco, Corisquinho e Coriscão fazem parte da zona rural do município, mas a ocupação está concentrada ao longo das estradas existentes, e o número estimado de famílias residentes foi em torno de 450, com cerca de 400 edificações visualizadas a partir de fotos tomadas de helicóptero em 2000.

A principal produção tradicional do bairro era a banana e o a retirada clandestina de palmito, mas a dificuldade em competir com um mercado produtor mais profissionalizado no caso da banana, e com o esgotamento do palmito Jussara em suas matas, atualmente predomina a produção de cana de açúcar e a criação de gado de leite e de corte. A área conta ainda com um alambique que produz a aguardente “Maré Alta” e com várias casas de farinha.

No Corisco, como ocorre em toda a zona rural de Paraty, as atividades agrícolas tradicionais estão em acentuado declínio, os sítios de lazer se proliferam, algumas pousadas já se instalaram no local e muitos moradores da zona rural trabalham na cidade e na prestação de serviços a terceiros.

CORISCO

<i>Historia do bairro segundo os moradores:</i> 1750.
<i>Numero de famílias:</i> 450
<i>Numero de famílias que descendem dos primeiros moradores:</i> mais ou menos 150 famílias
<i>Atividades econômicas:</i> aguardente, farinha, agricultura, gado, frutas, queijo, palmito, peixe e artesanato
<i>Atividade que produz maior rendimento financeiro para a comunidade:</i> aguardente
<i>Atividade que a comunidade dedica maior parte do tempo:</i> construção civil, agricultura e artesanato
<i>Estabelecimentos de comerciais:</i> bares, lanchonetes, pousadas, alambiques, fabrica de farinha, Fabrica de banana, palmito, cassa de aluguel, mercearia, sítios de lazer .
<i>Contribuição que o turismo traz para o bairro:</i> as cachoeiras e trilhas atraem os turistas
INFRA ESTRUTURA
<i>Vias de acesso ao bairro / tipo de pavimentação:</i> terra
<i>Transporte coletivo:</i> ônibus
<i>Abastecimento de água:</i> muita
<i>Esgoto:</i> 250 casas não tem fossa
<i>Coleta de resíduos sólidos:</i> prefeitura
<i>Energia elétrica:</i> sim
<i>Iluminação pública:</i> sim
<i>Drenagem de águas pluviais:</i> não tem
<i>Telefonia publica:</i> não tem
EQUIPAMENTOS PUBLICOS E SOCIAIS
<i>Educação:</i> 1 escol de 1º grau

Saúde: 1
Igrejas: 4
Associação de moradores: Sim
Atividades que a associação promove: reuniões para discutir e encaminhar os problemas
Utilidade da associação para o bairro: muita
Principais atributos ambientais e culturais: cachoeiras e trilhas, festas de São José e Nossa Senhora da Aparecida, festas Juninas e ciranda
Principais atividades tradicionais exercidas pela comunidade: festas de São José e Nossa Senhora da Aparecida
Formas de cooperação entre os moradores da comunidades: nenhuma
Formas de encaminhamento para a solução dos problemas da comunidade: associação de moradores discute e encaminha para a prefeitura.
Maiores problemas que a comunidade encontra no bairro: drogas
Principais problemas ambientais da comunidade: lixo, crescimento desordenado, construções na beira do rio, retirada clandestina de palmito até o esgotamento
Instituições Governamentais, Não Governamentais e ou pessoas que auxiliam a resolver os problemas na Comunidade: EMATER, Prefeitura e vereadores
Atividades que a comunidade desenvolve para sua subsistência que estejam de acordo com a conservação do meio ambiente: preserva as cachoeiras
Interesse da comunidade para desenvolver atividades que não esgotem ou mesmo recuperem os recursos naturais: manter as cachoeiras limpas
Perspectivas par os jovens da comunidade que moram no bairro: nenhuma
O que poderia ser feito na comunidade para a melhoria da qualidade de vida do lugar: melhorar a estrada
Como o Sr. Gostaria que este bairro se desenvolvesse no futuro: ecoturismo
Sabe que este bairro está dentro da APA do Caiuru NÃO (x) Reserva da Juatinga NÃO (x)
Sabe o que é APA ? Sabe o que é Reserva? NÃO
Madeiras e uso: só se for escondido
Ervas medicinais: jatobá, erva de Santa Maria,
Conclusão do entrevistador: desmatamento ciliar, esgoto nos rios . É a comunidade que mais cresce dentro da APA. Suas áreas agricultáveis (5 %), são solos hidromórficos, de excelente fertilidade, susceptíveis a inundação durante um período do ano (fevereiro e março). Essas terras agricultáveis (fora dos limites da APA), estão nas mãos de poucos proprietários, que exercem ali, atividades com o agronegócio. Tem o Engenho Maré Alta e atividades como a pecuária de leite e corte, além do plantio de 30 mil mudas de Alexandra (Palmeira Australiana). Saindo destes 5 %, as ocupações se dão de forma inadequada, ocupando principalmente, as matas Ciliares do rio Matheus Nunes e subindo, vemos a formação de um núcleo urbano com aproximadamente 80 casas. Hoje, observamos, o loteamento, em lugares anteriormente coberto pela Mata Atlântica. As outras propriedades rurais, 90 % ocupam a Mata Atlântica, antes com a Banana, hoje com a Cana, Palmito, Gado de cone, Olericultura principalmente o aipim. No corisco, observamos a maior presença da Comunidade dormitório. O homem usa mais a comunidade para dormir e em finais de semana.

Bibliografia

ALBATROZ Environment Access. Área de Proteção Ambiental de Cairucu. Proposta de Implantação. 1993.

BRITO, Maria Cecília Wey de . Ponta Negra Trabalho de campo III. mimeografado. São Paulo. 1993

CEMAR. Centro de Culturas Marinhas da USP. Estudo Sócio Ambiental do Saco do Mamanguá. Paraty. Rio de Janeiro. Versão 24/05/94.

COSTA SAMUEL. Paraty no ano da independência: outros textos e outros poemas. seleção e organização de Diuner Mello – Rio de Janeiro: Litteris Ed. 2000.

BOUERI FILHO, José Jorge. Parque Nacional da Serra da Bocaina : Plano de manejo. Programa de sustentabilidade ambiental da Estrada Paraty Cunha. IBAMA, 1998.

CARNEIRO, Beatriz Helena B. Scigliano. Litoral Norte: Esboço de caracterização Sócio-econômica. São Paulo. SMA. 1993.

CIDE. Centro de Informações de Dados do Rio de Janeiro. Anuário Estatístico do Estado do Rio de Janeiro 95. Rio de Janeiro. 1995. CD-ROM.

CIDE Centro de Informações e Dados do Rio de Janeiro. Informe gerencial. Informações básicas da Região da Baía da Ilha Grande . Relatório. Rio de Janeiro. 1995.

COMPANHIA DE TURISMO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Inventário Turístico do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 1978.

DIEGUES, Antônio Carlos, **NOGARA**, Paulo José. O nosso Lugar virou Parque. NUPAUB. São Paulo. 2ª ed. 1999.

DIUNER, José. PARATY - Notas Históricas. Instituto Histórico e Artístico de Paraty .1994.

EMATER. Empresa de Assistência Técnica extensão Rural. Plano Municipal de Extensão Rural. Paraty. 1997

GRAZIANO DA SILVA, José, **VILARINHO**, Carlyle, **DALE**, Paul. Turismo em Áreas Rurais: suas possibilidades e limitações no Brasil. UNICAMP. 2000.

GURGEL, Heitor, **AMARAL**, Edelweiss. Paraty, Caminho do Ouro. Livraria São José. Rio de Janeiro. 1973. 213 p.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. Campinho da Independência: um caso de proletarização caiçara Dissertação (mestrado)- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Antropologia. São Paulo. PUC, 1979.

GRUPO DE TRABALHO APA-CAIRUÇU. Proposta Preliminar APA-Tamoios Cairuçu. Paraty. 1983

FLUMITUR. Companhia de Turismo do Estado do Rio de Janeiro. Inventário Turístico do Estado do Rio de Janeiro. Região do Litoral Sul. Brochura. Paraty. 1978.

FUNDAÇÃO SOS MATA ATLÂNTICA. Relatório de Atividade Turística na Ilha do Araújo, Praia da Cajaíba, Praia de Paraty Mirim e Praia do Sono. Débora Menezes, Grupo de Voluntariado. Março de 2000.

FUNDAÇÃO SOS MATA ATLÂNTICA. Relatório de entrevistas com Lideranças Comunitárias da APA do Cairuçu. Maria Ignês Maricondi, Eliane Pena Firme, Ciro Duarte Sobrinho, Carolina Ribeiro de Almeida. Paraty. 2000.

FUNDAÇÃO SOS MATA ATLÂNTICA. Banco de Dados de levantamento sócio-econômico familiar nas comunidades da APA do Cairuçu. São Paulo. 2000.

IBAMA/ASSOCIAÇÃO PRÓ BOCAINA. Plano de Manejo do Parque Nacional da Serra da Bocaina - Etapa 1. IBAMA. junho 1997

IBAMA/FEC-UNICAMP/ASSOCIAÇÃO PRÓ BOCAINA. Plano de Manejo do Parque Nacional da Serra da Bocaina – Fase 2. IBAMA. 2002

IEF Instituto Estadual de Florestas. Ficha Cadastral. Localidade da Praia do Sono. Mimeografado. Rio de Janeiro 1993.

JORNAL DE PARATY MONUMENTO HISTÓRICO NACIONAL. Jornal Comunitário. Editor Henrique Aararipe Macedo. Edições de 2000.

MAIA, Tom, **MAIA**, Thereza R. Camargo. O Passado ao Vivo. Prefeituras do Fundo do Vale. 1986

MAIA, Thereza Regina de Camargo – Paraty: Religião & Folclore. São Paulo Companhia Editora Nacional, 1974.

MAIA, Thereza e **MAIA**, Tom – Paraty; História; Festas; Folclore; monumentos. Rio de Janeiro Expressão e Cultura, 1991.

MAIA, Thereza e **MAIA**, Tom – Paraty para ti – guia cultural, Lorena – São Paulo; Stiliano, 2000.

MATTOSO, Adriana de Queirós. Paraty – Preservação versus Desenvolvimento Turístico. Trabalho de Graduação Interdisciplinar – FAUUSP. 1980.

NOGARA, PJN, VIANNA, M, FERREIRA, NC. Proteção Participativa dos Recursos Pesqueiros do Saco do Mamanguá, Paraty. Implantação de Dispositivos de Exclusão de Pesca de Arrasto. Paraty. 2000.

PINTO FRANÇA, Ney. Manejo Florestal na Mata Atlântica por Comunidades Caiçaras. ESALQq/USP. Tese de Doutorado

PREFEITURA MUNICIPAL DE PARATY. Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado de Paraty. Vol. I. Diagnostico.1992

PREFEITURA MUNICIPAL DE PARATY. Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado de Paraty. Vol. II. Proposta de Ante Projeto de Lei. 1995.

RIBAS, Marcos Caetano e RIBAS, Rachel Joffily. O modo de fazer: um estudo sobre alguns processos de confecção artesanal na cidade de Paraty. Paraty. 1983/84 .

SEADE. Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados. São Paulo em dados. 1997.

SEBRAE/Rio de Janeiro. Diagnostico Sócio-Econômico. Paraty. Sebrae/R.J-Proder. Rio de Janeiro. Nov. 1999.

SECRETARIA DO ESTADO DE MEIO AMBIENTE DO ESTADO DE SÃO PAULO . Plano de Gestão Ambiental do Núcleo Picinguaba - Parque Estadual da Serra do Mar. São Paulo. 1998.

SECRETARIA DE TURISMO E CULTURA DE PARATY. Delícias de Paraty. Comida Típica Paratiense. Produção G. Peçanha Paraty. 1996.

SEMA. Secretaria do Estado de Meio Ambiente do Governo do Rio de Janeiro. Programa de Gestão para o Desenvolvimento Sustentável da Bacia Contribuinte da Ilha Grande. Dezembro 1997.

SILVA, Jorge Xavier. Análise Ambiental da APA Cairuçu. URFJ. Rio de Janeiro. 1987.

SOARES, Hebe Teixeira. A Religião e o Processo de Saúde Doença. Um olhar sobre Trindade. Dissertação de Mestrado. UNIMEOP.1998.

SOCIEDADE DE DEFESA DO LITORAL BRASILEIRO. Salve-se, Salvando Paraty. Paraty. Sem data.

SUDEPE. Superintendência do Desenvolvimento da Pesca. Coordenadoria Regional no Estado do Rio de Janeiro. Ministério da Agricultura. Proposta para a criação da Área de Proteção Ambiental do Cairuçu. 1984.

SUDEPE. Superintendência do Desenvolvimento da Pesca. Coordenadoria Regional no Estado do Rio de Janeiro. Ministério da Agricultura. Relatório da Região de Cairuçu da Pedras. Sem data.

UFF/SFP-PRODEF Universidade Federal Fluminense. Anteprojeto Base Científica Ambiental da Pedra Branca. Paraty. UFF. 1999

VIANNA. Virgílio Maurício, NOLASCO, Adriana Maria. Relatório Curso de Manejo Comunitário de Florestas de Caixeta - Saco do Mamanguá. Paraty. Rio de Janeiro. Março 2000.

VIANNA, Lucila Pinsard. Considerações Críticas sobre a Construção da Idéia de "População Tradicional" no contexto das Unidades de Conservação. Dissertação de Mestrado. USP. 1996.

XAVIER da Silva, Jorge e et alli, Análise Ambiental da APA de Cairuçu. URFJ. 1987.

YÁZIGI, Eduardo. Turismo. Uma esperança. Global. São Paulo.1999

ZUQUIM, Maria de Lourdes Zuquim. A Terra e a Gente: produção, preservação e habitação. Um estudo de caso de populações rurais na Serra da Bocaina. Tese de Doutorado.2002

FONTES PRIMÁRIAS

Bancos de dados elaborado pela - Fundação SOS Mata Atlântica, resultante da aplicação de questionários por unidade familiar da população residente na REJ

Levantamento e Demanda Turística na APA Cairuçu/Reserva Juatinga, Paraty, elaborado pela jornalista Débora Menezes, no período entre setembro 1999 e janeiro 2000, como trabalho de curso de pós-graduação em Ecoturismo do SENAC - São Paulo nas comunidades no Saco do Mamanguá, Pouso da Cajaíba e adjacências, Martins de Sá, Ponta Negra e Sono, e Trindade

1ª parte do relatório para a **Caracterização Sócio Econômica e do Uso Antrópico da Apa do Cairuçu, do Plano de Gestão Ambiental da Apa De Cairuçu / Reserva Ecológica da Juatinga,** resultante da pesquisa realizada em instituições Governamentais e não governamentais entre dezembro de

1999 e fevereiro de 2000, no Município de Paraty pela Arquiteta Maria de Lourdes Zuquim

Perfil dos Visitantes Caxadaço. Trindade-Paraty. Alessandra Silva de Carvalho e Ana Paula Marcelino Pombo. Março de 2000.

Programa "Voluntariado da Fundação SOS Mata Atlântica "Projeto Jogue Limpo Cairuçu", ação junto ao na Praia da Cajaíba, Ilha do Araújo, Praia do Sono e Paraty Mirim. 2000.

Questionários-entrevista aplicado com as lideranças comunitárias nos bairros da APA, elaborados pelas Arquitetas Eliane Penna Firme Rogrigues e Ignes Maricondi, Eng. agrônomo Ciro Duarte, Eng. agrônoma Carolina Ribeiro de Almeida e Rosali de Souza, guia de turismo;

Endereços pesquisados na INTERNET:

[Http://www.dedalus.usp.br](http://www.dedalus.usp.br)

<http://www.usp.br>

<http://www.uff.br>

<Http://www.ibama.gov>

<Http://www.Paraty.com.br>

<Http://www.Paraty.com>

<Http://www.Paratii.com.br>

<http://www.unilivre.org.br>

<Http://www.mma.gov.br>

<Http://www.ibge.gov.br>

<Http://www.socioambiental.org>

<http://www.usp.br/procam/>

<http://www.eco.unicamp.br/projetos/rurbano.html>

<http://www.unicamp.br/nipe/rbma/>

<http://www.abong.org.br/>